

The background of the cover is a dark, shattered clock face. The clock hands are black and positioned at approximately 10:10. A large, bright, white light source is visible behind the clock hands, creating a starburst effect. A prominent red lipstick smudge is visible on the left side of the clock face. The overall color palette is dark, with shades of black, grey, and red, accented by the bright white light and the red lipstick.

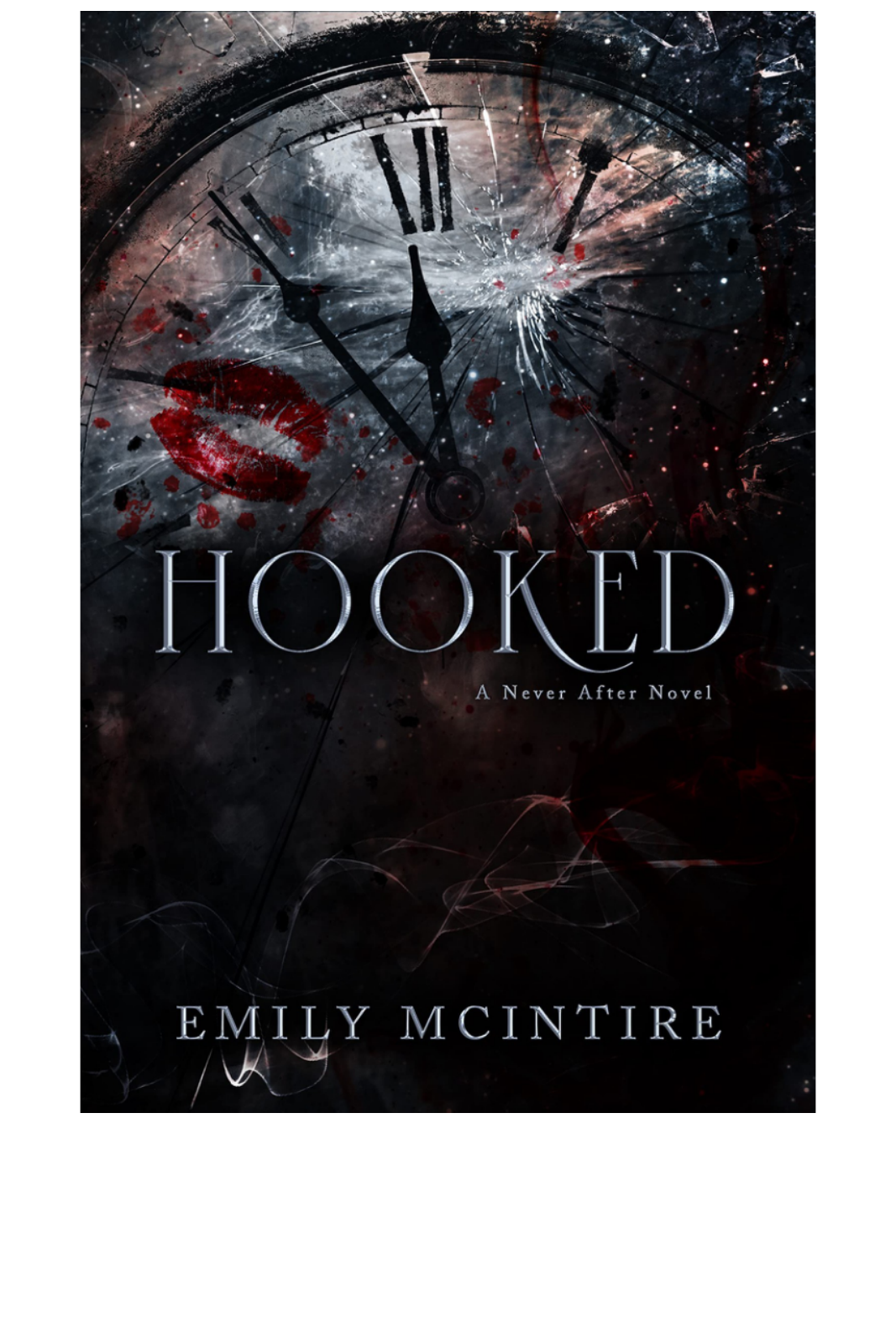
HOOKED

A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

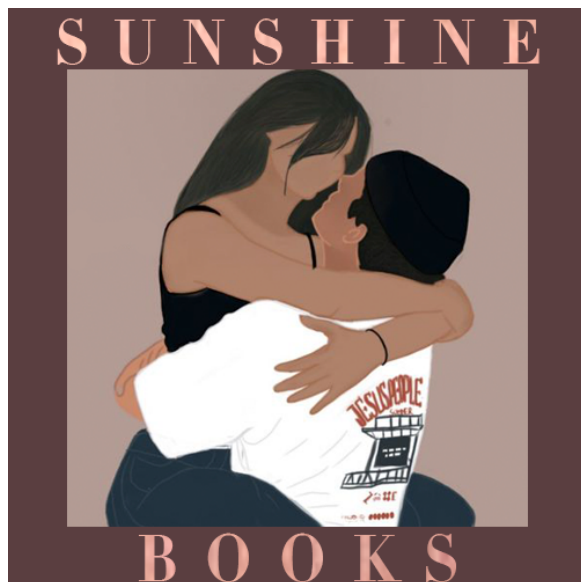


HOOKED

A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

Staff



Avisos Suns!

A tradução foi efetuada pelo grupo *Sunshine Books*, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo *Sunshine* poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo *Sunshine* de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

HOOKED

A Never After Novel

EMILY MCINTIRE

Playlist



Para quem foi o vilão na história de outra pessoa.

Você pode ter qualquer coisa na vida se sacrificar todo o resto por isso.

J.m barrie, peter pan

Nota do autor

Hooked é um romance sombrio e contemporâneo. É um conto de fadas quebrado para adultos.

Não é fantasia, nem recontagem.

O personagem principal é um vilão. Se você está procurando uma leitura segura com redenção e um bandido se transformando em um herói, você não a encontrará nestas páginas.

Hooked contém cenas sexualmente explícitas, além de conteúdo adulto e gráfico que não é adequado para todos os públicos. **A discrição do leitor é recomendada.**

Prólogo



Era uma vez...

Parece diferente do que eu pensava.

Matar ele.

Meus dedos apertam quando torço meu pulso e, quando os olhos dele se arregalam, o sangue espirrando da sua garganta e molhando meu antebraço, sou atingido por uma explosão de satisfação por ter escolhido acertar minha lâmina na artéria carótida. Fatal para garantir sua morte, mas lento o suficiente para

que eu aproveite cada último segundo de sua vida miserável desaparecer, levando sua alma patética junto com ela.

Eu sabia que levaria apenas alguns segundos para ele perder a consciência, mas é tudo o que preciso.

Alguns segundos.

Apenas tempo suficiente para ele olhar nos meus olhos e saber que eu sou o monstro que ele ajudou a criar. Os vivos encarnados de seus pecados voltando para semear a justiça.

Mas eu esperava que ele implorasse. Só um pouco.

Fico agachado em cima dele muito tempo depois que a adrenalina do derramamento de sangue desaparece, minha palma calejada enrolada em seu pescoço, a outra segurando a bainha da minha lâmina, esperando por *alguma coisa*. Mas a única coisa que vem é o frio quando o sangue dele esfria na minha pele e o conhecimento de que não é a morte *dele* que me trará paz.

Não é até meu telefone vibrar no meu bolso que eu o libero, o peso de seu controle se afastando quando seu cadáver cai dos meus braços.

—Olá, Roofus.

— Quantas vezes eu tenho que lhe dizer para não me chamar assim? — ele diz.

Eu sorrio. — Pelo menos mais uma.

— Está feito?

Andando pelo escritório e entrando na suíte, ligo a água até ficar morna, colocando meu telefone no alto-falante e começando a tarefa de enxaguar os respingos de sangue dos meus braços. — Claro que está.

Ru grunhe. — Como é?

Minhas mãos seguram a borda da pia e me inclino para a frente para me olhar no espelho.

Como é?

Não há aceleração do meu coração. Nenhum fogo surgindo nas minhas veias. Sem energia pulsando dos meus ossos.

— Um pouco anticlimático, eu tenho receio. — Pegando uma toalha no gancho de parede, me seco e volto para o escritório, pegando meu terno.

— Bem, *isso* não é surpreendente. James Barrie, o garoto mais difícil de agradar em todo o universo.

Eu sorrio enquanto abotoo minha jaqueta, ajustando as mangas enquanto volto para ficar de pé sobre meu tio. Olho para ele, seus olhos negros olhando vagamente para o teto, a boca aberta e relaxada - como ele sempre forçou a minha a ficar.

Engraçado isso.

Mas minha inocência foi roubada muito antes dele.

Eu chuto a sua perna para fora do caminho, suas horríveis botas de crocodilo espirrando no sangue que está embaixo do corpo.

Suspirando, belisco a ponte do meu nariz. — As coisas ficaram um pouco ... bagunçadas.

— Eu vou cuidar disso. — Ru ri. — Alegre-se, garoto. Você fez bem. Encontre-me no Jolly Roger? É hora de comemorar.

Desligo o telefone sem responder e deixo que este seja o último momento que passarei com um parente. Fechando os olhos, respiro fundo, procurando um pedaço de arrependimento.

Não há nenhum.

Tick.

Tick.

Tick.

O som salta através do silêncio, arranhando meu interior. Meus dentes rangem quando meus olhos se abrem, meus ouvidos se esforçando para esse barulho *incessante*. Agachando-me, pego o lenço do bolso do peito e enfio no jeans do meu tio, puxando o relógio de bolso dourado.

Tick.

Tick.

Tick.

A raiva gira em torno do meu intestino e aperta, minha mão batendo o relógio no chão. Meu coração dispara enquanto eu paro, trazendo meu pé esmagando o objeto hediondo repetidamente, até que o suor se rompa na minha testa, pingando na minha bochecha e no chão. Não é até ter certeza do silêncio que sou capaz de relaxar.

Endireitando, respiro fundo, afastando meu cabelo e estralando meu pescoço.

Assim. Isso é melhor.

— Adeus, tio.

Colocando o lenço de volta no meu traje, me afasto do homem que gostaria de nunca ter conhecido.

Agora estou um passo mais perto do responsável por tudo. E desta vez, ele não será capaz de escapar para longe.

Capítulo 1



Wendy

Nunca estive em Massachusetts, mas ouvi falar da falta de calor. Portanto, embora a mudança de temperatura da Flórida seja um choque, não é totalmente inesperado. Ainda assim, enquanto tremo na minha regata, a brisa leve soprando nos meus braços, não posso deixar de desejar ter ficado para trás, em vez de optar por seguir minha família para sua nova casa em Bloomsburg.

Mas não suporto o pensamento de estar a um telefonema de distância se eles precisarem de mim. Meu pai é viciado em trabalho - ainda mais após a morte de minha mãe - e sem mim por perto,

meu irmão Jonathan, de dezesseis anos, ficaria sozinho.

Eu sempre fui a garota do papai, mesmo que ele torne as coisas difíceis. Eu esperava, depois da mudança, que ele diminuísse. Aproveitasse mais tempo com sua família, em vez de procurar constantemente a próxima grande novidade para afundar os dentes. Mas Peter Michaels nunca foi alguém que sossegasse. Sua sede por novos empreendimentos domina sua dor por uma conexão familiar. Ser nomeado o principal empresário da Forbes pelo quinto ano consecutivo significa que ele tem muitas oportunidades nesse sentido. E ser o proprietário da maior companhia aérea do hemisfério ocidental significa que ele tem muito financiamento para essas oportunidades.

NevAirLand. Se você pode sonhar, podemos voar até lá.

— Devemos sair hoje à noite — diz minha amiga Angie enquanto limpa os balcões do The Vanilla Bean; o café onde nós duas trabalhamos.

— E fazer o que? — Eu pergunto. Honestamente, eu esperava voltar para casa e relaxar. Estou aqui há pouco mais de um mês e tenho trabalhado tanto que não tive uma noite para passar com Jonathan. Embora ele esteja no estágio adolescente de: “Eu não preciso de ninguém nem nada”, então ele pode não me querer por perto.

Ela encolhe os ombros. — Eu não sei. Duas garotas estavam falando sobre ir para o Jolly Roger.

Eu coço meu nariz. Tanto pelo uso de “as garotas” quanto pelo nome de onde quer que ela esteja falando.

— Oh, vamos lá, Wendy. Você está aqui há quase dois meses e não saiu comigo uma vez. — Ela faz beicinho, as mãos se unindo em súplica.

Balançando a cabeça, suspiro. — Eu não acho que seus amigos gostem de mim.

— Isso não é verdade — ela insiste. — Eles ainda não te conhecem. Você tem que realmente sair conosco.

— Eu não sei, Angie. — Meus dentes afundam no meu lábio inferior. — Meu pai está fora da cidade e ele não gosta quando saio e chamo atenção.

Ela revira os olhos. — Você tem vinte anos, garota. Corte o cordão.

Dou-lhe um sorriso sem emoção. Ela, como a maioria das pessoas, não consegue entender como é ser filha de Peter Michaels. Mesmo se eu quisesse, não *há* como cortar o cordão. Seu poder e influência alcançam todos os cantos do universo, e não há nada ou ninguém que escape do seu controle. Ou, se houver, nunca os conheci.

A campainha acima da porta da frente toca, a amiga de Angie, Maria, entra, com os longos cabelos pretos brilhando na luz enquanto ela caminha até nós.

Minhas sobrancelhas se erguem quando olho para ela e depois de volta para Angie. — Que tipo de lugar irá deixar uma criança de vinte anos entrar?

— Você não tem uma identidade falsa? — Maria pergunta quando chega ao balcão da frente.

— Eu *definitivamente* não tenho uma. — Nunca entrei em um bar ou clube na minha vida. — Meu aniversário é daqui a algumas semanas, vou sair com vocês na próxima vez. — Eu aceno para elas.

Maria me olha de cima a baixo. — Angie, você não tem o ID da sua irmã? Elas parecem ... semelhantes. — Ela estende a mão e toca meu cabelo castanho. — Basta mostrar um pouco desse corpo e eles nem sequer olham para o rosto no ID.

Eu rio pensando nas palavras dela, mas meu interior se aperta, o calor sobe pelas minhas veias e ilumina minhas bochechas. Eu não sou uma infratora de regras. Nunca fui. Mas o pensamento de ir hoje à noite, de fazer algo ruim, envia uma emoção correndo pela minha espinha.

Maria é uma das “garotas” e não chegou nem perto de me receber. Mas enquanto eu a observo sorrir e passar os dedos pelos cabelos, me pergunto se talvez Angie esteja certa. Talvez esteja tudo na minha cabeça, e eu simplesmente não lhe dei uma chance. Eu nunca tive um grupo próximo de amigas, então não tenho certeza de como tudo deve funcionar.

— Eu não me importo se você não quer ir. — Angie faz beicinho, jogando seu pano úmido para mim. — Estou tomando a decisão definitiva.

Eu rio, balançando a cabeça quando termino de reabastecer as xícaras pela manhã.

— Hmm. — Maria estala o chiclete alto, os olhos escuros olhando para o lado do meu rosto. — Você não quer ir?

Eu encolho os ombros. — Não é isso, eu apenas ...

— Provavelmente é o melhor — ela interrompe. — Eu não acho que o JR seja seu tipo de lugar.

Minha coluna se arrepia e eu me levanto mais reta. — O que isso quer dizer?

Ela sorri. — Quero dizer ... não é para *crianças*.

— Maria, vamos lá. Não seja uma vadia — Angie intervém.

Maria ri. — Eu não estou. Só estou dizendo. E se *ele estiver* lá? Você pode imaginar? Ela ficaria assustada por estar no mesmo local e correria para casa para contar ao pai.

Eu levanto meu queixo. — Meu pai nem está na cidade.

Ela balança a cabeça, os lábios afinam. — Sua babá então.

A irritação aumenta no meu íntimo, e a necessidade de provar que ela está errada concretiza a minha decisão, empurrando as palavras da minha língua. Eu olho para Angie. — Estou dentro.

— Sim. — Angie bate palmas.

Os olhos de Maria brilham. — Espero que você possa lidar com

isso.

— Dê um tempo, Maria. Ela ficará bem. É um bar, não um clube de sexo — zomba de Angie antes de se virar para mim. — Não a escute. Além disso, só vamos lá para que ela possa tentar chamar a atenção de seu homem misterioso.

— Eu *vou* chamar a atenção dele.

Angie inclina a cabeça. — Ele nem sabe que você existe, garota.

— Minha sorte deve mudar em algum momento. — Maria encolhe os ombros.

Confusão faz minhas sobrancelhas franzirem. — De quem vocês estão falando?

Um sorriso lento rasteja pelo rosto de Maria, e um olhar sonhador passa pelos olhos de Angie.

— Hook.

Capítulo 2



James

— Há uma nova proposta em cima da mesa.

Derramei dois dedos de Basil Hayden no copo de cristal, adicionando um cubo de gelo e saboreando o sabor antes de virar para o rosto de Ru. — Eu não sabia que estávamos aceitando novas propostas.

Ele encolhe os ombros, acendendo a ponta do charuto e bufando. — Nós não estamos. Mas sou um homem de negócios e este tem um enorme potencial.

Sua voz é abafada enquanto ele fala em torno do rolo de tabaco, mas anos absorvendo suas palavras como evangelho o tornam fácil de entender.

Roofus, conhecido no mundo como Ru, é a única pessoa na minha vida digna da minha confiança. Ele me salvou do inferno, e nunca poderei pagar essa dívida. Mas a cortesia só se estende a ele, o que faz com que seja *difícil* quando ele decide trazer novas pessoas para a nossa operação.

Ele ficou imprudente com a idade.

— Um dia, sua incapacidade de recusar *potencial* vai te matar — eu digo a ele.

Seus olhos se estreitam. — Não tenho intenção de morrer e deixar meu legado para um britânico.

Eu sorrio. Tudo isso é meu de qualquer maneira, ele simplesmente não gosta de dizer em voz alta. Não quer admitir que o aluno superou o mestre; que ele só segura as rédeas porque eu permito. Tem sido a verdade desde o momento em que o sangue do meu tio derramou sob minha mão há oito anos, no dia em que completei dezoito anos. Eu o estripei como o peixe inútil que ele era, depois usei a mesma lâmina para cortar meu bife no jantar, desafiando alguém a questionar por que meus dedos estavam manchados de vermelho.

Ru pode ter o título de chefe, mas sou *eu* que todos temem.

Colocando meu copo na beira da mesa, sento-me em uma das cadeiras do lado de trás. — Sua mortalidade não é algo que eu

particularmente goste de brincar.

Às vezes, acredito verdadeiramente que Ru acha que ele é intocável. Isso o deixa desleixado. Faz com que ele confie com muita facilidade. Permite que as pessoas se aproximem demais. Felizmente, ele me tem, e eu vou cortar minha faca profundamente na barriga de quem tentar, revelando como a vida pode escorrer de seus olhos enquanto o sangue escorre em minhas mãos.

Acho que quando você experimenta as coisas que experimentei, aprende rapidamente que a imortalidade só é concedida através das memórias das pessoas.

Ru se inclina para a frente, descansando seu charuto no cinzeiro ornamentado no canto de sua mesa. — Então preste atenção. Temos alguém que está interessado em ser um novo *parceiro*. — Ru sorri. — Quer expandir nossa distribuição. Rodar nosso pó em novos cantos do universo.

— Fascinante. — Eu espano um pedaço de fiapo da minha jaqueta. — Quem é? — Eu pergunto, puramente para apaziguá-lo. Não tenho interesse em trazer alguém novo. Temos usado nosso atual traficante de drogas nos últimos três anos e eu o examinei pessoalmente. Assisti ele suar em suas roupas enquanto verificava nosso “pó de fada” ser carregado no avião, escondido dentro de caixas de lagosta. Sentei-me ao lado dele no cockpit durante todo o voo, girando minha lâmina de gancho pelos meus dedos enquanto ele se irritava.

Se você deseja garantir a lealdade de alguém, precisa garantir que eles entendam *porque* você merece isso. E eu me assegurei de que as pessoas entendessem que o fim de uma lâmina dói muito mais quando a pessoa que a exerce gosta de causar dor.

Ru limpa a mão sobre a boca. — Você já ouviu falar dos aviões NevAirLand?

Eu congelo no lugar, o sangue nas minhas veias congelando. Tenho certeza de que nunca mencionei esse nome para ninguém, especialmente Ru.

— Não posso dizer que sim. —Digo com um tique na mandíbula.

— Bem, você deve ser o único — Ru ri. — O proprietário, Peter Michaels, acabou de se mudar para cá.

Meu coração bate contra minhas costelas. *Como eu poderia ter perdido isso? Oh?*

Ru acena. — Ele está procurando uma nova *aventura*. —Ele sorri, com os dentes levemente tortos brilhando. — É justo recebê-lo adequadamente, mostrar como as coisas por aqui funcionam.

Minhas mãos se contraem com a raiva que surge dentro de mim sempre que ouço o nome de Peter Michaels. Eu estendo a mão e pego meu copo, meu aperto ao redor do cristal enquanto a antecipação floresce no meu peito.

Quão sortudo sou que o homem que desejo matar esteja se servindo para mim em uma bandeja de prata.

— Bem, acho que isso soa como uma oportunidade maravilhosa. — Eu sorrio.

Ru pega seu charuto. — Eu não estava pedindo sua permissão,

garoto, mas estou feliz por você estar a bordo.

— Então, quando nos encontramos com ele? — Eu engulo minha bebida, tentando domar as batidas rápidas do meu coração.

— *Eu* o encontro hoje à noite. *Sozinho*. — Ele estreita os olhos.

Minha barriga se aperta. — Deixe-me ir com você, Roofus. Você não deve encontrá-lo sozinho.

Ru suspira, passando a mão por seus ridículos cabelos ruivos e brilhantes. — Você é muito intimidador, garoto. Eu preciso que esta reunião seja amigável.

Não posso discutir com ele lá.

— Pelo menos pegue um dos meninos. — O pensamento de Ru sozinho com Peter Michaels me arrepia a espinha.

Ru sopra um anel de fumaça no ar.

Eu me inclino para a frente, puxando o topo de sua mesa. — Roofus. *Prometa* que você não vai sozinho. Não seja tolo.

— E não esqueça o seu lugar — ele dispara. — *Eu* decido isso, não você. Você responde a *mim*. Que tal você mostrar sua gratidão e, pela primeira vez, fazer o que mandam?

Meus dentes rangem com seu tom, e se ele fosse outra pessoa, eu agradeceria pelo lembrete antes de cortar sua língua. Mas Ru se safava com muitas coisas que ninguém mais faz.

Vi Ru pela primeira vez aos treze anos - dois anos depois de ser enviado para a América para morar com meu tio. Lendo na biblioteca, ouvi uma comoção no corredor e fui investigar o barulho. Espremendo-me em uma fresta na porta do escritório, observei, hipnotizado, o homem grande, com pele de oliva e cabelos ruivos pairando sobre a mesa do meu tio, ameaçando-o cada polegada de sua vida, uma arma em sua cabeça e ameaça sangrando através de seu espesso sotaque de Boston. Foi realmente inspirador. Eu nunca tinha visto meu tio se encolher diante de ninguém. Geralmente era seu passatempo favorito ver os outros caírem de joelhos por *ele*.

Como político, isso acontecia publicamente com frequência.

Como uma pessoa cheia de raiva e perversão, isso acontecia em particular ainda mais.

Então, achei esse homem misterioso fascinante e comecei a segui-lo quando ele saiu, desesperado para imitar seu poder. Suponho que você poderia chamar isso de obsessão, mas nunca conheci alguém como ele. Nunca tinha visto alguém ordenar obediência de um homem que dirigia o mundo.

Eu queria saber como fazer isso também.

Mas, aos treze anos, eu não dominava a arte de não ser detectado, e Ru sabia que eu o perseguia o tempo todo. Me levou e me ensinou tudo o que sabia. Me apresentou às ruas de Bloomsburg e me manteve são durante os pesadelos que atormentavam meu sono.

Então, vou adiar o que ele quer, porque não há uma única alma neste planeta que cuide de mim do jeito que ele cuida.

Houve uma vez, mas isso foi há muito tempo. Outra vida, na verdade.

— Você está certo — eu digo. — Confio no seu julgamento. É nos outros que eu não confio.

Ru ri e abre a boca para responder, mas uma batida na porta interrompe.

— Entre — resmunga Ru.

Starkey, um dos nossos recrutas mais jovens, aparece. — Desculpe interromper, chefe. — Seus olhos deslizam para os meus, arregalando quando ele rapidamente desvia o olhar. — Há algumas garotas tentando entrar com identificações falsas. Fazendo um inferno para nós lá embaixo.

— Você vem aqui para nos incomodar com essa merda? — Ru se empertiga. — Por que diabos pagamos você?

Eu sorrio para o temperamento de Ru e ando até as câmeras de segurança, olhando para a que se projetava na entrada da frente. Assim como Starkey diz, há três garotas, uma das quais atualmente está gritando na cara do nosso segurança. *Patético*. Continuo minha leitura, meus olhos travando na beleza parada ao lado.

Meu estômago revira quando meu olhar segue seu corpo com um vestido azul apertado. Seus braços estão enrolados na cintura, os olhos disparando para frente e para trás entre o segurança e os táxis que alinham a rua.

A irritação se encaixa no meu peito com o fato de não poder vê-

la tão claramente quanto gostaria. Mas eu vejo o suficiente para saber que ela parece desconfortável. Inocente. Definitivamente não pertence a um lugar como este. E, por alguma razão, isso dispara uma emoção diretamente no meu pau, tornando-o mais espesso e pulsando, imaginando todas as maneiras pelas quais esse lugar poderia contaminá-la. Não há muitas pessoas que inspiram uma reação minha. Uma vida de *não* reagir sangrou na minha pele, endurecendo-se em um escudo impenetrável; nada é permitido entrar ou sair. Apenas uma concha vazia com um único objetivo.

O fato de essa garota ter despertado meu interesse, mesmo que uma quantia modesta, atçou minha curiosidade.

— Deixe-as entrar — interrompo, meus olhos ainda estão na beleza morena.

Starkey para de divagar, seus olhos disparando para mim antes de pousar em Ru. — Você tem certeza, eu...

— Eu gaguejei? — Eu pergunto, virando-me para enfrentá-lo.
— Ou talvez seja o sotaque que atrapalhe sua compreensão?

— N... não, é apenas...

— É *apenas* — interrompo. — Claramente, você precisa de algumas orientações sobre como lidar com a situação. Ou entendi mal o seu raciocínio para chamar a atenção para esta questão trivial?

Ru sorri, encostado na cadeira.

— Não, Hook. Você não entendeu errado.

— Hmm. Então é um problema, com certeza. — Eu aceno. — Diga-me, você concorda que precisamos demitir quem está trabalhando na porta?

— Hum, eu não... — começa Starkey.

— Afinal, se ele não tem a capacidade de controlar um grupo de mulheres, como podemos ter certeza de que ele lidará com mais alguém? — Eu balanço minha cabeça.

Starkey engole, o pomo de Adão balançando. — Eu ... elas estão...

— Você vê — continuo, tirando minha lâmina de gancho do bolso e abrindo-a. — Subjugar uma mulher tem tudo a ver com controle. — Eu ando em sua direção, girando o aço inoxidável entre meus dedos, o intrincado design marrom da alça deslizando contra minha pele. — Uma teia delicada de poder. Um dar e receber, se você quiser. Fornecendo absoluto *prazer* do seu domínio.

Parando na frente dele, a faca faz uma pausa enquanto eu a agarro na palma da mão. — Claramente, nossa segurança esta noite possui mais um gene submisso. — Minha mão livre estende, endireitando a gravata. — Entendo como deve ser difícil reconhecer a mesma característica dentro de si.

Eu me inclino para perto, permitindo que a ponta da minha lâmina descansa contra a garganta dele. — Seja um bom garoto, Starkey e deixe. Elas. Entrarem.

— Sim, Senhor — ele murmura.

Batendo-o no ombro, ele gira e corre pela porta.

Ru aponta para mim com seu charuto, diversão alinhando seus olhos. — E é por *isso* que você não vem a esta reunião.

Eu sorrio, endireitando as mangas da minha jaqueta. — Isso é justo. Estou indo para o andar principal, de qualquer maneira. Eu tenho um segurança para fazer desaparecer e um apetite repentino por algo *bonito*.

Ru ri. — Apenas verifique se elas são maiores de idade.

Agarrando a maçaneta da porta, eu paro. — Ru?

Ele resmunga.

— Verifique se Peter sabe que eu estou *tão* ansioso para conhecê-lo cara a cara.

Capítulo 3



Wendy

Há uma hora, eu juraria que estávamos prestes a ser presas, e agora estou sentada na sala VIP de um bar ostentoso, bebendo champanhe caro demais, cortesia de “um admirador”.

Aparentemente, a idade legal para beber é mais *sugestão* aqui do que um requisito real. O constrangimento bate em mim enquanto penso em todas as pessoas do lado de fora, vendo Maria gritar porque o segurança não se enganou pela minha identidade falsa. Não estou surpresa, não pareço nada com a irmã de Angie. Eu estava a dois segundos de mergulhar no táxi mais próximo e partir,

mas então um homem loiro de terno saiu e sussurrou no ouvido do porteiro. A próxima coisa que sabíamos é que fomos levadas a uma área VIP.

Sinto-me extremamente deslocada, mas isso é sem dúvida o mais divertido que já tive em anos, o que me faz sentir patética, considerando que não estamos fazendo nada além de beber e observar as pessoas.

Ou, mais especificamente, observando uma pessoa.

Hook.

Eu reviro os olhos para o nome, mas não posso evitar a gavinha de curiosidade que floresceu dentro de mim. Aparentemente, ele é o principal motivo pelo qual elas sempre vêm *para cá* sobre qualquer outro lugar. Só pela esperança de vê-lo novamente.

Maria jura que ele é sua alma gêmea, então todo fim de semana ela aparece aqui, os olhos atentos e as pernas já abertas, esperando que ele desça da torre de marfim e ela possa roubá-lo.

— Então, conte-me sobre o seu homem — digo a Maria enquanto tomo um gole da minha taça de champanhe e olho pela sala.

Angie geme. — Ugh, não a faça começar.

O rosto de Maria se divide em um sorriso. — Isso aconteceu cerca de um mês atrás, quando eu estava no bar dando uma volta, e juro que as multidões se separaram e lá estava ele. Sentado como um deus na cabine dos fundos, fumaça de charuto girando ao seu

redor.

— Você foi falar com ele? — Eu pergunto.

Angie ri. — Sim, certo. Ela teria que passar por todos os lacaios dele para isso.

Eu balanço minha cabeça. — Seus 'lacaios'?

Ela levanta um ombro. — Ele está sempre cercado por homens.

Minhas sobrancelhas sobem. — Talvez ele seja gay.

Angie gargalha, mas o olhar de Maria se estreita. — Tivemos um momento.

— Um momento tão forte que ele nunca a procurou depois — Angie bufa.

— Ele é claramente um homem ocupado — Maria tira uma mecha de cabelo do rosto. — Mas é por isso que estamos aqui agora. Uma dessas noites, ele me encontrará.

— E ele vai levá-la até a cama e separá-la com seu pau monstro. — Os olhos de Angie ficam grandes quando ela abre as mãos na largura dos ombros.

Rindo, eu esfrego meu rosto. — Bem, *isso* parece realista.

A boca de Maria se enrola. — Garota, por que você veio se vai

falar merda o tempo todo? Você poderia ter ficado em casa e nos poupado todo esse problema.

Encolho em mim mesma, meu estômago queimando de culpa. — Sinto muito, acredito em você, acredito. — Meus dedos se enrolaram no meu colo, torcendo um no outro. — Você apenas o faz parecer tão ... mítico.

Os olhos dela reviram. — Não é como se ele fosse uma invenção da nossa imaginação, *Wendy*. Ele é um homem de negócios. Ele é dono da porra do bar. — Suas mãos batem na almofada do assento.

Minha testa se levanta. — Ele é?

— Acho que sim. Ele nem sempre está aqui embaixo, mas sempre que está, vem dos fundos e sempre senta no mesmo local. — Maria aponta para o canto mais distante da sala, onde fica um estande, um espaço vazio na sala lotada.

Ela toma um gole de sua bebida. — De qualquer forma, a sorte está do meu lado. Eu posso sentir isso. — Ela bate a unha longa e vermelha na têmpera.

Eu me inclino, batendo minha taça de champanhe contra a dela, tentando consertar as pontes que obviamente incendiei antes que elas pudessem terminar de ser construídas. — Eu acho que você está certa. Parece sorte esta noite.

Maria sorri, o primeiro sorriso genuíno que ela já me deu, e a satisfação floresce no meu peito. Talvez eu fique bem nessa coisa de amiga, afinal.

De repente, o calor pica a parte de trás do meu pescoço, e eu torço no meu assento, uma sensação perturbadora de ser observada lavando-me. Mas quando eu viro, não há nada lá.

Estranho.

Eu dreno o resto do meu copo e fico de pé, inclinando-me para as meninas. — Ei, já volto. Precisa ir no banheiro feminino.

— Ei — Angie grita quando estou na metade da sala. — O que está aqui embaixo está sempre lotado. Encontre o corredor à direita do bar, há um na parte de trás que não é usado tanto.

Acenando, eu repasso suas instruções na memória e saio, abrindo caminho pela área principal. Minha visão se turva um pouco do champanhe e eu tropeço, batendo em um corpo.

— Merda, me desculpe. — Minhas mãos se levantam instintivamente, aterrissando contra uma sólida parede muscular. Palmas ásperas agarram meus ombros, arrepios brotando ao longo da minha pele pelo calor do toque do estranho.

— Palavras sujas para uma boca tão bonita.

A voz profunda e acentuada desliza pela minha pele como seda e se envolve ao meu redor, um arrepio patinando pela espinha. Seu aperto aumenta, as palmas das mãos se movem até escovar meus braços. Minhas mãos ainda estão pressionadas contra o peito, o tecido preto do terno macio sob as almofadas dos meus dedos. Minha respiração gagueja quando ele me enreda em seu olhar, seus olhos azul celestes como vidro, um calafrio quase assustador para a beleza deles.

Eu quebro nosso olhar, finalmente deixando suas palavras se filtrarem no meu cérebro. — Desculpe?

Ele sorri e eu pego suas maçãs do rosto altas, um destaque natural caindo nos ângulos agudos, contrastando severamente contra as sobrancelhas pretas e os cabelos despenteados.

Meu estômago se aperta quando percebo o quão atraente esse homem é.

Sua boca desce até ficar ao lado da minha orelha, sua respiração escorrendo pelo meu pescoço, fazendo o calor subir pelo meu núcleo. — Eu disse...

— Não, eu ouvi o que você disse — eu cortei. — Minha pergunta era retórica.

Ele se inclina para trás, um sorriso lento se espalhando pelos lábios, os polegares esfregando para cima e para baixo em um movimento rítmico contra a minha pele nua. — Oh?

Eu aceno. — Sim.

Meu peito aperta enquanto olho em volta, contemplando nosso entorno. Dezenas de pessoas, e ainda assim, parece que ele é o único na sala. Sua energia crepita no ar, desesperada para se agarrar à pele. Esse homem grita poder e, por uma fração de segundo, me pergunto como seria mergulhar em seu tipo de problemas. Viver sem limites, apenas por um tempo.

Ridículo.

Balançando a cabeça, dou um passo para trás, meus dentes afundando no lábio inferior. — Ok, bem, isso tem sido ...

— Um prazer — ele sussurra. Ele se move para mim novamente, agarrando minha palma e trazendo-a para os lábios, deslizando-os para frente e para trás em um beijo leve.

Meu coração pula. — Eu ia dizer estranho, mas com certeza ... um *prazer*.

Tirando minha mão, meu estômago revira. Eu quase me sinto decepcionada por deixá-lo, e o sentimento é perturbador. Eu me movo para andar ao redor dele, mas ele agarra meu braço, me puxando para trás até sentir cada linha dura de seu corpo contra as curvas suaves do meu. Suspirando, eu congelo no lugar. Este homem - este *estranho*- me toca como se fosse seu direito. Como se eu fosse sua.

— Eu não sei o seu nome. — Sua voz ressoa contra o meu pescoço. Minhas pernas se apertam do timbre profundo de sua voz.

Eu nunca tive de lidar com alguém como ele. Nunca alguém assim me deu atenção. É ao mesmo tempo irritante e intoxicante, a estranha mistura de emoções que faz os nervos chiarem sob a minha pele.

Explodindo, tento conter o tremor na minha voz. Talvez seja o champanhe, ou talvez seja o próprio homem, mas o desejo de ser um tipo diferente de Wendy tem minha língua afrouxando antes que eu possa pará-lo. — Não. Eu não acho que você sabe.

Eu arranco meu braço das garras dele. — E para constar, esses

lábios bonitos dirão o que quer que seja a *porra* que quiserem.

Seus olhos brilham e o canto da boca se contrai, mas ele não fala novamente. Apenas coloca as mãos nos bolsos do terno de três peças e se apoia nos calcanhares, olhando minhas costas enquanto eu giro para me afastar.

Capítulo 4



James

Meu coração bate contra minhas costelas.

Wendy Michaels.

Eu a conheço, é claro. A filha do homem com quem mantenho o controle desde os onze anos de idade. Seu pai a esconde no escuro agora que ela é mais velha, provavelmente a mantendo a salvo do lado desagradável dos negócios dele, mas quando você viveu sua vida seguindo o legado de um homem, você aprende tudo sobre ele, incluindo a forma de suas sombras.

É por isso que não tenho certeza de como não perdi quando ele estava se mudando para cá.

Ainda assim, nunca invejei a prole pelos pecados do pai. Somos todos um subproduto do mal, alguns de nós nascemos nele e outros criados a partir das circunstâncias. No entanto, se o universo a está colocando nas minhas mãos, o mínimo que posso fazer é lidar com ela adequadamente.

Meu pau se alonga ao pensar em conduzir dentro dela até que ela quebre, deixando feridas que cicatrizariam com o lembrete de que eu estava lá. Rompendo sua inocência e depois jogando-a aos pés do seu pai, uma versão contaminada da garota que ele criou.

Delicioso.

Eu a observei desde o momento em que ela entrou no meu bar, reconhecimento roubando minha respiração; clareza de que a resolução granulada de nossas imagens de segurança não me permitia.

Um sorriso aparece nos meus lábios quando eu volto para o escritório, onde continuarei a segui-la pelas câmeras. A emoção da perseguição bate em minhas veias, antecipação por pegá-la afundando em meus ossos.

A verdade é que as coisas têm sido bastante chatas ultimamente. Estou salivando por algo novo para afundar meus dentes, e Wendy Michaels é o projeto perfeito para animais de estimação. Estou tonto com o pensamento de domá-la até que ela ronrone, depois enviá-la de volta com um novo mestre controlando sua coleira - uma bela harmonia enquanto conduzo a sinfonia da destruição de Peter.

Desabotoando minha jaqueta, deslizo para o assento de couro atrás da minha mesa, digitando o nome de Wendy, vendo os artigos passarem pela minha tela. Meu estômago aperta de emoção enquanto leio sobre o amor por sua filha.

“Sua pequena sombra.”

Apelido adequado, eu acho. Afinal, não se pode deixar a sombra para trás sem perder no final.

Uma imagem horrível de mim empurrando dentro dela em cima de seus restos mortais, meu gozo pingando entre as coxas e misturando-se com a poça de sangue embaixo de nós faz meu pau se contorcer violentamente, um gemido arrancando da minha garganta enquanto eu pego minha ereção dolorida.

Isso não serve.

Puxando meu telefone, envio uma mensagem para uma das garçonetes da equipe hoje à noite, Moira, dizendo para ela parar o que está fazendo e vir me encontrar. Agora.

Ao clicar nos artigos, puxo o feed de segurança, a satisfação escavando no meu peito enquanto a vejo bebendo champanhe e tentando agir como se ela pertencesse ali.

Ela não pertence.

Não aqui, e certamente não com o grupo patético de garotas com quem ela está. Sua inocência brilha como um farol - uma jóia brilhante no meio do lixo - isca para que minha escuridão venha e a sufoque inteira.

A porta se abre e se fecha, o corpo alto e escassamente vestido de Moira andando em minha direção, um sorriso nos lábios vermelhos.

— Hook — ela respira, andando ao redor da mesa de carvalho.
— Eu senti sua falta.

Eu permito que um sorriso suave toque nos meus lábios, ignorando a maneira como a voz dela machuca meus ouvidos. Minha mão escova um fio de cabelo preto atrás do ombro, segurando a parte de trás do pescoço e puxando até que ela esteja a centímetros de distância, com o hálito úmido patinando pela minha pele.

A cabeça dela empurra. — Desculpe, nova tatuagem. Ainda meio dolorido.

— De joelhos.

Ela cai obedientemente, a palma da mão bem cuidada esfregando sobre o meu comprimento, a boca pressionando beijos contra o tecido. Meus dentes rangem, aborrecimento se aproximando de mim por sua pobre tentativa de preliminares. Eu seguro a cabeça dela, com os dedos enrolados em torno de seus cabelos enquanto puxo seu rosto para cima. Minha mão livre pressiona contra a mandíbula até sentir o recuo dos dentes dela através da pele, meu polegar manchando o batom vermelho dos lábios.

Ela se encolhe, as bochechas se suavizando enquanto aperto seu rosto com força, causando um pico de prazer deslizar pela minha espinha. — Este traje é caxemira, querida. Não suje com manchas de três dólares, entendeu?

Ela engole e assente.

— Boa menina. — Eu dou um tapinha na bochecha dela antes de abaixar a cabeça para o meu colo.

Meu olhar gira para o computador, observando o verdadeiro objeto do meu desejo. E quando a boca quente de Moira envolve meu pau, arrastando pelo eixo e me chupando pela garganta, meus olhos ficam trancados nas câmeras, imaginando o dia em que terei Wendy no lugar dela.

E eu vou fazê-la engasgar com algo *verdadeiramente* imundo.



— Ainda vivo, eu vejo. — Eu passo pela frente, enquanto Ru entra pela porta do escritório.

— Vivo e nunca estive melhor. — Ele sorri, caminhando para a mesa de bronze que abriga seu conhaque e se servindo de um copo.

— Entendo que isso significa que a reunião correu bem. — Minhas sobranças sobem, observando a hora. Faz apenas algumas horas.

Houve uma energia ansiosa picando no meu interior enquanto eu esperava seu retorno. Independentemente da imagem

completamente limpa de Peter Michael, eu sei que ele é um homem perigoso. Eu também sei que Ru às vezes deixa seu temperamento tirar o melhor proveito dele, e mesmo que eu seja grato por nada nefasto ter acontecido, eu ainda gostaria que ele tivesse me deixado acompanhá-lo, apenas para garantir sua segurança.

Não dominei a arte do decoro, apenas para perder a compostura à primeira vista de Peter. Eu teria permanecido calmo. Apertado a mão dele e olhado nos seus olhos, como imaginei de todas as maneiras pelas quais gostaria de lhe trazer uma morte torturante.

Ru suspira, afundando no sofá preto contra a parede, bebendo do copo e pegando um charuto. — O idiota não apareceu. Enviei um garoto para fazer seu trabalho sujo, enquanto eu colocaria *tudo* na linha para um punk sem valor.

Uma estranha sensação de alívio inunda meu peito. — Absurdo.

— Desrespeitoso — Ru cospe.

— Isso significa que você mudou de ideia sobre trabalhar com ele. — Minha cabeça balança.

Espero que ele diga que sim. Ter Peter envolvido em nossos negócios tornará difícil quando chegar a hora de acabar com sua vida. Não é impossível, apenas *desafiador*.

Ru encolhe os ombros, olhando para o charuto enquanto ele o rola entre os dedos. — Eu disse ao garoto para enviar uma mensagem ao Sr. Michaels. Deixá-lo saber como fazemos as coisas aqui e espero que ele perceba que não importa quanto dinheiro tenha, se ele não puder respeitar a *porra do meu* nome. — O aperto

de Ru aumenta, o charuto desmoronando sob seus dedos. — Sabe, acho que mudei de ideia, garoto. Se ele quiser se encontrar, é justo que ele encontre nós dois.

Excitação irrompe no meu estômago. — Excelentes notícias.

Meus olhos se desviam para a tela do computador, percebendo que Wendy e suas amigas estão saindo. Levantando-me, abotoo meu terno. — Se você me dá licença, há algumas pontas soltas da noite em que estou desesperado para amarrar.

Ru me acena, bebendo do conhaque.

Saio da sala, usando a escada dos fundos para sair do clube, então não sou visto. Escorregando pela lateral do prédio, vejo Wendy abraçando suas amigas em um adeus e pegando um táxi amarelo. Nojo me enche com sua imprudência, e o completo desrespeito que suas amigas têm por sua segurança.

O pai dela tem dinheiro, mas ele não lhe dá um motorista?
Qualquer proteção?

Entrando no meu Audi, eu paro na rua movimentada para seguir logo atrás e garantir que ela chegue em casa em segurança. Não tenho interesse em possuir algo danificado, mesmo que temporariamente.

E até eu decidir o contrário, Wendy Michaels é minha.

Capítulo 5



Wendy

— O que você quer dizer com educação em casa? — Eu pergunto ao meu irmão, Jon.

Ele encolhe os ombros, o cabelo escuro balançando com o movimento, o braço acenando para os papéis espalhados na frente dele. — É exatamente o que parece. Perguntei ao papai se eu poderia fazer dessa maneira e ele disse que estava tudo bem.

Minhas sobrancelhas franzem. Por que ele não me contou sobre isso?

— Legal. Então, você e papai tiveram uma boa conversa então.
— Eu pulo ao lado dele na mesa da sala de jantar.

Seus lábios se enrolam levemente. — Wendy, seja honesta. Quando foi a última vez que papai falou comigo?

Meu interior se aperta e suspiro, as desculpas para nosso pai rolando da minha língua; tão acostumada que mal posso provar as mentiras. — Ele está apenas ocupado, Jon, só isso. Você sabe que ele te ama e deseja poder estar aqui.

Jon zomba, segurando o lápis tão apertado que as juntas ficam brancas. — Sim, claro.

— Além disso, — continuo. — Você me tem, e nós dois sabemos que sou tudo o que você precisa.

Ele sorri, revirando os olhos atrás de seus grandes óculos de armação quadrada. — Você está certa. Quem precisa dos pais quando te tenho? Você é mãe o suficiente para toda a maldita cidade.

Forço uma carranca, diversão tecendo no meu peito. — Ei, observe sua boca.

— Provando meu ponto. — Ele empurra os óculos pelo nariz. — É legal, no entanto ... sobre educação em casa. Eu sou mais feliz assim.

Ele não está errado. Suponho que sou mãe dele mais do que uma irmã normal, mas sou tudo o que ele tem. Nossa mãe morreu quando Jon mal tinha um ano; um acidente de carro fatal de um

motorista bêbado. E embora eu nunca admita isso em voz alta, meu pai definitivamente não dá a Jon o tempo ou a atenção que ele merece. É um ponto dolorido em nosso relacionamento, no qual não gosto de focar por muito tempo.

— Bem, estou feliz que ele esteja deixando você ficar em casa, se é o que você quer. Você acha que vai sentir falta da interação?

Ele suspira, revirando os olhos novamente. — Não. As crianças são idiotas.

Meu coração bate. Talvez a educação em casa *seja* a melhor opção. A esperança brilha no meio do meu peito, imaginando se meu pai realmente ouviu todas as vezes que implorei para ele intervir com o bullying de Jon.

Eu sorrio. — Ok, bem, eu tenho que ir trabalhar. Você quer assistir a um filme hoje à noite?

— Por que você trabalha quando não precisa do dinheiro? — ele pergunta.

Eu encolho os ombros, mordendo meu lábio inferior. — Então eu não morro de tédio, eu acho.

— Você sempre pode ir para a faculdade. — Ele sorri, olhando para mim.

— E deixar você aqui? O que você faria sem mim?

Ele sorri, debruçado sobre a papelada e efetivamente me

dispensando.

Suspirando, levanto-me, deixando-o com isso. Eu amo estar perto dele, mas sinto falta dos dias em que ele se apegava às minhas pernas ou colocava as mãos pegajosas nas minhas bochechas e me dizia que eu era sua pessoa favorita no mundo.

À medida que envelhecia, ele se fechava, as crueldades de ser intimidado fazendo-o se esconder atrás de muros que ele era forçado a construir. Uma dor se espalha pelo meu peito e fica comigo o caminho inteiro para o The Vanilla Bean.

Duas horas depois - depois que eu estraguei dois macchiatos e derramei um galão inteiro de caramelo no chão - sei que hoje *não* vai ser o meu dia. O outro barista cancelou, então sou apenas eu e, por algum motivo, não posso fazer uma única tarefa sem estragar tudo.

— Alguém pode me prestar um serviço por aqui? — A voz de um homem grita da área principal.

Levanto-me de onde estou limpando os restos de caramelo e tiro meu cabelo dos meus olhos, espiando pela esquina. Eu nem tinha ouvido alguém entrar. — Oi! Sinto muito, me dê apenas um segundo.

O homem faz uma careta, cruzando os braços, um grande relógio tocando no pulso. — Alguns de nós têm coisas a fazer. Estou aqui há cinco minutos.

Irritação apunhala meu intestino. Largo o pano no balcão, a água pingando do tecido e no chão, e ando para a frente. — Sinto

muito pela espera, senhor.

Ele bufa, a mão batendo no balcão em um ritmo nervoso. Não sou estranha a clientes rudes - infelizmente no setor de serviços eles acontecem com mais frequência do que não - mas hoje meus nervos estão disparados, e sinto a bola de fogo se formando no centro do meu estômago, girando e crescendo, as chamas lambendo meu interior.

Coloquei um sorriso no meu rosto. — O que eu posso pegar para você?

— Café quente grande, preto.

Eu aceno, suspirando aliviada por sua bebida ser simples. Ele paga e eu giro, olhando de lado a pequena poça que é coletada no chão de onde o pano está pingando constantemente. Derramei o café dele, assim como a campainha acima da porta da frente toca, o som me fazendo estremecer. Antes que eu possa virar a cabeça, meu pé escorrega na água, fazendo-me virar para trás, a queimadura do café escaldando minha pele. Meu cóccix palpita com uma dor aguda enquanto eu estava deitada no chão frio, olhos fechados, tentando me recompor o suficiente através da humilhação para me levantar e apenas *terminar* o pedido desse cara.

— Jesus Cristo, há alguém aqui que seja competente o suficiente para me pegar uma bebida?

A picada do café se mistura com as lágrimas se formando atrás das minhas pálpebras.

Foda-se esse cara.

Eu me movo de joelhos cautelosamente, soltando respirações lentas e firmes para acalmar meu coração acelerado. Hoje definitivamente *não* é meu dia.

— E aqui eu estava pensando que os homens deveriam saber como tratar uma dama.

Meu corpo congela, camisa molhada de café grudada na minha pele, minhas mãos no chão de azulejos. *Esse sotaque.*

O cliente zangado zomba, batendo a mão no balcão para pontuar suas palavras, seu relógio vistoso contando os segundos com audibilidade. — E aqui *eu* estava pensando que eu seria capaz de tomar uma xícara de café sem que fosse uma produção.

Um rubor sobe para minhas bochechas, e eu me levanto devagar, estremeendo com a dor que está latejando na minha parte inferior das costas. Meus olhos travam o azul do mar, o homem misterioso que conheci na outra noite, como se ele fosse arrancado dos meus sonhos e colocado na minha frente.

Ótimo. Ele aparecer durante a minha humilhação.

Meus olhos se estreitam no outro cliente, tentando manter minha respiração estável e meu temperamento sob controle, e o sorriso no meu rosto se estende de orelha a orelha. — Sinto muito por isso. Eu vou fazer outro para você, por conta da casa.

Seus lábios se abaixam quando ele olha para mim. — Eu já paguei. Apenas faça a maldita bebida!

Meu estômago se enrola, visões de fazer outro copo para ele e

depois jogá-lo em seu rosto, agredindo minha mente.

— Pare. — A voz do meu misterioso homem me faz vacilar.

Eu mentiria se dissesse que não pensava nele nos últimos dois dias, mas nunca em um milhão de anos esperava que ele aparecesse aqui.

Ele se inclina contra a vitrine, seu terno de três peças perfeitamente alinhado, dando-lhe um ar de sofisticação que engole o cara ao lado dele inteiro. — Você tem uma tendência a deixar homens insignificantes falarem com você dessa maneira, querida?

Vergonha coça meu interior. — Não, eu ...— Eu limpo minha garganta. — Ele é um cliente, é tudo.

— Não, cara, essa cadela simplesmente não sabe como fazer um trabalho simples.

Uma risada baixa ronca do peito do meu misterioso homem, o som vibrando através do café. Sua estrutura já se eleva sobre o outro cara, mas como um metamorfo, ele se transforma, sugando toda a energia ao seu redor e usando-a para expandir sua estatura. Nunca vi nada parecido, e meu olhar está paralisado na visão.

Ele se inclina para perto do ouvido do cliente. — Seu relógio está bastante alto.

O cara coça as sobrancelhas. — Hã?

Meu homem misterioso acena em direção ao pulso do imbecil, o

relógio incrustado de diamantes brilhando como um farol. — Seu relógio. Está... *alto*.

— Tudo bem, e?

Ele suspira, uma mão vindo para esfregar a mandíbula. Meus olhos rastreiam o movimento, absorvendo o quão incrivelmente atraente ele é, ainda mais à luz do dia.

O idiota se vira em minha direção, os olhos se arregalando quando ele bate a palma da mão no balcão *novamente*, o som batendo no meu interior como unhas em um quadro-negro.

— Aproveitando o show? Faça meu café.

Eu cerro meus dentes. Se eu não estivesse no trabalho, não estaria tentando tanto morder minha língua, mas gosto desse trabalho. É o primeiro que eu já tive e, embora definitivamente não *precise* por qualquer dinheiro além da imaginação, é bom ter algo que ganhei. Algo que não me foi entregue por causa do meu sobrenome e do sangue que corre pelas minhas veias.

Por mais que eu ame meu pai, às vezes fica pesado vivendo na sombra dele.

— *Não* faça o café dele, querida. — O nome carinhoso vira meu estômago e meus olhos ficam quicando entre os dois homens.

O rosto do cliente fica corado, mas ele não fala. Não argumenta. Presumivelmente, porque mesmo *ele* pode sentir o poder irradiando do homem parado ao seu lado.

A língua do meu estranho desliza ao longo do lábio inferior, causando uma dor aguda entre as minhas pernas.

— É gracioso — diz ele, encontrando meus olhos. — A maneira como você está agindo. Diz mais sobre a sua pessoa do que a dele.

O calor corre para minhas bochechas, a gratidão me ilumina como luzes de Natal. Como é possível que esse homem tenha conseguido tirar minha humilhação e transformá-la em algo bonito com algumas palavras simples?

— Foda-se — o idiota cospe.

Os olhos azuis do homem misterioso endurecem, um sorriso apertado torcendo os lábios. Ele enfia a mão no bolso, encostando perto do cara, murmurando algo no ouvido.

Meus ouvidos se esforçam, incapazes de me impedir de espionar, mas ele fala tão baixinho que é impossível ouvir. O que quer que ele diga faz com que os olhos do homem arregalem, e ele se vira e corre pela porta sem dizer outra palavra.

Estou congelada no lugar, meu coração batendo rapidamente no peito enquanto olho em volta. E só então entendo que há outras pessoas na loja. Dois jovens, de pé ao lado, ambos de terno preto e ambos com rostos idênticos. *Gêmeos*.

Eu estava tão focada no que estava acontecendo, que nem sequer *vi* eles. Os olhos do homem misterioso olham para eles e ele acena com um aceno curto. Sem outro olhar, eles saem da loja e entram na rua.

Estranho.

Ele traz sua atenção de volta para mim e, como uma mariposa em chamas, sou sugada pelo seu olhar, as perguntas desaparecendo no fundo da minha mente.

— Você está bem? — ele pergunta.

Meu coração pula. — Sim, eu estou bem. Obrigada, por me defender.

— Ele era um idiota, querida. — Seus olhos brilham. — Não é digno de provar o ar que você respira.

Minhas bochechas esquentam. Eu tinha esquecido o quão avassalador ele é - como é absolutamente consumidora sua presença.

— Se você diz. — Eu sorrio, olhando minhas unhas rosas antes de levantar meus olhos de volta para ele. — O que você gostaria?

— Um encontro.

Minha respiração treme, meu estômago cambalhota. — Um o quê?

Ele sorri, um lado da boca puxando para cima. — Eu acho que você me ouviu.

Minha testa franze, o mesmo fogo que senti há dois dias, voltando à vida. — Eu ouvi.

— Fantástico. — Ele olha em volta para as mesas vazias. — Quando você sai do trabalho?

Eu descanso meus dedos no balcão. — Agradeço o gesto, mas ... tenho planos hoje à noite.

— Está certo — diz ele. — Comigo.

Irritação se forma no meu estômago. — *Não* com você. Deus, você é arrogante como o inferno, não é?

Seus olhos brilham. — Lá vai sua boca novamente.

Eu sorrio, meu coração se sacudindo enquanto bate no meu peito.

Ele se inclina para a frente no balcão. — Diga-me seu nome.

— Não conseguiu descobrir isso quando descobriu onde eu trabalho? — Eu inclino minha cabeça.

Ele ri, de pé, com os olhos olhando através de mim. — Feliz coincidência, garanto.

— Qual é *seu* nome? — Eu respondo.

— Eu sou James. — Sua mão estende pelo balcão.

Meu estômago aperta e meus dentes afundam no lábio inferior. Lentamente, levanto meu braço, colocando minha palma na dele, o

calor de sua pele disparando pelo meu braço. — Wendy.

— Wendy. — Ele vira minha mão, trazendo-a para os lábios. — É um *prazer*.

O calor aumenta no meu núcleo.

A campainha toca acima da porta, uma jovem entrando com crianças, e eu tiro meus dedos dele, endireitando meu avental.

O lado esquerdo da boca se eleva, seus olhos nunca saem do meu corpo. — Eu vou te ver, Wendy, querida.

E então ele se vira e sai pela porta, a mulher que entrou olhando para ele com a boca levemente aberta.

Não posso dizer que a culpo.

Respirando fundo para acalmar meus nervos, ignoro a maneira como meu interior se derrete. Nunca recebi atenção do jeito que ele dá, e não posso deixar de me perguntar se é assim que ele é com todas - como se seu mundo parasse de girar, seu eixo inclinando apenas para você.

De qualquer maneira, eu gosto.

Não é até horas depois, quando fechei a loja e me acomodei na minha noite de cinema com Jon, que percebo que ele nunca pediu uma bebida. Um pequeno sorriso ilumina meu rosto, borboletas irrompendo no meu estômago ao pensar que talvez ele estivesse lá por mim, afinal.

Deveria me colocar em guarda, mas, em vez disso, a emoção inunda meu interior.

E naquela noite, quando vou para a cama, sonho com azul.

James.

Capítulo 6



James

Meu sapato bate contra o ladrilho de pedra do piso do porão do JR. Eu sorrio, lembrando quando Ru lutou comigo ao instalá-lo, querendo ficar com concreto. Mas eu insisti. O concreto é poroso, mais difícil de limpar. Ele ficou agradecido depois de perceber que ter uma masmorra de cimento no fundo de um bar pareceria muito mais suspeito quando os federais farejassem.

O que eles fazem a cada poucos anos.

Ainda mais depois que Ru ficou desleixado, atirando em um

homem em plena luz do dia e esperando não ter nenhuma repercussão.

Se fosse outro, eu os deixaria apodrecer. A única maneira de crescer com os erros é vivendo as consequências, afinal. Mas é *Roofus*. E se Ru é a areia, sou a onda que lava as pegadas.

Então, eu lidei com as coisas. E agora, temos os federais em nossa folha de pagamento, concentrando-nos em nossa concorrência, garantindo que nada passe por suas mesas com nossos nomes. Rédea livre, desde que também encha os bolsos e mantenha suas famílias vivas.

The Lost Boys, como os jornais nos rotularam carinhosamente, corriam soltos e livres.

Tenho certeza de que seria um choque para as pessoas que não entendem o jogo. A maioria dos americanos vive sob a ilusão de que tudo funciona como deveria. Aquele governo e pessoas que prometem um juramento na verdade protegem e servem.

Eles fazem. Só para mim, em vez de outros.

É uma das razões pelas quais eu acho *tão* adorável ter Peter Michaels e sua filha aparecendo na barriga da besta. Ele é um homem poderoso. Mas aqui, o nome dele é inútil. Seu dinheiro nada mais que papel tingido.

As pessoas nesta cidade respondem a *mim*.

Incluindo a desculpa patética de um humano amarrado à cadeira de metal no centro da sala. Aquele que pensou que poderia

chamar Wendy Michaels de puta e não ter que lidar com as repercussões. Não suporto desrespeito, especialmente quando eles estão exercendo um poder equivocado sobre uma mulher que pretendo possuir.

— Então, — começo, meus sapatos batendo no ladrilho enquanto me movo para ficar na frente dele. — Aqui estamos. — Eu sorrio, meus braços levantando para os lados.

O homem se contorce contra as cordas que o prendem, com os olhos arregalados e vermelhos. Ele murmura alguma coisa, mas é difícil ouvir atrás da fita adesiva que cobre a boca.

Meu sorriso cresce e eu me inclino para a frente. — Sinto muito, o que foi?

Eu olho para os gêmeos; dois irmãos que trabalham para mim desde que os encontrei em conflito quando tinham quinze anos. Eles são idênticos, e eu costumava confundi-los com tanta frequência que parei de me referir a eles pelos nomes.

— Você o entendeu? — Eu pergunto a eles.

— Não, Hook. Não consegui ouvir nada — diz um deles.

— Hmm. — Olho para o homem amarrado na minha frente, batendo meu dedo na minha boca. — Difícil de ouvir atrás da fita. Talvez devêssemos removê-la.

O gêmeo assente e caminha, arrancando a fita adesiva. Os olhos do homem estremece, a boca esfregada crua por ter sido arrancada próxima da pele.

— Assim. — Eu aceno. — Agora ... o que você gostaria de dizer?

— Vá se foder, cara — ele cospe.

A irritação tremula no fundo do meu peito enquanto olho para a saliva reunida no chão de onde voava de sua boca nojenta.

— *Vá se foder?* — Aponto para mim mesmo, rindo andando em direção à mesa de metal que reveste a parede, desabotoando meu terno. — É sempre divertido para mim quando um homem não tem a capacidade de entender que sua vida está em perigo. Acho que normalmente é um dos dois motivos. Gostaria de ouvi-los?

O silêncio é minha única resposta.

— É bem interessante, garanto. — Pegando minhas luvas pretas, deslizo-as sobre minhas mãos, movendo meus dedos quando estão envoltos em couro, admirando a maneira como se sentem contra minha pele. — É uma questão de orgulho ou falta de consciência. Ambos são traços terrivelmente impróprios.

Antecipação fervilha no meu interior.

— Sabe qual você é? — Eu giro, enfiando a mão no bolso e movendo minha faca de gancho. Abrindo, eu a pego entre meus dedos enquanto caminho lentamente em direção à cadeira dele, parando bem na sua frente.

Ele não responde, seus olhos seguindo o movimento da minha lâmina. Aproximo-me e seus braços pressionam às abraçadeiras, o plástico raspando contra o metal da cadeira.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Se você me perguntar. — A ponta da minha faca desliza pela bochecha enquanto eu ando atrás dele. — Você não tem o tipo de consciência necessária para entender o perigo. Para realmente *sentir* isto. Veja bem, se você tivesse ...— Minha mão enluvada descansa no seu ombro. — Você saberia melhor do que continuar desrespeitando Wendy Michaels na minha presença.

— Olha, eu não sei quem você é, mas se isso é sobre o café, me desculpe, cara. — Ele gagueja suas palavras, sua voz ficando aguda e tensa.

Eu faço um som de reprovação. — Há essa perda de orgulho. Pena que não posso gostar.

— Apenas me deixe ir! Farei o que for, vou me desculpar com essa garota, se é isso que você quer. Eu só... *por favor*. — Seu pânico penetra em suas palavras.

Meu aperto se intensifica e eu me curvo até meu rosto estar ao lado de sua orelha. — *Pare* de falar, ou vou cortar sua língua e alimentar os cães enquanto você sangra por todo o seu traje de poliéster barato.

Seu corpo está sob minha mão, mas ele fica em silêncio.

Eu fico ereto, apertando o ombro dele. — Bom garoto.

Andando até a frente, olho para a sua estrutura trêmula, o vislumbre da minha sombra criando uma aura assustadora.

— Onde estava essa autopreservação no café, amigo? — Meu

sorriso aumenta. — Poderíamos ter economizado tanto tempo se você tivesse reconhecido seu lugar.

Minha cabeça se inclina quando ele não responde, meu estômago se apertando de emoção com o medo girando através de seu olhar lamacento. Eu me inclino perto, minha voz baixa. — Eu fiz uma pergunta.

— Eu não sei... Eu só ... desculpe ... por favor, deixe-me ir.

— Aí, isso foi tão difícil? — Me viro para olhar os gêmeos. — Honestamente, é rude a frequência com que as pessoas não falam quando pedem. — Voltando ao homem, noto o ponto úmido se formando na frente da calça do terno, o material cinza claro ficando escuro e úmido. Mijando em si mesmo, sem dúvida.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto e uma risada baixa escapa do meu peito. — Relaxa, *homem*. Eu só estava brincando sobre cortar sua língua.

Tick.

Tick.

Tick.

Um calafrio arranha meu interior, fazendo minha cabeça tremer. Respiro profundamente pelo nariz, tentando acalmar a náusea que rola através de mim, crescendo como um incêndio descontrolado.

Eu perco a batalha.

Lançando-me para a frente, aperto o rosto do homem entre meus dedos enluvados. Ele resmunga de dor. — Eu já lhe disse uma vez o quão alto é esse maldito relógio, mas você ainda o usa na minha presença?

Seus olhos se arregalam, lágrimas escorrendo por suas bochechas coradas.

Tick.

Tick.

Tick.

O som faz meu interior murchar, as memórias avançam, lembrando-me de todas as vezes que eu não tinha poder. De todas as vezes em que fui forçado em posições em que orgulho e respeito não existiam. Todas as noites em que deitei na cama quando menino de onze anos, recém-saído da Inglaterra e sofrendo com a morte de minha família, imaginando por que diabos Deus me fez sobreviver.

O que eu fiz que estava tão errado?

Meu estômago rola e se eleva, bile queimando a parte de trás da minha garganta, enquanto minha mente gira dos flashbacks. Estou cercado pelo estalo das botas de crocodilo do meu tio nas tábuas do piso de madeira. Meu peito aperta com o som do relógio de bolso, o *tick, tick, tick*, sangrando na noite toda enquanto ele fechava a porta do meu quarto atrás dele.

A raiva se desenrola do meio do meu estômago, espessa e pesada, explodindo pelo meu interior, me cegando da explosão até que tudo o que vejo seja fogo.

Meus dedos se agarram à mandíbula até que seus lábios se deformem, forçando a boca aberta em um O. Minha outra mão, segurando minha faca, enfia a mão no orifício aberto e segura a ponta da língua, puxando até que ele grite, seu corpo se debatendo contra a cadeira. A sensação da minha lâmina cortando a carne envia um pouco de satisfação correndo pela minha espinha.

— Bem-digo, ao cortar o último tecido conjuntivo, o *rasgar* do músculo me fazendo sorrir. — Suponho que menti.

Jogando o pedaço inútil de carne em algum lugar atrás de mim, enganchei minha faca na axila, empurrando a lâmina até que a borda da alça encontre a pele antes de arrancar; sua artéria axilar jorrando, o líquido quente enquanto ela pulveriza no meu rosto.

Sangue pinga no meu braço enquanto eu levanto a ponta da minha faca atrás dele, o *riso* do cara sendo cortado, perdido nos gritos confusos de agonia que se desenrolam de sua boca cheia de sangue e sem língua. Puxo o braço dele para o lado da cadeira, pegando a borda sem corte da alça e batendo-a em cima do relógio, cacos de vidro brilhando quando caem no chão.

— Não. — Repito o movimento. — Desrespeite. — Os ossos do pulso caem do impacto. — A mim. — Desta vez, os dedos dele. — Novamente.

Repetidamente, abro os braços até que meus lados se cansem da repetição. Meu cabelo está caindo na minha testa, um leve brilho de suor escorrendo sobre minha testa, e eu viro a faca, raiva

queimando através da minha alma, pedindo-me para cortar completamente a mão dele. Certificar-me de que ele nunca mais terá o controle da minha reação dessa maneira.

Como ele ousa pensar que poderia em primeiro lugar.

Minha faca serra através dos tendões e vasos até encontrar o osso, a extremidade inútil balançando, a pele mutilada e irreconhecível.

Eu passo para frente, fazendo cortes sobre o torso; um para cada *tick* ele me fez suportar.

Os gritos borbulhantes ficam em silêncio, assim como os sons do relógio e, à medida que desaparecem, a raiva também.

Lentamente, os pesadelos desaparecem e meus olhos piscam de volta ao foco. Olhando para baixo, meu peito se agitando, pego o respingo de sangue ao longo da minha pele exposta e o tecido das minhas roupas.

Eu estralo meu pescoço, deleitando no som abençoado do *silêncio*.

Meus olhos se movem dos gêmeos, descansando contra a parede oposta, para o homem amarrado na minha frente, com os olhos vazios e a boca aberta, o cadáver encharcado de sangue, o corpo dele cortado. Seu braço está pendurado em um ângulo estranho, uma piscina de vermelho escuro formada sob a pele manchada. Eu ando para a frente, com os cacos de vidro quebrados do relógio esmagando debaixo dos meus sapatos.

A tensão no meu peito diminui e eu respiro fundo. Movendo-me para a mesa de metal, tiro minhas luvas e pego minha jaqueta antes de girar para sair pela porta. Olho para os gêmeos que se endireitaram da parede e meus passos vacilam quando meu pé pressiona algo macio. Olho para baixo, diversão fluindo pelas minhas veias, quando vejo uma língua decepada esmagada sob a sola do meu sapato.

Olho para os gêmeos, passando a mão pelo meu cabelo. — Limpe isso e verifique se ele não era alguém importante.

Eles acenam com a cabeça e eu saio da sala, adrenalina fazendo com que todas as células agitem sob minha pele, meu sangue bombeando rápido e meu pau duro com a adrenalina da matança.

Há algo estranhamente gratificante em se tornar juiz, júri e carrasco de alguém. Um tipo de emoção que não pode ser replicada. Uma que percorre seu interior e faz você se sentir intocável. Infalível.

Como um *Deus*.

Subindo as escadas dos fundos e entrando no escritório, pego uma sacola plástica e desabotoo minha camisa, seguido pelas minhas calças, arrancando o tecido encharcado de sangue para que um dos meninos descarte.

Trocando pegando as roupas de reposição que eu mantenho pendurada no armário, sento-me na cadeira, chutando os pés na mesa e acendo um charuto, aproveitando o gosto terroso. Ao clicar na tela do computador, puxo uma foto de Peter Michaels e sua família, desejo apertando meu estômago quando visualizo o rosto de Wendy, imaginando como será tê-la debaixo de mim. Para que ela

se submeta a mim completamente antes que eu a quebre e a envie de volta para uma casa sem pai.

Gemo, enfiando meu pau sobre minhas calças enquanto pulsa atrás do zíper.

Wendy Michaels é um deleite delicioso, e mal posso esperar para desfrutar de cada mordida.

Capítulo 7



Wendy

— Mas você estará em casa para jantar. — Eu odeio o som da minha voz, com um tom suplicante na esperança de que meu pai realmente volte para casa.

O som fraco do papel farfalha ao fundo. — Eu não vou chegar hoje à noite, querida, mas vou tentar o meu melhor para o fim de semana.

Eu mordo meu lábio inferior, machucando a carne. Meu pai sempre foi um homem ocupado, mas costumava arranjar tempo

para mim. Ao longo dos anos, ele deslizou cada vez mais longe e agora não sei como alcançá-lo. Não sei como convencê-lo de que precisamos de atenção também.

— Você nem esteve na nova casa, pai. É como... Eu não sei.

Ele suspira. — O que você esperava, Wendy? Você sabe como estão as coisas.

Não quero que Jon tenha que continuar sozinho.

Está na ponta da minha língua para dizer, mas eu engulo, esperando que se eu morder minha língua, talvez ele volte para casa. — O que você está fazendo, afinal?

Ele suspira novamente, e desta vez há uma voz feminina distinta ao fundo.

Meu estômago tensiona, minha mão aperta o telefone. — Você está em Bloomsburg?

Ele limpa a garganta. — Não, no momento não.

Eu zombo, ressentimento ondulando como uma nuvem de tempestade no centro do meu peito. — Pai, você tinha prometido que quando nos mudássemos, você estaria mais por perto.

— Eu sei, eu *vou* estar.

Meus olhos queimam. — Então por que você ainda está ... em qualquer outro lugar?

Era uma vez que pensei que meu pai me levaria a lua. Eu o segui por toda parte e fiz tudo com ele. Tanto que ele me chamou de 'pequena sombra'. Mas à medida que cresci, as coisas mudaram. Lentamente, fui empurrada para a parte de trás do ônibus até nem estar no mesmo veículo. Deixada para trás como bagagem desnecessária.

Às vezes me pergunto se Jon tem mais facilidade, nunca tendo sabido como era. Nosso pai nunca lhe deu a atenção que me deu. Ainda assim, eu faria quase tudo para ter o amor de meu pai do jeito que eu o tinha uma vez, e faria ainda mais para garantir que Jon pudesse prová-lo pela primeira vez.

Eu não acho que meu pai seja um homem mau, só acho que sua sede de aventura dominou sua necessidade de família, até que em algum lugar ao longo do caminho ele esqueceu que tinha uma.

— Nós sentimos sua falta, é tudo. — Eu engulo em volta do nó na garganta, repleto de todas as coisas que quero dizer. — Obrigada, a propósito, por colocar Jon estudando em casa.

— Sim, sobre isso, mudei de ideia. Há um ótimo internato fora de Bloomsburg para onde o estou enviando.

Meu coração se agarra no meu peito. — *O que?*

— Eu me encontrei com o reitor outro dia, e eles me garantiram que este seria o melhor lugar para ele.

A respiração sai de mim, percebendo que ele se encontrou com um estranho, mas não pode dar tempo para seus próprios filhos. — Internato? Pai, ele vai *odiar* isso. Você sabe como são as coisas para

ele com outras crianças.

— Bem, essas são crianças diferentes agora.

— *Papai...*

— *Wendy* — ele replica. — Escute, isso não está em discussão.

Meus dedos se apertam mais no meu telefone. — Por quê?

Ele hesita e limpa a garganta *novamente*, o que ele faz quando está tentando evitar o assunto. Esperando seu tempo, formulando seus pensamentos antes que ele os deixe escapar como palavras tangíveis no ar. — O reitor é um associado de negócios. Eles me garantiram que este será o melhor ajuste.

Minha mente repete a conversa com Jon do outro dia, como seus ombros pareciam relaxados quando ele falou sobre ficar em casa. E assim, um pouco de raiva penetra no centro do meu peito, desenrolando-se como fumaça e enrolando-me nas minhas bordas. Toda a razão pela qual me mudei para cá foi ficar com Jon; para tentar reunir nossa família desfeita. Meu pai prometeu que estaria mais em casa, que Bloomsburg era o local perfeito para ele se estabelecer e criar raízes e parar de viver para todos os outros.

E agora, ele vai enviar a única pessoa que tenho. E eu estarei aqui. Trabalhando em uma cafeteria e morando em uma mansão. Sozinha. *E para quê?*

Aperto meus olhos com força e respiro fundo. — Quando você vai dizer a ele?

— Ele não estará indo por mais uma semana, então eu estarei em casa para contar a ele.

— Pai, você *não* vai me deixar ser a única a lidar com isso. Ele precisa ouvir isso de você. Ele precisa que você explique as razões.

Meu estômago está com a percepção de que posso falar até que minha garganta esteja dolorida, mas isso não muda o fato de que em algum lugar ao longo do caminho, meu pai parou de ouvir o que eu tinha a dizer. E a cada dia que ele se vai - outra viagem de negócios ou outro espetáculo para ver que não nos inclui - ele se afasta ainda mais do nosso alcance. Longe em algum lugar que ninguém possa alcançar, mesmo que quiséssemos.

— Eu ouvi você, querida, eu ouvi. Farei quando voltar para casa. Desculpe pelo jantar.

Clique.

Engolindo a irritação, olho para a lareira para a foto que coloquei lá de nós dois, na esperança de que me lembrasse dias melhores. Na esperança de que isso lembrasse *ele*, também. Estou sentada nos ombros dele, um grande sorriso dividindo os dois rostos. Eu me pergunto quando foi que a mudança aconteceu. Se fui eu quem mudou e começou a superar minha visão ingênua e de contos de fadas, ou se foi ele quem regrediu após a morte de nossa mãe. Embora, sinceramente, tenha acontecido antes disso.

Talvez pessoas *nunca* mudem e são apenas nossas percepções que alteram a visão.

Meu telefone toca no segundo em que o coloco no chão e a

esperança inexplorada lança espirais pelo meu centro, mesmo que eu *saiba* que não será meu pai novamente.

E, claro, não é. É a Angie.

Angie: O JR hoje à noite, vadia! Não estou aceitando um não. Vou buscá-la às sete.

Meu estômago vira enquanto lia a mensagem dela, minha mente imediatamente foi para o belo estranho que me convidou para um encontro e depois desapareceu por dias.

Ele estará lá?

Mordendo o lábio inferior, digito uma resposta.

Eu: Ok. Conte comigo.

Capítulo 8



James

— Peter Michaels quer se encontrar.

Meu coração acelera no segundo em que seu nome passa pelos lábios de Ru. — Já estou ciente disso, Roofus. Você não falou de mais nada na semana passada.

As sobrancelhas de Ru se aproximam. — Não seja esperto. É ... o que você diz? *Inadequado*.

Meus lábios se inclinam para a tentativa de sotaque inglês, embora seja justo, mesmo os meus não são tão nítidos quanto antes. Os anos confundiram até que seja uma mistura estranha, ainda não muito britânica, longe da americana.

— Você tem razão. — Eu retruco.

— Meu *ponto* é que eu preciso de você lá comigo.

Eu dou um suspiro, desabotoando meu paletó enquanto me sento em frente à mesa dele. — E por que eu não poderia ir em primeiro lugar, de novo?

Seus olhos se estreitam. — Porque você intimida as pessoas.

Minhas sobrancelhas disparam para minha linha do cabelo e eu aponto para mim mesmo. — Eu?

Ele ri. — Não se faça de bobo, garoto. Nós dois sabemos que você tem essa ... — O braço dele acena entre nós. — Coisa sobre você. Outros homens poderosos não gostam de estar por perto disso.

Eu seguro meu sorriso. — *Você* é um homem poderoso, mas aqui estamos nós.

Ru ri, girando um charuto entre os lábios. — Conheço sua lealdade. Você trabalha para *mim*. — Ele encolhe os ombros. — Não estou preocupado com o meu lugar neste mundo e não estou preocupado com o seu papel nele.

Enquanto eu aprecio o sentimento por trás de suas palavras,

elas fazem com que uma câibra lance no centro do meu estômago, independentemente. Ru pode pensar que conhece meu propósito nesta vida, mas mesmo ele não sabe a verdade. Ele não sabe que meu pai se mudou da América quando tinha apenas vinte anos, tornando-se o empresário principal em toda a Inglaterra. Que eu nasci na vida do luxo e, até sua morte, não havia ninguém na terra que eu admirasse mais. Ru não *sabe* que cada segundo desde então foi gasto se concentrando na vingança contra o homem responsável.

Uma pontada fantasma divide meu lado, e meus dedos se apertam contra o desejo de tocar a cicatriz irregular que estraga meu tronco.

Alguns homens nascem neste mundo com propósito; outros homens são mutilados nele.

Uma emoção indesejável ameaça deslizar por um momento, uma dor estranha tentando se infiltrar no meu peito. Aperto minha mandíbula enquanto a forço de volta. O tempo para a tristeza já passou. Agora é simplesmente uma sede de vingança que me faz continuar.

Inclinando-se para a frente na minha cadeira, o fogo do objetivo da minha vida me lambe com seu calor tentador. — Então ... quando vamos nos encontrar?

Ru sorri. — Semana que vem.

— Perfeito, tenho planos nas próximas noites, seria uma pena que eles não dessem certo.

— Oh?

Eu aceno, não estou disposto a elaborar, não querendo desistir do meu prêmio antes de pegá-la na minha rede. Quero que Wendy venha de bom grado. Ser o objeto brilhante no meu braço enquanto eu a mostro ao mundo; observar o olhar no rosto de seu pai enquanto ela me leva para casa para jantar.

Um sorriso se infiltra ao longo dos meus lábios. — Um *bichinho de estimação*, se você quer saber.

Ele ri, passando a mão pela frente do rosto. — Foda-se, garoto. Se eu tivesse sua aparência, eu estaria em uma boceta profunda todos os dias. Estou surpreso que você se contenha em primeiro lugar.

O músculo da minha mandíbula tica, e eu engulo de volta o desgosto com a visão que suas palavras criam. Como se eu desistisse do controle por prazer sexual. Ter vontade é uma coisa, perder-se para a tentação é outra. E enquanto sim, posso usar Moira para manter meus impulsos mais sombrios afastados, nunca *precisei* disto. Anos de estar nas mãos de alguém que frequentemente perdeu a cabeça me ensinaram que o controle é primordial. E foder e gozar é um alívio do estresse, é tudo o que sempre será. Nunca é para diversão real.

— Você estará por aqui hoje à noite? — Ru pergunta, com os olhos deslizando pelo topo da mesa, uma vulnerabilidade penetrando nas palavras; tão leve que você mal consegue ouvir.

Acenando, eu fico de pé e vou para a frente do escritório dele. — Claro, Roofus.

Enfio a mão no bolso do paletó e pego a caixa que trouxe comigo hoje. Ru não gosta muito de presentes, mas ama seus isqueiros.

Tem uma caixa inteira cheia de sua coleção. Este é especial. Feito sob medida *S.T Dupont*, incrustado de rubis vermelhos e uma inscrição na frente.

Direto até de manhã.

É o primeiro conselho que ele me deu e o que está preso desde então. Meu polegar passa pelas palavras, minha mente relembrando aquela noite.

Respirando pesadamente do esforço, espio pelo prédio, o tijolo desmoronando sob meus dedos, evidência de como a área está precária como um todo. Não estamos em uma boa parte da cidade, e minha mente corre, imaginando quem é o homem que eu segui aqui. O que ele deve fazer para viver para se sentir tão confortável em uma área que até meu tio me disse para evitar.

— *Fique longe da praça da cidade com a torre do relógio.*

O cabelo ruivo do homem balança quando ele se move da varanda da frente do prédio, o tecido verde desbotado do toldo balançando no alto. Ele diz alguma coisa e os caras concordam antes de entrarem, deixando-o em paz. O estranho se vira, o movimento repentino, fazendo meu coração pular. Engulo um fôlego, nervoso na esquina, o tijolo áspero nas minhas costas, mesmo através do tecido da minha camisa.

Respirando fundo algumas vezes, espio pela borda novamente, mas desta vez ele está bem na minha frente, mãos nos bolsos, olhos cinzentos brilhando de diversão.

— *Você está me seguindo, garoto?*

Seu sotaque é forte, seu R soa como um alongado, e meus olhos se arregalam quando olho para ele e aceno. Eu nunca fui muito mentiroso.

Talvez eu deva ter medo, mas não tenho. O maior monstro de todos é aquele que se senta à mesma mesa para o jantar. Há muito tempo que o medo marinha no fundo do meu intestino como um caldeirão borbulhante, esperando que eu domine a bebida para que eu possa usá-la como veneno. Então, embora talvez não seja sensato, esse homem não me assusta. Ele inspira esperança.

Um inimigo do meu inimigo é um amigo.

— Bem, você chamou minha atenção — continua ele. Seus olhos me examinam, lábios se curvando nos cantos. — Você é filho de Croc?

Minhas sobrancelhas franzem com o nome. — Eu não sei quem é — respondo.

— Croc? — Sua mão esfrega seu rosto, a cabeça inclinada para cima. — Ah, merda. Você é... Eu vi você nos observando do corredor hoje à noite. O que diabos você está fazendo aqui?

Meu estômago aperta, vergonha correndo pelo meu interior ao perceber que eu não era tão furtivo quanto esperava. Ele sabia que eu estava lá o tempo todo. Náusea provoca minha garganta quando penso que meu tio também está ciente. Eu corro uma mão pelo meu cabelo. — Isso não importa. É estúpido.

Eu me viro para me afastar, mas um aperto áspero no meu ombro empurra meu corpo até eu girar de volta. — Não vá embora

quando alguém lhe fizer uma pergunta, garoto. Você já chegou até aqui. Continue, sim?

Minha testa franze tomando suas palavras. — Até quando?

Ele aponta para a torre do relógio que fica no meio da praça da cidade, a lua e as estrelas brilhando ao fundo. — Direto até de manhã.

Minha cabeça se inclina. — O que isso significa?

O braço dele envolve meus ombros, me aproximando. — Isso significa que você não desiste até conseguir o que deseja. Mesmo que demore a noite toda. Compreende?

Sorrio para a memória, jogando o presente na mesa. — Roofus — eu falo. — Qual é, você realmente acha que eu não me lembraria?

Ru grunhe, me acenando, mas vejo o peso escorrendo de seus ombros e a elevação de seus lábios.

Como se eu tivesse esquecido o aniversário do homem que me salvou.



Jason é um traficante de drogas ralé que usa o apelido Nibs. Ele é do tipo que não lava a camiseta e acha que uma corrente de ouro o torna durão, mas sempre fez um trabalho decente ao distribuir

nosso pó. Ultimamente, no entanto, ele adquiriu lábios frouxos, tentando provocar uma revolta com os outros marginais que não correm junto nas *minhas* ruas, e pensa que isso significa que é deles.

Jason se move na cabine em frente a mim enquanto eu acendo um charuto. A pouca iluminação do bar lança uma sombra em seu rosto, destacando as gotas de suor que se formam ao longo de sua linha do cabelo. Não tenho muita certeza de que ele saiba quem eu sou, os traficantes de baixo nível normalmente não têm o privilégio de me conhecer.

— Jason, você sabe por que está aqui? — Eu pergunto.

— Porque eu trabalho para você?

Giro o charuto entre os lábios antes de colocá-lo no cinzeiro, a mesa robusta embaixo dos cotovelos. — Está correto, Jason. Você trabalha para *mim*.

Seu rosto se aperta.

— Você esqueceu? — Minha cabeça se inclina.

— Não — ele murmura.

Eu me inclino para a frente. — Não, *senhor*.

Ele olha para os gêmeos de ambos os lados, com o pomo de adão balançando com o engolir em seco.

— Não olhe para eles — eu digo. — O tempo para você lidar com os gêmeos já passou. De fato, — meus dedos arranham meu queixo. — Foi você quem decidiu afastá-los em primeiro lugar. Então agora você pode lidar comigo. Compreende?

Ele limpa a garganta. — Uh ... sim, sim senhor.

— Isso mesmo. — Eu sorrio, relaxando de volta na cabine. — Acabei de perceber que você não toma uma bebida. Você deve estar com sede. Você gostaria de uma?

Eu aceno para Moira, que passeia, com as mãos nos quadris. Os olhos de Jason saltam entre mim, os gêmeos, Moira e depois voltam. Ele abre a boca para falar, mas o movimento da frente do bar me distrai do que ele diz.

Como um farol de luz separando as nuvens escuras, Wendy Michaels entra na sala, direto na cova da víbora, como se estivesse esperando para ser mordida.

Como ela pertence.

Faíscas formigam a base do meu estômago, meu olhar a absorvendo como água ao sol. Ela chega ao bar, seguida de perto por suas amigas. Imediatamente, ela é recebida pelo nosso barman Curly, dizendo algo que faz sua cabeça cair para trás de rir, seu cabelo brilhando nas luzes enquanto balança em suas costas nuas. Meus ombros ficam tensos com a restrição necessária para não andar até ela e afastá-la de suas atenções.

Afastando meus olhos, concentro-me novamente em Jason. Eu estava planejando resolver isso, mas de repente estou desesperado

para encerrar as coisas. Meu interior se agita pela antecipação e tenho que forçá-lo a acalmar, tentando manter minha mente na tarefa em questão.

— Jason, você parece um homem de ... muitos talentos.

Seu peito estufou, orgulhando-se como um pavão.

— Eu trouxe você aqui hoje porque parece haver um traidor em nosso meio. E eu preciso da sua ajuda. — Meus lábios se contraem quando ele concorda, alívio visivelmente atravessando seu rosto. Tão simples, *estúpida* criatura. — Chegou à minha atenção que alguém está trabalhando contra nós por dentro.

Jason se inclina como se estivesse esperando que eu continuasse, mas eu não continuo. Sento-me na cadeira, pegando meu charuto, ignorando a maneira como a fumaça sufoca enquanto gira em torno do meu rosto.

E eu espero.

Os segundos se estendem para momentos agonizantes, o único som do cenário são os clientes no bar, e minha voz interior me incomodando para voltar minha atenção para a garota bonita na frente. Mas eu não olho. Eu mantenho meu foco em Jason, o esperando quebrar.

Ele se mexe mais cada vez que olho, até que finalmente seus ombros se apertem. — Não, você não acha que eu ...

Eu levanto uma mão, cortando-o no meio da frase. — É muito interessante para mim o que acontece quando você permite que as

pessoas falem. — Eu ri. — Veja bem, o silêncio costuma ser a melhor maneira de extrair os *ratos*.

Inclinando-me, solto minha voz. — Existem duas maneiras de fazer isso, Jason. Você pode segurar um pouco de dignidade e permitir que os gêmeos o levem para suas novas acomodações sem causar uma cena. — Eu sorrio. — Ou você pode fazer isso da maneira mais difícil. — Alcançando o meu bolso, aperto a alça de couro da minha faca, colocando-a suavemente na mesa ao meu lado. — Garanto que escolher o último não terminará a seu favor.

A cabeça de Jason balança para frente e para trás, respirando hesitante. — Escute, você não entende. Ele me obrigou. Ele teria me matado, cara. Não posso, não tive escolha.

Minha cabeça se inclina, arquivando o deslize de sua língua para mais tarde. Não estou surpreso que ele não seja o responsável pelos rumores, Ru e eu temos muitos inimigos, e alguém do nível de Jason tem mais chances de ser um putinho do que um mentor. Meu estômago aperta, imaginando se ele soltará o nome ou se terei que arrastá-lo da garganta à força.

Eu aceno, deslizando da cabine e passando a mão pela frente do meu traje enquanto me movo para o lado dele da mesa. Eu me inclino ao lado de sua orelha. — Há *sempre* uma escolha.

E então eu vou embora, meus olhos já estão fixados na garota na frente do bar.

Capítulo 9



Wendy

— Oh, *porra*, ele está vindo — sussurra Maria, praticamente vibrando no banquinho ao meu lado. Ela o localizou no primeiro momento em que entramos no bar, me cutucando nas costelas até doerem, me avisando que o homem dela estava em casa.

Ele é como ela descreveu - cercado por lacaios, sentado na cabine dos fundos sob iluminação tão fraca que você mal consegue distinguir a sombra dele.

Mas eu posso senti-lo.

Ser criada em torno de um homem semelhante em estatura ajustou minha capacidade de saber como é quando alguém sangra poder. E por mais que eu não queira admitir, entendo o apelo.

Sorrio e pisco para Maria, torcendo no meu assento para ver, mas as unhas dela cavam no meu braço, apertando-se como um torno. — *Não olha* — ela sussurra. — O que você está pensando? Este é o meu momento. Não podemos agir muito ansiosas.

Angie bufa em sua bebida. — Como se ele não tivesse visto você olhando para lá a cada dois segundos. Como você sabe que ele está vindo para *você*? Ele provavelmente está indo ao bar.

A sobrancelha de Maria se anima. — Quando você já o viu fazer isso?

Angie encolhe os ombros e tomo um gole do meu vinho, o líquido vermelho seco me fazendo estremecer quando atinge meus lábios.

— Aposto que ele está — eu digo. — Você e ele tinham uma conexão ou o algo assim, certo? Ele provavelmente está ocupado até agora.

— Você acha? — ela pergunta.

Eu aceno, desesperada para ficar do seu lado bom, mesmo que ela não tenha sido nada além de uma cadela desde o segundo em que nos conhecemos. — Aproveite o momento. — Eu ri enquanto empunha minha mão, socando o ar.

Seus lábios vermelhos se espalharam em um sorriso, seu olhar se ampliando um pouco enquanto passam por mim.

— Gosto de vê-la aqui, querida.

Minha respiração acelera, o medo abre caminho pelo meu interior, porque eu conheceria essa voz em qualquer lugar. E pela maneira como Maria está olhando, tenho uma suspeita furtiva de que o *homem dela* também é *meu estranho*.

Eu o ignoro, esperando que, se eu não reagir, ele simplesmente vá embora. Mas ultimamente, parece que nada que eu desejo se torna realidade, então, é claro, ele não vai.

Maria puxa os ombros para trás, empurrando o peito para fora e, gostando ou não, meu estômago revira, porque mesmo que eu não queira a atenção dele, também não tenho certeza se quero que ela o tenha.

Eu engasgo com outro gole de vinho.

O calor pica nas minhas costas, fazendo meu cabelo arrepiar. Eu espio do canto do olho e vejo o rosto de Maria mudar, seus lábios caindo levemente. Olhando para o outro lado, noto o olhar de Angie tremulando entre o homem nas minhas costas e eu.

— Me ignorando no meu próprio bar? — Sua respiração passa pelo meu ouvido, e eu fecho meus olhos, lutando contra o arrepio. — Isso não é muito gentil da sua parte.

Olho mais uma vez para Maria, tentando expressar um pedido de desculpas através da minha expressão, antes de exalar um suspiro pesado e dar minha atenção ao homem que o deseja. — Eu não sabia que era *seu* bar.

Girando, espero que ele recue, mas ele não o faz, e meus joelhos roçam contra suas coxas enquanto ele invade meu espaço. Meu peito aperta quando meus olhos encontram seu olhar azul gelado.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim. — A cabeça dele se inclina. — Vamos mudar isso.

Minha mente repete todos os nossos encontros. — Foi você quem nos deixou entrar pela primeira vez?

O lado direito da boca se eleva.

— E o admirador secreto enviando bebidas?

Ele me observa, com as mãos escorregando sem esforço nos bolsos, tão parecidas com a primeira vez que nos conhecemos. — Gostaria que eu dissesse sim?

— Gostaria que você dissesse a verdade.

— Onde está a diversão nisso?

— *Wendy*. — A voz de Maria corta o ar, me tirando do momento. — Você vai nos apresentar ao seu ... amigo?

— Eu não o chamaria de meu *amigo*. — Eu digo. — Maria, Angie, este é James. James, essa é Maria. — Eu aceno minha mão em sua direção, ignorando a ligeira agitação do meu estômago. — E Angie.

— Olá, senhoras — ele cumprimenta, seus olhos nunca saem

dos meus. — Prazer.

— Oh, acredite em mim, o *prazer* é todo meu — Maria entra.

Resisto ao desejo de me encolher na fala brega dela, mas espero que ele mude de foco. Para perceber que há uma mulher aqui madura e pronta para a colheita. Sempre assumi que os homens gostam de alvos fáceis e, embora não minta para mim e diga que não gostei da atenção dele, definitivamente *não* sou uma coisa certa.

Ainda assim, seus olhos ficam presos nos meus.

E também não deixo o seu olhar, sentindo-me de alguma forma como se tivesse perdido algo que nem sabia o quê.

O ar fica espesso e minha língua escorre para lambar meus lábios secos. Seus olhos escurecem quando caem na minha boca.

Angie limpa a garganta. — Então — ela diz. — Você é dono deste lugar?

Seu olhar permanece antes que ele *finalmente*, se afasta e se vira para Angie. Meu peito se expande quando respiro pela primeira vez no que parece um século e olho para Maria, mas ela está evitando meu olhar, seus lábios franzidos e as costas rígidas.

Ótimo.

— Algo assim — ele responde. — Espero que você esteja achando tudo satisfatório?

As bochechas de Angie ficam rosadas e ela sorri. — Bebidas podem dar algum trabalho.

— Oh. — Ele se aproxima, o calor do seu corpo subindo pelo meu lado e me cobrindo, o braço apoiado na parte de trás da minha cadeira. Um simples aceno de cabeça e o barman corre, a toalha branca no ombro contrastando com a pele negra.

— Senhor?

— Parece que as mulheres não estão satisfeitas com suas bebidas, Curly.

Eu assisto como os ombros largos de *Curly* endurecem e, por algum motivo, um senso de urgência me atinge. Como se fosse importante ele saiba que as bebidas estão boas, que Angie estava apenas fazendo uma piada, provavelmente aliviando a tensão que ainda irradia de uma Maria assustadoramente silenciosa.

— As bebidas são incríveis — tranquilizo. — Elas são perfeitas, James. Angie estava apenas brincando.

Seu olhar se move do barman para mim. — Tem certeza?

Eu aceno, e ele volta para Curly. — Essas senhoritas são as pessoas mais importantes aqui, entendeu? O dinheiro delas não é aceito, e você dá *qualquer coisa* que elas peçam.

Curly acena. — Claro, chefe.

— Nesse caso, eu vou quero outro. — Angie ri. — Vocês

querem?

James já está preso em mim, seu olhar tão intenso que me divide ao meio e toca no meu peito.

— Você não precisa fazer isso — eu digo.

Ele sorri. — Eu não *tenho que* fazer qualquer coisa. — Sua mão se move para cima e escova um fio de cabelo da minha bochecha. O gesto é suave, *gentil*, e borboletas entram em erupção no meu estômago. — Quero ter certeza de que você está sendo cuidada, querida.

O calor queima profundamente na minha barriga, e eu resisto ao desejo de esfregar minhas coxas, não querendo mostrar o quanto ele me afeta. Como esse estranho pode dizer algo assim, e em vez de ser repelida ou enojada, estou *excitada*.

A palma da sua mão encontra a minha, meu estômago dá um salto mortal ao seu toque, e ele a levanta na boca, lábios roçando as costas da minha mão. — Vá a um encontro comigo.

Arrepios brotam ao longo do meu braço. Vagamente, ouço um suspiro à minha esquerda, mas não consigo me concentrar nisso, porque tudo nesse homem me suga como um vórtice. Uma dimensão alternativa onde tudo é silenciado à parte dele.

Excitação gira na boca do meu estômago. — Ok.

Ele sorri, e minha respiração gagueja com o quão desarmante ele é quando sorri. Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, um jovem - o mesmo que nos deixou entrar no bar na outra semana -

corre atrás dele, sussurrando em seu ouvido. E assim, todo o comportamento de James muda, o brilho caindo de seu rosto. Ele assente antes de voltar. — Infelizmente, tenho que lidar com alguns negócios. — Ele levanta nossas palmas emaranhadas, pressionando-as no peito. — Você não vai embora sem se despedir?

Eu balanço minha cabeça não, incapaz de formar as palavras na minha língua, e ele traz a outra mão para a frente, o polegar deslizando pela minha bochecha. — Bom. — Ele olha para Angie e Maria, inclinando a cabeça. — Senhoritas.

E então ele se afasta, deixando-me olhar atrás dele, meu coração na garganta, olhares ponderados queimando buracos através de mim dos dois lados.

Capítulo 10



Wendy

Mergulhando minha boca no meu copo, forço o líquido amargo na minha garganta. Eu nem gosto de vinho tinto, mas queria me encaixar - ser *sofisticada* - em vez de admitir que eu realmente não queria uma bebida. Meu peito está apertado, não sei por que me incomodei quando tudo deu errado desde que *ele* andou até aqui.

James.

Aparentemente, o mesmo cara com quem Maria está obcecada, o que significa que ele também é...

Hook.

A realidade me esmaga como uma marreta, jogando tudo o que pensei que sabia em pedaços. Ele é o que elas passaram horas falando sonhadoras. O homem que elas deixariam “*separá-las com seu pau monstro.*”

Eu bufo minha bebida, uma risadinha borbulhando no centro do meu peito, sem saber se é o vinho que me foi à cabeça ou os restos de como James atordoadamente me faz sentir.

Ele é ilusório. *Perigoso.*

Uma emoção acende na base do meu estômago.

Eu não deveria estar animada com a possibilidade. Deveria estar no limite de como ele não tem escrúpulos em deixar meninas menores de idade entrarem em seu bar. Como ele sempre tem homens ao seu redor, parecendo estar à sua disposição. Eu *deveria* ter cuidado com a rapidez com que ele me deixa desequilibrada até que eu ficasse tão envolvida em sua presença que mal consigo respirar.

Mas eu não estou.

E talvez seja porque nas partes mais profundas de mim, eu já sabia que ele era diferente. A pitada de perigo se estende como tentáculos e sucções à minha pele como uma carícia escura. É *emocionante*, mesmo que eu saiba que não deveria ser. Mesmo que eu saiba que meu pai não aprovaria.

Mas meu pai parou de me ouvir há muito tempo, então talvez

seja hora de retribuir o favor.

— O que foi *aquilo*? —Angie pergunta.

Eu encolho os ombros, tentando conter o rubor que corre pela minha corrente sanguínea e aquecer minhas bochechas. Eu não pretendia ceder. Definitivamente não pretendia concordar com um maldito *encontro*, especialmente não na frente de Maria, que está se consolando há meses com o conhecimento de que ele é “intocável”.

Mas ele não é.

Ele me deixou tocá-lo.

Os nervos entram em erupção no meu estômago e, por mais que eu tente ignorá-lo, gosto da sensação de ser quem está chamando sua atenção. Como se eu fosse *especial*.

Maria abaixa a bebida, colocando-a com cuidado no balcão antes de virar os olhos para mim, seu olhar rasgando minha pele.

— Olha — eu começo. — Eu não sabia que ele era o cara de quem você estava falando.

Ela zomba.

— Sinto muito, Maria. Ele tem sido ... persistente. — Eu me encolho, sabendo que só estou piorando uma situação ruim.

— Está tudo bem, eu estou *bem*. — Ela faz uma pausa. — Estou surpresa, é tudo. Não consigo imaginá-lo se interessando em

alguém como você.

Meu nariz enruga, seu julgamento escorrendo pelo meu corpo como chuva. Nunca houve um momento em sua presença em que ela não encontrou uma maneira de me derrubar, e eu estou cansada disso.

— Maria, não ...— Angie começa.

— O que isso quer dizer? — Eu cortei.

Ela encolhe os ombros. — Sim, não faz sentido. Ele é um homem poderoso. Alguém que poderia ter qualquer mulher que ele quisesse, e ele está preso a *você*?

Meu corpo instintivamente se enrola. — Aí — eu sussurro.

Ela sorri, alcançando e dando tapinhas no meu antebraço. — Sem ofensa, é claro.

Suas palavras atingiram sua marca, machucando meu interior e me abrindo apenas o suficiente para deixar minha raiva sangrar. Ele passa por mim como uma tempestade de vento, mas eu empurro de volta com algumas respirações profundas.

Não importa o que ela pensa.

— Eu não vou mentir, garota, ele foi bem intenso — disse Angie. — Como você o conhece? Você estava o escondendo.

Meus dedos brincam com um guardanapo, rasgando o papel

frágil em pedaços. — Eu não sabia quem ele era. — Eu olho para Maria. — Eu *juro*. Eu literalmente o encontrei da última vez que estivemos aqui, e então ele apareceu no café.

Os olhos de Angie se arregalam. — Ele *foi*? Eu nunca o vi lá antes.

Encolhendo os ombros, olho para o topo do bar, náusea agitando meu estômago pelo quanto quero mudar a conversa.

— Não é grande coisa. — Maria balança o braço. — Há um milhão de peixes no mar e tudo mais. Além disso, talvez ele apareça mais. Você não se importa se eu o arrebatara quando ele terminar com você, certo? — Ela sorri.

Ela provavelmente está certa e eu sou apenas uma emoção passageira. Algo inatingível que ele está ansioso para pegar, mas a visão que se forma em minha mente dos dois juntos faz meu interior torcer, ciúme corroendo no meu peito.

A sensação permanece lá pelo resto da noite, muito depois de eu ter mudado para água com gás e visto as meninas se perderem.

Está lá quando saímos pela porta da frente e sinalizamos um táxi, meu interior afundando em decepção porque James nunca fez outra aparição.

Uma das minhas pernas está no meio do táxi quando uma voz chama por trás.

— Senhorita.

Eu giro, meu coração disparando.

— Você. — Ele aponta para mim. — Me disseram para garantir que você não fosse embora.

Quando volto, fico cara a cara com Maria e Angie, com os olhos arregalados enquanto me olham de dentro do carro.

É irritante que eu esperei a noite toda, como ele me pediu, e só agora se incomodou em me parar. Bem, nem mesmo *ele me parou*.

Ele me implorou por um encontro e depois me penhorou com facilidade para seus funcionários.

Minha mandíbula trava no lugar e eu passa para deslizar para dentro do carro com as meninas, mas as punhaladas geladas e bêbadas do olhar de Maria me fazem vacilar, e me vejo repetindo todas as palavras que ela disse durante a noite, os insultos velados que ferem mais que chicotadas.

O sussurro de raiva que está se formando no meu interior finalmente se agrupa, e se eu tiver que escolher entre ficar irritada com James ou ser agredida verbalmente por Maria, a escolha é bem simples. Eu me inclino para dentro do carro. — Vão sem mim, garotas. Obrigada, por uma noite divertida.

Os olhos de Maria se estreitam em fendas.

Angie ri. — Você tem certeza, garota?

Eu aceno com a cabeça e giro para trás, caminhando em direção

ao homem sem nome e agitando meu braço em direção à entrada. — Bem? Leve-me ao seu mestre.

Seu sorriso cai em um escárnio, mas ele não diz uma palavra, sua mão empurra a parte inferior das costas para me impulsionar em direção à porta da frente.

Capítulo 11



James

Meu escritório no JR é o maior de todos os cômodos dos fundos. Costumava ser de Ru, mas eu o convenci a mudar, citando a necessidade do chuveiro privativo. Ele não necessariamente suja as mãos, então ele não lutou, mas existem certas ocasiões que exigem manchas para serem lavadas da minha pele.

Esta noite não foi exceção.

Meu cabelo ainda está úmido enquanto me sento atrás da mesa, relembando a descoberta que arranquei do cérebro daquele idiota

do Jason. Ele se desmanchou em soluções assim que entrei na sala, minha faca brilhando sob as luzes fluorescentes. A visão da minha lâmina de gancho girando entre meus dedos foi o suficiente para ele me contar tudo o que sabia. Não que sua versão da verdade me faça muito bem. Ele nunca, *na verdade*, conheceu o homem por quem ele decidiu que valia a pena me trair. Nem mesmo um nome.

Mas Jason é uma desculpa patética de um garoto. E os meninos são inconstantes.

Homens de verdade têm lealdade.

Dito isto, eu não sou idiota. Não é preciso ser um cientista para juntar dois mais dois. Há um novo jogador na cidade, um com poder e dinheiro para voar sob o radar. Não expondo seu mal ao mundo enquanto ele desfila como algum tipo de rei.

Peter Michaels.

É inteligente, na verdade. Afinal, é mais fácil cometer crimes quando você os esconde à vista de todos. As pessoas não *esperam* ver a escuridão à luz do dia.

Uma batida na porta do escritório me tira dos meus pensamentos.

— Entre.

Uma carranca estraga o rosto de Starkey enquanto ele empurra Wendy para dentro da sala.

O rosa de suas bochechas escurece quando ela olha ao redor do escritório, com o olhar me capturando atrás da mesa. Suas mãos se torcem juntas, e eu recordo a satisfação de ver seus nervos agitando tão visivelmente.

— Deixe-nos — digo a Starkey, meus olhos nunca deixando Wendy.

O ar é espesso - da mesma maneira que sempre é quando ela está aqui - a energia crepitando entre nós. Isso tornaria as coisas mais fáceis para mim pessoalmente se eu não estivesse atraído por ela, mas ter esse tipo de química sem dúvida ajudará meu plano a se desenrolar.

Ajudá-lo a fazê-lo *crível*.

Ela se aproxima, seu vestido azul pálido balançando em torno dos joelhos, cabelos escuros emoldurando suas bochechas rosadas. Sua língua desliza para lambe o lábio inferior.

— Oi — diz ela.

Meu estômago vira. — Oi de novo.

— Você normalmente envia lacaios para fazer seu trabalho sujo?

Eu inclino minha cabeça. — Isso depende. Você está planejando ficar ... suja?

Ela ri. — Você nunca desliga, não é?

— Desligo o que?

— O charme. Você deve ter praticado muito, da melhor maneira possível.

Levanto-me da cadeira, andando pela frente da minha mesa e encostando-me nela. — Você me acha encantador?

Seu rosto libera um tom mais profundo de vermelho, fazendo um raio de emoção percorrer meu peito. — Você não precisa de mim para inflar seu ego.

Estendo a mão e agarro a palma da mão, olhando para o esmalte rosa nos dedos delicados. Meu polegar desliza pela parte de trás da mão dela. — Pelo contrário, querida, acredito que preciso de você para muitas coisas.

A boca dela abre em um suspiro.

— Minha vez para perguntas. — Eu avanço para ela. — Eu te deixo nervosa?

— Não — ela murmura. O seu peito roça contra o meu torso a cada respiração, enviando um arrepio pela espinha.

Minha mão livre escova um fio de cabelo atrás da orelha. — Não minta para mim.

— Ou o quê? — ela sussurra.

O canto da minha boca se inclina. — Melhor você não descobrir.

Nossos olhos travam novamente e meu peito espasma. Ela olha para mim como se estivesse tentando ver as cores da minha alma, e o sentimento me faz *coçar*, então eu quebro nosso olhar, sabendo que a única coisa que ela encontrará é a sua ausência.

A mão dela se levanta e vira meu rosto, meu estômago sacudindo quando ela o faz.

— Por que você me trouxe aqui?

Meu olhar salta dos olhos para a boca, subitamente desesperado para saber se ela tem um gosto tão bom quanto parece. Eu me inclino mais perto, a respiração dela patinando pelos meus lábios. — Para dizer boa noite — eu sussurro.

Ela vem mais para perto de mim, suas curvas pressionando contra o comprimento do meu corpo, e mesmo através do tecido da minha camisa, eu posso sentir o calor.

Essa garota é capaz de me fazer perder a cabeça.

— Então, você vai? — ela pergunta. — Dizer boa noite, quero dizer.

Minhas sobrancelhas disparam para a minha linha do cabelo, surpresa piscando através de mim no quão atrevida ela está sendo. O sangue corre para o meu pau, endurecendo-o, e meu braço envolve a sua cintura, puxando-a para cima de mim, minhas pontas dos dedos apertando pelas laterais. — Você gostaria que eu desse?

— S... Sim — ela gagueja.

Suas mãos pressionam contra meu peito, e eu mergulho, meus lábios *tão* perto de tocar os dela.

Knock. Knock.

Wendy pula para trás e meu queixo aperta, frustração fluindo através das minhas veias para quem está interrompendo. — O que? — Eu grito.

Ru abre a porta e entra por dentro. — Garoto, eu... oh, merda. — Seus passos vacilam quando ele entra em cena. — Estou interrompendo?

Eu abafo o desejo de dizer para ele sair e, em vez disso, colo um sorriso no meu rosto. — Se você está perguntando, já sabe a resposta.

Ele se senta no sofá contra a parede oposta e abre as pernas. — Você vai nos apresentar? — Ele assente para Wendy.

Meu coração pula. *Não*. Eu não pretendia que Ru a conhecesse ainda. A última coisa que quero é que ele junte dois mais dois e perceba que ela é a filha do homem que está tentando mergulhar a mão dele nos nossos negócios.

— Eu sou Wendy.

Minha cabeça vira para ela, depois em Ru, e então ... a coisa mais estranha acontece.

Uma onda de algo quente chicoteia meu interior e corta meu

meio, até que eu tenho que me impedir fisicamente de puxá-la para meus braços e garantir que Ru saiba que ela é *minha*.

— Wendy. — Ele sorri. — Eu sou Ru. Prazer em conhecê-la.

— Você também. — Sua mão se levanta em um pequeno aceno. — Eu vou deixar vocês. Boa noite. — Ela sorri, mas está tensa, e meu peito puxa quando ela se move em direção à porta. Eu agarro o pulso dela enquanto ela passa. — Deixe-me levá-la para casa.

Ela balança a cabeça. — Não, tudo bem, sério. Vou pegar um táxi.

Meus dentes rangem, querendo discutir, mas sabendo que posso assustá-la se insistir com força demais. — Pelo menos, deixe-me levá-la até lá fora.

Ela morde o lábio inferior e assente, virando-se para a porta.

Minha palma vai para a parte inferior das costas, meus olhos se estreitando em Ru quando vejo o sorriso gigante em seu rosto. — Você. — Eu aponto. — Fique aí.

Ele levanta as mãos no ar, rindo. — Vá cuidar do seu negócio, garoto. Temos a noite toda.

Eu ando com Wendy na frente, ignorando os poucos clientes que restam no bar, Moira e Curly no canto limpando. Quando chegamos à rua, um táxi já está lá e está esperando.

Ela se move para abrir a porta, mas eu a paro, meus braços a

encurralando, o metal do teto do carro esfria sob meus dedos. — Você tem certeza que não me permitirá levá-la?

Ela gira, sorrindo para mim. — Obrigada, mas eu vou ficar bem.

Eu seguro sua bochecha, meu polegar tocando através do lábio inferior. Suas pupilas dilatam sob o brilho amarelo das luzes da rua. — Quando vou conseguir meu encontro, querida?

— Quando você quer marcar?

— Ontem. — Eu pressiono nela. — Agora. — Ela tropeça na porta do táxi. — Amanhã.

Suas mãos empurram contra o meu peito. — Amanhã funciona.

Eu me inclino para baixo, meus lábios roçando contra a orelha dela. — E como vou te encontrar?

— Você pode me buscar no café às sete. — Ela se levanta na ponta dos pés para tocar os lábios na minha bochecha. — Boa noite, James.

E então ela entra no táxi, fechando a porta atrás dela.

Eu me movo para a frente, batendo na janela do passageiro até que ela seja abaixada, pegando a placa de identificação do motorista e abaixando minha voz para que Wendy não ouça. — *Qualquer coisa que acontecer com ela e não haverá canto da terra que possa te esconder de mim. Compreende?*

Os olhos do taxista se arregalam quando ele pega as notas da minha mão e assente.

— Bom homem. — Bato no topo do carro e fico no meio-fio até que eles virem a esquina, imaginando qual é a sensação de calor no meu peito, e por que sinto que amanhã não pode chegar rápido o suficiente.

Capítulo 12



Wendy

Meu armário está devastado, montes de roupas cobrindo o chão. Gemo, olhando para as pilhas. Como é possível possuir um milhão de peças de roupa, mas não ter uma única coisa para vestir?

Os nervos correm pela minha espinha enquanto olho para o relógio e percebo que tenho meia hora antes de encontrar James no The Vanilla Bean.

Merda.

Eu poderia tê-lo feito me buscar aqui, mas o pensamento dele vendo onde eu moro tem meu estômago revirando. Se ele vir a mansão, ele se perguntará como estou morando nela, e considerando que ele é a primeira pessoa na minha vida que parece gostar de mim por *mim*, em vez de quem é meu pai, espero evitar isso o maior tempo possível.

Muitos homens tentaram entrar no meu coração, todos eles com um interesse no sorriso. Seus olhares eram doces, mas era apenas uma questão de tempo até que seus olhos se iluminassem para meu pai de uma maneira que nunca fizeram por mim. Não que eu tenha me apaixonado por eles em primeiro lugar. Aprendi desde tenra idade - seis, para ser exata - que as pessoas estavam mais interessadas em como eu poderia servir ao seu bem-estar, em vez de se preocuparem com o meu. Até as crianças entendem a pontada da solidão e, quando minha mãe morreu, todos com quem cresci sumiram. Como se *eu* fosse o problema. Como se minha dor fosse um fardo demais para eles suportarem.

E talvez seja por isso que sinto tanta atração por James. Porque pela primeira vez na minha vida há alguém que me quer por mim, sem todas as outras besteiras que acompanham isso.

Suspirando, eu me encaixo em um vestido preto, apertado o suficiente para mostrar minhas curvas, mas simples, onde não parece que estou tentando demais, e termino de me arrumar antes de descer as escadas.

Jon está sentado na sala da família, com pedaços de um modelo de avião desmontado e ocupando toda a mesa de café. Eu pulo na cadeira em frente a ele.

Ele olha para cima, os olhos se arregalando quando ele me

observa. — Você está bonita. Grande encontro?

Eu sorrio, meu peito está esquentando com o elogio dele. — Obrigada, sim, na verdade... Eu tenho um encontro.

— Legal. — Ele sorri. — Vou começar a estudar em casa.

Suas palavras batem no meu interior, deixando meu peito pesado de indecisão. Eu não contei a ele sobre o colégio interno. Não parece certo saber e não contar a ele, mas papai disse que voltaria para casa. *Ele* deve ser o único a ver o rosto de Jon quando ele perceber que está sendo mandado embora.

Olho em volta, observando os modelos de aviões acabados montados em vários pontos. É algo em que Jon sempre gostou, mas desde que nos mudamos, ele poderia encher a casa inteira com eles. — Como você está com tudo? — Eu pergunto.

Ele inclina a cabeça, os olhos se estreitam nas peças que ele encaixou. — Questão vaga, Wendy.

— Quero dizer... *tudo*. Tipo, o estudo e outras coisas? Você está bem?

Ele encolhe os ombros. — Estou bem. Prefiro desta maneira, na verdade. Se eu pudesse ficar aqui nesta casa para sempre e nunca mais sair, seria cedo demais.

A culpa atravessa-me, envolvendo-a firmemente até explodir. Talvez ainda haja tempo para convencer papai dessa ideia estúpida do colégio interno. Mas, novamente, quão saudável pode ser para uma criança da idade dele ficar escondida em uma casa o dia todo

com apenas sua irmã mais velha como companhia?

Ele esfrega o nariz. —Sério, Wendy. Eu estou *bem*. Você se preocupa demais.

Eu sorrio. — Alguém precisa.

— Vá aproveitar o seu encontro. — Ele acena para mim.

Eu mastigo a parte interna da minha bochecha, meus dedos torcendo no meu colo. — Talvez eu pudesse cancelar e poderíamos sair?

O olhar de Jon finalmente deixa seu avião, com os olhos arregalados enquanto ele olha para mim.

Eu deixo escapar um fôlego. — *Bem*, você não precisa parecer tão mortificado com o pensamento.

Ele sorri com isso, as covinhas nas bochechas fazendo meu coração doer por serem idênticas às de nossa mãe.

— Tudo bem então. Vejo você mais tarde, eu acho. — Eu me levanto para sair.

— Não faça nada que eu não faria.

Meus olhos se estreitam. — Você não faz *qualquer coisa*.

Ele ri. — Exatamente.

Por meio segundo, penso em cancelar com James de qualquer maneira. Ele é intimidador, consumidor do tipo que faz seu interior tremer e sua mente ficar enlameada. Mas mesmo quando o pensamento passa pela minha cabeça, eu o jogo para o lado, sabendo que não vou.

A atenção de James é uma brasa, queimando meu interior e iluminando tudo em seu caminho. E nas partes mais sombrias da minha mente, espero que meu pai descubra que estou saindo com um homem como James - um que é um pouco mais velho e muito poderoso, ele finalmente volte para casa.

Minha ansiedade aumenta como uma tempestade no caminho para o café. Eu ando em direção à porta da frente, minhas mãos úmidas deslizando pela frente do meu vestido, respirando fundo para acalmar meus nervos.

O que eu estava pensando dizendo sim a isso?

Cheguei um pouco mais cedo especificamente, então eu teria algum tempo, mas quando entro, ele já está aqui, conversando com Angie como se fossem velhos amigos, seu terno cortado perfeitamente em sua estrutura. Eu me pergunto como ele seria em jeans ou em uma camisa velha e manchada. Parece que ele nunca é nada menos do que perfeitamente montado.

Meu olhar se move pela loja. Está cheio esta noite, e James ainda não percebeu que estou aqui. Meu coração bate contra minhas costelas. Andar em sua direção parece mergulhar no fundo do poço sem saber nadar, mas isso não faz meus passos vacilarem. Ao contrário, eu pego o ritmo, uma estranha sensação de emoção me fazendo querer descobrir até onde a água vai.

Angie me vê primeiro, seus olhos brilhando quando ela me observa. — Ei, garota, olha quem está aqui. Alto, moreno e bonito apareceu cedo.

James se vira para mim e, como uma onda de energia, meu corpo acende, a eletricidade de seu olhar fazendo meu cabelo arrepiar.

— Oi. — Eu sorrio.

Ele se endireita e se move em minha direção, perto o suficiente para deixar um beijo na minha bochecha. Sugo uma respiração, o calor do corpo dele enviando um arrepio pelo meu lado. Suas pontas dos dedos seguem pelo meu braço enquanto ele recua, e seu olhar é pesado, me despindo com um olhar simples. Uma sensação inebriante cresce profundamente na minha barriga e se instala entre as minhas pernas.

— Linda — diz ele.

É uma palavra, mas me acaricia como veludo, meu interior ronronando com a aprovação dele.

— Você também.

Ele sorri. — Você acha que eu sou bonito?

Seu tom é divertido e acende o mesmo fogo estranho desde a primeira noite em que nos conhecemos, quando me perguntei como seria ser um tipo diferente de Wendy.

Minha sobrançella se arqueia. — Você acha que um homem não pode ter beleza?

— Um homem pode ter muitas coisas, querida. — Ele se aproxima. — Mas a única beleza que espero ter hoje à noite é a sua.

Meu estômago vira, borboletas estourando como um canhão. — Sua boca deve ser ilegal — murmuro. — Então ... onde você está me levando?

Angie ri. — Quem *se importa* onde ele está levando você, garota? Apenas vá. — Ela faz um movimento com as mãos.

James olha para ela antes de descansar a palma da mão na minha parte inferior das costas. — Ela está certa, você sabe. Você deve relaxar, vamos jantar e alimenta-la adequadamente. — Ele se inclina, seus lábios deslizando pelo topo da minha orelha. — E se você for uma boa garota, talvez eu lhe mostre a *real* razão pela qual minha boca deve ser ilegal.

O calor inunda meu corpo, girando pelo meu interior e pulsando entre minhas pernas. Eu solto uma respiração surpresa, meus dedos empurrando contra o peito dele. — Isso é extremamente presunçoso.

Seus olhos brilham, sua mão nunca sai das minhas costas enquanto ele me move em direção à porta. — Apenas informando o que está no menu.

Ele me leva para fora para um Audi preto. Minha mão chega para segurar a maçaneta, mas antes que eu possa, ele está lá, abrindo a porta e me ajudando.

Meu coração salta. Um gesto tão simples, mas que me faz sentir especial. *Cuidada.*

— Sinto que devo ficar ofendida — digo quando ele entra no banco do motorista.

Ele sorri, ligando o carro, mas deixando-o ocioso enquanto torce para olhar para mim. — Por quê?

— Você acabou de me dizer para ser uma boa garota, e você ... você sabe.

Sua testa se levanta. — Não tenho certeza se sim.

Ele se move rapidamente, debruçado sobre o console, seu corpo me empurrando até eu pressionar contra o assento. Ele desliza o nariz pelo meu pescoço, e meu estômago está tão apertado que perco a respiração.

— Porque eu quero colocar minha boca em você. — Seus lábios deslizam da minha orelha até a minha mandíbula até ficarem acima da minha.

Meu coração bate contra o meu peito. *Estou tão fora do meu elemento.*

— Eu prometo que você gostaria — ele sussurra.

E assim, o calor do corpo desaparece quando ele se move para o lado do carro e sai do estacionamento.

Capítulo 13



James

Vou levá-la para a marina; para minha casa. Eu considerarei um passeio mais público, mas decidi contra, não querendo arriscar o pai dela descobrir antes que eu estivesse pronto.

Gostaria que ele soubesse exatamente quem eu sou antes de tirar o tapete debaixo dele.

Felizmente, Ru não fez perguntas, provavelmente assumindo que ela era algo rápido para eu aproveitar. Se ele pensasse nisso por tempo suficiente, perceberia que nunca tive uma garota

aleatória no escritório, apenas Moira, e somente quando preciso descarregar. Mas as pessoas veem o mundo através de uma lente pessoal e, às vezes, é mais fácil acreditar no que *você* pensa que é verdade em vez de ter que descobrir as coisas. Geralmente, isso funciona a meu favor.

Nosso encontro com Peter é amanhã, e eu estou praticamente tonto com o pensamento de conhecê-lo cara a cara e assistir o olhar em seus olhos quando dissermos que não. Ele pode ser um homem de negócios sujo o quanto quiser, na verdade, tenho certeza de que ele se destacou no papel por muitos anos, mas ele não entrará em cena *neste* território e no direito de propriedade. Ele já tomou o suficiente de mim, não vou permitir que ele tenha isso também.

Um cheiro de baunilha espirala através do meu nariz.

Wendy.

Forço um sorriso, reorientando minha atenção nela, não querendo mostrar os pensamentos violentos correndo pela minha cabeça. Surpreendentemente, não sinto ressentimento, apesar de ela ser filha do meu inimigo. De fato, se eu pensar nisso por tempo suficiente, há uma gavinha de algo doentio e doce que serpenteia por dentro, arrependimento, ela tem que ser usada dessa maneira, como um peão em um objetivo muito maior do que jamais será.

Mas nunca sou de deixar passar uma oportunidade de ouro, e é exatamente isso que ela é. Uma maneira de eu brincar com minha presa antes de acabar com ele.

Peter Michaels não merece uma morte rápida, ele merece um acerto de contas.

Uma percepção de que ele não tem amigos. Nenhuma família. Sem orgulho. Que *tudo* foi tirado dele; suas escolhas se afastaram e sua realidade se transformou em pesadelos.

E *então* eu vou matá-lo.

Entramos na marina e, antes mesmo de tirar a chave da ignição, Wendy está alcançando a porta. Minha mão dispara, enrolando em seu pulso. — Qual é a pressa? Fique quieta.

Seus olhos se arregalam quando ela faz uma pausa. — Oh eu...

Soltando-a, deslizo do carro, andando para abrir a porta do passageiro. Um pico de excitação brilha através de mim enquanto olho para baixo, seus olhos de chocolate brilhando enquanto ela sorri para mim, seu rosto nivelado com a minha virilha. Uma posição tão bonita em que estamos. Eu estendo minha mão e ela coloca a palma da mão na minha, meus dedos apertando um pouco enquanto eu a puxo de seu lugar. Assim que ela está de pé, eu a empurro para frente, dando um gritinho enquanto ela tropeça no meu corpo. — Permita que um homem seja cavalheiresco, sim?

Sua cabeça mergulha levemente para descansar contra o meu peito antes que ela limpe a garganta e recue. Ela olha em volta. — Estamos indo para um barco?

Eu sorrio. — Está tudo bem?

Acenando, seus dedos torcem na frente dela. — Está tudo bem, eu apenas... Eu não sou a melhor na água.

Minha mão repousa sobre a região lombar enquanto eu a guio

em direção à passarela, passando pelos outros barcos, onde no último lugar meu iate à vela de quarenta e três metros fica. *The Tiger Lily*.

— Não estamos saindo para lugar nenhum, apenas pensei que poderíamos jantar em algum lugar privado.

Deslizando minha palma em volta da cintura, ajudo-a a sair da passarela para o convés lateral. Normalmente não trago pessoas para onde moro e definitivamente nunca uma mulher, mas quero que ela se sinta especial. *Diferente*.

— Este é seu? — ela pergunta.

Acenando, eu sigo atrás dela, a sensação de seu vestido preto macio debaixo da minha mão. — Sim.

Os iates à vela são maravilhosos pela maioria dos motivos. Luxuosos, confortáveis e, o mais importante, são extremamente móveis, permitindo que eu escape para um dos meus muitos locais de propriedade em todo o mundo, se necessário.

Ela olha ao redor da sala, os móveis creme se encaixando bem no chão de madeira de cerejeira. — Você mora aqui?

Meu estômago aperta enquanto a vejo absorvê-lo. — Eu moro.

— É lindo.

Calor escorre pelo meu peito. Eu ando atrás dela. — Você é linda.

Ela gira e eu me aproximo, aproveitando a maneira como seu corpo fica vermelho toda vez que eu faço. — Você gostaria de um tour agora ou mais tarde?

— Hmm. — Ela inclina a cabeça para um lado, e eu resisto ao desejo de me inclinar e deslizar meus lábios pela pele. — Acho que jantar primeiro e depois um tour.

Acenando, eu a levo ao convés solar, onde meu membro da equipe, Smee, preparou o jantar. Eu sorrio, satisfeito com o resultado de seu trabalho. As luzes do pátio são amarradas, lançando um brilho romântico, e toalhas e pratos brancos são colocados na mesa redonda, cercada pelos bancos almofadados em forma de U; champanhe esfriando no centro.

— Uau, é lindo aqui em cima — ela solta. — Isso é uma *banheira de hidromassagem*?

Puxo a sua cadeira enquanto ela se senta antes de caminhar para o meu lado da mesa. — Sim. Podemos entrar se quiser.

Sentado em frente a ela, abro o champanhe e derramo um copo para nós dois, ignorando a maneira como meu peito puxa ao vê-la cercada pelas cores rosas e roxas do pôr do sol. Eu não estava mentindo quando disse a ela que ela era linda. Ela é.

Dolorosamente.

— Espero que o salmão esteja bom? — Eu pergunto.

Olhando para a comida, ela assente, pegando o garfo. — É perfeito.

Ela está quieta enquanto come, e eu aceito, meu pau cresce a cada pequena mordida que ela escorrega na boca, os olhos se fechando enquanto ela geme com o gosto. Nós dois limpamos nossos pratos, conversa fiada e a brisa da água, as únicas coisas para nos fazer companhia.

Smee aparece silenciosamente para limpar nossos pratos, fazendo Wendy pular em sua cadeira. — Oh meu *Deus*, eu não sabia que mais alguém estava aqui.

Eu sorrio. — Esse é o Smee. Meu primeiro no comando, digamos assim.

Ele sorri, seus cabelos castanhos pulando sob seu ridículo gorro vermelho enquanto inclina a cabeça. — Prazer, senhorita.

— Primeiro no comando. — Ela ri. — Como um pirata? Isso faz de você o capitão?

A diversão escorre pelo meu peito e eu me sento para a frente. — Sim, na verdade. Eu comando *todo* navio em que estou. Eu ficaria mais do que feliz em mostrar a você.

Sua boca cai, suas bochechas se espalhando com rosa.

O sol já se pôs há muito tempo, a lua lançando um brilho assustador da água, e espero até Smee limpar nossos pratos e entrar antes de falar. — Você é maravilhosa ao luar, querida.

Tomando um gole de sua bebida, ela ri. — Você é realmente outra coisa, sabia disso?

Levanto a taça de champanhe até os lábios, deixando um pouco do líquido borbulhante cair na minha língua antes de engolir. — Comparado com o que?

Ela inclina a cabeça. — Bem ... não tenho certeza. Com todos os outros homens, eu acho.

— E isso é uma coisa ruim?

— Não, de jeito nenhum. — Ela sorri.

É um sorriso lindo, mas não ilumina o seu rosto, e a irritação cresce por dentro, sabendo que ela está de repente fingindo. Posso usá-la como suporte, um brinquedo temporário, mas não gosto quando as coisas que considero minhas não são reais na minha presença. E é isso que ela é, até eu decidir o contrário: minha.

— Não faça isso.

— Fazer o que?

— Colocar uma máscara. Aqui não. Não comigo.

Ela balança a cabeça, colocando o garfo no prato. — Então posso ser honesta?

— Espero que você nunca seja nada menos.

— Eu realmente não sei como agir ao seu redor. Não sei dizer se você está realmente tentando me conhecer, ou ... se está tentando me impressionar, ou o quê.

Minhas sobrancelhas levantam. — E se eu *estou* tentando impressioná-la?

O lábio dela se contrai. — Então não está funcionando.

— Oh? — Minhas sobrancelhas se levantam e eu coloco a taça de champanhe, inclinando-se. — Bem então, o que *iria* impressioná-la?

Ela sorri. — Se eu tenho que lhe dizer, não iria me impressionar, não é?

Uma risada borbulha no meu peito, mas eu a mordi de volta, minha mão subindo para esfregar a barba no meu queixo.

— Eu quero saber sobre *você* — diz ela.

Meu estômago revira para as palavras dela. Abro os braços e olho em volta. — Desculpe desapontar, mas isso *sou* eu querida.

Ela balança a cabeça, colocando o guardanapo na mesa antes de ficar de pé e se aproximando de mim. E então ela cai bem no meu colo. Minhas mãos disparam imediatamente para descansar em suas coxas, surpresa tremeluzindo através de mim com sua ousadia. *Isto* eu não esperava.

— Não — ela sussurra, seu rosto está a centímetros do meu. Meu abdômen se aperta, percebendo pela primeira vez como as manchas de âmbar se espalham dentro do marrom escuro de seus olhos. — É isso que você tem, — continua ela. — Eu quero saber o que está aqui. — A mão dela pressiona contra o meu peito.

Meu coração bate contra o peito, esperando que ela não possa sentir através da minha pele, não querendo admitir, nem mesmo para mim, que o que ela está fazendo está me afetando.

Mas está.

Movendo minha mão para cobrir sua bochecha, meu polegar pressiona seu lábio inferior. Suas respirações são pesadas, seu peito roçando contra o meu a cada expiração. Nossos olhos estão trancados, e há uma sensação perturbadora se formando no meu estômago. É novo e *indesejável*, e eu não sei como controlá-lo, então faço a única coisa em que consigo pensar para afogá-lo.

Eu me inclino e a beijo.

Capítulo 14



Wendy

Seus lábios são surpreendentemente macios quando encontram os meus, não que eu esteja reclamando.

Eu me entrego, afundando mais em seu aperto, o braço dele enrolando em minha cintura e me puxando mais forte enquanto a sua mão cobre minha bochecha.

Meu coração voa com sua doce carícia, mas logo, como se o fogo lambendo minhas veias se refletisse em suas ações, ele aprofunda o beijo, sua língua bisbilhotando minha boca. Eu gemo ao seu gosto,

meu estômago cambalhota pela maneira como ele me consome completamente. O calor dispara pelo meu meio e palpita entre minhas coxas, e eu jogo minha perna sobre ele, meu centro descansando diretamente em cima do seu colo.

Ele geme quando eu solto meu peso, seus quadris empurrando em mim. Eu sugo um suspiro no movimento, meus lábios se afastando com a sensação dele duro e grosso debaixo de mim. Sua mão leva meu rosto de volta para o dele.

Eu pressiono, balançando para a frente, o atrito de seu comprimento ao longo da minha fenda fazendo com que os formigamentos passem por mim, meu clitóris inchando enquanto uma onda de umidade vaza do meu núcleo.

Movendo a mão da minha bochecha, ele coloca as duas palmas nos meus quadris, guiando meu movimento enquanto trabalhamos um ritmo, seus lábios separando dos meus para se mover pelo comprimento do meu pescoço. Ele morde, chupa e beija, e enquanto tenho certeza de que ele está deixando marcas, não consigo encontrar em mim para me importar, perdida demais no jeito que ele parece me moldar para me encaixar perfeitamente em cada pedaço dele.

— Você tem um gosto muito melhor do que eu imaginava — ele geme na minha pele.

Minha cabeça recua, permitindo-lhe mais acesso à extensão da minha garganta.

— Faça-me um favor, *pet*.

— A... qualquer coisa — eu gaguejo.

— Moa essa boceta doce em mim até você fazer uma bagunça por todo o meu colo.

Gemo, mesmo que suas palavras sujas enviem uma onda de vergonha através de mim. Eu *nunca* tive alguém falando comigo dessa maneira. Ainda assim, há um comando tão atraente em seu tom, que estende a mão e envolve meu corpo, pedindo que eu cumpra.

Minha umidade está encharcando através do tecido da minha calcinha enquanto eu persigo meu orgasmo. Seu comprimento pulsa contra mim, ficando mais rígido a cada rolar dos meus quadris. O pensamento de que sou eu quem faz isso com ele, que *eu sou* aquela que o faz ficar tão duro, envia uma explosão de confiança através de mim, e eu dobro meus esforços, algo quente enrolando na base do meu estômago.

Seu olhar me absorve como uma esponja, e eu fecho meus olhos, imaginando como será com ele dentro de mim. Meu núcleo se aperta, ansioso por algo para preenchê-lo, mesmo que nada tenha feito antes.

Ele se inclina para a frente, seus lábios tocando a lateral do meu pescoço, fazendo com que arrepios brotem ao longo do meu corpo. — Quando você está sozinha no seu quarto, como você se faz gozar?

Eu mal consigo me concentrar nas palavras dele, minha mente enevoada de prazer, mas entendo o que ele está pedindo. E por alguma razão, confio que ele saiba. Então, em vez de falar - algo que não tenho certeza de que sou capaz agora - mostro a ele.

Movendo a mão de onde está descansando na minha cintura, eu a coloco de volta no meu pescoço. E então eu pressiono os dedos dele, porque quero que ele aperte.

Seus olhos brilham, seu braço se envolvendo completamente em volta da minha cintura e empurrando meu corpo para ele. — Você gosta de ser sufocada, querida? — Seus dedos se apertam mais com um impulso dos quadris. — Quer que eu aperte sua garganta até que você esteja à beira do esquecimento e vendo estrelas? — A pressão aumenta.

Eu gemo, meus olhos revirando enquanto minha cabeça se inclina para trás. Arrepios de prazer ao longo da minha pele e correndo pela minha corrente sanguínea. A verdade é que, mesmo com minha inexperiência, tenho impulsos. Noites onde eu deito na cama, exibindo minhas fantasias nas sombras da lua. E só houve uma maneira de me fazer gozar; prendendo a respiração até meus pulmões se forcem e minha mente escurecer.

Talvez seja estúpido da minha parte permitir que esse quase estranho controle algo tão vital quanto o ar que respiro, mas por algum motivo, confio nele.

— Por favor — eu forço.

Ele nos vira, meu corpo flexível e disposto embaixo dele enquanto me deita no banco almofadado. Seu corpo paira sobre mim como perigo na forma humana, seus olhos escuros quando ele aplica a quantidade perfeita de pressão contra minha traquéia. Sua outra mão desliza pelo meu corpo, iluminando meu interior com faíscas, seu toque como gasolina no fogo nas minhas veias. A palma da mão desliza ao longo da bainha da minha saia e ele desliza por baixo, passando as almofadas dos dedos ao longo do vinco da minha

calcinha encharcada. Meus quadris empurram contra a mão dele, desesperados para senti-lo tocar minha pele.

Seu aperto aumenta no meu pescoço no mesmo momento em que ele se esgueira sob a costura da minha calcinha. — Tão molhada para mim — diz ele, com os dedos subindo e espalhando minha excitação ao longo da costura dos meus lábios.

Meu coração pula, meu estômago está tão apertado que pode quebrar a qualquer momento.

— Uma tentação tão deliciosa. — Ele lambe os sucos da minha boca.

Minhas pernas tremem.

E então a mão dele está de volta ao meu âmagô, dois dedos me abrindo e deslizando facilmente para dentro de como estou encharcada. Eu ofego, minhas costas arqueando na intrusão.

Seu rosto ainda está ao lado do meu, sua boca dando beijos ao longo da minha mandíbula. — Tão apertada. Alguém já tocou em você aqui antes?

Não tenho certeza se ele quer que eu diga não, mas o pensamento dele assumindo que eu sou uma flor intocada com *zero* experiência é tão desagradável que não consigo encontrar em mim mentir. — Sim — eu sussurro.

Seus olhos escurecem, dedos se contorcendo contra o meu osso. Sua respiração se estende ao longo da minha orelha e pelo meu pescoço, enviando um frio correndo ao longo da minha espinha.

— Ninguém pode tocar em você aqui novamente. — Seus dedos entram e saem enquanto o polegar circula lentamente contra o meu clitóris inchado. — Eu sou um homem muito possessivo, Wendy. E eu quero você para mim.

Suas palavras devem soar alarmantes, mas tudo o que fazem é acender as chamas da minha paixão, dificultando a respiração.

Ou talvez seja a mão dele aumentando lentamente a pressão contra o meu pescoço.

Puxo o fôlego o mais fundo possível com o aperto de ferro, sentindo que posso morrer se não gozar. Minha cabeça fica tonta quando meus pulmões imploram por ar, minha mente gritando para eu arranhá-lo para tentar aliviar a pressão. Minha mão voa para cima, dedos enrolando em seu pulso, as veias do antebraço tensionando sob minha palma. Meu centro contrai.

Seu aperto na minha garganta aumenta quando a pressão no meu clitóris pulsa e palpita, espalhando uma sensação de formigamento pelo meu corpo. Uma queimadura cresce no meu peito, irradiando para fora, e a escuridão aparece na minha visão. E então eu explodo, minha boca se abrindo em um grito silencioso, minhas paredes internas ordenando seus dedos como se quisessem chupá-lo e nunca o deixar sair. Sua mão imediatamente afrouxa, transformando-se em movimentos suaves e calmantes enquanto eu puxo o ar, meu peito se levantando contra o dele.

— Uma garota tão boa — ele ronrona.

A satisfação percorre minhas veias e toca profundamente no meu peito; quente, macio e tudo de bom. Ele se move, levantando meu corpo para que ele possa se instalar atrás de mim, e eu me

enrolo sobre ele, sua mão grande acariciando meu cabelo e sussurrando palavras de elogio.

Não tento falar, não tento pensar muito sobre o que deixei acontecer. Como ele está me tratando como um tipo de animal de estimação de que se orgulha, ou como isso me faz sentir quando ele o faz. Eu apenas fecho meus olhos e deixo esse momento ser o que é.

E quando acordo, não estou mais no convés e estou sozinha.

Capítulo 15



James

A chaleira ferve no fogão e olho para as costas das minhas mãos enquanto seguram o balcão. O que aconteceu antes com Wendy foi inesperado. Mas *Cristo*, do jeito que ela se desmanchou sob meus dedos, do jeito que ela *implorou* para cortar o suprimento de ar dela e tremer sob o meu toque, me fez perigosamente perto de perder o controle.

E isso é inaceitável.

Eu adoraria negar, mas infelizmente conhecer as próprias fraquezas é fundamental para superá-las e *Wendy* tornando-se uma

fraqueza é meticulosamente óbvio. Especialmente depois que eu a carreguei do terraço para meus aposentos pessoais, e depois a observei dormir, aproveitando a maneira como seus cabelos escuros contrastavam com o creme dos meus lençóis.

Olho para a chaleira, irritado por ela me afetar tanto. Que ela chama para os meus impulsos básicos e os trás para fora, me fazendo lutar pelo controle. Com um escárnio, empurro a chaleira do fogo, passando a mão pelo meu cabelo.

— Eu posso fazer isso por você, você sabe — diz Smee enquanto entra na sala com os pratos restantes do jantar.

— Isso não será necessário, obrigado.

Ele assente, indo para a pia, colocando os óculos ao lado da bacia. — Ela é uma garota legal.

— Hmm? — Eu pergunto, meu polegar e indicador esfregando contra meu queixo.

— Eu disse que ela é uma garota legal.

Eu me viro, observando-o. Smee está perto da minha idade e trabalha no meu barco desde que o encontrei nas ruas ao lado do JR quando eu tinha dezoito anos, no fim de semana depois que matei meu tio. Ele estava sem-teto, implorando por mudanças, mas havia um olhar em seus olhos. Algo que me disse que ele recebeu algo ruim na vida e só precisava de uma maneira de recuperar o controle depois que ele foi tratado.

E é algo com o qual posso me relacionar.

Durante semanas, eu o visitava, levando pequenas quantidades de dinheiro, comida e roupas quentes, assistindo do lado de fora para ver se ele era um subproduto das drogas que canalizava nas ruas ou se ele era outra coisa. Alguém digno de uma segunda chance.

Felizmente para ele, era o último.

Quando eu comprei *The Tiger Lily* com a herança dos meus pais; aquela que foi escondida de mim pelo meu tio, fui direto para Smee e ofereci-lhe um local e alimentação. Uma nova chance. Um novo começo. Contanto que ele jurasse sua lealdade e só trabalhasse para mim. Fora Ru, ele tem sido a coisa mais constante da minha vida.

Ainda assim, eu o mantenho à distância, não permitindo que ele saiba sobre as partes mais sombrias da minha vida. Qualquer um pode se virar se receber o incentivo certo e, embora eu saiba que Smee me seguiria até os confins da terra, não estou disposto a arriscar que ele seja arrebatado e revele segredos que não são dele. Seria uma pena ter que acabar com sua vida.

— Eu não preciso que você aprove minhas conquistas, Smee. Lave a louça e mantenha meu iate sob controle. *Que* é pelo que eu o pago — eu grunhi.

— Desculpe, chefe. — Ele acena e vira as costas, concentrando-se nos pratos da pia. Mas suas palavras filtraram através das minhas bordas já desgastadas. Eu *sei* que garota legal é Wendy, sua inocência de coração puro sangra de seus poros como óleo, brilhante e impossível de desviar o olhar. Talvez seja por isso que ela me atrai do jeito que ela faz, as partes sombrias da minha alma doendo por sua luz.

Voltando aos meus aposentos pessoais, lembro-me do que está em jogo. Ela é uma *ferramenta*. Algo a ser usado e quebrado, um meio para um fim e nada mais. E enquanto estou ansioso para me divertir com ela, permitir esses *sentimentos* confundirem meu interior não me fará bem.

Meu objetivo reforçou, deslizo para abrir a porta, passos vacilando quando a vejo sentada no centro da minha cama, cabelo uma bagunça e olhos ainda pesados com o sono.

Um sorriso ilumina seu rosto, fazendo meu estômago apertar.

— Oi. Fiquei preocupada quando acordei sozinha.

Sento-me na beira da cama. — Minhas desculpas. Eu pensei que você poderia estar com sede, mas depois percebi que não tenho certeza do que você gostaria.

— Oh. — Suas bochechas crescem com seu sorriso. — Isso é legal da sua parte. Por um momento, fiquei preocupada por ter sido sequestrada. Acordar em uma sala estranha era um pouco desorientador.

— Maravilhosos sequestradores para mantê-la em lençóis de alta qualidade.

— Bem ... você nunca sabe, eles poderiam estar tentando me enganar até a submissão.

Meus lábios se contraem, diversão borbulhando no meu peito.
— Submeter você?

— Sim, você sabe. — Ela move um fio de cabelo da testa. — Síndrome de Estocolmo ou o que quer que seja.

Minhas sobrancelhas levantam. — E você acha que é suscetível a uma coisa dessas?

Ela assente. — Acho que somos todos suscetíveis a coisas estranhas quando nosso estado emocional e físico está sob coação.

— Muito astuto, querida. — Náusea agita no meu interior.

A parte de trás das suas mãos se levanta para descansar contra as bochechas. — Sinto muito por ter adormecido depois ... Você sabe. Eu não quis.

Ela balança a cabeça e uma leve cor chama minha atenção. Meu braço avança para tocar minhas pontas dos dedos ao longo das marcas rosa que agarram seu pescoço. — Nunca peça desculpas por encontrar conforto comigo. — Eu tiro minha mão, sangue correndo para minha virilha enquanto percebo que ela carrega minhas marcas em volta da garganta como uma coleira. — Seu pescoço está bem?

Sua mão se move da bochecha para a traquéia. — Está bem.

— Tem certeza?

— Não dói. — Os lábios dela franzem. — É perfeito.

— Parece que pode doer.

Ela encolhe os ombros.

Eu me inclino, inclinando a cabeça para o lado e pressionando um beijo suave nas marcas. — Gosto da ideia de você ter um lembrete de mim em sua pele.

Sua boca se separa quando ela puxa uma respiração. Eu levanto o seu queixo e fecho os lábios com as pontas dos dedos. — Você pode ficar aqui, se quiser, ou eu posso levá-la de volta para o seu carro.

— Que horas são?

— Tarde — eu respondo.

Os dedos dela torcem no colo. — Eu acho ... eu provavelmente deveria ir para casa. Eu tenho que trabalhar de manhã.

Eu aceno. — Eu entendo, embora eu queira que você me mime e fique.

O passeio de carro de volta ao The Vanilla Bean é um clássico silencioso e suave tocando através dos alto-falantes enquanto ela olha pela janela. Mais uma vez, me vejo apreciando todas as maneiras pelas quais ela não pressiona pela conversa, optando por encontrar conforto em nosso silêncio. Não há muitas pessoas que possam fazer isso, e isso faz meu respeito por ela crescer.

Estaciono ao lado do carro dela e, desta vez, ela nem tenta abrir a porta. O prazer escorre através de mim, sabendo que ela já está fazendo o que eu peço. Depois que abro a porta, ela pega minha mão e se levanta antes de descansar as palmas no meu peito. — Obrigada por um encontro maravilhoso — diz.

— Você pode me agradecer novamente depois do próximo. —
Meus braços envolvem a sua cintura e a puxam para mais perto.

— Você tem tanta certeza de que haverá outro?

Eu sorrio, andando de volta até que ela fique nivelada ao lado do carro. Minha mão deixa a sua cintura, envolvendo-a suavemente em volta do pescoço, minhas pontas dos dedos pressionando em cima dos machucados. Eu inclino a cabeça para trás. — Eu já lhe disse uma vez que quero você para mim. — Meus lábios roçam contra a mandíbula dela. — Acho que você descobrirá que posso ser muito *persistente*.

Sua respiração treme e uma vontade visceral bate em mim, meu interior treme com a necessidade de mergulhar dentro dela. Sentir seu corpo se moldar ao meu redor enquanto eu a destruo de dentro para fora.

Eu me forço a recuar, meus dedos apertando um pouco antes de liberar.

— Qual é o seu sobrenome? — ela pergunta.

— Barrie — respondo sem pensar. Meu coração começa a palpitar, pulmões apertando. Eu não quis dizer isso a ela. É muito arriscado, nossos pais trabalharam juntos por anos, e não posso ter certeza de que ela nunca ouviu isso. Felizmente, ela nem se encolhe.

O lembrete de quem ela é filtra através das minhas veias como veneno, raiva cortando a névoa de sua presença, e eu recupero o controle que senti escapando.

A mão dela sobe para o meu rosto, dedos tocando sob meus olhos. — O que foi?

— O que foi o que, querida?

Ela balança a cabeça. — Algo ... seus olhos ... eles mudaram.

— Eles fizeram? — Eu volto nos meus calcanhares, ignorando a maneira como meu estômago está com um nó apertado. — Só espero que você me tire da minha miséria e concorde em ser minha.

Ela olha para o chão antes de me espiar. — Se eu sou sua, então o que você é para mim?

Seu pior pesadelo. — Eu sou o que você me permitir ser.

Os dentes dela afundam no lábio inferior e meu polegar se aproxima para soltá-lo. — Diga-me que você é minha Wendy, querida.

— Eu sou sua — ela solta.

A satisfação corre pela corrente sanguínea e eu sorrio, inclinando-me e pressionando meus lábios nos dela, depois ajudando-a a entrar no carro.

Assim que ela vira a esquina, meu sorriso cai, as bochechas doem da encenação. Mas a satisfação flui livremente através das minhas veias, o gosto da vingança fresco na minha língua.

Capítulo 16



James

A tontura flui através das minhas veias como o “pó de fada” flui através de um drogado, minha mente corre mil milhas por minuto. Estou esperando há anos para ver Peter Michaels cara a cara, e o momento finalmente chegou. Mais cedo do que eu previa originalmente, mas bem-vindo, no entanto.

Eu me pergunto se ele vai me reconhecer. Muitas vezes me disseram que eu era a imagem cuspida de meu pai, mas não tenho mais certeza de quanta verdade há nessa afirmação.

Logo após a morte de meus pais, lembro-me de estar em nossa

casa vazia, estranhos tentando me confortar enquanto perguntavam o que eu gostaria de levar. O que eu gostaria de *manter*. Como se minha vida inteira pudesse ser resumida e enviada com algumas caixas de roupas. Fiquei em silêncio, optando por apenas levar uma pequena caixa de lembranças. Um livro antigo de fábulas que minha mãe leu para mim todas as noites e uma única foto de nós três; minha mãe, meu pai e eu. Eu os mantive escondidos embaixo da cama na casa do meu tio e à noite, quando a dor passava pelo meu interior e envolvia minha garganta, me fazendo sentir como se não pudesse respirar, eu os tirava. Eu segurava seus rostos imóveis na minha mão enquanto chorava no travesseiro, imaginando a voz de minha mãe lendo contos de fadas com finais felizes.

Mas uma noite, logo após minha chegada, meu tio os encontrou. Eu pedi e implorei de joelhos como um patético *cão*, disposto a fazer qualquer coisa para guardar os pequenos pedaços deles que eu tinha. Mas ele não se importava com isso. Ele não se importava com nada além de obediência e dor. E naquela noite, ele se certificou de que eu aprendesse o significado de ambos. Ele me manteve de joelhos enquanto prometia me devolver minhas coisas, sua faca fina batendo no meu torso, fazendo com que gotas de sangue se derramassem, a visão fazendo o medo se apegar à minha alma. Ele me disse como odiava meu pai, como meu rosto o deixava doente. E depois que ele tirou qualquer inocência que me restava, ele queimou todos os itens e riu enquanto eu chorava, vergonha e tristeza agonizante misturando-se com o sabor residual de seu prazer vil.

Mas minhas lágrimas secaram rapidamente e jurei nunca mais deixá-las cair.

Ao longo dos anos, tentei manter o rosto deles, o som de suas vozes e o cheiro de seus cabelos. Mas, como todas as coisas, as

memórias desaparecem. A mente é fácil demais para manipular, mesmo pelo nosso próprio subconsciente. O fato se torna ficção, ou pelo menos uma versão distorcida da verdade. E o passado fica distorcido e desfocado.

— Estamos encontrando-o na Caverna Cannibal. — A voz de Ru me tira dos meus pensamentos.

Minhas sobrancelhas se levantam, surpreso que é onde Peter está querendo se encontrar.

A Caverna Cannibal é uma caverna abandonada no fundo da floresta, cerca de uma hora e meia fora da cidade. O boato é que ela foi usada pelo governo nos anos cinquenta para manter equipamentos militares, mas há muito tempo foi abandonada. Caminhantes aleatórios passam de vez em quando, mas na maioria das vezes é um espaço vazio, escondido demais atrás de árvores densas para que até os sem-teto procurem abrigo.

Ru ri, sentado na cadeira e acendendo um charuto. — Então, onde você estava ontem à noite? Mande os gêmeos coletarem a nova remessa, pensei que você estaria lá para inspecionar o produto.

Meu interior torce. — Eu estava indisposto. Os gêmeos podem lidar com isso.

— Mas eles não conhecem armas como você.

— Havia algum problema?

— Não que eu saiba.

Eu aceno. — Bem, se houver um problema, cuidarei disso.

Ru faz uma careta, levantando as costas da mão como se estivesse pronto para bater no ar. — A quantidade de desrespeito que sai da sua boca, garoto. Eu juro por Deus.

— Oh, venha agora, Roofus. Você é uma das únicas pessoas vivas que eu *tenho* respeito.

Ele sopra seu charuto. — Sim, bem ... eu não disse isso outro dia, mas obrigado pelo presente.

Eu me encolho, meu estômago torcendo.

— Agora não fique estranho comigo, garoto — continua ele. — Só deixe-me dizer o que preciso dizer.

Suspirando, eu estou andando para a mesa no canto de seu escritório que abriga o conhaque, derramando-me dois dedos e girando. O gelo bate contra as bordas do vidro.

— Você é a coisa mais próxima que já tive de um filho — diz ele.

Meu coração bate violentamente no peito, meus dedos segurando minha bebida com tanta força que os cumes de cristal marcam na minha pele.

— E eu sei que você não gosta do lixo sentimental, então eu vou fazer isso rápido. Temos muitos inimigos. E só estou dizendo ... — Ele limpa a garganta. — Estou feliz que você tem minhas costas, garoto.

Os nervos da mandíbula apertam quando eu cerro os dentes, empurrando o nó de emoção que se coloca na minha garganta. Eu aceno minha bebida em sua direção. — Toda noite.

— E direto até a manhã. — Ele pisca.



A primeira e a única vez que conheci Peter estava em “férias em família”. que na verdade era código para meu pai, Arthur, ter negócios na América. Eu nunca soube exatamente o que ele fazia para viver além de ser poderoso, e todos em Londres pareciam conhecê-lo e reverenciá-lo. Eu sabia que ele tinha um parceiro de negócios aqui nos Estados Unidos, um a quem ele visitava com frequência, geralmente sem nós. No entanto, desta vez, era o aniversário dos meus pais, e minha mãe insistiu que viéssemos para a viagem.

Era a manhã seguinte no brunch, onde conheci Peter e sua família perfeita. Na época, eu não pensava em nada. Afinal, eu tinha pais que me amavam e nunca quis nada. Ainda assim, por alguma razão, o maior senso de urgência me encheu quando o vi pela primeira vez. Eu odiava o clima da Flórida. Estava muito abafado e quente. Também *brilhava* depois de uma vida nos céus nublados de Londres.

E então sua linda esposa entrou carregando um bebê, não podia ter mais de um ano, e segurando a mão de uma jovem garota com cabelos castanhos e um sorriso que estendeu a mão e atingiu seu brilho. A mãe deles era bonita, mas ela empalidecia em comparação com a minha.

Peter sorriu e apertou minha mão, a pele macia da palma da mão me fazendo sentir importante. *Respeitado*. Estupidamente, olhei para ele da mesma maneira que fiz com meu pai. E dois dias depois, quando voamos para casa em um jato particular da NevAirLand, cortesia de Peter Michaels, ele pegou fogo, colidindo com árvores e matando todos a bordo. Todos, exceto eu.

Nunca esquecerei o olhar no rosto de meu pai enquanto ele lia a nota manuscrita minutos antes, a que foi escrita pelo próprio Peter. Eu nunca soube que um homem vivo poderia ficar tão branco doentio quanto um fantasma.

É essa imagem que me assombra agora enquanto avançamos pelo caminho sombrio até a entrada da Caverna Cannibal. A trituração do cascalho embaixo dos pneus ecoa a sensação do meu interior, sabendo que terei que me segurar e não matar Peter onde ele estiver.

Starkey estaciona o carro e deixa os faróis acesos, a única maneira de iluminar o preto da noite.

E lá está ele, encostado em um Rolls Royce em uma camisa verde com botões e calças escuras. Seus homens estão um pouco à frente, e uma mulher loira deslumbrante está ao seu lado.

— Você está pronto, garoto? — Ru olha para mim. — Seja cordial, sim?

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Claro, Roofus.

— E *não* me chame de Roofus na frente dele, pelo amor de Deus.

Ru sai do carro primeiro e eu sigo logo depois, permitindo que os holofotes pousem sobre ele enquanto eu deslizo para trás nas sombras, não querendo que Peter me veja ainda.

— Ru, eu presumo. — A voz de Peter navega pelo ar, fazendo meu estômago revirar.

Ru sorri. — Este sou eu. Você saberia disso se tivesse aparecido pela primeira vez.

Peter inclina a cabeça, o cabelo grisalho balançando com o movimento. — Peço desculpas, tenho certeza que você pode entender por que enviei um dos meus homens primeiro. Privacidade e discrição são da maior importância.

Coloco minhas mãos nos bolsos, meu polegar esfregando com severidade contra a madeira da minha faca, tentando abafar o bater do meu coração.

— E quem é essa? — Ru pergunta, com a mão acenando para a mulher atrás de Peter.

Peter olha de volta para ela. — Esta é Tina Belle. Minha assistente.

Seu cabelo loiro é puxado para trás com força, e ela sorri e acena.

— Tina, prazer em conhecê-la — diz Ru. — Bem, estamos aqui. Fale conosco.

A cabeça de Peter vira para o lado, seus olhos flutuando de Ru para Starkey e, finalmente, para mim em pé nas sombras. — Você me fez apresentar meu pessoal, mas não me dá a mesma cortesia. — Ele aponta para o peito. — Se você está planejando que trabalheemos juntos, o respeito segue nos dois sentidos. Precisa haver um nível de confiança.

A raiva queima profundamente no meu intestino. *Confiar*. Cômico, realmente.

Saio das sombras e entro na luz, minhas mãos nos bolsos.

— Confiança é uma palavra engraçada, não é? — Eu pergunto.

Ru se vira para mim, estreitando os olhos. Eu sorrio para ele e pisco.

Peter olha para mim por longos momentos, como se estivesse imerso em todos os aspectos. E então, suas bochechas empalidecem um pouco.

Excelente.

— Afinal, — continuo. — Nós *confiamos* que quando alguém do seu calibre entra em nosso território e solicita uma reunião, ele nos faz a cortesia de realmente aparecer. — Passo para a frente até ficar lado a lado com Ru, minha mão com a faca, tentando filtrar toda a minha raiva nas minhas garras para que não apareça no meu rosto.

Eu esperei por quinze anos e vou executar meu plano, não importa quanto meu sangue esteja pinicando no meu interior,

gritando para acabar com ele aqui e agora.

Peter lambe os lábios. — E você é?

Eu ri, olhando para o chão antes de encontrar seu olhar. — Você pode me chamar de Hook.

— Ah sim. *Hook*. — Peter ri. — Sua reputação precede você. — Ele inclina a cabeça. — Mas não sabia que você era britânico.

Eu sorrio, descansando contra a frente do nosso carro.

Os homens de Peter se aproximam, mas ele balança a cabeça. — Relaxe, pessoal. Somos todos apenas empresários conversando. — Seus olhos penetram nos meus. — Isso não está certo?

— Eu sugiro que você chegue ao seu ponto — Ru se encaixa. — Você já perdeu o suficiente do nosso tempo e sou capaz de ficar *impaciente* rápido.

As sobrancelhas de Peter se elevam para a linha do cabelo. — Você sabe quem eu sou?

Ru bate a cabeça. — Você está sugerindo que eu sou estúpido? Você entra no *meu* território e pensa que, como seu nome é Peter Michaels, você pode nos pedir para pular e diremos o quão alto, então agradecer pelo favor? — Ele balança a cabeça. — Não é assim que funciona aqui. Você quer correr para mim com seus aviões e navios, podemos conversar. Estou mais do que disposto a encontrar um acordo amigável. Mas não pense por um segundo que, por ser um garoto de ouro aos olhos do mundo, eu darei a mínima aqui em minha casa. — Ele aponta para o peito. — Estas são *minhas* ruas. E

todos nelas pagam suas dívidas. Você me entende?

Meu interior estilhaça com as palavras de Ru, choque, lançando meu estômago como uma flecha. Ele está pensando em trabalhar com ele. Depois que concordamos, ele disse que não.

Peter fica em silêncio por longos momentos, antes de esfregar o queixo e a cabeça. — Vou usar seu pó e suas armas, mas quero cinquenta por cento.

Meus dentes rangem e Ru ri. — Dez.

Peter sorri. — Quarenta.

Os lábios de Ru são finos, seus olhos escurecendo. — Acho que você me confundiu, não é? Eu não *preciso de você*.

— Isso pode ser verdade. — Peter assente. — Mas você seria um tolo por me afastar. Você pode ter corredores, mas nenhum com minha experiência e nenhum com um serviço de transportadora conhecido globalmente que pode entrar em qualquer país em *qualquer* momento. — Ele se aproxima de Ru, e minha coluna se endireita. — Tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra, e eu vou embalar seu pó e levá-lo para lugares que você só viu em seus sonhos.

Um toque interrompe o momento e Peter puxa o telefone do bolso, olhando para a tela. Suspirando, seu corpo cai. — Infelizmente, senhores, tenho que interromper esta reunião. — Ele olha para cima, os olhos enrugados nos cantos com o sorriso. — Prometi à minha filha que estaria em casa para jantar.

Meu estômago dá um salto mortal com a menção de Wendy. Eu me pergunto como ele se sentiria sabendo que o gozo de sua filha estava cobrindo meus dedos na noite anterior. Que eu segurei a vida dela em minhas mãos enquanto ela me implorava para afastá-la à beira da morte.

Peter caminha para a frente, estendendo a mão para Ru apertar. — Finalizaremos os planos em algum momento da próxima semana. Tome a decisão certa, sim?

E então ele vem até mim. Sua máscara encantadora escorrega um pouco enquanto ele gira o pescoço para me olhar nos olhos. Bile queima a parte de trás da minha garganta enquanto coloco minha palma na dele.

Seu olhar é frio. Calculista. — Talvez um dia você me diga seu nome?

A antecipação bate em mim como um canhão, e um sorriso se estende pelo meu rosto. — Estou ansioso por isso.

Capítulo 17



Wendy

Meu pai realmente chegou em casa. Duas horas depois, ele disse que estaria, e com uma mulher misteriosa presa ao seu lado, mas vou ignorar os detalhes porque tê-lo aqui supera qualquer um dos negativos.

Mesmo que ele tenha perdido o jantar.

— Então, o que você faz pelo meu pai de novo? — Pergunto a Tina, seguindo-os para o escritório doméstico não utilizado.

Ela sorri, segurando uma pasta debaixo do braço enquanto se

senta confortável no sofá de couro escuro. Ela é linda de uma maneira arrogante. Magra e pequena, com nariz de botão e franja. Mas não posso evitar a inveja que gira profundamente no meu estômago, sabendo que ela obtém acesso inexplorado à atenção do meu pai enquanto o resto de nós ora por uma gota.

— Eu sou o braço direito dele. Seu pai estaria perdido sem mim.

— Ela se vira para ele, sorrindo, e ele retorna.

Me mate. Mordendo meu lábio inferior na boca, eu aceno. — Oh.

— Ela é minha assistente — papai intervém.

— Ela é a voz que eu sempre ouço antes de você me tirar de nossas ligações. — Eu levanto minhas sobrancelhas.

Linhas se formam entre seus olhos, seus lábios se virando para baixo e a menininha em mim, ainda desesperada por sua aprovação, se encolhe diante do olhar. — Sinto muito, isso foi rude — eu saio correndo. — Eu só ... é difícil com você viajando tanto. Especialmente neste novo lugar.

Ele suspira, olhando para Tina e depois de volta para mim. — Nos deixe, Tina.

Seus olhos se arregalam e ela se muda de lugar. — Peter, precisamos ...

— Eu preciso falar com minha filha. Sozinho. Saia.

Ela inspira e acena com a cabeça, abaixando a pasta que está

no colo e lentamente saindo pela porta do escritório, com os olhos se estreitando quando caem em mim.

Cadela.

Eu a observo fechar a porta atrás dela antes de girar para enfrentar meu pai.

— Então ...— Ele sorri, caminhando para a frente de sua mesa e encostado nela. — O que há de novo com você, pequena sombra?

O termo carinhoso aparece como um laço, envolvendo o meio e puxando, nostalgia arranhando meu interior. Está na ponta da minha língua para contar a ele. *Estou vendo alguém. Você o odiaria.*

Mas ainda não quero percorrer essas águas, ainda quero manter James para mim antes de apresentá-lo à família.

Forço um sorriso no rosto, uma dor pesada no peito. — Apenas trabalhando no café e me instalando no novo local. Você já olhou em volta?

Seu rosto se suaviza, seus olhos se aquecem como costumavam, e com aquele olhar simples, meu interior se transforma em mingau, toda a minha raiva e ressentimento sendo afogados pela esperança que flui através de mim.

— Ainda não, mas você fez um bom trabalho ao arrumar tudo — diz ele.

Eu aceno para ele. — Isso foi fácil. Jon e eu estamos apenas

tentando nos acostumar com o clima, para ser sincera. É tão diferente da Flórida. — Pausando, meus dedos se torcem juntos, as palmas das mãos ficam úmidas porque este é um momento agradável, e a última coisa que quero fazer é arruiná-lo com perguntas e irritações. Ainda assim, as palavras fluem da minha boca antes que eu possa detê-las. — Quando você vai contar a ele?

Suas mãos descansam nos bolsos. — Dizer a ele o que?

Eu reviro meus olhos para o teto, soltando uma respiração. — Você sabe o que, pai. Contar a Jon sobre o fato de você estar enviando-o para o colégio interno.

Ele muda, a palma da mão subindo para esfregar o queixo. — Wendy, já faz cinco minutos desde que estive em casa. Eu nem o vi ainda. Vou dizer a ele, não se preocupe.

— Quando? — Eu repito.

— Quando *o que*?

A frustração ferve em minhas veias, minha raiva aumenta como lava, a pressão se acumulando no centro do meu peito até que ela explode em mim como um vulcão.

Meus punhos se apertam aos meus lados. — *Quando* você vai ficar por mais de uma única noite? — Eu solto. — *Quando* você vai perceber que seus filhos estão aqui? — Minha mão bate no meu peito. — Estamos bem aqui, pai. E você está ... — Eu balanço meu braço pela sala. — Em qualquer outro lugar. Você e *Tina Belle*.

— Wendy, eu...

Eu levanto minha mão. — Não. Por favor, apenas ... não. Eu estou tão *enjoada* de aceitar palavras e promessas vazias. Eu estou tão *cansada* de sentir que estou falhando com Jon quando é realmente você quem está. Isso não é justo para mim, e você sabe disso. — Um nó se aloja na minha garganta. — E eu sei que você está ocupado, eu entendo isso. Mas droga, apenas *esteja* aqui pai. Como você costumava.

Suas narinas brilham quando ele se endireita de sua mesa, caminhando lentamente em minha direção.

Eu me encosto na parede, deslizando até estar no chão, pressionando minhas mãos nas órbitas dos olhos para tentar conter a queimadura. Eu *nunca* falei com ele dessa maneira antes.

Sapatos entram na minha linha de visão e meu pai se agacha ao meu lado. — Pequena sombra. — Ele suspira, deslizando ao meu lado, os cotovelos descansando de joelhos. — Eu não sei o que você quer que eu diga, Wendy.

— Apenas diga que você estará aqui. — As palavras ficam na minha garganta, o buraco no meu peito latejante. — Diga que você começará a nos tornar uma prioridade.

Ele fica quieto por longos momentos antes de seu braço girar em torno dos meus ombros e me trazer para perto dele. Mordo meu lábio e engulo com severidade para manter os soluços afastados. A última coisa que quero é parecer fraca na frente do homem que é sempre tão forte.

— Você é a coisa mais importante do mundo para mim — diz ele.

— Não parece — murmuro.

— Você é. Você sempre foi.

— E Jon — acrescento, irritação cortando a névoa de sua atenção.

— O que? — O corpo dele está tenso.

— Você disse que *eu sou* a coisa mais importante do mundo para você. Mas eu não sou sua única filha. Você esqueceu de mencionar Jon.

Ele limpa a garganta. — Certo, é claro. Jon também.

— Às vezes — sussurro, conquistando minha nova confiança e correndo com ela. — Às vezes, parece que você esqueceu que existimos.

Há uma sensação de formigamento no topo da minha cabeça enquanto ele pressiona um beijo no meu cabelo, e eu me enrolo nele mais. — *Por favor*, diga a ele — eu imploro novamente. — Eu não quero ser quem o faz.

Ele assente contra mim. — Eu direi a ele de manhã.

Explodindo, permito que suas palavras se envolvam em torno de mim como um cobertor, alívio engolindo a tristeza, pelo menos temporariamente.

Mas de manhã ele se foi. E Jon ainda não sabe.

Capítulo 18



James

Encontrar-me com Peter colocou tudo de volta em foco; sua morte tão perto que eu posso sentir o cheiro no ar. Agora só preciso convencer Ru de que fazer um acordo comercial com ele não funcionará a nosso favor. Eu ficarei extremamente *irritado* se meus planos se tornarem mais difíceis porque nossos negócios começam a depender muito dos dele.

Mesmo que os dias de Peter não estivessem severamente contados, eu teria cuidado em usá-lo. Anos de sonhar com maneiras de matar o homem responsável por todos os traumas da sua vida oferecem tempo suficiente para aprender sobre suas fraquezas.

Sobre o passado dele. E conheço mais sobre Peter do que seus confidentes mais próximos. Eu sei que ele cresceu no sul da Flórida, seus pais tão pobres que mal podiam pagar o arroz que colocavam na mesa. Eu sei que ele era um traficante comum aos quatorze anos, correndo pelas ruas, usando o nome de Pan, sussurrando ideias de grandeza nos ouvidos das pessoas. Promovendo uma vida de *aventura* se eles seguissem sua liderança. Eu sei que enquanto ele subia ao poder lentamente através das fileiras, ele deixou outros para trás. A maioria dos quais acabou desaparecendo sem deixar rastro.

E sei que quando ele comprou uma empresa de aviões em falência, era por centavos de dólar e, de alguma forma, o proprietário original nunca mais foi ouvido.

Eu sei que Michaels não é seu sobrenome original. E sei que a única coisa com que ele se importa neste mundo além de seu dinheiro e sua posição é sua filha.

Wendy.

Mas não posso contar tudo isso a Ru sem admitir que há um pedaço enorme da minha vida que ele nunca esteve a par. E embora Ru não seja um homem intrometido, não consigo imaginar que ele aceitaria bem, sabendo que me permitiu entrar em seu rebanho, e eu mantive a maior parte de mim em segredo.

Mas vou lidar com isso hoje à noite quando voltar ao JR.

No momento, meu foco está em uma nova padaria que abriu na Maize Street. Normalmente, são os gêmeos que fazem as rondas, cobrando impostos de proteção e similares, mas depois de ter problemas com a nova loja, pensei em lhes visitar *pessoalmente*.

Suspirando, sento-me no banco em frente a George, o proprietário, com o estômago torcido com desconforto, há farinha em toda parte grudando até nas superfícies da cozinha. Pego minhas luvas, o couro preto envolvendo minhas mãos em calor, e flexiono meus dedos lentamente enquanto falo. — Agora ... George. — Eu sorrio, cruzando o pé no meu joelho oposto. — Diga-me mais uma vez o que aconteceu.

George limpa a testa com uma toalha branca, o cinto se expandindo a cada uma das respirações pesadas. — Eu te disse, alguém já veio há três dias. Eu já *paguei*.

— Impossível, — eu sinto irritação pelas mentiras flagrantes deste homem rasgando meu interior. Respirando fundo, inclino o pescoço para o lado, permitindo que o estalar dos meus ossos diminua minha raiva. — Peço desculpas, — ri, fechando os olhos. — Eu não quis perder a paciência. É só que ... isso é *impossível*.

Ele levanta as mãos. — Estou lhe dizendo a verdade.

— Eu certamente espero que sim. — Descruzando minhas pernas, puxo minha faca, abrindo-a e passando meu polegar enluvado pela lâmina, revelando a maneira como o metal brilha enquanto pressiona o couro. — Diga-me, você sabe quem eu sou?

O homem balança a cabeça em negativa.

— Seus vizinhos não me mencionaram. — Eu pressiono minha mão livre no meu peito. — Estou ferido.

— Escute, eu te disse o que sei. — O homem começa a se levantar, jogando a toalha por cima do ombro. — Existem clientes

ab...

— Sente-se. Agora — eu assobio.

Os gêmeos, que até este ponto estavam de pé ao lado, se endireitam e se aproximam. Seus olhos se arregalam, mas ele volta para a cadeira.

— Agora, sou um homem razoável. E eu entendo o quão perturbador deve ser saber que você foi levado por um tolo por alguns *centavos*. Estou disposto a ignorar seu erro, já que você não sabia.

Seus ombros caem. — Então, o que, eu devo pagar alguns centavos duas vezes?

Eu inclino minha cabeça. — Eu disse que era razoável, não idiota. E por mais que eu queira deixar passar, você sabe como é. — Eu paro, revirando os olhos enquanto giro minha lâmina no ar. — Se você faz isso por um, acaba fazendo por todos. E honestamente, se você é bom em alguma coisa, nunca deve fazê-lo de graça. — Paro quando estou em pé na frente dele, minha lâmina deslizando por baixo do queixo, inclinando a cabeça até que seus olhos encontrem os meus. — E enquanto nossa proteção é cortesia, ela é a melhor chance que sua empresa tem de sobreviver.

Seus lábios finos, gotas de suor escorrendo pelo rosto. — E se eu recusar?

Minha mão pressiona a faca mais profundamente em sua pele. — Podemos descobrir se você quiser.

— Eu... eu não, eu não *tenho* — ele gagueja.

Inclinando-me, permito que a borda enganchada se incline para cima, cortando a pele sob o queixo, sangue escorrendo pela lâmina e na minha luva. — Então eu sugiro que você *procure* isto.

— Tudo bem — ele chia. — Por favor.

Eu tiro a faca, de pé. — Maravilhoso, Georgie. — Eu paro. — Posso te chamar assim? Georgie?

O pomo de adão dele balança.

— Deixe-me explicar como isso vai acontecer. — Alcanço o bolso do peito, retirando um lenço enquanto limpo o vermelho da ponta em gancho da minha faca. — Primeiro, você vai me dizer *tudo que você* sabe sobre a pessoa que veio há três dias. E então você vai pagar meus amigos aqui, — inclino a cabeça em direção aos gêmeos. — O que você nos deve.

— Mas eu acabei de dizer que eu ...

Eu levanto minha mão. — Eu entendo, eu entendo. E como eu disse, sou um homem razoável. Se você não puder pagar hoje, voltaremos amanhã. Mas sinto que devo avisá-lo, não gosto de ficar esperando, Georgie. Eu odiaria ver o que acontece com a nossa amizade se você testar minha paciência. — Eu faço um som reprovador, balançando a cabeça.

— Eu obterei.

— Ótimo. — Eu sorrio. — Agora, conte-me sobre essa pessoa.

— Era ... era uma mulher. Disse que havia um novo chefe na cidade, e ela estava fazendo uma cortesia, permitindo-me mostrar minha lealdade antecipadamente.

Garras de raiva rodeiam o meu interior. Claro.

— Uma mulher — repito. — O que mais?

— É... é isso — diz ele. — É tudo o que sei. Fui avisado por meus vizinhos para não lutar quando vocês vieram cobrar suas partes e não queria começar com o pé errado.

Esfrego meu queixo com uma mão, lâmina girando entre os dedos com a outra.

— Estou lhe dizendo a *verdade!* — ele pede.

Suspirando, coloco a faca de volta no bolso. — Eu acredito em você. Seja bom com meus meninos, entendeu? — Os gêmeos sorriem em conjunto, avançando para tomar o meu lugar.

Eles vão agredi-lo um pouco, fazer o trabalho sujo que não quero fazer. Enviar uma mensagem.

Uma bola se aloja no centro do meu peito, torcendo até que tudo o que posso ver seja vermelho. Rumores não são bons para os negócios, e é isso que esse *aborrecimento* causará. Rumores.

Uma mulher.

Só conheço uma mulher nos negócios com um homem poderoso, e os dois chegaram à cidade.

Minhas luvas estão salpicadas de gotas de sangue, então eu as removo, colocando-as nos bolsos enquanto empurro pela porta da frente. De repente, sou sacudido para trás, uma pequena estatura colidindo com a minha. Apertando minha mandíbula, meus braços estendem. Um cheiro de baunilha atinge meus sentidos.

— James. — A voz de Wendy flui através dos meus ouvidos e, assim, minha irritação diminui, um sorriso assumindo meu rosto.

— Querida — eu ronrono. — Que surpresa agradável.

— Igualmente. — Ela sorri. — O que você está fazendo aqui?

Eu me viro para olhar para a loja, a esposa de George em pé atrás do balcão da frente, lançando os olhos para a calçada a cada poucos segundos.

— Apenas prestando meus elogios. Eu conheço os proprietários.

— Você? — Angie pergunta. — Eu ouvi que seus pães eram de *morrer*.

Olho para a amiga de Wendy, meu sorriso se apertando. — Tenho certeza que sim.

— Você quer vir conosco e pegar um lanche? — Wendy pergunta.

— Infelizmente, não posso ficar, não importa o quanto a visão tenha melhorado repentinamente. — Meu polegar corre ao longo de sua mandíbula, um calor se expandindo no meu peito quando as maçãs de suas bochechas ficam vermelhas. — Saia comigo amanhã.

— Eu trabalho até às três.

— Perfeito. Eu vou buscá-la lá. — Inclinando-me, pressiono meus lábios nos dela. Era para ser apenas um selinho, mas a língua dela escorrega e se enrosca com a minha, e eu forço um gemido, o barulho da calçada desaparecendo quando me perco no gosto dela.

Será realmente uma pena quando eu tiver que quebrá-la.

Vou seguir em frente, é claro, sem pensar duas vezes, a alegria de finalmente ter realizado o desejo da minha vida lavando qualquer *empatia* que tenho por saber que *ela* não foi quem fez algo errado. Mas às vezes, você deve fazer sacrifícios para um propósito maior.

— Podemos parar no bar hoje à noite — diz a amiga quando quebramos o beijo. — Você estará lá?

— Eu não estava pensando em ir — diz Wendy.

— Você deveria — respondo. — Estarei ocupado, mas gosto bastante da ideia de que você estará perto.

Ela sorri, os olhos se suavizando quando se inclina para o meu toque. — Ok.

— Boa menina. — Eu pressiono um beijo na testa dela e dou um passo para trás quando os gêmeos saem do prédio. — Diga a Georgie para colocar o que quiser na minha conta.

Os olhos de Wendy se arregalam. — Você tem uma conta aqui?

Eu escovo um fio de cabelo atrás da orelha dela. — Querida, diga meu nome em qualquer lugar desta cidade e você nunca mais pagará por nada.

— Qual nome? — a amiga dela interrompe.

Olho para ela, meu queixo cerrando. — Perdão?

Ela morde o lábio inferior. — Estou apenas perguntando ... qual nome? James? Ou...

O canto da minha boca se contrai. — Acredito que você saiba a resposta para isso.

Wendy hesita um pouco. — Hook?

Eu inclino minha cabeça. — É assim que eles me chamam.

— Por quê? — ela pergunta.

— Apenas um apelido infeliz, receio. — Eu pisco e viro para os gêmeos, acenando para eles para ir para o Escalade parado no meio-fio. — Me faça um favor, querida?

Ela levanta uma sobrancelha.

— Quando você vier ao JR hoje à noite, use algo azul. — Eu me inclino, minha respiração fazendo cócegas ao longo de sua orelha. — É uma cor adorável, e quero passar a noite toda imaginando como ficará rasgado no chão do meu quarto.

Ela inspira, e eu pressiono meus lábios na bochecha dela antes de me afastar e entrar no carro, meu pau duro e meu coração batendo forte.

Capítulo 19



Wendy

Estou sentada na sala formal da minha casa, esperando Angie me buscar. *Vestindo algo azul.* Jon está à minha frente, trabalhando em mais um modelo de avião.

— Papai ligou esta manhã — diz ele, com a voz cortando o silêncio.

Meu coração pula na minha garganta. Duvido muito que tenha sido um telefonema pessoal apenas para dizer olá, e a decepção se instala no meu estômago como um tijolo, sabendo, sem Jon dizer as palavras o que ele lhe disse. *Pelo telefone.*

O punho de Jon aperta o pincel, parando de onde ele está preenchendo uma linha preta na lateral do avião. — Olha, ele me disse, ok? Então, você pode parar de me olhar assim.

Eu inalo lentamente. — Te disse o que?

— Que eu estou indo para aquele colégio interno estúpido. É bom.

Suspirando, inclino-me para trás no sofá, descansando meus braços nos lados almofadados. — Isto é?

Seus olhos tremem para mim por cima da borda dos óculos. — Importa se não fosse?

— Claro, importa.

Ele joga o pincel para baixo, passando a mão pelos cabelos negros, tão parecidos com os da nossa mãe. — Não há nada que você possa fazer para mudar isso, Wendy. É o que é, e você sentada aí, parecendo estar prestes a chorar, não está ajudando a situação.

Meu peito se aperta. — Eu não estou...

Seus olhos se estreitam. — Você *está*.

— Eu só quero que você seja feliz. Isso é tudo. — Eu levanto minhas mãos.

Ele não responde, sua atenção está voltada para o seu trabalho. O silêncio é sufocante, percorrendo minha garganta e entrando nos

meus ouvidos, permitindo espaço para meus pensamentos crescerem selvagens e ininterruptos.

Esta foi a *única* coisa que pedi ao meu pai e, no entanto, de alguma forma, ele ainda não conseguiu seguir adiante, optando por seguir o caminho mais fácil, deixar de lado os sentimentos de Jon como se algo tão grande quanto isso realmente não importasse. Outro tronco carbonizado e pesado é jogado no fogo da minha raiva, fervendo na base do meu intestino.

— Ele disse que eu vou amanhã.

As palavras são baixas e curtas, mas elas me batem no peito de qualquer maneira. — *Amanhã?* — Eu ofego. — Ele está voltando para casa para levá-lo até lá?

Os lábios de Jon se curvam em um pequeno sorriso, mas não é felicidade que eu sinto vibrando no ar. — Wendy, seja honesta. O motorista vai me levar.

Chamas lambem meu interior, aquecendo minhas veias. — Eu vou te levar.

Ele balança a cabeça. — Você não precisa fazer isso.

— Eu *quero*. — Eu forço um sorriso. — Eu tenho que ver por mim mesma se planejo visitar todas as semanas.

Jon geme. — Você *não é* permitida visitar toda semana.

Meu sorriso cresce. — Bem, é melhor você me deixar levá-lo

amanhã, caso contrário eu irei *o tempo todo*, e vou me certificar de ser mais embaraçoso.

Jon ri, seus olhos brilhando um pouquinho. — Wendy, você nunca é embaraçosa. Apenas ... arrogante.

Minha mão voa para o meu coração. — Devo me ofender com isso?

— Não, é ...— Ele balança a cabeça. — É legal.

O nó no meu estômago se desenrola em nossas brincadeiras, a familiaridade surgindo através de mim como um amigo perdido há muito tempo. Mas é rapidamente eliminado pelo conhecimento de que depois de amanhã será realmente só eu, sozinha.



Nós estivemos no JR por duas horas e ainda não vi James.

Maria - que não está conosco hoje à noite - disse que era dono do bar, mas quanto mais tempo fico aqui sem a presença dominadora para confundir meus pensamentos, mais percebo que não sei nada sobre ele.

Bem, isso não é verdade. eu sei *algumas* coisas, como ele ter um apelido ridículo, e ele aparentemente tem tanta influência nesta cidade que disse que o apelido é tão bom quanto o dinheiro. Mas para alguém que diz que sou dele, sinto que ele não passa de um estranho.

Como eu poderia ser estúpida o suficiente para não perguntar?

— Obrigada por dizer que você cobrirá meu turno amanhã — digo a Angie, bebendo da minha água com gás.

Ela me acena, sorrindo. — Não se preocupe. Eu poderia usar as horas extras, de qualquer maneira. — Os olhos dela passam por mim. — Além disso, você está namorando um cara que usa ternos de três peças por *escolha*, então acho seguro dizer que preciso do dinheiro mais do que você. Ah, e você mora em uma mansão. — Ela gargalha. — Você é exigente. Deus, não é justo.

A risada que forço parece uma lâmina de barbear, cortando a força repentina da minha garganta.

Ela joga de volta o restante de sua bebida e suspira. — Ugh ... onde está seu homem, garota? Desde que eu tenho que trabalhar de manhã para sua bunda, preciso ir para casa. Sono de beleza e tudo isso.

Meu interior se aperta e olho em volta, procurando um sinal de James em qualquer lugar. O bar está diminuindo, estamos aqui há horas, mas ainda não há sinal dele. Meus dedos torcem no meu colo. — Ele provavelmente está ocupado. Vá em frente, eu posso apenas pegar um táxi.

Eu me encolho quando as palavras saem dos meus lábios, esperando que não pareçam tão patéticas quanto parecem.

— Tem certeza? — Os olhos dela examinam a sala.

— Sim, ele disse que estaria aqui. — Eu aceno.

Ela morde o lábio. — Bem, sim, mas ... ele nem mostrou seu rosto. Não quero deixar você aqui sem carona.

Me aproximando, eu dou um tapinha no braço dela. — Agradeço a preocupação, mas você realmente não precisa se preocupar.

Ela suspira, de pé. — Ok, mas me mande uma mensagem se ele não aparecer. Eu posso voltar.

Fico no bar muito tempo depois que ela sai, vendo as bolhas estourarem e fracassarem na minha bebida. Provavelmente eu poderia conseguir algo além de água com gás, não recebi cartão desde a primeira noite e meu aniversário é daqui a três dias, mas a verdade é que não sou uma grande bebedora. Não gosto do jeito que isso me faz sentir.

— Então mais um. — Uma voz filtra através do meu atordoamento, e eu olho para cima, encontrando os olhos âmbar de Curly. — Você quer uma bebida, *sunshine*?

— Vocês não estão fechando em breve? Eu provavelmente vou apenas... Ele não está aqui, está? — Eu pergunto, quebrando o contato visual.

— Você terá que ser mais específica. — Ele inclina o cotovelo no bar. — Há muitos 'eles' por esse lugar.

— H-Hook. — Hesitação nada através de mim, pois percebo que não tenho certeza de como me dirigir a ele quando estou conversando com outras pessoas. Mais uma coisa que mostra que não sei absolutamente nada sobre esse homem.

Mas eu *sei* que isso não vai me impedir de sair com ele hoje à noite se ele aparecer.

Pode ser estúpido. É definitivamente imprudente. Mas também é emocionante ter alguém como ele prestando atenção em mim. Me faz sentir menos como a imagem da inocência e mais como uma mulher.

Algo sobre a maneira como ele olha me faz sentir *viva*.

Uma risada à minha esquerda corta o que Curly estava prestes a dizer. Minha cabeça vira e meus olhos apreciam a beleza curvilínea de cabelos negros que limpa copos de vinho e os pendura no bar.

Curly ri em sua direção. — Corta essa, Moira.

— Eu sinto muito. — Ela sorri, os olhos travando nos meus. — Você está realmente esperando por aqui por *Hook*?

Outra dose de dúvida entra em minha consciência, derramando através do meu corpo como lodo. Há um sorriso no rosto dela, mas o seu tom é tudo menos amigável, e meus nervos aumentam. Uma réplica está na ponta da minha língua, mas eu a engulo de volta e aceno com a cabeça, minhas juntas ficando brancas com o aperto dos meus dedos.

Ela bufa outra risada.

— Moira — assobia Curly.

— O que? — ela pergunta, seus olhos se arregalando quando ela olha para ele. — Você não pode realmente estar se entretendo com isso. — A mão dela dispara em minha direção. — Outra groupie aparecendo quem não sabe *nada* sobre o homem, pensando que o pequeno ato inocente funcionará? É honestamente patético. Você não deve incentivá-la.

Minha mandíbula se aperta, suas palavras batendo contra minha parede de confiança, já sacudidas de meus próprios pensamentos distorcidos.

— Sim, bem, ele conhece pelo menos esta — responde Curly.

A mão de Moira faz uma pausa na borda do copo de vinho, com os olhos voltados para mim.

Eu devolvo um olhar para Curly, calor enchendo meu peito da maneira como ele me defendeu. Pela maneira como suas palavras simples me fizeram sentir um pouco menos estúpida, um pouco menos como apenas outra garota burra com uma queda.

— Hmm — ela cantarola. — Bem, você estará esperando muito tempo hoje à noite, *sunshine*, porque Hook nem está aqui.

Curly inclina a cabeça. — Ele estava mais cedo.

— Bem, isso foi antes. — Um sorriso esgueirar-se pelo rosto, os dentes brancos brilhando. — Ele me fez dar-lhe um *adequado* adeus antes de sair para a noite.

Posso dizer que ela está tentando obter uma reação, então não dou a ela uma, mas isso não impede que suas palavras batam em

mim, plantando raízes e espalhando suas sementes.

— Moira. — Uma sombra aparece atrás dela, James entrando na luz do bar. Seus olhos brilham, seus cabelos negros despenteados como se suas mãos puxaram as raízes. *Ou talvez o de Moira.* — Você deveria saber que não deve mentir para meus convidados especiais.

Sua estatura endurece, o pano de prato e o copo de vinho congelados no ar.

— Hook — ela fala devagar. — Você voltou.

Um raio de satisfação se divide através da nuvem de dúvida. *Ela o chamou de Hook.* Não James.

Sua cabeça se inclina quando ele para ao lado dela. — Nunca sai.

Ele pega o copo de vinho da mão dela, segurando-o até a luz como se estivesse procurando manchas. O ar cresce espesso, algumas vozes dos clientes restantes se espalhando pela tensão e música suave flutuando pelos alto-falantes. Mas nenhum de nós se mexe. Nenhum de nós fala.

— Hmm. — Ele reprovaa, colocando o copo no topo da barra. — Seu trabalho é medíocre, receio.

— Hook, eu ...— ela começa.

Ele gira em direção a ela, o movimento tão repentino que faz minha respiração parar nos pulmões. Eu nunca vi esse lado dele

antes, e embora isso deva me deixar nervosa, percebo que o calor que se espalha profundamente na minha barriga é *excitação*.

— Eu lhe dei a suposição de que gostaria que você falasse de mim quando não estivesse por perto? — ele pergunta.

Seus olhos se arregalam, lábios se separando. — Não, eu...

— Não — ele solta. Seus olhos tremeluzem em minha direção, a dureza de seu olhar suavizando. Ele estrala o pescoço, passando a mão pela frente do traje e gesticulando em direção aos copos. — Estes parecem terríveis. Comece de novo e, se houver algum ponto ao final, não se preocupe em voltar amanhã.

— *O que?* — Ela zomba.

Mas isso não importa, porque ela já perdeu a atenção dele, seus olhos se zonearam em mim enquanto ele se afasta, um sorriso rompendo em seu rosto.

Minha mente gira com a cena que acabei de testemunhar, perdida entre o que devo sentir e como realmente sinto. A mão dele toca a parte de trás aberta do meu vestido, calafrios patinando pela minha pele no calor da palma da mão.

A respiração atravessa meu rosto, os lábios de James pressionando suavemente contra minha bochecha. — Querida, você parece comestível. Lamento desperdiçar minha noite em reuniões, em vez de mostrar o quanto eu gosto de você nessa cor.

Sangue corre para o meu rosto, me aquecendo de dentro para fora.

Me chame de mesquinha, me chame de vingativa, mas não consigo parar o olhar para Moira, satisfação escavando no meu peito pela maneira como ela o vê tocar em *mim* e sussurrar em *minha* orelha.

— Oi. — Eu sorrio para ele.

— Você está pronta para ir? — O polegar pressiona no meu lábio inferior.

— Com você?

— Como se eu permitisse que você fosse embora com mais alguém.

A mão dele envolve a minha, me puxando do meu assento e nos braços dele.

E independentemente de todas as coisas não ditas entre nós; de todas as maneiras que ainda preciso conhecê-lo, deixei que ele me levasse para fora da porta.

Capítulo 20



James

As pessoas fazem o que eu digo. Não é um conceito novo, na verdade, é quando eles *não* fazem que é a raridade. No entanto, normalmente é por medo ou respeito que eles se curvam aos meus caprichos.

Então, vendo Wendy entrar no meu bar usando o vestido azul bebê exato da primeira noite em que a vi, isso faz coisas comigo. Envia prazer deslizando pelo meu corpo, sabendo que ela fez isso por nenhuma outra razão senão me agradar. *Como um bom animal de estimação.*

Era mais difícil do que eu esperava sentar no meu escritório, observando-a no feed de segurança; testando para ver se ela esperaria o tempo que eu precisasse. Mas uma vez que a vi interagir com Moira, soube que precisava terminar meu experimento. Não posso ter uma garçonne boba estragando meus planos assustando a garota.

Embora eu ache que ela pode ser bastante difícil de se livrar. Enquanto a mídia sempre a pintou como orgulho e alegria de Peter, ela está sucumbindo tão facilmente. Quase como se ela estivesse desesperada pela atenção.

Se eu ainda pudesse sentir as coisas como uma pessoa normal, seu apego causaria simpatia no meu peito. Suponho, afinal, que é um trauma de algum tipo que a faz se agarrar tão rapidamente. Mas meu coração não bombeia mais do jeito que deveria. E enquanto meu sangue ainda fica vermelho, qualquer alma que eu já tive foi corroída pelo ácido que corre pelas minhas veias.

Mesmo quando menino, havia algo em mim que atraía a escuridão até a mais leve das almas; desenhando-o na superfície até que ela se afastasse de seus corpos e encharcasse minha pele, queimando como alcatrão preto em um dia ensolarado.

E talvez seja por isso que acho Wendy tão refrescante. Por que é tão fácil se perder dentro dela. Porque ela é a única pessoa que não foi engolida inteira pela minha doença.

Ainda não, de qualquer maneira.

— Onde está Smee? — ela pergunta, esparramando-se no sofá da minha sala de estar.

Eu me aproximo, oferecendo-lhe um copo de água e cruzando o pé sobre a perna oposta. — Não tenho certeza. — Eu olho em volta. — O tempo dele é o tempo dele, tento ficar de fora de sua vida pessoal e espero que ele faça o mesmo. Tenho certeza que ele aparecerá em algum momento.

Ela assente, tomando um gole de água antes de pousá-lo. — Isso é legal. Você parece um bom chefe.

Eu sorrio, minha mão estendendo e subindo pela pele nua da sua coxa. — Acho que você descobrirá que sou *fenomenal* em dar ordens.

Ela ri. — E tão humilde também.

Sorrindo, meus dedos provocam a bainha do vestido. Ela treme debaixo da minha palma, e meu pau endurece com a resposta que ela dá ao meu toque.

— Eu ...— Ela engole, balançando a cabeça. — Eu tenho algumas perguntas.

A irritação tremula no meu peito, mas eu recuo, levantando uma sobrancelha. — Tudo bem.

Seus dedos se torcem enquanto ela olha para o colo, algo que eu percebi que ela faz sempre que está nervosa.

— O que você faz para viver?

A pergunta me surpreende. Eu tolamente assumi que se ela não

tivesse perguntado até agora, ela não faria. Eu me inclino para trás, meus braços estendendo o comprimento do sofá. — Eu sou um homem de negócios.

Ela revira os olhos. — Sim, meu pai também. Mas quero dizer, o que você *faz*?

A menção de seu pai acende uma chama dentro de mim, e de repente estou desesperado para saber tudo sobre ele do ponto de vista dela. — Seu pai?

— Ugh. — Ela dá palmas no rosto. — Eu não estava realmente pensando em falar sobre ele. Mas sim. Ele é um '*empresário*'.

— Oh. — Eu corro minha língua sobre meus dentes. — Talvez eu tenha trabalhado com ele.

Ela encolhe os ombros. — Talvez. Ele é muito conhecido.

— Quem é ele? — Eu me esforcei muito para manter minha voz baixa e firme, meus nervos dançando sob minha pele.

— Peter Michaels.

Empurrando a mão pelo meu cabelo, suspiro. — Nunca ouvi falar dele.

Os olhos dela se arregalam, mas não perco a maneira como seus ombros caem, como se ela estivesse aliviada de um peso. — Sério? Isso é meio que ... surpreendente.

Meus dedos esfregam no meu queixo. — É? Sinto muito, por não ser tão versado quanto deveria ser.

Seu sorriso cresce, sua parte superior do corpo inclinada para mim. — Eu gosto que você não sabe. Eu estava tão preocupada em lhe dizer, para ser sincera. Não queria que sua opinião sobre mim mudasse.

Eu avanço, meus braços se envolvendo em torno de sua cintura, puxando-a pelo resto do caminho para perto de mim. Ela respira fundo enquanto seu corpo cai no meu, seus seios amplos pressionando deliciosamente no meu peito. — Querida, ninguém nesta terra poderia mudar minha opinião sobre você. Receio que já esteja gravado em pedra.

Ela levanta a cabeça, os lábios a centímetros dos meus. — O que é então?

— Minha opinião. — Minha boca cai para deslizar pelo pescoço, minha mão alcançando a cabeça dela para emaranhar nos fios de seus cabelos sedosos. — Eu posso te mostrar se você quiser.

Sua respiração tremula quando eu aumento meu aperto e puxo, a extensão de seu pescoço se alongando. Eu pressiono beijos na coluna da garganta dela, voltando aos seus lábios. O gosto dela invade meus sentidos, espiralando pelo meu centro e aquecendo meu sangue.

Ela geme, os quadris pressionando contra o meu eixo através do material fino das minhas calças, criando um atrito que tem picadas de prazer subindo pela espinha. Solto a sua boca e a deito para trás, permitindo que ela inicie um ritmo. Ela está me provocando. *Torturando-me*, mas *Deus*, ela parece uma visão. Seu vestido azul

está esticado nos quadris, lábios vermelhos para combinar com as bochechas e olhos meio arregalados quando olham para mim.

Meus dedos soltam os fios do cabelo dela, meu braço se envolvendo ao seu redor enquanto me deito, nossos corpos de repente se chocam um contra o outro.

Nossos narizes tocam quando eu empurro em seu centro coberto com a calcinha. Sugo a respiração dela e tomo como a minha, pressionando meus lábios nos seus. Ela geme, os braços enrolados no meu pescoço, uma picada aguda irradiando pela minha boca enquanto o sabor do cobre inunda meu paladar. Eu me contorço, meu polegar tocando no lábio inferior, manchado com vermelho. *Ela me mordeu.*

Normalmente, a visão do meu próprio sangue me faz vomitar, mas por algum motivo, a excitação inunda meu sistema. Meu braço se aperta em torno de sua cintura enquanto deslizo para frente, meus lábios se moldando aos dela, o gosto do meu sangue se misturando com a sua saliva. Ela chupa minha língua como se quisesse me engolir inteiro, e eu gemo, empurrando-a para baixo no sofá, meus quadris se estabelecendo entre as coxas.

Eu me afasto dos lábios dela, movendo minha boca para seu ouvido. Minha palma envolve a garganta e aperta. — Você vai me deixar ver aquela boceta bonita?

Os dentes dela afundam no lábio inferior, os quadris pressionando para encontrar os meus. Meus dedos flutuam do pescoço, descem o tronco para encontrar o núcleo, minha mão enrolando o centro da calcinha de algodão e puxando até que retiro do corpo dela. Sua respiração é audível e faz meu pau palpitar, desesperado para senti-la por dentro.

Jogando o tecido rasgado atrás de mim, eu empurro suas coxas para o lado, meu nariz seguindo para sua fenda molhada. Um gemido escapa na minha garganta. Ela cheira *deliciosamente*. Como almíscar e mulher, e tudo puro, como se seus feromônios fossem criados apenas para mim. Minha boca se enche com a necessidade de prová-la enquanto ela se desfaz debaixo de mim.

Eu me movo em direção à abertura dela, lambendo a umidade que está vazando do centro, cobrindo minha língua com seu gosto.

Ela ri, os dedos enrolando os fios do meu cabelo. — Isso faz cócegas, James.

Eu sorrio contra ela, meu braço pressionando firmemente a barriga. — Pare de se mexer, pet.

Meus dedos escorregam nela ao mesmo tempo em que chupo seu clitóris inchado na minha boca, sentindo o pulso na minha língua. O corpo dela se mexe debaixo do meu braço, e eu a aperto mais, meus quadris pressionando a almofada do sofá para aliviar a dor que palpita no meu pau.

Ela é *apertada*, e pré-sêmen vaza da minha ponta, enquanto imagino como será quando as paredes dela estiverem abraçando a espessura do meu eixo, em vez de sugar meus dedos. Eu tenho uma suspeita furtiva de que ela é virgem, e o pensamento de ser o primeiro homem a tê-la - aquele que a arruinará para todos os outros - me faz querer destruir seu corpo, mente e alma.

Continuo a bombear meus dedos, a umidade cobrindo minha mão de sua boceta pingando. Meu braço se levanta do tronco, subindo até que ele gira em torno de seu pescoço, meus dedos batendo no pulso de seu coração.

Soltando o clitóris da minha boca, olho para cima, observando as bochechas coradas e a maneira como os seus seios se erguem sob o lindo azul do vestido. — Respire fundo para mim, pet, e não deixe sair até ver estrelas.

Ela faz, imediatamente, a aperto na garganta enquanto inala e segura. Minha mão envolve as laterais do pescoço dela e eu mergulho de volta na sua boceta, aumentando lentamente a pressão ao redor da traquéia, na mesma proporção da minha sucção no clitóris.

Suas mãos agarram meu cabelo, coxas tremendo quando se fecham ao redor da minha cabeça. Meus dedos se enrolam dentro dela, esfregando o ponto de suas paredes internas, meu olhar trava do meu lugar entre as pernas. Seus olhos estão rolando na parte de trás da cabeça, seus lábios se separaram, pois eu garanto que ela não possa respirar, mesmo que desejasse.

Meu pau palpita enquanto penso nos lábios dela ficando azuis, o seu corpo prestes a ceder; desistir, logo antes de eu permitir que ela venha, deixando o ar doce se expandir em seus pulmões e trazê-la de volta à vida.

Suas costas se inclinam para fora do sofá enquanto ela explode, seus dedos quase arrancando meu cabelo da raiz, a dor fazendo minhas bolas apertarem e o calor se enrola na base da coluna.

Solto a garganta dela, deleitando-me em seus profundos suspiros de ar, e continuo a bater nela enquanto ela goza.

Finalmente, solto o clitóris dela, meus dedos fazendo um barulho audível quando se retiram de sua boceta. Meu olhar trava no dela enquanto minha língua passa pelos meus lábios, limpando o

gosto da minha boca.

Meu peito puxa, cambaleando por dentro enquanto eu a olho, percebendo que nunca segurei tanta beleza em minhas mãos.

E neste momento, não tenho certeza de como vou deixá-la ir.

Capítulo 21



Wendy

Ninguém nunca fez isso comigo antes, e quando meu corpo flutua de volta à terra, os tremores secundários do meu orgasmo dão lugar a um aperto nos meus músculos, uma necessidade de agradá-lo de volta. Para dar a ele o que ele acabou de me dar.

Eu nunca me senti tão desejada. Tão sexual. Tão... *livre*.

E, claro, ainda não conversamos, não tivemos as conversas significativas que sempre imaginei que teria com a pessoa que dou meus primeiros, mas por algum motivo isso parece suficiente. Como se ele já me conhecesse sem precisar falar. É possível que eu esteja

cometendo um erro, talvez eu acorde de manhã e me arrependa da minha escolha, mas agora nunca tive tanta certeza de nada na minha vida.

Eu só quero, por um segundo, ser capaz de *deixar ir*.

Se eu for honesta comigo mesma, nas partes mais profundas da minha mente e nas camadas mais sombrias do meu coração, há pedaços de mim esperando que talvez uma vez que minha virgindade se vá, a imagem de inocência que não consigo perder também desaparecerá.

É cansativo que todos o tratem como se você fosse algo frágil. Quebrável. Menos.

As palavras de Moira de um flash anterior passam pela minha mente, assim como os golpes afiados de Maria. Todo mundo me vê como criança; uma jovem sem experiência no mundo e, por tanto tempo, deixei que falassem seus insultos e elogios. Eu os deixei assumir que, como tenho expressões flexíveis e não falo fora de hora, significa que eles estão certos.

Mas eu estou *cansada*.

E James, ele me faz sentir como uma mulher. Como a sua igual. Como se eu tivesse uma escolha, e ele me respeita para fazê-lo.

Ele se levanta do seu lugar entre as minhas pernas, sua língua lambendo a costura dos lábios enquanto olha para mim. A excitação gira pelo meu meio, meu corpo derretendo de seu olhar.

Sento-me, encostada nos cotovelos, meu interior quente e minha

cabeça flutuando. James me fez andar no limite da consciência, escuridão que nublava minha visão e euforia inundando minhas veias, a pressão que serpenteia pelo meu núcleo, combinada com a pressão da palma da mão fazendo endorfinas explodir como fogos de artifício. E agora ainda estou excitada. Eu rastejo em direção a ele, as almofadas do sofá macias sob meus joelhos, rezando para não parecer ridícula. Não tenho ideia do que estou fazendo, mas pela primeira vez, desbloqueei o fecho que trava meus impulsos profundamente e apenas faço o que é bom.

Minha mão corre pela sua perna, o tecido da calça macio sob minhas palmas. Seu olhar rastreia todos os meus movimentos, suas narinas inflando enquanto ele olha para mim.

Continuo minha caminhada para cima, meu estômago subindo e descendo como uma montanha-russa, enquanto minha palma encontra o comprimento grosso entre as pernas. É surpreendentemente rígido, diferente do que eu esperava, e o calor aumenta no meu centro, desesperada para saber como é na palma da minha mão.

— Posso tocar em você? — Eu pergunto.

Seus olhos azuis piscam, seus dedos se movendo para cobrir minha bochecha. Seu toque é tão terno que meu coração pula, o calor se espalha como melão pelo meu peito, e eu me inclino na sua mão, querendo aproveitar o conforto que proporciona.

— Você nunca precisa de permissão para me tocar, querida. — Ele se senta para a frente, pressionando a boca na minha, chupando meu lábio inferior antes de recuar. — Eu sou seu tanto quanto você é minha.

Suas palavras se espalharam pelo meu corpo como um incêndio, e eu o empurro de volta para o sofá, minhas mãos indo para o cinto e abrindo as calças. Seus quadris se levantam, permitindo-me tirá-lo da cintura até o pau dele se libertar, duro.

Sento-me nas minhas pernas, com o coração batendo contra a caixa torácica, os nervos chiando sob a pele e fazendo minhas mãos vacilarem.

É maior do que eu pensava que seria. E grosso; uma veia grande subindo pela parte inferior e desaparecendo embaixo da cabeça. Minha língua escapa para correr ao longo dos meus lábios, meu interior se apertando.

James se abaixa, as veias da mão flexionam enquanto envolve os dedos ao redor do eixo, acariciando displicentemente. Meu estômago está em um nó, uma dor entre as coxas, meu já sensível clitóris inchando ao vê-lo se divertir.

Sua mão livre corre pelos cabelos, mexendo nos fios já despenteados, e estou paralisada ao vê-lo tão desganhado, tão oposto de como todo mundo consegue vê-lo.

É intoxicante saber que *sou eu* quem o deixou assim.

— Tire a roupa. — Sua voz ressoa no meu interior como cascalho.

Um arrepio dispara através de mim, e eu afundo no conforto que sua ordem proporciona, a ansiedade derretendo porque sei que ele vai me dizer o que precisa.

— Ok. — Eu traço minhas pontas dos dedos do topo da minha garganta, lentamente correndo-as pelo comprimento dos meus machucados no pescoço e pela clavícula, deslizando por baixo da alça do meu vestido, permitindo que o material se solte de onde está descansando no meu ombro.

Meus olhos nunca se desviam dos de James, sua mão lentamente se estendendo, seu olhar se espalhava sobre onde meus dedos estão brincando com o material fino do meu vestido.

— Eu disse tira, pet, não me torture até a morte.

Suas palavras afundam na minha pele e se fundem com a medula dos meus ossos, fazendo-me sentir poderosa. Me fazendo sentir como se eu pudesse trazer *este* homem de joelhos, então eu posso fazer qualquer coisa.

Deixei a alça cair do meu ombro. Primeiro um lado, depois o outro. Ele morde o lábio, os dedos apertando a ponta do pau. Suas bolas apertam visivelmente, e a visão faz meu estômago virar.

Meu braço prende no meu peito, segurando o tecido no lugar, um pequeno sorriso aparecendo no meu rosto. — Diga, por favor.

Suas narinas inflam. — Você está jogando um jogo muito perigoso.

Eu levanto um ombro. — Estou apenas certificando-me de que você não esqueça suas maneiras, *querido*.

Rápido como um raio, ele sai do sofá, meu corpo é forçado a voltar para os cotovelos. Eu engulo o ar, meus olhos vagando do

rosto para a mão que ainda estão enrolados em sua ereção. Ele se projeta, líquido escorrendo da ponta enquanto ele move a palma da mão para cima e para baixo, empurrando-a *direto* na minha frente. Minhas pernas se apertam para aliviar a dor pesada que lateja entre elas.

— Você gosta de me ver? — ele ronrona. — Como eu sei que você está *desesperada* para ver? — Sua mão libera seu comprimento, movendo-se para a minha cintura. Borboletas estouraram no meu estômago enquanto ele desliza os dedos pelo meu torso até que descansem no vale dos meus seios.

Ele desliza sob o decote do meu vestido, deslizando para frente e para trás em uma carícia provocante, faíscas de excitação ricocheteando no meu interior e se estabelecendo profundamente no meu núcleo.

Ele faz uma pausa, com a mão enrolada sob o tecido. — Eu não imploro — diz ele. — *Nunca*. — Minha respiração trava nos pulmões quando um pequeno sorriso enfeita seus lábios.

E então, ele puxa.

Forte.

Meu corpo se lança para a frente enquanto rasga o vestido do meu corpo, o tecido rasgando, criando uma queimadura na minha pele. Exalo com severidade, adrenalina e excitação misturando em minhas veias como um coquetel letal, me deixando tonta de vontade.

A palma da mão dele cobre meu peito, manipulando a pele sob

os dedos. — Bonita.

Ele me libera e volta para o extremo oposto do sofá, voltando à sua posição reclinada. — Agora *tira*.

Eu estou com as pernas trêmulas, minhas palmas traçando uma linha do topo do meu peito até os mamilos, segurando-as entre os dedos e torcendo. Os formigamentos escorrem através de mim a cada puxão, então continuo o movimento, meus olhos se fechando quando me perco da maneira que me faz sentir.

— *Porra* — ele sussurra.

Meu olhar se abre com a palavra. É a primeira vez que ele amaldiçoa, e ouvi-lo agora faz meu núcleo palpitar.

Sua mão desliza pelo abdômen, envolvendo seu pau grosso. — Você é sempre uma visão, querida, mas você parece absolutamente *devastadora* enquanto você se toca.

Sinto-me como uma deusa sob seu olhar, e quando tiro os restos esfarrapados do meu vestido e ando até ele, permito que minha nova confiança se incline ao longo da minha pele e encha todos os poros. Subindo no sofá, deslizo entre as pernas dele. Minhas mãos voltam ao local nas suas coxas, traçando os músculos até que eu rodeie a base da virilha, meu rosto a centímetros do comprimento dele.

Os nervos escorrem pela minha nova confiança, e eu respiro trêmula. Lentamente, deslizo a palma da mão até meus dedos envolverem o seu eixo. Por um momento, apenas seguro minha mão lá, sentindo a sensação dele. É mais maleável do que eu esperava e,

quando aperto meus dedos, ele salta. Uma risadinha explode em mim.

Uma risada baixa ressoa pelo corpo, os dentes brilhando pelo sorriso. — Posso garantir que o riso não é algo que um homem queira ouvir quando você está de braços no colo dele.

Eu balanço minha cabeça. — Não, desculpe, é só que ... eu nunca ...— Eu movo minha mão experimentalmente, deslizando-a pelo comprimento e passando os dedos sobre a ponta. — Você vai me mostrar como gosta?

A palma da mão envolve a minha, aumentando meu aperto antes de nos mover em conjunto, acariciando-o, torcendo-o no topo e depois voltando para baixo. Eu respiro fundo, meu núcleo se contraindo.

Ele se senta, com a mão livre cobrindo minha bochecha, como se soubesse que preciso do conforto. — Eu *gosto* que você nunca fez isso antes. Não há nada que você possa fazer comigo que eu não goste. Compreende?

Eu aceno.

— Boa menina. — Ele recua. — Agora coloque sua boca nele.

Meu peito se expande em seus elogios, o desejo de agradá-lo me enchendo de dentro para fora. Eu me inclino, minha boca se separando enquanto eu o chupo entre meus lábios, minha mandíbula se esticando para acomodá-lo.

Sua mão se abaixa para emaranhar no meu cabelo.

Minha língua gira em torno da carne, surpresa fluindo através de mim com o gosto, e quando a ponta da minha língua encontra o topo na cabeça e nos movimentos, ele geme, a palma da mão me empurrando mais para ele.

Meus olhos se arregalam, mas não resisto, permitindo que ele me empurre para baixo.

Uma das suas mãos segue do meu cabelo até a minha mandíbula, com os dedos massageando os músculos, como se ele os estivesse pedindo para relaxar. — Uma garota tão perfeita — ele murmura.

O orgulho dispara através de mim como uma bala e eu dobro meus esforços, seu comprimento enchendo minha boca até ele bater na parte de trás da minha garganta. Meus olhos lacrimejam pela picada, uma leve dor irradiando pela minha mandíbula.

Como devo continuar fazendo isso?

A veia na parte inferior do eixo pulsa na minha língua e eu gemo, uma onda de desejo surgindo através de mim. Nunca me senti tão poderosa quanto neste momento, curvando-me sobre um homem que sangra o domínio e fazendo-o se desfazer.

Ele empurra minha cabeça para trás, seu pau literalmente saindo da minha boca. A onda de ar me faz ofegar e lágrimas saem dos meus olhos devido aos eventos.

— Foi ...— Eu chupo uma respiração. — Não estava tudo bem?

Ele sorri, mas não fala, avançando até que seus braços se

enrolem em meu corpo para que ele possa me levantar. Ele me carrega pelo corredor e entra em seu quarto, me jogando em sua cama, meu corpo pulando do colchão macio e lençóis sedosos.

— Você fez maravilhosamente bem, pet.— Seus lábios seguem minhas pernas, dando beijos ao longo de cada centímetro do meu corpo. — *Tão* bem.

Ele se levanta acima de mim, com os joelhos colocados entre as minhas coxas, a moldura lançando uma sombra sobre o meu corpo. Eu chego à frente, meus dedos agarrando os botões da camisa, mas a mão dele desce e me impede, o queixo tenso enquanto ele balança a cabeça não.

A rejeição abre caminho pelo meu interior e eu aperto minha mão para trás, o calor inunda minhas bochechas. Espero uma explicação, mas ela nunca chega e não quero estragar o momento perguntando.

Seu toque percorre toda a extensão do meu corpo enquanto ele se abaixa em cima de mim, com os dentes raspando ao longo da minha mandíbula. Um jorro de umidade escoia do meu núcleo, juntando-se debaixo de mim nos lençóis.

Ele empurra os quadris para a frente, a ponta do pau deslizando contra o meu clitóris inchado, o prazer girando profundamente no meu abdômen.

— Diga-me que você é minha.

Meu centro se aperta ao redor, com o estômago tenso quando se enrola mais. — Eu sou sua.

— Prove. — Ele move a ponta para a minha abertura, seu pau brilhando ao deslizar entre os meus lábios. Mas ele não se mexe. Ele simplesmente espera.

— Pegue, James.

Seus olhos travam nos meus por longos momentos, e eu me levanto, acariciando sua mandíbula com meus dedos. — Eu confio em você.

Um flash de *algo* passa através de seus olhos. — Você não deveria.

Não tenho tempo para pensar nas palavras dele antes que ele deslize para dentro de mim, uma picada aguda que atravessa meu corpo. Eu inalo rapidamente, meu corpo está tenso ao seu redor, imediatamente querendo lutar contra a intrusão.

Ele range os dentes. — Você tem que relaxar, ou eu nunca vou caber dentro de você.

Mordo o lábio e aceno com a cabeça, o medo de decepcioná-lo pior do que o medo da dor.

A mão dele agarra a nuca do meu pescoço, arrastando meu rosto para o dele. — Eu vou cuidar de você, querida. Respire através da dor.

Ele sopra uma respiração e eu a sugo, uma lágrima escapando do canto do meu olho. *Estúpida*. Eu tento mover minha mão para limpá-la da minha bochecha, mas ele bate nela, sua boca pressionando beijos ao longo da minha mandíbula até que ele

alcance o caminho da umidade, lambendo.

Seus quadris avançam, mas param quando ele atinge a resistência e, com um único impulso, ele empurra. Meus braços voam em torno de seus ombros, minhas unhas pressionando-o com tanta força que tenho certeza de que tiram sangue.

Nossas respirações se misturam no espaço entre nós e, quando ele começa a se mover lentamente, seus lábios roçam os meus a cada impulso. A picada agora é acompanhada por uma pulsação profunda, como um hematoma que se instala profundamente, mas eu me concentro na plenitude em vez da dor.

— É bom? — Eu pergunto.

Seus quadris pressionam mais fundo. — Você é *incrível*.

Enquanto ele continua a se mover dentro de mim, a picada dá lugar a uma dormência feliz, permitindo-me focar nos ângulos agudos do rosto dele. No caminho que seus olhos me absorvem como se eu fosse o Sol, e ele está desesperado pelos raios.

O desconforto ainda está lá, mas também há uma pontada de prazer se desenrolando no meu meio simplesmente por senti-lo dentro de mim. Pelo conhecimento de que sou eu quem o faz se sentir assim. Que ele está baixando a guarda *para mim*.

Eu levanto minha parte superior do corpo da cama, meus seios esmagando o tecido da camisa dele. — Você vai gozar dentro de mim? — Eu sussurro em seu ouvido, meu corpo corando das palavras sujas deixando meus lábios.

Não sei ao certo o que me dá coragem de dizer isso, mas de alguma forma, sempre que estou com ele, faço coisas que nunca soube que poderia.

Seus quadris vacilam, suas mãos agarrando meus braços ao redor dele e prendendo-os acima da minha cabeça, suas palmas envolvendo meus pulsos.

— É isso que você quer? — pergunta. — Quer que eu te separe e esteja tão profundo que me sentirá por dias?

Eu gemo, meus abdominais tensos e pernas tremendo. — Sim.

Seus quadris empurram mais rápido, suas bolas batendo contra mim em cada impulso, suas palmas pressionando tão profundamente nos meus pulsos que minhas mãos formigam. E então ele fica tenso, seus movimentos ficando agitados enquanto ele pressiona o mais fundo que pode ir.

Eu posso senti-lo pulsar, disparo atrás de disparo, disparando profundamente dentro de mim, seu gemido baixo fazendo minhas paredes internas se apegarem, tentando ordenhá-lo.

Ele cai em cima de mim, com os dedos afrouxando nos meus pulsos, e juro por Deus neste momento nunca me senti mais perto de ninguém do que dele.

Esse homem que eu conheço há dias, mas ele me trata como se eu fosse preciosa.

Como se fosse *dele*.

Sua respiração está esfarrapada, seu rosto descansando na curva do meu pescoço, e minhas mãos sobem até a sua cabeça, acariciando seus cabelos e por cima dos ombros. Ele estremece sob o meu toque, e eu sorrio, meu coração inchando.

Eu estava preocupada que me arrependesse de ter permitido que ele tomasse minha virgindade, mas tudo o que sinto é alívio por ter desaparecido.

James pegou aquela garota frágil e a jogou em algum lugar que não consigo encontrar, e pelo menos por enquanto estou aproveitando a ausência dela.

Capítulo 22



James

Faz anos desde que minha mente está quieta. Ainda mais desde que consegui relaxar, mesmo no conforto da minha própria casa. Mas ontem à noite, caí profundamente em um sono sem sonhos e acordei envolto nas curvas de Wendy.

Eu não tinha planejado gozar nela. Mas o pensamento dela inchando com meu filho bem na frente dos olhos de seu pai - logo antes de eu cortar sua garganta, tinha minhas bolas apertando e gozando da minha ponta antes que eu pudesse terminar a fantasia.

Ela me *desequilibra* de uma maneira que não entendo direito.

Mas eu gosto das noites sem sonhos e do conforto que ela proporciona ao acordar.

Eu me inclino para baixo, inalando seu perfume, meu pau engrossando contra as costas dela. Ela mexe nos meus braços, murmurando algo enquanto seus olhos se abrem.

Meu peito puxa. — Bom dia, querida.

Ela sorri, o rosto ainda está sonolento e levanta os braços acima da cabeça, esticando-se. O movimento empurra seu corpo para o meu, fazendo com que o sangue corra para a minha virilha.

Eu quero levá-la novamente.

Mais duro desta vez. Mas eu resisto, sabendo que ela deve estar dolorida. Surpreendentemente, o pensamento dela com dor não faz nada para me excitar.

— Bom dia? — Ela pula na cama, passando a mão pelos cabelos emaranhados. — Que horas são?

— Não tenho certeza.

— Você não tem um relógio? — A testa dela franze.

Minha mandíbula se aperta. — Eu não tenho me preocupado muito com o tempo, já que há algo muito mais importante na minha cama.

Seus movimentos frenéticos param, rosa inundando suas

bochechas. — Oh — ela sussurra.

Eu me inclino, pressionando meus lábios nos dela. — Sim. Oh.

Seu corpo derrete no meu enquanto ela olha para mim através de seus cílios. — Eu tenho que ir. Prometi ao meu irmão que o levaria para sua nova escola hoje.

Irmão.

Eu sei sobre ele, é claro, mas me ocorre que *Wendy* não percebe isso, então levanto minhas sobrancelhas no que espero que seja uma expressão surpresa, inclinando minha cabeça na menor quantidade. — Irmão?

— Sim. — Ela ri, balançando a cabeça. — Às vezes, é fácil esquecer que na verdade não nos conhecemos bem.

Meus braços envolvem a cintura dela, puxando-a para o meu peito. — Sinto como se nos conhecêssemos bastante bem ontem à noite. — Meus dentes beliscam sua orelha.

Ela ri. — Você sabe o que eu quero dizer. — Ela se vira nos meus braços, olhando para mim. — Você tem irmãos?

O gelo escorre pelas minhas veias, congelando qualquer calor persistente. — Nenhuma família, eu receio. Só eu.

O olhar dela salta dos meus olhos para os meus lábios e para trás. — Oh, me desculpe.

Eu dispenso a preocupação dela. — Não se desculpe, querida. A família não podia lidar com pessoas como eu.

A boca dela vira para baixo, mas ela não empurra. Sou grato por isso, não querendo inventar uma história elaborada de como amei e perdi, quando a realidade é que era a família *dela* que levou a minha.

— Meu irmão tem dezesseis anos e está começando uma nova escola hoje — diz ela.

— Qual escola?

O rosto dela aperta. — Algum internato fora da cidade. Ele diz que está bem com isso, mas — ela suspira, passando a mão pelo cabelo, — ele não tem a melhor experiência com outras crianças. E eu não quero que ele fique preso *vivendo* em um lugar onde ele não pode se afastar do tormento. — Seus olhos ficam vidrados, e eu estendo a mão, limpando uma lágrima perdida.

— Ugh, me desculpe. Estou chorando muito ao seu redor. — Ela limpa as bochechas. — Eu prometo que não sou assim o tempo todo.

— Não peça desculpas, eu *quero* ser quem você recorre quando a vida fica difícil.

Seus olhos ganham um brilho curioso e ela se inclina, me beijando suavemente. Gestos pequenos e simples, mas fazem meu estômago apertar da mesma forma.

— Ok.

— Você quer que eu vá com você? — As palavras estão fora da minha boca antes que eu possa pensar nelas, e eu mordo de volta a careta que quer chegar ao meu rosto. *Por que eu ofereceria isso?*

Seus olhos se iluminam como fogos, com os dedos segurando o tecido da minha camisa. — Você iria? Eu ... — Ela engole. — Isso seria muito bom. Além disso, você conheceria Jon.

Forço um sorriso, repreendendo-me mentalmente por oferecer algo que realmente não tenho tempo para dar. Mas não posso desistir agora, e se isso lhe proporcionar um mínimo de apoio e conforto extras - o tipo que seu pai claramente não está fornecendo - eu o farei.



Estou de pé no meio da casa de Peter Michaels.

Wendy subiu as escadas para trocar de roupa, depois de usar minhas roupas na viagem de volta, desde que rasguei as dela em duas.

E ela me deixou sozinho.

Porque ela *confia em* mim.

Ando pela área de estar, a raiva fervilhando nas veias enquanto

pego os rostos sorridentes dentro das molduras, uma família feliz fazendo memórias enquanto eu vivia pesadelos.

Movendo-me pelo longo corredor, espio em algumas salas diferentes até finalmente chegar ao escritório.

Meu estômago aperta quando entro, meu coração batendo na garganta. A sala em si é quente, cheia de cedro e carvalho, mas não é utilizada. Vazia. Duvido que ele esteja aqui com frequência.

Ainda assim, ter acesso inexplorado como este é... *emocionante*.

— Quem diabos é você?

Eu giro, ficando cara a cara com um garoto alto e magro usando óculos de armação de arame e uma polo marrom pressionado com uma sereia na frente.

Eu conheceria esse logotipo em qualquer lugar. *Rockford Prep*.

Uma memória voa no meu cérebro da primeira vez que a vi; na frente de um folheto que estava em cima da mesa do meu tio. Eu tinha quatorze anos na época e, enquanto folheava as páginas, a antecipação me encheu até a borda, imaginando se meu tio estava finalmente cansado de abusar de mim. De me lembrar de todas as maneiras pelas quais ele odiava meu pai, enchendo nos meus ouvidos que eu deveria pagar por seus pecados.

Enfie o folheto no bolso e o levei direto para Ru.

— *Você acha que o tio vai me enviar para lá? — Não posso*

evitar o modo como minhas palavras se elevam, espero que brotem na minha voz.

Ru murmura, fumando um charuto. — O que, você quer ir para o Marooner's Rock?

— Para onde?

Ele aponta para o folheto. — Rockford Prep. É um colégio interno, mantido na Marooner's Rock, uma ilha ao longo da costa. Você tem que pegar um barco para chegar lá, e eles têm uma reputação de ... — Ele hesita.

Meus olhos se estreitam. — De quê?

— Por consertar jovens problemáticos, garoto. E seus métodos não são conhecidos por serem amigáveis.

Meu estômago revira, mas endureço minha mandíbula. — Bem, eu ainda quero ir.

Ru ri, olhando para mim com um sorriso. — Sim? Acha que você poderia usar alguns bons espancamentos para tirar o britânico de você?

A irritação em seu tom se mistura com a vergonha que vive no tecido da minha alma até que ela explode em mim. — Eu tive pior e por muito mais tempo. — Levanto-me, perseguindo Ru, meu terno pendurado levemente solto na minha estatura de quatorze anos. — Eu faria qualquer coisa para me afastar dele. — Minha voz está baixa.

O sorriso de Ru cai, sua cadeira rangendo quando ele avança, encontrando meus olhos. — Que porra ele está fazendo com você, garoto?

Eu nunca fui para Rockford Prep. Confessei a Ru alguns dos meus segredos mais sombrios naquele dia, desespero soltando minha língua, esperando que alguém agisse a meu favor. Que alguém finalmente me *visse* e entendesse.

E ele fez.

Não tenho certeza dos detalhes, mas depois daquela noite, o pior parou. Os espancamentos continuaram, é claro, até que eu estava velho e forte o suficiente para revidar, mas meu tio nunca mais entrou no meu quarto.

E mesmo que Ru não tenha dito uma palavra desde então, sei que ele foi o motivo.

Sorrindo, forço minha mente a voltar ao presente, colocando minhas mãos nos bolsos e balançando nos meus calcanhares. — Você deve ser Jon.

Surpresa tremula no meu peito com a aparência diferente de Wendy.

O queixo dele se projeta. — Quem está perguntando?

Eu sorrio. Eu acho que vou gostar desse garoto. — Eu sou James, um amigo da sua irmã. Ela me pediu para estar aqui.

Seus olhos se estreitam antes que ele finalmente assente, caminhando até mim e estendendo a mão. — Bom. Ela precisa de um amigo.

Minha palma se conecta à dele, e uma pequena admiração cresce para o garoto, sua lealdade à irmã, algo que eu respeito. Ele não deixa cair o contato visual por um segundo e seu aperto é forte e seguro.

— Oh, — a voz de Wendy vem da entrada do escritório. — Vocês se conheceram. Ótimo. — Ela olha em volta. — O que vocês dois estão fazendo aqui?

Abro a boca para responder, mas antes que eu possa, Jon intervém. — Eu estava apenas mostrando a ele — diz ele.

Minhas sobrancelhas levantam de surpresa.

Ela sorri. — Isso é legal. Você está pronto para ir?

Seus olhos estão escuros, o dedo empurrando os óculos pelo rosto. — Sim. Vamos lá.

Enquanto seguimos para o meu Audi, meu telefone vibra no meu bolso. Eu o retiro, olhando para o identificador de chamadas, o nome de Ru piscando na tela.

Eu escovo minha mão pelos cabelos de Wendy, aproximando-a para abrir a porta do passageiro. — Eu tenho que atender esta ligação. Só vou demorar um momento.

Ela assente, ela e Jon se instalando enquanto eu ando alguns passos de distância.

— Roofus.

— Garoto, onde você está? Temos uma reunião de negócios em três horas. Vou dizer a ele que estamos fora. Outro de nossos investimentos não foi realizado, e eu não confio nesse novo cara para mandá-lo.

Meu estômago está em nós quando olho para Wendy e Jon, com a cabeça jogada para trás na gargalhada. — Estou bastante amarrado no momento, mas devo terminar ao meio-dia. Onde estamos nos reunindo?

— O mesmo de antes. Vou para lá em algumas horas, mas vou levar um dos meninos, não se preocupe.

Meus dentes rangem tanto que temo que eles quebrem, minha mente está em guerra com a indecisão. Não quero que Ru fique sem mim, mas dei a Wendy minha palavra e, se voltar agora, perderei todo o terreno que ganhei.

Exalando um suspiro, náusea agita no meu intestino. — Eu te encontro lá o mais rápido possível.

— Tudo bem, garoto. E não faça planos hoje à noite, começamos a jogar. Temos trabalho a fazer.

Ele desliga, e eu estou parado olhando para o telefone, minha mente repassando todos os cenários possíveis que podem me levar até lá a tempo. Rockford Prep fica a uma hora de carro nos dois

sentidos, e a Caverna Cannibal fica a mais trinta minutos, mas se eu me apressar, posso fazê-lo.

Jogando meu telefone de volta no bolso, vou para o carro, inquieto girando como um tubarão no meu estômago.

Primeiro, vou lidar com Wendy.

E então eu vou lidar com o pai dela.

Capítulo 23



Wendy

Eu não tinha percebido que a escola estava em uma ilha. Apesar de toda a preocupação que tive nos últimos dias, nem me passou pela cabeça pesquisar no Google o prédio real.

Quando nosso carro foi carregado na balsa, meus nervos aumentaram, a tal ponto que eu mal conseguia me concentrar na conversa fiada entre James e Jon, os dois se entenderam rapidamente. Mas quando voltarmos à terra, sou capaz de me concentrar, e meu peito esquenta enquanto ouço James dar atenção ao meu irmão, da maneira que sempre desejei que nosso pai o fizesse. E em algum momento, sei que precisarei desistir de minha

visão ingênua dele. Vou ter que parar de me lembrar dele como o pai que me levantou sobre seus ombros e me disse que eu poderia ajudá-lo a governar o mundo e começar a vê-lo como o estranho que gosta de manter-me pequena e inútil.

É difícil deixar alguém ir, deixá-lo se afastar até que eles só existam em suas memórias. Depois disso, terei que admitir que talvez ele nunca tenha realmente existido.

— Você está bem, querida? — A voz de James me tira dos meus pensamentos, nosso carro entrando no monte de Rockford Prep.

Forço um sorriso, não querendo me concentrar na ausência de meu pai, optando por pensar em como é estar com *James* aqui agora, certificando-se de que Jon e eu não façamos isso sozinhos.

A escola em si é grande, pairando sobre nós como um castelo com torres íngremes e janelas em arco, mas o ar ao redor é pesado. Sufocante. Eu dispenso o sentimento, esperando que sejam apenas minhas emoções voláteis me dando uma visão distorcida.

Talvez ele adore aqui.

— Parece bom — digo, tentando infundir um tom alegre na minha voz.

Jon fica ao meu lado, com os olhos no prédio.

A mão de James repousa na minha parte inferior das costas. — Parece bastante sombrio, não é?

Jon sorri para ele. — Eu procurei antes de vir. Eu sabia o que esperar.

A surpresa flui através de mim, meu coração se anima com o fato de que ele compartilhou tão facilmente com James o que ele não compartilhou comigo.

Nós nos movemos para dentro, um aperto melancólico apertando meus pulmões. Não quero deixar Jon aqui, além disso, sentirei sua falta. A família sempre foi a coisa mais importante do meu mundo, e agora parece que estou no meio de uma correnteza, vendo como tudo se arrasta, e fiquei lutando contra a corrente.

O ar na secretaria principal pressiona ao meu redor a cada passo, e é somente quando sinto a mão de James nas minhas costas que endireito minha coluna, permitindo que ele infundisse um pouco de sua confiança nos meus ossos. Eu me inclino nele para o apoio.

Há uma mulher sentada atrás da recepção, com os cabelos grisalhos puxados para um coque apertado, os óculos presos à camisa com tiras de miçangas.

— Oi — eu começo. — Estou aqui para deixar meu irmão. Ele deveria se mudar hoje.

Seus lábios se apertam quando ela me observa, depois move o olhar para Jon, antes de finalmente descansar no homem ao meu lado. — O diretor Dixon estará disponível em breve — diz ela. — Até então você pode se sentar, eu o informarei quando ele estiver pronto.

— Ok, obrigada. — Eu me viro para ir, mas o forte aperto de James nas minhas costas me mantém no lugar.

— Peço desculpas, senhorita ...— Ele se inclina por cima da mesa.

Os olhos da mulher crescem, os lábios virando no canto. — Sra. Henderson.

— Certo. Claro, você é uma senhora. — Ele ronrona. — Perdão.

— Agora. — Ela olha para baixo, suas bochechas ganhando um tom rosado e diversão dança através do meu peito pelo fato de ele parecer estar *paquerando*.

— Eu entendo que você e o diretor Dixon devem ser pessoas extremamente ocupadas — continua ele. — Mas nós *estamos* com pressa.

Minhas sobrancelhas se puxam. *Nós estamos?*

— Você estaria me fazendo um grande favor se o deixasse saber que estamos prontos *agora*.

O sorriso dela cai, e não é surpresa, porque enquanto ele soa nada menos que um cavalheiro, há uma corrente de comando em seu tom, que não deixa espaço para discussões.

Ela assente devagar, estendendo a mão e pegando o telefone, antes de falar algumas palavras e desligando. — Eu vou te levar agora. — Ela sorri.

— Maravilhoso. — James bate as mãos.

Jon e eu damos uma olhada, e a palma de James volta para descansar na minha parte inferior das costas, me levando para o corredor.

O diretor Dixon é um homem baixo e atarracado que estende o peito e sorri tão largamente que você pode ver os dentes do siso. Ele segue o currículo e promete que Jon estará em boas mãos, principalmente por ser uma das crianças de *Peter Michaels*; quem ele nos lembra nada menos que trinta vezes que ele é amigo. Mas, por tanta postura quanto ele exala, ele não pode comandar uma sala da maneira que James faz apenas existindo nela, e para todas as perguntas que James faz, a voz do diretor Dixon fica mais tensa.

— Você tem outras perguntas antes de nos despedirmos? — Dixon diz. — Vou mandar um dos garotos descer e mostrar Jon o quarto dele.

Minha garganta começa a fechar, sem querer dizer adeus, e eu estendo a mão, meus dedos emaranhados com os de James.

Ele aperta minha palma na dele, trazendo nossas mãos unidas para a boca e pressionando um beijo nas costas. Meu estômago vibra.

— Você e Jon vão esperar no saguão, sim? — ele diz. — Vou conversar rapidamente com o diretor.

Minha cabeça inclina. — Para quê?

— Querida. — Ele coloca meu cabelo atrás da minha orelha. —

Eu quero cuidar de você, e isso se estende ao seu irmão. Estou simplesmente garantindo que estamos todos na mesma página.

Gratidão quente e pegajosa escorre pelo meu interior. Porque ele está aqui. Porque ele vai garantir que Jon tenha o que precisa. Porque ele *se importa*. Eu levanto na ponta dos pés, pressionando um beijo nos lábios dele. — Obrigada.

Ele pisca para mim e me gira, me empurrando levemente para o corredor. Viro uma última vez para vê-lo fechando a porta, os olhos do diretor se arregalando um pouco.

— O que você acha que ele está fazendo aí? — Jon pergunta quando voltamos para a frente.

Eu encolho os ombros. — Eu não sei. Coisas de negócios, eu acho.

Jon murmura. — Eu gosto dele.

Sorrindo, olho para ele. — Eu também gosto dele.

— Está tudo bem, sabe? — ele diz.

— O que?

— Ficar triste por eu ter ido embora.

Minha garganta se aperta e meus olhos olham para o teto, tentando conter as lágrimas. Juro que chorei mais nos últimos dois dias do que desde a morte de minha mãe e estou cansada disso. Eu

odeio sentir-me tão fraca.

— Eu *estou* triste. — Eu sorrio para ele. — Mas você não está muito longe e estou a apenas um telefonema de distância.

Ele assente. — Eu também sentirei sua falta.

Seus braços se envolvem em torno de mim, e eu fecho meus olhos, o nó na minha garganta se expandindo até queimar.

— Eu te amo, Wendy.

A dor se move para descansar atrás dos meus olhos, e meus braços se apertam ao redor dele. — Eu também te amo. Sinto muito, papai não estar aqui.

Ele recua, com a mandíbula endurecendo. — Nós não precisamos dele.

James sai do corredor alguns momentos depois, indo direto para Jon e entregando-lhe um pedaço de papel. — Gostaria que você pegasse esse número e o colocasse no seu telefone. Se você precisar de *qualquer coisa*, você me liga.

Meu coração pula com o gesto dele.

O músculo da mandíbula de Jon se contrai, suas narinas inflando. — Eu vou ficar bem.

— Disso não tenho dúvida — responde James. Sua mão aperta o ombro de Jon quando ele se abaixa para falar em seu ouvido.

Eu me inclino para perto, esforçando-me para ouvir o que ele diz.

— Lembre-se de que sempre que as coisas parecem sombrias, todas as situações são temporárias. Não é a sua circunstância que determina o seu valor, é como você se levanta das cinzas depois que tudo queima.

Capítulo 24



James

Deixo Wendy em sua casa com pouco mais do que um adeus, impaciência estalando no meu interior como um elástico a cada segundo perdido.

A viagem a Rockford Prep levou mais tempo do que o previsto, mas achei importante informar o diretor o que espero de sua equipe quando se trata de Jonathan Michaels. Não sei por que sinto tanta semelhança com ele. Talvez porque ele seja o irmão de Wendy, e como ela é minha, por procuração, ele também seja. Ou talvez seja porque eu me vejo muito nele. Percebo como seus músculos estão tensos, defendendo uma fachada que ele sabe que não pode

controlar.

Em ambos os casos, eu poderia dizer simplesmente olhando nos olhos de Wendy que hoje era uma luta. Ela seria capaz de fazer isso sozinha, é claro, no curto espaço de tempo que estive com ela, é fácil dizer que, embora seja dócil e bem-educada com a maioria do mundo, ela também é forte e leal. Ela ama seu irmão e, por algum motivo, esse tipo de vínculo familiar ressoa, fazendo-me querer garantir sua felicidade quando se trata das pessoas a quem ela ama.

Faltam trinta minutos e meus pneus estão triturados no caminho de cascalho que leva à Caverna Cannibal. O sol mal se pôs, banhando a paisagem em um tom rosado, não claro o suficiente para ver claramente, mas não escuro o suficiente para estar cego.

Eu chego perto do nosso ponto de encontro normal, meu peito apertando a percepção de que não há outros carros aqui. Estou correndo para trás, mas não estou *naquela* tarde, e um arrepio sobe na minha espinha, meu instinto me dizendo para ficar alerta. Eu estaciono o carro, deixando-o funcionando enquanto verifico nos meus arredores.

Vazio.

O peso da minha faca é pesado no bolso e eu atravesso o console, abrindo o porta-luvas, recuperando minhas luvas e minha pistola H&P USP.40. Normalmente, eu gosto de ficar com minhas lâminas, preferindo o mais *íntimo* toque, mas minha intuição nunca falhou, e seria negligente da minha parte levar minha faca ao que poderia muito bem ser um show de armas.

Eu deslizo nas minhas luvas, um dedo de cada vez, e inclino a

cabeça para o lado, uma fenda profunda reverberando na espinha. Saindo do carro, chego atrás de mim, enfiando a pistola na cintura da calça antes de seguir em frente. Ando devagar, sem querer perturbar a calma do ar. Meus ouvidos estão bem alertas, esperando ouvir a risada barulhenta de Ru ou talvez suas palavras cortantes. Mas é silencioso, nada além do som de cigarras nas árvores e da brisa enquanto ela bate pelas folhas. O céu escurece quando o sol continua a deslizar no horizonte, fazendo minha visão se inclinar enquanto eu ando em direção à entrada da caverna. Normalmente nos encontramos fora dela, mas talvez, por algum motivo, eles tenham mudado as coisas para mais longe.

Meu coração bate um ritmo lento e constante dentro do meu peito, tendo aprendido a controlar seu ritmo há muito tempo, quando meu tio costumava me dizer o quanto ele gostava de sentir isso rapidamente sob suas mãos.

Algo está errado.

Está muito quieto. Meu pé escorrega em algo duro e eu paro, olhando para baixo enquanto levanto a sola do meu sapato.

Um brilho de cor chama minha atenção.

Eu puxo uma respiração, meu coração vacilando em seu ritmo constante.

Agachando-me, retirando os detritos de galhos caídos e folhas, revelando um brilho ofuscante de vermelho.

Rubi, para ser exato.

Meu estômago revira.

Não.

Endireitando, chego atrás de mim para pegar minha arma, meu estômago tenso enquanto aperto o isqueiro personalizado de Ru em minhas mãos. Aproximo-me da beira da caverna e depois paro.

O barulho da minha pistola quando ela atinge o chão é quase audível através do pesado grito nos meus ouvidos.

Porque bem na minha frente está Ru. Amarrado a uma árvore, pregos salientes em suas mãos e pés, seu meio se abrindo de dentro para fora.

O gelo corre pelas minhas veias, chocando meu sistema nervoso até zumbir como uma TV com estática. Avanço com cautela, meus pés como chumbo, querendo seguir o caminho oposto, para retroceder o tempo para que eu possa desfazer esse erro.

Respirando profundamente pelo nariz, engulo em torno do nó grosso na garganta, meu queixo levantando enquanto tomo a extensão dos danos causados à pessoa dele.

Seus olhos estão abertos e vermelhos, os mesmos que me mostraram bondade quando eu era jovem, acostumado a ver ódio.

Sua boca está relaxada, a *mesma* boca que me ensinou a nunca desistir. Para nunca ceder. Aquele que me disse que eu era como um filho.

Meu peito torce com tanta violência que eu me curvo, meu corpo se dobrando ao meio enquanto eu descanso minhas mãos nos joelhos, tentando controlar a agitação.

Lentamente, eu me endireito, meu olhar se movendo para a carne rasgada de suas mãos, as mesmas mãos que me ensinaram a manejar uma faca, como disparar uma arma. As que me salvaram de anos de tormento de um mal que *eu* não conseguia compreender.

Meu estômago se recupera novamente e olho para longe, narinas queimando enquanto tento empurrar a onda de memórias ameaçando vir à superfície. Mas é tarde demais, a onda de tristeza aumenta e me atinge como um furacão, minha mente não é capaz de conectar o cadáver mutilado na minha frente com o homem que me ensinou tudo o que sei.

O homem que me defendeu contra meus pesadelos.

Eu ando mais perto ainda, meus pés tropeçando no chão, mãos trêmulas quando chego à árvore. Meu sapato escorrega em uma poça, o líquido espirrando na bainha das minhas calças. Eu congelo, olhando para a poça de sangue; a força vital do único homem nesta terra que se importava o suficiente para me acolher. A chama no meu interior queima, arranhando minha garganta e derramando dos meus olhos. Lágrimas rastreiam meu rosto e pingam do meu queixo, o buraco aberto no meu peito rachando e tremendo até que meu interior sinta que vai rasgar ao meio do terremoto.

Bile queima a parte de trás da minha garganta pelo cheiro de seu interior, mas eu ignoro o fedor, meus dedos se levantando e segurando o prego embutido na mão esquerda. É escorregadio, coberto de sangue que começa a secar e, enquanto tensiono meu braço e puxo, o pop doente de metal que libera da carne é suficiente

para fazer até o mais forte dos estômagos agitar.

Olho para o prego na palma da mão, sentindo como se estivesse sendo martelado *em mim*, até que algo escuro e pesado rompa as rachaduras, deslizando pelo meu peito e envolvendo o pescoço como um laço.

E quando me forço a olhar seus outros membros, seu corpo caindo na árvore e caindo no chão, percebo que até os corações mais fraturados ainda precisam se partir.

Porque o meu foi dizimado para cinzas.

Eles não apenas o mataram.

Eles o *evisceraram* e o amarraram para os animais se alimentarem.

Mas sou pior do que qualquer outro selvagem que mora nesses bosques e caçarei todos os envolvidos como presas, banhando-se em seu sangue e dançando aos seus gritos até se arrependerem por seus pecados.

Meus dentes rangem tanto que minha mandíbula dói, minha visão fica embaçada quando uma dor profunda se acalma no meu peito.

Eu poderia ter evitado isso.

Mas eu estava com...

Wendy.

Minha cabeça vira para o céu, minha mente se despedaçando em um milhão de pedaços, enquanto me pergunto se de alguma forma ela estava nesse plano. Se ela soubesse que, ao me distrair, seu pai poderia entrar furtivamente e mais uma vez tirar a única coisa que importa.

Sua pequena sombra.

Palavras de George, o padeiro, fluem pela minha cabeça, só que desta vez eu a vejo de um ângulo diferente. Minha cabeça está clara, não mais nublada com a luxúria de uma mulher que tem o mesmo DNA que o homem responsável por tanta dor.

— *Era uma mulher. Disse que havia um novo chefe na cidade.*

Choque corre através de mim como uma corrente elétrica, colidindo com o fogo brando da minha raiva até que eles queimem em uma explosão de calor, a ira cantando nas minhas veias e explodindo nos meus poros.

O ácido provoca a parte de trás da minha garganta.

Eu tinha assumido que era Tina, assistente de Peter. Mas Wendy estava lá naquele dia. *Ela estava lá.* Eu respiro fundo.

Minha mão enluvada corre sobre minha boca, o couro áspero contra meus lábios secos. — Eles não vão se safar. — Minha voz trava. — Eu os farei sofrer por cada momento de dor que você sofreu.

Meu polegar toca a inscrição no isqueiro, ainda segurado firmemente na palma da mão.

Direto até de manhã.

Com uma respiração profunda, eu o abro, o tilintar da tampa e acendo a chama é o único som, além dos gritos silenciosos arranhando minha alma.

— Descanse, amigo.

A dor rasga meu interior enquanto jogo o isqueiro nas folhas caídas, observando quando elas pegam fogo e se espalham, o corpo de Ru lentamente sendo envolvido pelas chamas.

Capítulo 25



Wendy

Há um único cupcake triste no centro da ilha da minha cozinha, com glacê branco e granulado que parecem fora de lugar; tão colorido em uma casa cinza e vazia. Faz três dias desde que Jon se foi, me deixando completamente sozinha e, francamente, deprimida.

Sempre passei meu tempo focado na família, não disposta a deixar nossas raízes frágeis quebrarem após a morte de minha mãe.

Mas agora eu realmente não entendo o ponto.

— Feliz aniversário para mim. — Eu suspiro, soprando a

chama.

Olhando para o meu telefone, meu peito aperta. São quase sete da noite e, além de um rápido texto de aniversário de Angie, ninguém ligou o dia todo.

Não meu pai.

Jon não.

James não.

Embora, em defesa de James, eu nunca tenha dito a ele quando era meu aniversário. Mas ele está desaparecido desde segunda-feira, quando me ajudou a levar Jon para Rockford Prep.

Tirei o dia de folga do The Vanilla Bean, mas agora estou me arrependendo da decisão, o eco da solidão ecoando pelos tetos altos e pelos pisos de mármore da minha casa.

De repente, meu telefone toca e a antecipação acende meu interior. Mas quando olho para a identificação e vejo que é meu pai, a decepção lança uma sombra como uma nuvem de tempestade.

Eu estava querendo que fosse James.

E essa revelação em si envia uma onda de choque através de mim, porque em algum momento, nas últimas semanas, meu pai escorregou do pedestal, a dor de sentir falta dele silenciou e embotou.

— Oi, pai.

— Pequena sombra, feliz aniversário.

Meu estômago revira. — Obrigada. Gostaria que você estivesse aqui para comemorar.

— Eu também.

Meu estômago cai e me sinto estúpida mais uma vez por esperar que talvez ele estivesse ligando para dizer que estava a caminho.

— Escute — ele continua. — Vou enviar um novo segurança para a casa amanhã.

Meu nariz se enruga. — O que? Por quê?

Meu pai sempre teve segurança para si mesmo, mas sempre mantivemos nossa casa particular *privada*.

— Eu tive alguns idiotas tentando me chantagear e preciso ter certeza de que você está segura. Que a casa está segura.

Eu mordo meu lábio. *Chantagem?* — O que? Não, pai ... eu ... eu não preciso de um *guarda-costas*. Isso é ridículo, — eu rio. — Eu vou ficar bem.

— Isso não está em discussão, Wendy. — A voz dele é severa e me corta, fazendo meus pulmões doerem no peito. Ele fala como se eu fosse uma criança, incapaz de cuidar de mim mesma. Como se eu

não fosse inteligente o suficiente para lidar com a verdade do que está acontecendo.

Chantagem. Me dê um tempo.

— Pai, eu não sou mais uma criança, apenas me diga o que está acontecendo. Talvez eu possa ajudar.

Ele ri. — Wendy, você não pode ajudar. Você só precisa ouvir e fazer o que eu digo.

A raiva nada pelas minhas veias e pela minha mandíbula. Talvez algumas semanas atrás eu teria *apenas ouvido*, mas depois de estar com James - depois de ser tratada como uma mulher cuja voz é ouvida e cujas opiniões são válidas - voltando ao papel que meu pai espera que eu faça parece barras de aço prendendo minha alma.

E eu não vou fazer isso.

Mas brigar com meu pai é tão bom quanto conversar em círculos, então fico em silêncio na linha, pensando em como posso lidar com as coisas quando desligo.

Talvez James possa ajudar.

— Ok, pai. Eu te ouvi.

— Bom — ele responde. — Estarei em casa nas próximas semanas e podemos jantar. Uma noite para nós dois, ok?

Minha garganta queima. — Mmhm — forço a sair.

Uma voz feminina corta o telefone. — Pete, onde você está me levando hoje à noite? Quero saber se devo parecer chique ou se estamos pedindo.

Meus pulmões travam, percebendo que ele não está trabalhando, ele está apenas escolhendo levar Tina para sair no *meu* aniversário em vez de garantir que ele esteja em casa para passar comigo. E tudo bem. Está absolutamente *bem*.

Desliguei o telefone sem me despedir, sem ter certeza de que poderei impedir que as palavras cortantes voem da minha língua e não quero dizer algo que não possa me arrepender.

Há uma dor latejante no meio do meu peito, uma sensação doentia e verde que me pesa e me faz querer quebrar.

Mas eu não quebro.

Subindo as escadas e para o meu quarto, decido fazer uma mala e sair. Tenho alguns milhares de dólares na minha conta bancária e, embora tenha certeza de que meu pai não ficará feliz, não há realmente nada que ele possa fazer. Ele não pode me *fazer* ficar, afinal.

Meu quarto está escuro como breu, o sol se pondo enquanto eu estava olhando para o meu cupcake e eu liguei a lâmpada ao lado da cama, meus olhos se agarrando à foto de minha mãe e eu quando eu era jovem.

Eu me pergunto se ela está em algum lugar olhando para nós,

sentindo-se triste pelo fato de que ela não podia ficar por aqui. Talvez se ela ainda estivesse aqui, meu pai também estaria.

Balançando a cabeça, ignoro a queimadura que irradia do meio do meu peito enquanto caminho até o espelho de corpo inteiro. Minhas mãos correm sobre o meu vestido verde claro, suavizando as rugas enquanto olho para o copo.

Pego minha escova de cabelo da penteadeira ao meu lado e aponto para o meu reflexo. — Você não é criança, Wendy. Você é uma *cadela ruim*. — Rindo com a frase, corro as cerdas sobre o cabelo, repetindo a afirmação em minha mente.

— Eu concordo, você definitivamente não é criança.

Meu estômago pula na garganta, a escova de cabelo caindo no chão enquanto encontro um olhar azul gelado no espelho. Minha boca se abre com uma forte inalação, choque ao vê-lo no meu quarto me congelando no lugar. Ele se move rapidamente, seu corpo empurrando contra o meu até eu ficar presa contra o vidro, uma faca brilhando enquanto ele pressiona no meu rosto, a palma da mão dele batendo nos meus lábios e abafando meu grito antes que ele possa pensar em escapar.

— Agora, agora, Wendy, querida — ele canta. — Chega.

Meu coração bate contra o peito, confusão girando ao meu redor como uma teia de aranha. Eu gostaria de pensar que isso é uma piada grande e elaborada, mas a pressão de seu domínio tem medo me esgueirando pela espinha. Eu o observo no espelho, fios de seus cabelos escuros caindo sobre sua testa, seu casaco preto e luvas de couro fazendo-o parecer o anjo da morte. Sua lâmina brilha no reflexo do espelho, o metal frio com sua forma em gancho pressiona

minha pele.

Hooked.

Meu estômago vira e torce, percebendo de onde vem o apelido dele.

A sua mão livre envolve o meu cabelo, puxando minha cabeça para o lado, o nariz deslizando ao longo da pálida extensão do meu pescoço. — Você sabia que o medo tem um perfume?

Minhas narinas inflam quando tento respirar, o terror pulsando para o ritmo acelerado do meu coração. Há uma dor de onde ele puxou minhas raízes, e eu me concentro na dor para me castigar.

— Não, acho que você não saberia. — A boca dele vira para baixo. — Tudo tem a ver com feromônios, na verdade. O perfume do medo desencadeia uma reação na amígdala e no hipotálamo. Um tipo de aviso, por assim dizer, de que os humanos há muito se tornaram entorpecidos em reconhecer. — Ele se inclina para trás, inalando profundamente, as pontas do cabelo fazendo cócegas na minha pele.

Eu tento manter meu olhar firme, meu corpo tremendo com a adrenalina que está bombeando pelas minhas veias, minha mente disparando enquanto tento pensar em uma maneira de sair dessa situação.

Ele vai me matar?

Meu interior se aperta, olhos ardendo ao perceber que tudo o que eu pensava que sabia sobre ele era mentira. O pânico agarra

meus pulmões, minhas mãos tremem enquanto pressionam contra o espelho.

— *Seu* medo cheira doce — ele sussurra.

A palma da sua mão segue pela frente do meu corpo, deslizando sob o meu vestido e cobrindo entre as minhas pernas. O tecido de sua luva é áspero contra minha pele sensível, e o horror escorre pelas minhas veias como um veneno, congelando meu sangue e protelando meu coração.

— Diga-me, querida ...— sua voz ronca no peito, vibrando nas minhas costas e fazendo meu cabelo arrepiar. — Me enganar sempre foi seu plano?

Meu estômago está tenso, lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas e seguindo pelas costas da mão, derretendo no couro antes que possa pingar no chão. Balanço a cabeça, meu cabelo esfregando contra o casaco. Eu luto por respirar, desejando que ele solte minha boca para que eu possa perguntar a ele de que *inferno* ele está falando.

— Acho que não acredito em você. — A palma da mão empurra contra o meu centro, e meu clitóris traidor incha contra ele. — Afinal, você sempre foi tão *boa menina*. Tão incrivelmente hábil em seguir uma ordem.

Ele coloca um leve beijo na minha garganta antes de descansar o queixo no local entre meu pescoço e ombro, sorrindo para o nosso reflexo. — Tão bonita — diz ele, deslizando a ponta plana da faca pela minha bochecha até que a ponta descanse contra o arco dos meus lábios. É estranhamente sensual e minha respiração gagueja enquanto tento manter uma fachada de calma contra a dicotomia

de suas ações e seu toque terno.

Quem é esse homem?

— Que pena. — Ele suspira, tirando a faca do meu rosto, com os olhos presos no meu no espelho. — Isso só vai doer por um segundo.

Minhas sobrancelhas se franzem, meu peito se agarra quando vejo uma seringa sendo puxada do bolso. Meu corpo surge no modo de luta ou fuga, meu coração bate contra o esterno quando minhas mãos se levantam para agarrar seus braços, e então...

Nada.

Capítulo 26



Wendy

É o latejar na minha cabeça que me acorda. Meus cílios tremulam, uma dor aguda esfaqueando entre meus olhos. Eu tento pressionar minha palma contra a dor, mas meu movimento é cortado, algo batendo quando me movo.

Eu puxo novamente, e meu corpo se move para frente antes de cair contra algo duro. Meu cérebro está lento, como sair de uma tempestade apenas para acabar em uma névoa espessa, mas quando começo a acordar, percebo que estou, *definitivamente*, não deitada. E meus braços estão presos.

O pensamento de abrir meus olhos completamente faz meu estômago revirar, mas ainda assim eu separo minhas pálpebras uma de cada vez, meu rosto enrugando em preparação para a luz.

Quando meu olhar se concentra, percebo que está escuro.

Realmente escuro.

A consciência chega de volta e meu coração ganha velocidade, chutando contra minhas costelas.

Apertando os olhos, tentando me orientar, mas é difícil me concentrar. Difícil de pensar.

Engolindo, estremeço contra o arranhão da garganta e passo minha língua seca no céu da minha boca. Eu tento mover minhas mãos novamente, mas elas não vão longe, o mesmo barulho de ruídos de mais cedo nos meus ouvidos e fora das paredes. Olhando para baixo, mal consigo distinguir grossas algemas de metal presas em torno dos pulsos. Meu estômago revira, uma dose de pânico inundando minhas veias. Eu mexo meus dedos, sentindo algo frio e duro debaixo de mim.

Ok, Wendy. Está tudo bem.

Meu coração bate um ritmo cadenciado enquanto eu pisco rapidamente, tentando ajustar minha visão para ver no escuro. Mas não adianta. As gavinhas geladas de medo cobrem minha espinha, enrolando-se como trepadeiras ao redor do meu corpo e apertando-a com cada respiração. Eu puxo meus braços contra as correntes novamente, desta vez mais forte, fazendo com que uma dor aguda derrube meu braço e uma picada corte meus pulsos. Fechando os

olhos, minha cabeça bate contra a parede fria enquanto tento estabilizar minha respiração.

Estar em pânico não vai ajudar.

O que aconteceu?

Meu aniversário.

Então, James.

Hook.

A memória vem correndo como uma debandada, inundando a barreira mental da minha sonolência e partindo meu peito em dois.

Um clique soa do lado oposto da sala, e minha cabeça se vira para o barulho, meus olhos se apertando quando uma porta se abre e a luz entra em um corredor.

— Ótimo. Você está acordada.

Meu corpo treme enquanto assisto Curly entrar na sala. Ele fecha a porta, deixando-a aberta uma brecha para permitir que o brilho se filtre.

— Por ...— Eu estremeço, o arranhão na garganta dificultando a conversa.

Seus passos são audíveis no chão quando ele se aproxima, e eu

tento me enrolar, para me esconder desse homem o máximo possível, mesmo que não haja para onde eu ir.

Curly para na minha frente, o lado direito dos lábios dele puxando para cima. — Oi, *sunshine*.

Olho para ele por longos segundos, com nojo tecendo pelo meu interior e rolando no meu intestino. Ele sempre foi tão doce. Na verdade, pensei que talvez pudéssemos nos tornar amigos, mas aqui está ele, olhando para mim acorrentada a uma parede e *sorrindo*.

— Vá se... — Minha voz falha, mas eu engulo em torno da dor e continuo. — Foder.

Ele se agacha na minha frente, com um prato de plástico nas mãos. — Agora, isso não é muito legal. Não é como se eu tivesse colocado você aqui embaixo.

A raiva ferve profundamente no meu interior.

— Eu trouxe comida para você. — Ele alcança, pegando um pedaço do que parece pão. — Abra.

Eu pressiono meus lábios juntos, virando minha cabeça.

Ele suspira. — Não torne isso mais difícil do que precisa ser.

Algo dentro de mim se encaixa e meus olhos se estreitam, meu rosto se aproximando dele. Uma pequena quantidade de saliva na minha boca enquanto sinto o cheiro do pão que está sendo mantido na minha frente. Junto na ponta da minha língua e cuspo na cara

dele.

O som da bandeja batendo no chão é o único barulho na sala que não seja as batidas do meu coração e o som da nossa respiração.

Seu sorriso cai, seus olhos quentes congelando enquanto ele limpa a umidade da bochecha. — Bem. — Ele se inclina. — Você pode morrer de fome.

Ele pega o prato do chão e se afasta. A porta se abre e se fecha, e estou sozinha de novo no escuro.

Meu estômago se enrola, uma bola de algo pesado e afiado se expandindo no meu meio, rasgando minha calma até que eu ofegue por ar, meu coração batendo tão rápido que acho que posso ter um ataque cardíaco.



O tempo se move de maneira diferente quando você está acorrentado em uma sala vazia. Minha mente ainda está tonta e meu corpo treme com um arrepio tão profundo que sinto nos ossos. Entro e saio do sono inquieta, não importa o quanto tente ficar acordada - para formular algum tipo de plano.

Meus olhos se abrem após outro ataque de perda de consciência.
Eu tinha que ter sido drogada.

Não sei quantas horas passam, ou talvez tenham sido dias, mas minha visão há muito se ajustou à escuridão, e sou capaz de

distinguir claramente uma mesa comprida empurrada contra a lateral mais distante da sala, um pequeno monte do que parece pó embalado empilhado em uma extremidade.

Apertando os olhos, tento ver mais claramente, para descobrir se é algo que de alguma forma posso alcançar e usar em meu proveito.

Mas eu sei que é infrutífero. Não há nada que eu possa fazer. Nenhuma arma à minha disposição, não que eu saiba usá-las, mesmo que houvesse. Não há chance de chegar até eles, mesmo que eu fizesse, comigo sendo presa a uma parede.

Tudo o que tenho agora é minha fé.

Confiança.

— “Pó de fada”.

Meu coração salta com o sotaque sedoso, minha respiração subindo e descendo como uma montanha-russa. Minha cabeça se vira para a direita, percebendo pela primeira vez desde que acordei que há uma cadeira a apenas alguns metros de distância. E James está sentado nela, as pernas se espalham enquanto ele me observa, as mãos enluvadas relaxando confortavelmente com uma faca no colo.

Ele inclina a cabeça em direção à mesa que eu estava olhando.
— O que você está vendo. É “*pó de fada*”.

Meu corpo está arrepiado quando ele se levanta e caminha em minha direção, sua beleza fazendo meus nervos se iluminarem.

Náusea segue logo atrás, quando meu corpo reage a ele. No caminho que eu *dei tudo a ele* apenas para ele ser o vilão disfarçado.

O barulho de seus passos ricocheteia nas paredes, a vibração se abre para o meu peito, meu sangue bombeando e piorando a dor de cabeça. Ele para na minha frente, seus sapatos pretos perfeitamente polidos descansando nas pontas dos meus pés descalços.

Moo os dentes, uma forte punhalada de dor vibrando na mandíbula.

— Você deveria comer.

— Foda-se — eu cuspo.

Ele reprova. — O que eu disse sobre essa boca suja?

Minha cabeça se inclina quando olho para ele. — Você disse muitas coisas, *Hook*. Acontece que eu realmente, *de verdade* não dou a mínima para uma única coisa. — Os palavrões parecem estranhos quando caem dos meus lábios, mas agora são tudo o que tenho. Eu sei que eles o incomodam, e como não posso me libertar e arranhar os olhos dele com minhas unhas, tenho que me contentar com o que tenho.

Seus lábios se curvam em um sorriso fino. Isso causa arrepios na espinha. Ele aponta para mim com sua faca. — Eu não sou o mentiroso aqui, querida. Não vamos atirar pedras em casas de vidro.

— Eu nem sei o que está acontecendo. — Meu corpo se sacode

quando puxo as correntes, minhas mãos batendo inutilmente no chão.

Seus olhos tremem do meu rosto para onde estou amarrada à parede, o sorriso caindo do seu rosto. — Jogar a vítima é uma característica terrivelmente imprópria. — Sua voz é neutra, e o tom oco faz meu peito comprimir, percebendo que o charme quente a que eu estava acostumada desapareceu completamente.

Eu solto um fôlego, descrença apertando meu peito. — Você me acorrentou a uma parede — afirmo.

Ele assente. — Uma tática temporária, garanto.

Meus olhos se estreitam, raiva borbulhando no meu interior. — Você me drogou.

Ele passa a faca pelos dedos, o movimento tão praticado e suave que causa um pico de medo que atravessa meu peito.

— Você teria vindo de bom grado? — Sua testa levanta.

Uma bola se aloja na minha garganta, meu interior se fragmenta com a força necessária para não deixar as lágrimas escaparem. — Eu teria ido *para qualquer lugar* com você. — Minha voz quebra. — Por favor, eu...

Perco a batalha contra minhas emoções, e a umidade desce pelo meu rosto, as lágrimas quentes contra minha pele gelada.

Ele se agacha, lâmina pendurada entre as pernas, o olhar me

despindo e me queimando viva. — Seu pai pegou uma coisa — ele faz uma pausa, com os olhos se fechando brevemente. — Algo insubstituível para mim.

Meu coração para e eu fungo, tentando impedir que meu nariz escorra com minhas lágrimas. — Meu pai? Eu não...

Ele dispara de sua posição, andando pela sala até encontrar a cadeira, com a mão enrolada nas costas e jogando-a em minha direção. Meus pulmões se agarram, o estômago caindo no chão enquanto a madeira se lasca ao lado da minha cabeça, meu cabelo soprando da força que esmaga contra a parede. Ele recua para mim, avançando e segurando minha mandíbula com força nas mãos. — Não se faça de inocente, você é entediante, garota *estúpida*.

Meu coração arranha meu peito, soluços gaguejam minha respiração enquanto seus insultos e pequenos pedaços de madeira cortam como pedaços de papel ao longo da minha pele. Olhando diretamente para os olhos dele, procuro uma fatia do homem que pensei conhecer. O homem a quem eu dei tudo.

Mas ele se foi há muito tempo.

Ou talvez ele nunca tenha existido.

Ele tem razão. Eu *sou* uma garota estúpida.

Minha língua escorre, sendo pega nas bordas ásperas e rachadas dos meus lábios, e falo devagar, com tremores me enchendo de dentro para fora. Este homem - Hook - é um estranho. E algo sussurra na parte de trás da minha cabeça para pisar com cuidado. Para fazer o que for preciso para permanecer viva.

Meu pai virá atrás de mim. *Ele tem que vir.*

— James — falo devagar. — Se meu pai ... se ele fez alguma coisa.

Sua risada afiada voa pelo ar, seu aperto se aumentando até meus dentes se transformarem em pele. — Você apareceu no meu bar — ele assobia. — E então você me distraiu quando os outros mais precisavam de mim.

Eu tento balançar a cabeça, mas o aperto dele é forte, os olhos selvagens enquanto olham para os meus, antes de piscar para as correntes ao meu lado.

Meu interior está torcido em redemoinhos apertados, terminações nervosas desgastadas, e eu assisto esse estranho enquanto ele se enfurece comigo com o fogo de mil sóis. Parece que ele quer me matar.

Meus dedos pressionam no chão ao meu lado, meu coração batendo na minha garganta.

Inclinando a cabeça para o lado, os olhos se fecham em um piscar lento. E quando eles abrem, o fogo foi apagado.

Ele é uma lousa em branco. Seu olhar apenas dois buracos vagos, enroscados em azul.

O aperto na minha mandíbula afrouxa, seus dedos enluvados acariciando minha pele como um amante, antes que seu foco se mova para as amarras na parede.

Eu inalo, segurando-o nos pulmões, com medo de respirar, preocupada que isso possa desencadeá-lo novamente.

Ele fica de pé, puxando algo do bolso.

Meu corpo se encolhe, o peito apertando quando ele se aproxima. Ele paira acima de mim, seu perfume picante invadindo minhas narinas e me fazendo *odiar* a mim mesma pela maneira como meu coração salta com o cheiro. Uma sensação de empurrão no meu pulso e, em seguida, um clique, seguido por picadas de dor que lançaram pelo meu braço enquanto o sangue flui livremente de volta para a minha mão.

Ele está liberando minhas correntes.

— Acho bastante erótico tê-la algemada nas minhas paredes — diz ele enquanto se move para o outro lado. — Mas você não me serve com danos.

Puxo meus braços para o peito, meus dedos esfregando contra a pele crua do meu pulso.

— Pelo menos, não no momento.

Seu rosto está a centímetros do meu, meu estômago comprimindo com o movimento repentino. — Se você agir, eu *vou* retaliar.

O coração partido fica pesado no meu interior, enchendo minha garganta com bile. — O que você poderia fazer que ainda não fez?

Seus olhos dançam no meu rosto, quase como se ele estivesse memorizando as linhas. A mudança repentina de seu comportamento faz com que o desconforto se teça através de todas as minhas células. Ele se inclina, pressionando os lábios nos meus. Meu corpo congela no lugar, olhos se arregalando.

O polegar dele acaricia minha bochecha. — Você vai comer. Você vai beber a água que fornecemos. — Seus dedos alcançam a nuca do meu pescoço, apertando um pouco. — E você não fará nada *imprudente*, ou vou prendê-la no teto e derramar seu sangue no chão.

A traição se aprofunda em cada palavra que ele diz até encher todos os poros e escorrer no meu sangue. — Eu odeio você — eu sussurro.

Ele sorri antes de empurrar minha cabeça com força, minhas mãos pegando meu corpo enquanto eu caio de lado, meus cotovelos estalando enquanto batem no chão.

De pé, ele corre as palmas das mãos na frente do traje. — Não cometa o erro de pensar que sou alguém que você pode desrespeitar.

Náusea desliza pelo meu interior.

Eu assisto do meu lugar no chão enquanto ele se move para a mesa final, coletando a pilha de “pó de fada” e indo em direção à porta. Ele faz uma pausa no limiar, virando-se para olhar para mim. — Tente se comportar, querida. Eu odiaria ter que puni-la.

E então ele se vira e, mais uma vez, estou sozinha.

Capítulo 27



James

Faz três dias desde que tirei Wendy de sua casa e a escondi no porão do JR. Nesse período, senti mais emoção do que os quinze anos anteriores juntos. Minhas noites estão inquietas de uma maneira que nunca foram antes. Sonhos de Ru subindo do túmulo e me dizendo como eu falhei com ele me mantêm bem acordado e desgastado.

Engraçado como ele parou meus pesadelos, apenas para se tornar eles no final. A vida é sempre um círculo completo, suponho.

Isso combinado com o desaparecimento contínuo de nossas caixas, e meu interior está apertado, um fio vivo esperando para ser arreventado.

E Wendy... *Wendy*.

Bem, é uma pena que tenha chegado a esse ponto, mas não há nada a ser feito agora. Ainda vou usá-la para o mesmo propósito, apenas no final, em vez de permitir que ela se liberte, vou fazê-la assistir enquanto dreno a vida dos olhos de seu pai.

E então, eu farei o mesmo com ela.

Há uma dor aguda no meu peito com o pensamento, mas tomo outro gole de conhaque e deixo a queima do licor entorpecer a dor. O gelo bate no meu copo enquanto eu o coloco no chão e me encaixo na minha cadeira, assistindo Wendy nas câmeras e girando um convite para o baile de caridade de hoje à noite.

Ela está de pernas cruzadas no meio da sala, os olhos fechados e as mãos nas pernas, quase como se estivesse em profunda meditação.

Starkey senta em frente a mim e eu me inclino para a frente, colocando meus cotovelos na mesa.

— Diga-me novamente — digo devagar. — Quem foi com Ru para sua reunião.

A mandíbula de Starkey está apertada, seus cabelos castanhos claros se agitando contra os dedos enquanto ele penteia através dos fios. — Ninguém.

— Ninguém — repito.

Ele levanta um ombro. — Nem disse a ninguém que ele estava indo.

A irritação se encaixa nas minhas veias, o papel amassado sob meus dedos. — Tem certeza?

A perna de Starkey salta contra o chão e meus olhos caem, rastreando o movimento. A irritação flui através de mim como uma torneira inexplorada, e eu mordo minha bochecha com tanta força que o sangue inunda minha boca.

— Sim, chefe, tenho certeza.

Um golpe se forma entre meus olhos e eu suspiro, beliscando a ponte do meu nariz. — Saia da minha vista.

— Mas ainda precisamos ...

Saio da minha cadeira, pegando minha faca e jogando-a em sua direção, colocando-a na parede oposta. — Eu disse *saia*. — Meus nós dos dedos doem enquanto pressionam a madeira da minha mesa, e eu olho para baixo, respirando profundamente para manter meu temperamento afastado. — Antes que minha mira melhore.

Ele sai em segundos, o clique suave da porta fazendo meus ombros caírem.

O batimento cardíaco nos meus ouvidos combinado com a moagem dos meus dentes é uma sinfonia de sons, acompanhando o

tornado da frustração clara e quente que chicoteia meu interior, tão potente que não posso afogar.

Faz quase uma semana desde o assassinato de Ru, e ainda não estou mais perto das respostas.

Estão faltando remessas, Peter Michaels está fazendo *tudo* para controlar minhas ruas, e agora devo entrar no lugar de Ru e assumir oficialmente como chefe.

Um título que nunca me interessei em ter.

Acrescente a isso a mulher irritante no meu porão, e me sinto como um quebra-cabeça em branco com mil peças espalhadas.

Alguém bate na porta do escritório e eu respiro. — Entre.

Curly caminha, seu queixo mergulhando em reconhecimento.

— Alguns novos desenvolvimentos? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça, caminhando para onde Wendy se senta em silêncio na tela. — Não. Ela praticamente faz isso o tempo todo.

Olhando para o convite na palma da mão, uma ideia se forma em minha mente. Afinal, eu sei que Peter estará lá, ele é o convidado de honra, e é a primeira vez que ele estará em Massachusetts desde a noite da morte de Ru.

É hora de mostrar a ele o que acontece quando você subestima um monstro. Uma emoção me atravessa, iluminando meu interior e

eletrificando minhas veias ao pensar em *finalmente* colocar meu plano em ação.

E Wendy vai me ajudar a fazê-lo. Quer ela queira ou não.



— Sentiu minha falta, QUERIDA? — Eu pergunto entrando na sala escura.

Wendy ainda está sentada no centro, com os olhos fechados e as pernas cruzadas. — Como um buraco na cabeça — ela responde.

Uma risada borbulha na minha garganta, mas eu a engulo de volta encostado na parede, eu a observo, meu peito apertando enquanto tomo as contusões nos pulsos e nos fios emaranhados do cabelo.

Ela espia um olho, depois fecha quando encontra meu olhar. — As pessoas vão perceber que eu sumi, você sabe.

Eu aceno, colocando minhas mãos nos bolsos. — Estou contando com isso.

Os dois olhos dela se abrem para isso, seu olhar travando no meu, enviando um flash de calor pelo meu abdômen.

— Meu pai virá atrás de mim.

Eu inclino minha cabeça. — Você tem certeza?

Ela hesita, com o queixo apertado enquanto desvia o olhar. — Claro.

— Certo. — Eu me endireito da parede, caminhando em direção a ela. — De qualquer forma, ele não precisará. Nós estamos indo até ele.

Sua cabeça se vira na minha direção e ela se mexe.

Continuo meus passos lentos na direção dela, e ela endurece, os pés se movendo para trás como se pudesse se afastar. Suas costas atingem a parede de pedra, e eu me aproximo de seu corpo, meus quadris pressionando contra ela, braços alcançando-a para prendê-la. — Para onde você acha que poderia correr, Wendy, querida? — Eu movo minha palma da parede, meus dedos envolvendo levemente em volta do seu pescoço. — Mesmo se você escapasse desta sala, não há para onde você possa ir que eu não a encontre.

Ela mostra os dentes, a respiração trêmula. — Deixe suas mãos *fora* de mim.

O braço dela se move rapidamente, a palma da mão se abre e balança em direção ao meu rosto. Meu estômago pula quando eu agarro o pulso dela antes que ele atinja, torcendo até o corpo dela girar. Ela resmunga enquanto meu torso a empurra com força, minha mão livre pressionando contra a parte de trás da cabeça até que sua bochecha fique nivelada contra a parede, seu braço preso atrás dela, entre nós.

Eu me inclino, meu queixo descansando em seu ombro. — Eu

não sou fã de me repetir, então sugiro que você ouça com cuidado.

Ela empurra o braço, o cotovelo roça meu estômago e eu forço meu aperto. — Vou levá-la para minha casa, onde permitirei que você tome banho e se torne apresentável.

— *Você é nojento.*

Meu estômago revira. — Isso pode ser. Mas até eu decidir o contrário, eu também sou seu *mestre*.

Ela zomba, seu corpo se contorcendo contra o meu, fazendo o sangue fluir para a minha virilha, meu pau se contorcendo. Eu sorrio. — Continue, querida. Eu amo quando você luta.

O corpo dela endurece.

Eu a solto, e ela gira, os olhos se estreitaram enquanto ela agarra seu pulso, os dedos massageando as marcas vermelhas. Um surto de preocupação escorre pela minha mente, mas eu o afasto. Um pouco de hematomas não vai doer tão tanto quanto as feridas que ela causou. E no final, não importará quando ela estiver morta.

— Eu tenho um evento hoje à noite — eu digo. — E eu gostaria que você me acompanhasse.

Ela ri, mas depois de alguns segundos se acalma, os olhos se arregalam. — Você está falando sério?

— Eu estou.

— Vá para o inferno — ela cospe.

— Bem. — Puxo meu telefone do bolso, trazendo-o para o meu ouvido.

— O que você está...

Eu seguro um dedo, silenciando-a. — Oi, sim, senhora Henderson. É tão bom ouvir sua voz. Este é James Barrie.

O suspiro de Wendy envia uma onda de satisfação pelas minhas veias.

Um sorriso quebra no meu rosto e eu pisco. — Você pode informar o diretor Dixon que eu irei buscar Jonathan Michaels?

— Seu *bastardo*. — A voz dela está instável, e meus olhos olham para os dela, um pico de *algo* atravessando meu peito.

Cubro o bocal com a mão, as sobrancelhas levantadas. — Diga novamente, querida? Eu não consegui ouvir você. — Eu aponto para o meu telefone. — *Negócio importante*, você sabe.

— Eu te chamei de *bastardo* — ela grita. Suas palmas pressionam nos olhos, a cabeça tremendo. — Eu farei o que você quiser. Apenas por favor...

O nó no meu estômago afrouxa com o acordo dela, e eu aceno. — Sabe? Não importa, senhora Henderson, parece que meus planos mudaram. Eu espero que você tenha um dia maravilhoso.

Desligo, deslizando o telefone de volta no bolso e ando em direção a ela. Paro quando as pontas dos meus sapatos pressionam contra a pele nua dos dedos dos pés. Meus dedos inclinam o queixo dela. — Lamento que tenha chegado a isso. Não precisava ser assim. Mas todos temos momentos em nossas vidas em que devemos escolher um lado.

Suas sobrancelhas franzem. — O que? Eu...

Eu corro um dedo pela sua mandíbula. — Infelizmente, você escolheu errado. — Tiro a mão do rosto dela e viro para a porta. — Volto em breve. E faria bem em lembrar o que está em jogo.

Capítulo 28



Wendy

Meus pulsos estão amarrados novamente, só que desta vez estão em *verdadeiras* algemas em vez de correntes pesadas. Olho para o metal, com os dedos torcendo no colo, antes de olhar para Curly no lado do motorista do carro. — Você não precisava me algemar. Não é como se eu fosse fugir.

O rosto de Curly permanece estóico, como se ele não pudesse me ouvir falar.

Ele tem sido assim desde que eu cuspi na cara dele. Mas não me arrependo, e não há mais nada a dizer a ele, nada que me resta

dizer *qualquer* um deles.

Fecho os olhos e encosto a cabeça contra a janela, permitindo que os raios do sol se absorvam pelo vidro e entrem na minha pele. Há um peso constante que vive dentro de mim agora, mas neste momento, entendo o pouco de alívio em *finalmente* estar na luz. Não tenho ideia de quanto tempo realmente passou, mas quando você está preso no escuro com nada além de seus pensamentos, um segundo parece um século.

Meu cérebro estava lutando com o tédio, o isolamento se transformando em uma câmara de tortura mental - nada além de meus pensamentos e emoções para me fazendo companhia - então comecei a sentar no meio da sala e tentar meditar. Não tenho certeza se estou fazendo certo, mas parece acalmar o pânico. Permite que o tempo passe de uma maneira que não me faça sentir como se estivesse perdendo o controle da sanidade.

Foi durante um desses momentos introspectivos que percebi que parte da minha dor não é nova, são apenas arranhões frescos em cicatrizes antigas. James - *não, não James*- Hook, é outra pessoa na fila de pessoas que pensam que podem me dizer o que fazer, que me cortam com palavras, me dizem para sentar e ficar esperando que eu morda minha língua e sorria. E é verdade, é o que tenho feito a vida toda. Nunca me defendendo, engolindo os insultos de “amigos” e os momentos menosprezados de meu pai como se fosse minha cruz.

Mas eu estou *cansada* de ser instruída a obedecer.

O carro se vira na marina e meu estômago revira quando me lembro da última vez que estive aqui. Foi há apenas alguns dias, mas de alguma forma, parece que eu era uma pessoa totalmente

diferente, que ainda via o mundo e todas as pessoas nele como inerentemente boas.

Mas os óculos cor de rosa foram arrancados do meu rosto em um milissegundo, deixando nada além de tons de cinza para trás.

Curly estaciona o carro e se move para o meu lado rapidamente, abrindo a porta e me levantando pelo braço antes que ele retire minhas algemas. — Não faça nada estúpido.

Como se eu fosse burra o suficiente para colocar meu irmão em perigo.

Eu sigo atrás dele, descendo as docas e para o ostensivo *Tiger Lily* no final da marina, observando Smee esfregar o terraço e três pássaros brancos voam acima.

O sol está brilhando e a água é cintilante e azul cristalina.

Tudo está normal. Bonito, até. Como se meu mundo inteiro não tivesse sido virado, torcido e caído de cabeça para baixo. Como se eu não fosse seduzida, drogada, sequestrada e mantida em um porão de pedra. O desespero rasteja através de mim quando percebo que realmente estou à mercê dos caprichos de Hook.

Ele se nomeava de meu *mestre*.

E pelo menos até eu formular um plano que mantenha minha família segura, ele está certo.

— Mova-se, *sunshine*. Vamos *andando*. — A mão de Curly

empurra a parte de trás do meu ombro e, embora minhas pernas pareçam chumbo, de alguma forma, eu as forço a se mover, pisando no barco. Ele não segue, apenas fica na calçada, os braços cruzados e os olhos se estreitam, como se estivesse esperando que eu fizesse algo louco, como pular no mar e tentar fugir.

Talvez, eu devesse.

Mas não sei nadar e não sou burra o suficiente para pensar que seria bem-sucedida.

Smee me cumprimenta, e meus olhos o acolhem, seu rosto infantil e seu gorro vermelho brilhante fazendo-o parecer inocente como um cordeiro. Meus lábios se levantam. Não sei o quanto ele sabe, mas acabei confiando em pessoas que não devia. Meu estômago se afunda com nervos, mãos tremendo quando eu chego e abro à porta, entrando na sala e olhando em volta.

Vazio.

Movendo-me lentamente por toda a cabine, paro em frente à ilha da cozinha, afasto-me de onde as facas estão, ao lado da tábua de cortar madeira. Minha mente gira a cem milhas por minuto. O desejo de pegar uma é forte, mas eu preciso ser inteligente, e o pensamento do que Hook fará se ele me encontrar com uma arma faz meu coração cair no chão, um frio correndo pelas minhas veias. Eu franzi a testa para as facas como imagens horríveis de como ele me mataria brincando na minha mente.

— Eu não faria se fosse você.

A voz faz meu estômago pular, e eu giro, ficando cara a cara

com um diabo de olhos azuis. — Hook.

Ele inclina a cabeça. — Você ainda pode me chamar de James, se quiser.

Meu queixo aperta e eu cruzo meus braços. — Eu *não* quero.

Ele assente. — Muito bem. Por aqui.

Sua mão vem para descansar nas minhas costas e causa um arrepio que atravessa em mim, ressentimento enrolado na base da minha coluna pela maneira como meu corpo reage ao seu toque. Ele nos move pelo corredor e mantém a porta aberta para o quarto dele, permitindo que eu entre primeiro antes de seguir atrás. Baixei os olhos em sua cama king size com lençóis de seda e um edredom macio Borgonha, as dores de dormir em um chão frio de pedra voam para a vida, fazendo meus ossos chorarem.

— Há toalhas limpas no banheiro e eu encomendei um vestido.

Meus lábios se abaixam, olhando para ele do meu periférico. — Como você sabe meu tamanho?

Ele sorri. — Eu tenho muito boa memória nas *mãos*.

Minhas bochechas esquentam, nojo enrolando dentro de mim. Ele tirou minha *virgindade*. Eu o deixei basicamente me estrangular até a morte, e confiei nele para me manter em segurança.

Patética, Wendy.

— O que você quer de mim? — Eu pergunto. — O que eu fiz *para* merecer isso? Eu não ... — As palavras param o inchaço na minha garganta, minha mão subindo para cobrir minha boca.

Seus olhos fecham enquanto ele caminha em minha direção. Eu me contorço por instinto, a parte de trás das minhas pernas batendo na beira da cama dele, me fazendo tropeçar e cair no colchão. Eu me arrasto, apoiando-me nos cotovelos enquanto meu olhar encontra o dele.

Ele paira sobre mim, mas não é sensual como um amante, é *intimidador*, sua energia chicoteando em torno dele como uma tempestade de raios, fazendo meu cabelo arrepiar.

Ele está tão perto que posso provar sua respiração como se fosse minha.

— O que eu *quero* — ele sussurra contra meus lábios. — É que você pare de me fazer de bobo. — Ele pressiona mais, os olhos girando de emoção. — O que eu *quero*, é trazer almas de volta dos mortos e deixá-las se deleitarem com os gritos de seu pai. — O nariz dele corre ao longo do meu pescoço, e eu respiro fundo, meu coração dispara tão rápido que faz minha cabeça girar. — Você pode me dar alguma dessas coisas, Wendy, querida?

Meu peito aperta com força. *Como eu poderia esquecer?* Isso não é sobre mim. É sobre *meu pai*.

— Você sabia quem ele era. — Eu me forço a dizer. — Esse tempo todo ...

Seus lábios se contraem e ele se afasta, o fogo em seus olhos

desaparecendo tão rápido quanto veio.

— Você sabia quem eu era? — A pergunta queima minha garganta, lágrimas embaçando minha visão.

— Claro. — Ele pega um fiapo invisível da manga. — Eu sabia quem você era no momento em que entrou no meu bar.

Meu coração fraturado racha pela pressão repentina no meu peito.

Claro que ele sabia.

Acenando, um tipo sombrio de aquiescência se instala em minhas veias. É grosso e úmido, como lama, e sei que quanto mais luto, mais afundarei. — Acho que gostaria de tomar um banho agora.

Suas sobrancelhas se levantam quando ele aponta para o banheiro.

Levanto-me e me movo para dentro do banheiro, fechando a porta atrás de mim. Meus dedos seguram a alça de metal, minha cabeça apoiada na madeira fria da moldura. Prendo a respiração até meus pulmões chorarem por ar e, mesmo assim, não deixo sair, com medo de que, quando o fizer, gritarei. Estou confusa, minhas emoções me puxam em mil direções diferentes. Não sei se sou burra por não fazer uma pausa ou se sou inteligente por tentar fazer um plano. Não faço ideia se depois desta noite serei jogada de volta na sala de pedra escura e fria, ou se ele vai me matar de uma vez por todas.

Isso *definitivamente* enviaria uma mensagem ao meu pai.

E depois há a culpa, e isso, além de tudo, é o mais forte. Ela se divide no meu estômago e alcança meu peito, arranhando seu caminho através do meu interior até que ele se prenda à minha garganta.

Porque eu me sinto tão malditamente *aliviada por* estar aqui. Tomar banho. Respirar ar fresco. Ter interação humana, mesmo que seja com a pessoa responsável por tudo. E que tipo de pessoa isso me faz? Ser grata pelo bem, quando a fonte é um homem ameaçando todos que amo?

Tudo ficará bem.

Uma lembrança de deixar Jon em Rockford Prep voa na minha cabeça, as palavras de Hook - embora ele fosse James para mim na época - jogando em um loop.

— *Lembre-se de que sempre que as coisas parecerem sombrias, todas as situações são temporárias. Não é a sua circunstância que determina o seu valor, é como você se levanta das cinzas depois que tudo queima.*

Capítulo 29



James

— Ela vai ficar esta noite, senhor? Eu posso arrumar o quarto de hóspedes, se ela ficar.

Olho para onde Smee está parado na cozinha, bebendo de uma caneca de chá.

Inclinando minha cabeça, tomo um gole do meu próprio copo, o líquido dançando na minha língua enquanto engulo. — Por que você acha que ela ficaria em outro lugar que não na minha cama?

Seus olhos se arregalam um pouco, e a curiosidade se infiltra

nos meus pensamentos por seu interesse repentino.

— Sem razão. Eu apenas pensei em oferecer. — Ele caminha até a pia da cozinha, colocando a xícara dentro antes de girar para se apoiar na borda. — Eu não estarei por aqui hoje à noite e não queria deixar você com a disposição. Eu sei como você gosta do seu próprio espaço.

Eu levanto meu queixo, meu olhar absorvendo seus maneirismos. Ele parece nervoso, quase como se estivesse desconfortável por ela estar aqui. — Grandes planos? — Eu pergunto.

Nunca me interessei pela vida pessoal de Smee e, honestamente, ainda não me importo. Mas falar com ele é uma distração da garota trancada no meu quarto, e me vejo desejando uma pausa da raiva que surge sempre que vejo o rosto dela ou penso no seu nome.

Smee sorri, passando a mão pelos cabelos, as luzes da cozinha brilhando em seus fios castanhos escuros. — Você poderia dizer isso.

— Bem, agradeço sua hospitalidade, mas não será necessária.

Estou indeciso sobre o que fazer com ela depois do baile. Parte de mim quer jogá-la de volta no porão do JR e deixá-la apodrecer. Não é menos do que o que ela merece. A outra parte quer amarrá-la na minha cama e usar *outros* meios de forçar a verdade dela. Me enfurece que ela ainda age como se fosse inocente. Como se ela não tivesse ideia do que fez.

Não importa, poderei contar muito pela maneira como ela interage com o pai esta noite. Enviei os gêmeos à frente, garantindo que nossos pratos estivessem na mesa do convidado de honra e não posso *esperar* para ver o que está no menu.

Batidas altas vem do corredor e eu sorrio, drenando o último chá e colocando-o de volta no balcão.

Os olhos de Smee se arregalam quando ele vira para o barulho e depois volta para mim. — Ela está presa lá?

Eu fico de pé, abotoando a jaqueta do meu smoking e passando por ele, parando para apertar seu ombro, o músculo tenso sob a palma da mão. — O que faço com meus brinquedos não é da sua conta, Smee.

Seus olhos alargam e ele inclina a cabeça. — Desculpas, chefe.

Eu aceno para ele, sorrindo. — Esquecido.

Minha mão alcança o meu bolso, recuperando a chave enquanto caminho até a porta do meu quarto. A batida é alta, a força da batida de Wendy fazendo a madeira chacoalhar contra as dobradiças. Eu deslizo o metal na fechadura, a porta clicando quando o rosto corado de Wendy me cumprimenta, o punho está no meio do ar.

O canto dos meus lábios se eleva. — Está tudo bem? Você parece muito frustrada.

O vermelho de suas bochechas faz uma visão dela embaixo de mim piscar diante de minha mente, e lanças de excitação no meu

peito. Eu me afasto do pensamento e olho para baixo em sua forma, o vestido que Moira escolheu abraçando-a a cada curva.

Ela está deslumbrante. A imagem da graça e do equilíbrio, um tecido azul com uma gola alta e costas abertas. Sofisticado o suficiente para ser vista em meu braço, mas arrebatadora o suficiente para que todo homem deseje poder tê-la.

Minha pet perfeita.

Ela range os dentes. — Você me trancou aqui.

— Uma medida de precaução.

Olho para ela por mais alguns momentos, bebendo-a como um bom vinho, lembrando como era estar dentro dela. Sangue corre para o meu pau, fazendo-o empurrar contra a minha perna.

Ela coloca os braços para os lados. — Bem, eu passo pela sua aprovação?

Poços de frustração no meu peito, com minha atração constante por uma garota tão conivente. Eu o forço da minha mente, substituindo-o pela massa negra que queima os fragmentos da minha alma desde a morte de Ru.

A morte da qual estou totalmente convencido de que ela fazia parte.

Meus olhos se estreitam, videiras de raiva envolvendo meus músculos como hera. — Você está suficiente — eu digo.

Ela zomba e eu dou as costas. — Venha, não nos atrasemos.

Seus calcanhares grudam atrás de mim no chão de madeira polida, e eu resisto ao desejo de olhar para trás, mantendo meu foco no fato de que ela é uma traidora. Ela está louca se acredita que eu compro sua manobra de obediência. É um erro me subestimar, pensando que vou me apaixonar por truques tão mesquinhos e tolos. Por isso, tive que trazer o seu irmão Jonathan para a briga. Não gosto particularmente de usar crianças como isca e, na verdade, não pretendo prejudicar o garoto. Eu nem fiz uma ligação verdadeira. Mas a maneira mais rápida de concordar é atingir alguém onde eles são mais vulneráveis, e Wendy tem um fraquinho por *família*.

O passeio até o centro de convenções é silencioso. Os dedos de Wendy se torcem juntos enquanto ela olha pela janela, o rosto abatido e taciturno. Sento-me em frente a ela na limusine, o ódio se misturando com a luxúria como um coquetel volátil, faíscas voando pelo meu corpo, me fazendo vibrar com uma energia que me faz sentir como se estivesse à beira da combustão.

Acho extremamente irritante que não consiga controlar a reação do meu corpo a ela. Fiquei cego pela luxúria pela primeira vez; tanto para ela quanto para o pensamento da filha do meu inimigo engasgando com o meu esperma.

Na verdade, essa ideia ainda me atrai, só que agora meus olhos estão bem abertos e nunca mais se fecharão. Eu a deixei chegar muito perto, fiquei muito relaxado, mesmo em pouco tempo.

Provavelmente, porque nunca a vi realmente como uma ameaça.

— Suponho que não preciso lembrá-la do que acontecerá se você se comportar mal hoje à noite? — Eu pergunto quando a limusine puxa para o meio-fio.

Os olhos dela estão estreitos. — Eu tenho funções assim desde que eu pude andar. Eu não preciso de uma conversa animada.

Eu posso sentir a ira dela do outro lado do carro, e isso não faz nada além de alimentar as chamas.

— Pode ser assim — respondo, inclinando-me para a frente. — Mas agora você está andando em uma *coleira, pet*. Portanto, não faça nada que force minha mão. — Levanto-me do meu assento, movendo-me ao lado dela quando chego no bolso e puxo uma fina caixa de veludo.

Seu corpo se encolhe contra a porta da limusine, como se estar perto de mim fosse demais para ela suportar.

Minhas pontas dos dedos seguem pelo pescoço, empurrando os cabelos sedosos para o lado. — Você não tentará escapar. — Abro o estojo, um grande suspiro deixando-a enquanto ela pega a gargantilha incrustada de diamantes. — Você não dirá ou fará *qualquer coisa* que poderia suscitar preocupação.

Eu tiro da caixa, as jóias esfriam contra a minha mão e me inclino para a frente, colocando-a em volta do pescoço, meus dedos traçando a pele dela enquanto a fecho nas costas. Meus olhos seguem dos lábios dela para a garganta, uma dose de desejo se acumulando no meu abdômen. — Ai. — Minha mão tocam as jóias antes de descansar no vale de seu decote, minha palma subindo e descendo com suas fortes respirações. — Toda boa *cadela* precisa de um colar bonito.

Ela vira a cabeça, olhando pela janela. Eu aperto seu queixo na minha mão, virando o rosto para trás. — Você não vai, em nenhuma circunstância, tirar esse colar. Você entende?

O queixo dela aperta. — Entendo.

— Excelente.

Sinalizo para o motorista que estamos prontos para sair e a porta se abre para eu ficar de pé. Saio da limusine, virando-me e voltando para o carro. Os dedos de Wendy fazem cócegas na minha palma enquanto ela coloca a mão na minha, e eu a levanto para cima e para dentro dos meus braços no mesmo momento em que flashes de luz saem das câmeras que revestem o tapete vermelho.

Envolvendo meu braço em volta da cintura, eu a puxo para perto, observando enquanto ela se transforma na frente dos meus olhos. Seu rosto se ilumina, um sorriso megawatt enfeitando suas feições, seus olhos quentes enquanto ela olha para os meus. Meu coração pula, a repulsa segue de perto, porque mais uma vez meu corpo está fora de controle quando se trata dela.

Eu me inclino, meu nariz inalando o cheiro do cabelo dela. — Seja uma boa garota, e eu vou deixar você dormir em uma cama em vez de no chão de pedra.

Sua coluna endurece sob minha mão e ela sorri para mim, mas seus olhos seguram algo frio e escuro. — Lidere o caminho, *mestre*.

Enquanto entramos, meu estômago vira e torce em nós, antecipação inundando minhas veias.

Estou tão perto que posso sentir na minha língua. E tem gosto de *vingança*.

Capítulo 30



Wendy

A maneira como Hook fala comigo coagula minhas entranhas como leite azedo.

Mesmo que eu *despreze* o que ele fez, fazer seus insultos choverem como facas é um tipo doloroso de tortura. Ele corta minhas veias e me sangra, deixando-me quebradiça como folhas caídas.

Meus dedos se enroscam na gargantilha, imaginando por que ele me disse para não a tirar. É linda, mas não consigo imaginar que sua importância vá muito além do seu valor, e saber que nem tenho controle sobre o que estou vestindo é outra prisão contra meu novo orgulho.

O calor da palma de Hook queima meu quadril enquanto entramos no salão principal. É lindo, como esses eventos costumam ser, lustres encharcados de cristais e mesas definidas para reis, mas não estou impressionada. Eu não estava mentindo quando disse a ele que já tinha feito isso mil vezes antes. Meu pai tem bolsos fundos e isso faz dele um convidado de renome em muitas funções de caridade.

Será que ele estará aqui? O pensamento é passageiro, pois sussurra em minha mente, mas eu o agarro e seguro, a esperança queimando no peito pela primeira vez em dias.

Percorremos os smokings e os vestidos de baile, até chegarmos ao bar aberto, Hook pedindo um uísque puro para si e passando uma taça de champanhe para mim. Tomo um gole, saboreando a maneira como as bolhas borbulham e estalam na minha língua. Normalmente, não gosto da maneira como o álcool me faz sentir, mas vou precisar de *algo* para manter o sorriso falso no meu rosto.

— Feliz aniversário, a propósito. — Ele tilinta o copo para o meu. — Você vai me perdoar por estar alguns dias atrasado, eu estava bastante ocupado.

Um forte golpe de raiva me dá um soco no peito. — Como você sabe disso?

Ele sorri, colocando o uísque no bar. — Você ficaria surpresa

com o quanto eu sei.

— O que isso significa?

— Isso significa o que eu *quiser que* isto signifique. — Ele se inclina, os olhos ficando frios. — Eu sei a data do seu nascimento, Wendy Michaels. — Seus lábios pressionam contra minha bochecha. — E eu vou saber da sua morte.

Meu coração espasma, caindo livremente no chão. — Isso é uma ameaça?

Ele suspira, recuando. — Acho as ameaças terrivelmente desperdiçadas. Só falo de coisas que pretendo confirmar.

A raiva por toda essa situação me queima de dentro para fora. — Se você vai me matar de qualquer maneira, por que eu deveria me preocupar em ser sua obediente *cadela*? — Percebo um segundo tarde demais o quão alta é minha voz, quão bem ela flutuou pela sala.

Sua mão se move rápido, envolvendo meu pescoço e me puxando para ele. Para qualquer outra pessoa, devemos parecer amantes em um abraço apaixonado. Mas tudo o que sinto é náusea e pânico escorrendo pelo estômago e subindo à garganta.

— Tenha muito cuidado com o que você diz. — Seu aperto afrouxa. — Você é um coração sangrando, querida. Não é com sua própria vida que você deve se preocupar.

Meu rosto cai, os dentes moem com tanta força que tenho medo de quebrar um molar.

Ele se vira um pouco, radiante para um casal que está caminhando em nossa direção. — Recomponha-se querida, é hora do show.

— Comissário, que bom vê-lo. — Sua voz derrete no ar como chocolate rico, tentador e pecaminoso. — E sua linda esposa. Olá novamente, Linda. Sempre um prazer. — Ele se inclina e beija sua bochecha antes de chegar ao meu caminho, envolvendo um braço em volta da minha cintura. — Esta é minha acompanhante, Wendy Michaels.

Eu aceno, sorrindo tão bem que minhas bochechas doem.

O homem sorri, seu bigode loiro espesso se contorcendo. — Wendy Michaels, como a filha de Peter? — Ele ri, olhando para Hook. — Como você a conquistou? Ela parece um pouco fora da sua faixa de preço.

Meu corpo se afasta com o insulto.

Linda ri. — Oh, querido. Não seja rude.

Espero que Hook ria, mas ele não, seu corpo se apertando enquanto inclina a cabeça. — Receio não entender o que você quer dizer, Reginald. Você está insinuando algo sobre *mim*? — Ele aponta para si mesmo. — Ou sobre quem eu escolho ter nos meus braços?

O ar engrossa quando o sorriso cai do rosto do comissário. A tensão permanece quando Hook o encara. — Um cavalheiro sabe quando se desculpar depois de insultar uma dama. — Suas sobrancelhas se levantam.

Meu coração chuta contra minhas costelas, meus olhos brilhando entre eles.

Reginald limpa a garganta, o olhar repousa sobre mim. — Peço desculpas, senhorita Michaels. Eu não quis desrespeitar.

Meus olhos se arregalam, descrença revirando meu estômago enquanto percebo quanto poder Hook realmente tem. Se ele é capaz de falar com o comissário de polícia dessa maneira, como posso esperar ser livre?

O comissário se vira, olhando em volta. — Ru ainda está evitando essas coisas como uma praga, não é?

O corpo de Hook endurece, seu aperto forçando minha cintura até eu me mexer, um pequeno gemido me escapando. Ele olha para baixo, os dedos acariciando onde beliscou.

— Receio que Ru tenha tirado férias muito repentinas e permanentes, — ele solta, os músculos do pescoço se esforçando como se tivesse que forçar as palavras da garganta.

Linda suspira. — Isso parece adorável. Estou tentando convencer Reginald a se aposentar há algum tempo.

O comissário está olhando para Hook, rugas se formando entre as sobrancelhas. — É uma pena — diz ele lentamente. — Eu tinha uma reunião com ele na próxima semana sobre uma possível doação.

Hook dá um sorriso fino, o pomo de Adão balançando. — Receio que você precise reagendar e se encontrar comigo.

O Comissário assente, chupando os dentes. — Bem, Ru sempre foi alguém que ...

Meus ouvidos ficam confusos quando os dedos de Hook apertam a curva do meu quadril, com o braço me envolvendo mais perto do lado dele. Eu olho para ele, imaginando se percebe o que está fazendo. Seus tiques musculares da mandíbula, mas seus olhos ficam trancados em Reginald e sua esposa.

Não sei ao certo o que me faz fazê-lo, e tenho certeza que no final da noite, quando for forçada a voltar à realidade da minha situação, vou me arrepender, mas faço, minha mão esfregando o braço dele. — *Querido*, meus pés estão ficando cansados. Você acha que pode me mostrar nossos lugares?

O olhar de Hook cai sobre mim, suas sobrancelhas subindo para a linha do cabelo e os olhos se suavizando. Ele pega minha mão com a dele, trazendo-a para a boca, deslizando os lábios pelas costas. — Claro, querida.

Calafrios percorrem meu braço, borboletas traidoras tremulando no meu estômago.

O que há de errado comigo?

Ele assente ao casal. — Comissário. Linda. Se você nos der licença.

Meu intestino vira enquanto caminhamos, nervos fazendo meus membros tremerem, imaginando se ele ficará com raiva por eu ter interrompido sua conversa. *O que eu estava pensando?*

— Sinto muito — murmuro quando chegamos à mesa. — Eu apenas... você parecia desconfortável, e ele continuou sem parar e eu...

Hook puxa uma cadeira para mim sentar, levando-me para perto com o dedo pressionado contra os lábios. — Silêncio.

Minha boca se fecha, inquietação percorrendo meu caminho como uma cobra. Nunca experimentei tanta ansiedade na minha vida quanto em torno dele. Na maioria das vezes, sua personalidade é águas calmas, tranquilas e cintilantes e claras como vidro. Mas uma única gota pode atrapalhar toda a superfície, e você nunca sabe quando a chuva vai cair.

Olho em volta para as poucas outras pessoas sentadas à mesa. No passado, eu conhecia quase todo mundo nesses eventos. Mas isso é Massachusetts, não Flórida, então todas essas pessoas são estranhas. De qualquer maneira, nenhum deles está prestando atenção em mim. É *ele* que todos estão de olho, e eu não os culpo. Mesmo sabendo do que ele é capaz - sabendo o que ele fez comigo - há um certo tipo de sentimento que vem além de estar no braço do homem mais poderoso da sala. Eu gostaria de poder ignorá-lo, mas está lá, quer eu queira ou não. Da mesma forma que não posso deixar de lado a conversa entre ele e o comissário. Eu nunca vi Hook hesitar antes, e isso. *Isto* mexeu ele. Eu tento tirar o pensamento da minha mente, sabendo que não deveria dar a mínima.

Mas eu dou.

Antes que ele mostrasse suas verdadeiras cores, eu estava me apaixonando por ele. Ou para a versão que ele apresentou, de qualquer maneira. E os sentimentos não desaparecem, eles apenas

mudam e mudam quando sua alma se quebra, moldando-se nas rachaduras. *Meus* sentimentos por Hook podem ser distorcidos e irreconhecíveis, mas isso não significa que eles desapareceram.

— Eu conheci Ru, não conheci? — Eu pergunto, incapaz de impedir que as palavras pulem da minha língua.

Seus dedos param de onde estão tamborilando na mesa. — Você conheceu.

— É bom que ele tenha se aposentado.

O rosto de Hook se encaixa no meu. A mão dele dispara, agarrando debaixo do meu assento e puxando, minha cadeira arrastando alto pelo chão de madeira. Eu ofego, o ar frio enquanto flui pela minha garganta, colidindo com a onda de calor do constrangimento subindo pelo meu peito.

O nariz dele escova o meu, a intensidade do brilho dele me congelando no lugar. — Eu não sei que jogo você está jogando — ele sussurra. — Mas pare agora. Eu sugiro que você não me teste.

Meu coração gagueja. — Eu não estou... não estou jogando nenhum jogo.

Ele respira fundo, seu olhar movendo dos meus olhos para a minha boca e depois para trás, energia crepitando no espaço entre nós. E então, ele olha além de mim, e todo o seu comportamento muda.

Eu pulo quando a palma da mão dele cai na minha coxa embaixo da mesa, apertando-a forte. — Lembre-se do que está em

jogo.

Eu zombei, raiva se formando no meu interior. — Como se eu esquecesse, eu ...

— Wendy?

Capítulo 31



James

Wendy torce em seu assento, ficando cara a cara com Peter.

— Pai — ela suspira. Ela começa a se levantar da cadeira e meu aperto na coxa aumenta, mantendo-a no lugar. Ela se vira para mim, as sobrancelhas se aproximando, e eu balanço minha cabeça, encontrando seu olhar e segurando-o.

É óbvio quando a realização atinge; seus olhos escurecem e seus lábios se voltam para baixo. Ela olha de mim para o pai e depois para Tina, que está parada, usando um vestido verde brilhante com detalhes dourados.

O rosto de Peter é uma máscara de confusão, a testa enrugada enquanto olha entre nós. Eu mudo minha mão da coxa de Wendy, colocando meu braço ao longo da parte de trás da cadeira. Este é o momento em que ele perceberá que o pequeno plano deles não funcionou.

Que mesmo que eles tenham tirado Ru de mim, eu ainda a tenho. Ela não escapou.

— Peter — eu saúdo. — Que *prazer*.

Seus lábios se curvam. — Hook.

— Eu faria apresentações, mas tenho certeza de que você já está bem familiarizado.

Ele fica parado, com as feições congeladas, até que os garçons que trazem salada o forcem a se mover. Ele limpa a garganta, pressionando a mão contra as costas de Tina e movendo-a em direção aos assentos.

O corpo de Wendy murcha. Eu olho para ela com um sorriso largo. *Está certo, pet. Fim de jogo*. Ninguém joga contra mim e sai com a mão cheia.

Os garçons deixam os pratos de salada e eu pego meu garfo, com a emoção batendo nas veias enquanto lancei um tomate cereja, regozijando-me na maneira como Wendy se diverte e Peter olha.

Inclinando-me, meu braço ainda na parte de trás da cadeira, coloco o garfo na frente da boca de Wendy. — Com fome?

Ela pressiona os lábios juntos, balançando a cabeça.

Coloco na minha própria boca, os sucos e sementes explodindo na minha língua.

— Mmm — eu cantarolei. — Eu amo estourar uma boa *cereja*. — Eu sorrio para Peter, meu braço caindo da cadeira nos ombros de Wendy, meus dedos traçando sua pele nua. Wendy fica rígida como uma tábua embaixo de mim, com o olhar treinado no prato. Ela está desconfiada, a garota descarada que está no meu porão desaparecendo subitamente na presença de seu pai.

Acho que isso me irrita mais do que deveria.

— Wendy — Peter suspira. — O que você está fazendo aqui? Você não deveria estar na mansão? — Seus olhos olham em volta da mesa. Temos a atenção de todos, e é delicioso, sabendo que ele quer fazer uma cena, mas não consegue atuar. Mas essa é a diferença entre Peter e eu. Ele tem que operar dentro das restrições da sociedade civil, enquanto eu garanto que eles esvaziem seus bolsos e dancem fora de suas linhas.

A cabeça de Wendy se levanta na pergunta dele, com as juntas dos dedos brancas enquanto seguram o garfo. — O que você quer dizer *na mansão*?

A mão de Tina estende para descansar no antebraço de Peter, o queixo de Wendy se põe no movimento.

Interessante.

— Acho que seu pai está tentando dizer — começa Tina. — Esse

é o último lugar que esperamos que você esteja. — Os olhos dela olham para os meus. — E com a última ... pessoa.

Abro a boca para falar, mas Wendy me bate, minha mão caindo do ombro dela enquanto ela se inclina para a frente, seus olhos cuspidos lasers. — E por que seria tão surpreendente me ver aqui? Por que eu não *pedi* permissão?

Peter limpa a garganta. — Pequena sombra...

O olhar de Wendy corta para ele, e a excitação rola através de mim na ira dela.

— Talvez você não se lembre, *papai*, mas eu costumava ir a isso com frequência com você.

Peter olha em volta, com todos os olhos na explosão de sua filha.

— E para constar — continua Wendy, com as bochechas ficando rosadas. — Eu nunca precisei nem me importei com a opinião de Tina sobre *qualquer coisa*, especialmente sobre onde ela espera que eu esteja.

A boca de Tina se abre.

Eu sorrio para a explosão de Wendy, o calor que mexe no corpo de quão atraente ela é quando está com raiva.

— Você não queria saber onde eu estava quando seu novo segurança não me encontrou?

Minha mão se move para descansar na parte de trás da gargantilha, meus dedos escorregando por baixo do fecho e puxando como um lembrete para se atentar em sua boca.

As sobrancelhas de Peter se levantam. — É isso? Você está fugindo porque não gostou que eu estava tentando lhe fornecer proteção?

Wendy zomba, esfaqueando a alface com o garfo.

— Controle seu encontro — Tina assobia para mim.

Eu sorrio, encostado na minha cadeira. — Agora, por que eu iria querer fazer isso?

Esta é uma virada deliciosa de eventos. Eu não esperava que ela estivesse tão chateada com ele.

— Wendy, essa não é a hora nem o lugar. — A voz de Peter é afiada; comandando, como se estivesse castigando uma criança. — Precisamos ir a algum lugar e falar em particular?

Os olhos dela piscam para mim. Não me mexo, querendo ver o que ela fará se tiver a oportunidade.

Ela levanta o queixo, inalando profundamente e balançando a cabeça. — Não. Não temos mais nada a dizer.

O prazer de sua obediência escorre através de mim como uma torneira com vazamento, e eu tenho que me lembrar que ela não é alguém que eu deveria recompensar por ser boa. Ela é uma

traidora.

Embora seja estranho o modo como ela está interagindo com o pai, como se não estivessem em boas condições.

Seus olhos ficam nos dela por longos momentos, algo tácito passando entre eles antes que Tina apareça. — Então, como vocês se conheceram? — Ela acena sua taça de champanhe entre nós.

Eu tomo um gole de uísque. Porque você a enviou para o meu bar, seus porcos patéticos.

— Ele já te disse, não disse? — Wendy acena a cabeça. — Ele *estourou* minha cereja. — Suspiros soam ao redor da mesa e eu engasgo com o líquido da minha bebida, minha mão disparando no meu peito para sufocar a tosse.

— Wendy — Peter recrimina.

Ela sorri. — O que é, pai? De repente, decidindo se importar novamente?

Confusão bate em mim.

Entendo a raiva dela por ele não saber que ela se foi, honestamente, o pensamento disso se irrita um pouco, mas não consigo imaginar o que ela está tirando disso. Eles já estavam trabalhando juntos para me destruir. Não deve ser uma surpresa que nos conhecemos.

A menos que eles não tivessem ideia.

Meu estômago está em nós, meu coração machucado torcendo com a noção.

— Acho que a pergunta mais importante — continua Wendy. — É como *you* dois se conhecem. — Ela aponta o garfo para o pai e depois para mim.

Peter mergulha as mãos na frente da boca, encostado na cadeira. — Nada emocionante. Nos encontramos brevemente para negócios.

Eu ri, as pontas dos meus dedos acariciando a lateral do pescoço de Wendy, meu interior apertando a cada passo contra a gargantilha. *Minha marca de propriedade*. E um rastreador GPS, mas isso não é perceptível.

— Oh, não seja tão modesto, Peter — eu brinco. — Temos mais do que nos *encontrado*. Na verdade, acredito que você conheceu bem aqueles com quem estou mais próximo. Parece justo eu devolver o favor.

Os cantos dos olhos de Peter se apertam quando ele assente, seus lábios se separando para mostrar seus brilhantes dentes brancos. — Sim, é verdade. — Ele olha em volta. — E onde eles estão hoje à noite?

Meu corpo endurece, a raiva gira através de mim como uma tempestade de vento. O rosto de Wendy se vira em direção ao meu, com os olhos subindo e descendo antes de voltarem para o pai, estreitando um pouco. Ela deixa cair o garfo e o barulho dele batendo contra o prato rala contra os meus tímpanos. A mão dela estende, pressionando contra o meu peito e subindo, até a palma da mão bater na minha mandíbula. O choque de seu toque é suficiente

para limpar a névoa vermelha que filma nos meus olhos.

Ela se inclina, pressionando um beijo na minha bochecha. — Respire fundo. As pessoas estão começando a olhar — ela sussurra.

Meus pulmões se expandem quando me reorganizo.

Wendy senta e prende o pai com um olhar. — O que isso quer dizer?

Meu peito se apega à pergunta dela. Porque, novamente, se ela fizesse parte do plano de Peter, ela saberia *exatamente* o que isso significava.

— Wendy, era uma pergunta simples. — Peter suspira.

— Está tudo bem. — Sorrio enquanto puxo Wendy perto, minha mão alisando o cabelo dela. — Encontrei uma companhia muito mais *sedutora*.

A mandíbula de Peter aperta e ele se inclina, com os olhos implorando à filha. — Você não tem ideia de quem está sentado ao seu lado.

Sua mandíbula endurece. — Eu sei *exatamente* quem ele é. É você que estou começando a questionar.

Meu coração salta, sua frase cimentando o que tenho teorizado nos últimos minutos.

Ela não sabe sobre o pai.

E isso significa que ela nunca me traiu.

Capítulo 32



Wendy

O resto do jantar está cheio de olhares tensos, nada além do barulho de talheres e as pessoas que falam no palco se tornando poéticas sobre a solução de injustiças no mundo, dando festas de milhões de dólares com assentos de mil dólares.

Mas meu interior está furioso.

— *Você não deveria estar na mansão?*

Ele nem sabia que eu tinha sumido. Eu fui *sequestrada*, e ele nem sabia que eu tinha ido embora.

Há meses que digo a mim mesma que preciso admitir que ele não é o homem que me lembro, mas este é o momento em que a parte da minha alma que se agarrava finalmente se quebra, caindo no chão e quebrando em cem pedaços.

Ele nem sabia que eu tinha sumido.

Mas é claro, ele poderia aparecer aqui.

Deus não permita que sua imagem seja atingida. Sua imagem pública, é isso. Está claro como o dia para mim agora que ele não se importa com quando o vejo.

E há algo acontecendo com o amigo de Hook, Ru. A conversa silenciosa com o comissário, a maneira como o nome dele envia Hook para uma queda, e agora meu pai zombando de seus amigos desaparecidos, isso tem meus nervos ligados e em alerta máximo.

Eu sei porquê Hook me tem aqui, isso se tornou muito óbvio, mas não consigo descobrir por que meu pai está provocando *ele*.

Por que ele até lida com alguém como Hook em primeiro lugar.

A menos que ele não seja quem ele finge ser.

E isso, mais do que qualquer outra coisa, me faz sentir a pessoa mais estúpida do planeta. Porque como você pode viver com alguém, como pode passar anos respirando o mesmo ar, adorando todos os seus movimentos, amando-os com todo o coração e realmente não sabe quem eles são?

A realização se divide através de mim e quebra a trava de todas as coisas que deixo não ditas, todas as vezes que eu queria revidar, mas assenti e sorri. Eu sei que Hook provavelmente vai me machucar por atacar, mas não consigo encontrar em mim para me importar. Finalmente *-finalmente-* ser capaz de falar o que penso é libertador. E quando Hook não apenas permite, mas o encoraja, sinto que tenho alguém nas minhas costas.

Tão distorcido quanto isso pode parecer.

Olho para observá-lo enquanto ele assente algo que um homem ao lado dele está dizendo, meu estômago saltando com o som das minhas emoções completamente de cabeça para baixo. Como é possível que esse homem, aquele que ameaçou minha vida há menos de uma hora atrás, aquele que me acorrentou a uma parede do porão, como ele ainda seja o único que parece me tratar como se eu fosse válida?

Ele fez o comissário de polícia *pedir desculpas* por me insultar e esfregar meu pescoço enquanto eu estava contra meu pai e sua cadela de assistente. E isso não parece Hook.

Parece James.

Eu balanço minha cabeça, lembrando-me que ele está fazendo um show. Não é como se ele estivesse me tratando para *meu* benefício e esquecer que não me fará nenhum favor.

Meus olhos passam pela estrutura de Hook, percebendo que um dos gêmeos está caminhando em nossa direção. Eles nos alcançam e se abaixam para sussurrar em seu ouvido. Os dedos de Hook, que estão seguindo pela parte superior da minha coxa, congelam no lugar e ele se endireita. Com um aperto na minha perna, ele se

move, colocando o guardanapo na mesa. — Se você me der licença por um momento, há um assunto urgente que precisa da minha atenção.

Ele fica de pé, olhando para o meu pai, antes de se inclinar para baixo para pressionar um beijo na minha bochecha, com os dedos emaranhados no meu cabelo. — Comporte-se — ele murmura contra a minha pele. — Não há nenhum lugar que você possa correr que eu não siga.

A ansiedade se mistura na corrente sanguínea enquanto ele se afasta, meu estômago se apertando com indecisão. Meu pai está sentado *ali*, e ele é o único homem nesta terra que poderia me salvar, mas a que custo?

Não farei nada a menos que saiba que Jon estará protegido, e ele provou repetidamente que não faz dele uma prioridade.

Não. *O que há de errado comigo?* Ele não o deixaria morrer. Jon ainda é filho dele, afinal.

Meu interior torce, nojo, abrindo caminho pelo meu peito com a facilidade com que minha mente passou de acreditar no bem das pessoas para questionar que tipo de assassinato eles seriam. Alguns dias em torno de criminosos e de repente eu aceitei isso como fato.

Me incomoda que isso *não* me incomode do jeito que deveria.

— Wendy, eu gostaria de falar com você, por favor. — Meu pai limpa os cantos da boca com o guardanapo antes de colocá-lo na mesa. — Em particular.

Meu coração salta, sabendo que é algo que Hook não gostaria, mas... Hook não está aqui. E eu mereço algumas respostas. Eu aceno com a cabeça, empurrando minha cadeira para trás e olhando em volta, meio esperando que alguém pule e me agarre, mas a cada passo que dou, mais fácil respiro, percebendo que ninguém virá.

Andamos pelo salão até chegarmos às portas do pátio dos fundos, meu pai me permitindo sair primeiro antes que ele siga para trás. Somos as únicas pessoas por aqui, e um calafrio se instala nos meus ossos enquanto eu tremo com a brisa fresca.

— Ele está usando você para me alcançar.

Eu me contorço com suas palavras repentinas, minha mão descansando no meu peito. Não sei ao certo o que esperava. Talvez um pedido de desculpas por ele não ter percebido que eu tinha sumido ou por poder aparecer aqui, mas sempre perdendo todo o resto.

O fato de eu claramente não saber nada sobre meu pai derrama na minha garganta até que tudo o que posso provar seja a verdade amarga.

Eu balanço minha cabeça, bufando uma risada. — Você realmente não sabia que eu tinha sumido?

—Wendy, seja razoável. Se você estiver prestando atenção, eu ...

— Responda à pergunta. — Meus punhos se apertam aos meus lados.

Ele suspira, esfregando a mão sobre a testa. — Minha equipe de

segurança me disse que você não estava em casa e presumi que você estava fazendo birra.

Suas palavras explodem no meu peito como uma bomba, carbonizando meu interior de preto. *Birra*. Como se eu fosse criança.

— Se eu soubesse que você estava ocupada brincando com um criminoso psicopata, eu teria vasculhado a terra para localizá-la.

Minha boca estala enquanto eu o olho. — Como você sabe disso?

— Sei *o que*?

— Que ele é um criminoso psicopata. — Meu estômago revira.
— Como você sabe disso?

— Como você *não sabe*? — Ele coloca os braços para os lados. — Você está jogando um jogo muito perigoso aqui, Wendy. Um que você não sabe nada.

A quentura se expande, queimando minha garganta. — Não me menospreze!

Seus olhos se arregalam e eu sigo em frente, meus dedos correndo pelos meus cabelos, meu coração batendo loucamente no meu peito. — Estou tão cansada de todo mundo me tratar como se eu fosse uma boneca de porcelana que deveria ficar de boca fechada e bonita. Minhas opiniões *importam*.

Seu olhar suaviza. — Claro que sim, pequena sombra. — Ele se

move em minha direção. — Estou tentando aqui.

Eu zombei. — Você não tentou desde que mamãe morreu.

O queixo dele se firma. — Você não sabe nada sobre sua mãe.

Eu jogo minhas mãos para cima. — Então eu sou apenas estúpida, então. Eu não conheço Hook. Eu não conheço minha mãe. E com certeza não conheço *you*.

— Ele está forçando você a estar aqui? — Ele se aproxima ainda mais, sua voz suave como se estivesse tentando atrair um animal para uma gaiola. — Ele tem ... ele tem *machucado* você?

Minha respiração treme enquanto eu ranjo os dentes, o desejo de dizer a ele gritando do fundo da minha garganta. — Como está o Jon? — Eu pergunto em vez disso.

Seus movimentos vacilam. — O que?

— Eu perguntei como Jon estava. Você sabe, seu filho?

— O que isso tem a ver com a nossa conversa agora? — Suas sobrancelhas se aproximam.

— Muito, na verdade. — Meu coração incha de esperança de que ele me diga que foi vê-lo. Que ele acabou de falar com ele por telefone e está se estabelecendo bem.

Ele passa uma palma sobre o rosto. — Tenho certeza que ele está bem.

A decepção se instala como um tijolo, colidindo com o meu interior, fazendo um soluço se prender na minha garganta. Ele nem falou com ele. E se ele não pode fazer uma ligação simples, como posso confiar que ele se certificará de que está a salvo de Hook?

A culpa envolve-me, percebendo que Jon está sozinho. Aclimatando-se sozinho.

Fechando os olhos, libero uma expiração profunda, um sentimento doentio se instalando no meu interior e expandindo, até que a aceitação da minha situação me encha e envolve minhas bordas.

— Ele não está me forçando — digo devagar.

— Ele está usando você para chegar até mim — ele repete.

Ele não está errado. Hook quase me disse que só se importa em chegar ao meu pai. Mas até esse momento, eu não sabia o quanto essa revelação doía. Os dias que antecederam isso me entorpeceram na dor, mas com a aceitação vem a realização, e agora as feridas estão latejando de onde Hook abriu caminho no meu coração apenas para se imprimir.

O som fraco de uma porta se abrindo e fechando vem de trás de mim, mas não me viro para ver quem é. Não há necessidade.

É impossível não o sentir quando ele entra em uma sala.

— Bem. — Seu sotaque flutua na brisa, envolvendo em volta do meu pescoço como um laço. — Isso não é aconchegante?

O calor envolve minhas costas, o braço de Hook deslizando pelo meu centro e me puxando para perto de seu corpo. Meu coração pula no meu peito, o jantar subindo pela minha garganta até eu ter que cobrir minha boca para mantê-la.

— Tentando roubar meu encontro, Peter? Ou apenas usá-la para planejar sua próxima aventura tola?

Os olhos do meu pai se estreitam. — O que você estiver tentando, *criança*, não vai funcionar.

O corpo de Hook endurece, o calcanhar da palma pressionando contra os meus abdominais. Minhas mãos se levantam para cobrir o antebraço e, rápido como um raio, minha cabeça está torcida para o lado, os tendões no meu pescoço se estendendo até doer. Eu choramingo de dor, minhas unhas cavando na pele de Hook.

— Você está *tentando* matá-la?

Meu coração salta com as palavras dele, meus olhos se arregalando enquanto olho para meu pai.

Mas tudo o que papai faz é sorrir, seu olhar pousando em mim.
— Eu te disse, pequena sombra. Ele não se importa com você.

Meu interior queima.

Uma risada profunda ronca no peito de Hook e vibra através dos meus ossos, incendiando meus nervos. Ele se inclina para baixo, pressionando os lábios macios no meio da minha garganta, a língua deslizando para provar minha pele.

O calor se espalha entre as minhas pernas, seguido de perto pela repulsa pelo fato de meu corpo poder ficar excitado por essa situação *doente*.

— Não cometa o erro de pensar que sou como os outros homens com quem você lidou. — Hook libera minha cabeça, me empurrando para o lado gentilmente enquanto ele caminha em direção a meu pai. — Eu não ligo para minha reputação. Eu não ligo para o dinheiro ou para os negócios que você *queima*.

Os lábios do meu pai abaixam e minha cabeça gira, imaginando do que ele está falando.

— De fato, não há nada que você possa me roubar que ainda não tenha tirado. — Ele se aproxima até se erguer sobre a estrutura do meu pai. — Estas são *minhas* ruas — ele continua. — E eu tenho esperado com tanta paciência para você vir brincar.

Sua mão enfia no bolso, o cabo marrom de sua faca fazendo meu interior reagir de medo. Meu coração catapulta para ultrapassar, meus pés se movem antes que eu possa detê-los, e eu corro, me empurrando entre eles, meu pai tropeçando para trás um passo.

— Não — eu imploro. — *Por favor...* apenas ... não o machuque.

Os olhos de Hook se arregalam um pouco, mas ele fica estóico, com um sorriso lento rastejando em seu rosto. Seus dedos estendem a mão, acariciando minha mandíbula. — Tão leal.

Ele olha para trás para o meu pai. — E onde estão seus pedidos, Peter? — Suas sobrancelhas se levantam. — Ou talvez você prefira que eu derrame o sangue dela para cobrir seus pecados.

Silêncio.

Mudo. Desolador *silêncio*.

Os olhos de Hook travam nos meus, e eu seguro o olhar dele, meu estômago subindo e descendo junto com as batidas irregulares do meu coração, minhas narinas queimando da dor agonizante do meu peito rachando ao meio.

Ele exala, dobrando o pescoço para o lado até estralar e depois acena com a cabeça, estendendo a mão. — Muito bem.

O alívio derrama através das minhas veias, meu corpo tremendo enquanto coloco minha palma na dele. Ele puxa, e meu corpo voa para ele. Meus dedos pressionam contra o peito, o braço dele se envolvendo na minha parte inferior das costas e a boca encontrando minha orelha.

— Quero que você memorize esse momento, querida. Lembre-se de como é perceber que seu pai estava disposto a deixar você *morrer* para se salvar.

E então, ele me leva para longe, enquanto minha alma se despedaça.

Capítulo 33



Wendy

Hook fica em silêncio no trajeto de limusine, mas posso sentir a raiva saindo dele e infundindo o ar. É espesso. *Sufocante*. Meus olhos piscam dele para as ruas zunindo, imaginando se ele está com raiva de mim e me perguntando por que me importo.

O carro vira a esquina da rua e minha respiração pára nos pulmões quando os marcos familiares aparecem. Eu *conheço* esta rua.

E não é a marina.

— Você disse que não me traria de volta para cá — eu digo em pânico ao me segurar.

— E você disse que não se comportaria mal. — Ele pega fiapos invisíveis do terno.

Meu queixo cai. — Eu não fiz! Eu fiz *tudo* você pediu.

— Você acha que encontrar com seu pai era algo que eu pediria? — ele se encaixa.

Meu coração cai no meu estômago. — Isso tinha ...— eu engulo. — Isso não tinha nada a ver com você. — Eu me encolho, sabendo o quão patético parece, mesmo para meus próprios ouvidos.

Ele ri. — Querida, se você espera que eu acredite nisso, então você é realmente uma garota estúpida.

Meus dentes rangem, punhos cerrando. — Eu *não* sou uma garota.

A cabeça dele se inclina. — Apenas estúpida, então?

Respiro profundamente pelo nariz, tentando conter o tumulto no meu interior quando imagino ser jogada de volta para a masmorra escura de um quarto. — Por favor, não quero voltar para o porão.

Ele suspira, com os dedos esfregando a mandíbula. — Você não vai.

Minha cabeça balança, alívio inundando através de mim. — Eu não vou?

O carro para e luzes azuis e vermelhos brilhando sobre minha pele através das janelas.

O que no mundo?

A porta se abre e Hook sai, sua mão aparecendo na minha frente. Meu coração sacode quando coloco minha palma na dele, permitindo que ele me puxe do carro. Ele é uma dicotomia, ameaçando minha vida de uma só vez e sendo um cavalheiro na próxima. É aterrorizante como ele pode fazer as duas coisas de maneira tão perfeita, como se fossem partes integrais dele, coexistindo pacificamente como um. Ele joga tudo o que eu já aprendi sobre o bem e o mal pela janela até que se distorce e se esvai no meu cérebro.

Choque espirala pelo meu centro quando saio do carro, minha respiração saindo dos meus pulmões.

O cheiro de cinzas é forte no ar, fazendo meu nariz formigar pelo mau cheiro. Existem caminhões de bombeiros e ambulâncias, alguns carros da polícia ao lado. E o JR se foi. Queimado ao chão, nada restava além de escombros.

Minha mão se levanta para cobrir minha boca. — Oh meu Deus. O que *aconteceu*?

O rosto de Hook é estóico ao examinar o dano. — Seu pai, eu presumo.

— Não. — Meu coração se contorce, a defesa cuspindo da minha língua antes que eu possa pensar nas palavras. — Mas ele estava conosco hoje à noite, ele não ...

Hook olha para mim e minhas palavras desaparecem, a lembrança desta noite se repetindo na minha cabeça. Eu engulo em torno do edifício da tristeza no meu interior que se espalha por todos os membros.

Um lamento agudo vem da calçada e minha cabeça se aproxima, a garçõete do JR correndo até Hook e jogando os braços em volta dos ombros dele.

Meu peito puxa enquanto os vejo se abraçar, mas me afasto, permitindo o momento deles. *O que eu me importo se eles proporcionam conforto um ao outro?*

Os braços de Hook se erguem lentamente, tirando-a dele. — Moira.

— Hook, foi terrível. Eu não sei ... — ela soluça. — Não tenho ideia do que aconteceu. Eu só... um segundo estava tudo bem, e o próximo ... — Ela cobre a boca, quebrando novamente em soluços, e eu olho em volta, meu estômago afundando, esperando que ninguém tenha se machucado lá dentro.

Mas também não posso deixar de sentir alívio, pelo fato de que, se não houver JR, não haverá porão com algemas e correntes.



Nós não ficamos no local por muito tempo antes de Hook nos levar de volta à limusine e em seu iate.

De alguma forma, acabamos deitados em sua cama, ainda vestindo roupas de noite, sem falar, mal nos movendo. Minha mente repete os últimos dias, indo e voltando sobre tudo, imaginando se o que Hook diz é verdade.

Se meu pai realmente é o responsável por tantos danos.

Meu estômago gira e meu coração chuta contra sua gaiola. — Você realmente vai me matar? — Eu pergunto, olhando para o teto.

Seus dedos estão presos juntos, descansando no abdômen, subindo e descendo com as respirações uniformes. — Eu ainda não decidi.

Um nó pesado gira no centro do meu peito. — Você realmente acha que meu pai fez isso?

Ele suspira, a mão esfregando a testa, os olhos se fechando. — Querida, suas perguntas estão se tornando muito cansativas.

Mordo o interior da minha bochecha até provar sangue, segurando as palavras que estão morrendo de vontade de vomitar. Arrisco um olhar para o seu rosto. A tristeza corre através de suas feições; sutil, mas está lá na maneira como seus olhos se voltam e como o silêncio gruda em sua pele, uma aura de melancolia, quase como se ele estivesse de luto.

— Sinto muito pelo seu bar — sussurro.

— Não era meu.

Minhas sobrancelhas se levantam, surpresa tremeluzindo no meu peito. — Oh, eu apenas assumi ...

— Era do Ru.

Eu mordo meu lábio, assentindo. — E Ru está ... onde?

A cabeça dele vira, o cabelo mexendo levemente no travesseiro, o olhar escaldante enquanto está na minha pele. Fico parada, esperando que ele encontre o que está procurando.

Sua língua desliza sobre o lábio inferior. — Morto.

A palavra - mesmo que eu esperasse - me bate como uma marreta, conversas da noite se unindo como peças perdidas de um quebra-cabeça. Ru está morto. E meu pai perguntou onde ele estava com um sorriso no rosto.

Raiva e descrença guerreiam dentro de mim, colidindo com uma explosão cataclísmica de tristeza. Luto pelo homem que me criou. Luto pelo pai que perdi.

Não peço desculpas pela morte de Ru. Algo me diz que Hook não apreciaria as palavras, que elas derrubariam a escala de sua raiva contra mim, e a última coisa que quero fazer é perturbá-lo ainda mais. Não quando encontramos algum tipo estranho de equilíbrio; uma trégua temporária.

— Quando eu era pequena, — começo. — Meu pai costumava

me trazer nozes.

Hook endurece ao meu lado e eu paro, mas quando ele não fala, eu corro o risco e continuo.

— Foi ...*estúpido*. — Eu tinha cinco anos e a garota do papai em todo mundo, mesmo que ele tivesse sumido a maior parte do tempo.

Meu peito se aperta.

— Mas, quando ele voltava para casa, ele entrava no meu quarto e escovava os cabelos do meu rosto, inclinando-se para baixo e beijando minha testa com boa noite. — Lágrimas desfocam minha visão e eu aperto meus olhos, trilhas quentes e molhadas marcando meu rosto. — Eu costumava fingir estar dormindo, com medo de que se ele soubesse que eu estava acordada, ele pararia de entrar furtivamente.

Um nó se alinha na minha garganta e hesito, sem ter certeza de que poderei tirar as palavras.

— Para que eram as nozes? — A voz de Hook é baixa e áspera, com os olhos olhando para a frente.

Eu sorrio. — Eu costumava ter problemas sempre que ele saía, preocupada que ele voasse para longe e nunca voltasse para casa. Uma noite, quando ele estava se despedindo, algo caiu pela minha janela aberta e, quando acordei de manhã, ele a colocou na minha mesa com uma nota, prometendo que ele voltaria. — Eu rio, balançando a cabeça. — Foi apenas uma noz estúpida, mas ... eu não sei. — Eu encolho os ombros, levantando-me para limpar uma lágrima perdida. — Eu era uma garota burra. Colocando

sentimentalismo em coisas que provavelmente não mereciam. Mas a partir daquela noite, sempre que ele saía, me trazia outra e a colocava na minha mesa, prometendo que voltaria.

A agonia se espalha pelo meu coração partido e desce para as partes mais profundas da minha alma. — E eu colecionei aquelas nozes como beijos.

— Por que você está me contando isso? — ele pergunta.

Eu me viro para encará-lo, descansando minha bochecha molhada na parte de trás da minha mão, minha cabeça moldando o travesseiro. — Eu não sei. Para mostrar que ele nem sempre foi tão ruim? Que uma vez, ele realmente se importava. — Um soluço se liberta e minha mão voa para a minha boca, tentando enfiá-lo de volta.

Hook se vira para mim então, estendendo a mão e segurando meu rosto, o polegar passando as lágrimas quando elas caem. — É impossível não se *importar* com você, Wendy. Se não me importasse, você já estaria morta.

Uma risada borbulha no meu peito pelo absurdo de tudo isso, pela maneira como o homem que me mantém refém está me consolando sobre meu coração partido. No caminho, ele pode dizer algo tão vil e fazer parecer tão doce.

— Isso deveria ser romântico. — Eu sibilei entre risadinhas.

Um pequeno sorriso enfeita seu rosto. — Deve ser verdade.

O riso diminui, e estamos presos olhando um para o outro,

sentimentos distorcidos em espiral através de mim e marcando todas as partes do meu coração fodido. E eu sei que eu deveria odiá-lo.

Mas neste momento, eu não odeio.

— De qualquer forma. — Suspiro, quebrando o contato visual, querendo aliviar o fogo que está construindo em minhas veias. — As nozes desapareceram quando minha mãe morreu. — Eu fungo. — E meu pai também, eu acho.

Ele não diz mais nada e eu também não. Eventualmente, ele se levanta, indo para a cômoda do outro lado da sala e passando para mim uma boxer e uma camisa preta lisa. Roupas em que não conseguia imaginá-lo, mesmo que tentasse. E eu os tomo sem lutar, colocando-os e rastejando de volta para sua cama, sabendo que não tenho outra escolha.

— Hook — sussurro no escuro.

— Wendy.

— Eu não quero morrer.

Ele suspira. — Vá dormir, querida. Sua alma está segura esta noite.

— Ok.

Levanto-me, meus dedos brincando com a gargantilha de diamantes que eu estava com muito medo de remover. Ele me disse

para continuar, e não sei se isso se estende até quando estamos aqui em sua casa, mas não quero estragar a calma que criamos. Já estive na mira de sua ira antes e não tenho absolutamente nenhum desejo de estar lá novamente.

— Hook — digo novamente.

O quarto fica em silêncio.

Meu estômago parece chumbo, mas sei que se não tirar as palavras agora, talvez não tenha outra chance. — Eu vejo você, sabia? Quando você acha que ninguém pode ver. — Meus dedos se movem, emaranhados embaixo das cobertas. — E se meu pai tem algo a ver com o que faz você parecer tão triste. — Eu estendo a mão cegamente, o lado da minha mão esbarrando na dele. — Eu *vejo* você. Eu só queria que você soubesse disso.

Ele não responde, mas também não tira minha mão. E é assim que ficamos até eu adormecer.

Capítulo 34



James

Deito na cama, observando a subida e descida do peito de Wendy, admirando a aparência dela tão pacífica, mesmo quando choraminga em seus sonhos.

Não haverá sono para mim esta noite.

Todos os meus planos anteriores, quando se trata de Peter, foram jogados pela janela, raiva correndo pelas minhas veias, moldando minhas células e cimentando meu coração.

O JR se foi.

Queimado até ficar torrar, nada além de escombros e poeira. E enquanto todos saíram em segurança, nada mais foi recuperado.

Não que eu mantenha algo de importância lá. Quando você trabalha fora dos limites da lei, aprende rapidamente que manter as coisas onde as pessoas esperam que elas nunca funcionem a seu favor.

Ainda assim, o JR era a nossa maior frente para lavar o dinheiro e, no final, tinha mais significado *pessoal*. Foi onde eu cresci, onde aprendi a ser *Hook*, em vez de apenas um monstro criado dentro de uma gaiola. Claro, existem outros negócios que possuímos, alguns clubes de strip nas margens da cidade e uma boate no centro da cidade, mas o JR era *casa*.

Acrescente a esse fato que não tenho certeza do que fazer agora com Wendy. Eu superestimei o relacionamento dela e de seu pai, assumindo estupidamente que os jornais estavam dizendo a verdade enquanto se tornavam poéticos sobre seu vínculo. Mas nenhum homem que tenha algum senso de amor em seu coração permitiria que sua filha ficasse na frente de um assassino e implorasse por *sua* vida.

Patético.

Não acredito mais que ela me traiu. No entanto, por algum motivo, não quero deixá-la ir.

Mas se Peter Michaels acha que pode entrar na minha cidade, roubar minhas drogas, queimar meus negócios e matar meu pessoal sem enfrentar minha ira, ele terá uma surpresa desagradável.

Eu deslizo da cama, saindo do quarto e trancando a porta atrás de mim enquanto entro na cozinha, parando quando vejo Smee sentado na ilha, uma xícara de chá na mão.

— Eu pensei que você disse que estava saindo para a noite.

Smee vira, o gorro vermelho na cabeça escorrega enquanto sorri. — Eu terminei com as coisas mais cedo do que eu pensava. Você precisa de algo? — Ele levanta sua caneca. — Xícara de chá?

Eu balanço minha cabeça. — Não, tenho negócios a tratar. Ouça, Wendy está aqui. E ela não deve deixar este barco. Entendido?

Os olhos de Smee olham pelo corredor antes de olhar para mim. — Tudo bem, chefe?

Eu aceno. — Se ela causar problemas, me ligue imediatamente. Você não a toca sob quaisquer circunstâncias.

Ele toma outro gole da xícara. — Entendido.

— Bom homem. — Eu sorrio.

Estou quase fora da sala quando ouço.

Tick.

Tick.

Tick.

Minha cabeça fica tonta, o coração dispara tão rápido que minhas veias parecem que vão explodir. Eu giro lentamente nos calcanhares, meus olhos se zonearam sobre onde Smee está brincando com algo no balcão da cozinha.

— Smee — digo devagar, minhas mãos tremendo contra meus lados. — *O que é esse barulho?*

Smee olha para cima, o lado da boca se levantando. — Hmm?

Dou um passo brusco para a frente, o nó no estômago torcendo tão violentamente que está me rasgando ao meio e, quando chego à ilha, inalo profundamente, tentando manter o controle.

— Oh isso. — Ele segura um relógio de aparência antiga conectado a uma corrente de ouro que balança para o balcão. — Encontrei em uma loja de penhores e apenas *tive* que obtê-lo. — Ele alisa o polegar sobre o rosto. — Eu sei que é um pouco caro, mas ...

Minha visão se esvai de quão difícil é evitar esmagar todos os ossos da mão apenas para impedir o *incessante* barulho.

— Você está bem, chefe?

— Por favor, — eu moo pelos meus dentes. — Tire essa coisa da minha casa.

— Eu...

Minha mão cai, esmagando sua caneca, o conteúdo batendo no balcão, a porcelana quebrando contra o chão de madeira. — Eu disse *leve. Isto. Fora.*

Seus olhos se arregalam, seu corpo se afastando. — Ok. — Ele corre para o convés, correndo para o lado e jogando-o no mar.

Fechando os olhos, concentro-me no belo silêncio, respirando fundo quando a névoa vermelha recua, permitindo-me recuperar o controle.

Smee volta, com os olhos disparando de mim para o conteúdo quebrado no chão.

Eu estralo meu pescoço, exalando um suspiro pesado. — Nunca mais traga um relógio neste iate. Você entendeu?

Ele engole e assente.

Eu me viro, saindo pela porta e sacudindo os restos da minha raiva, sentindo o controle voltar ao lugar um por um.



A primeira coisa que eu faço é convocar uma reunião de emergência com os meninos do The Lagoon, o clube de strip nos arredores da cidade. Não faço muita aparição lá, mas preciso de um espaço temporário, e este é o melhor escritório.

A próxima coisa que faço é ligar para Moira e dizer para ela me encontrar aqui. Eu deveria ter conversado com ela imediatamente ou um dos meninos fizesse companhia a ela até que eu pudesse fugir, mas eu estava muito envolvido em Wendy e minhas emoções conflitantes para pensar com clareza. Uma distração, com certeza.

Mas agora que sei que ela está trancada no meu quarto, posso respirar mais facilmente, permitindo que meu foco mude.

Trinta minutos depois que os meninos recebem suas ordens, Moira entra no escritório, os olhos brilhando e os lábios pintados de vermelho berrante.

— Hook — ela ronrona. — Faz um tempo.

— Eu estive ocupado.

Ela começa a andar pela mesa, mas eu levantei a mão para detê-la. — Você não está aqui para isso.

Seus lábios se abaixam, sobancelhas franzindo. — Oh.

— Diga-me o que aconteceu ontem à noite. — Eu coloco meus dedos na frente dos meus lábios.

Ela suspira, passando a mão pelo cabelo enquanto se senta na cadeira do outro lado da mesa. — Eu já disse a Starkey tudo o que sabia, Hook.

Eu sorrio, minha paciência está acabando. — Diga de novo.

— Eu não sei, ok — ela explode, seus braços disparando para os lados. — Tudo estava bem, e então era como...*boom!* — Ela bate as mãos juntas. — Explosão ou algo assim. Para ser sincera, eu estava tão preocupada em garantir que todos saíssem, que não pensei muito no que mais estava acontecendo.

Meus dedos arranham contra a minha barba por fazer. — Ok.

Ela sorri. — Ok.

Eu aponto para ela. — Fique ali e não fale.

A testa dela franze, mas ela faz o que eu digo. E pelo menos a princípio, ela está quieta, permitindo que eu clique nas despesas comerciais do The Lagoon. Eu não preciso necessariamente, mas preciso passar o tempo e, embora no passado eu possa estar interessado em usar o corpo de Moira para prazer, acho que a ideia me repulsa agora.

Ela suspira alto, batendo as mãos nas coxas. — Vamos fazer alguma coisa ou não, Hook? Isto é *chato*.

Meus olhos se voltam para os dela. — Eu disse para não falar.

Ela se levanta e caminha. — Eu poderia pensar em outra coisa que eu poderia fazer.

Eu a vejo se mover em minha direção, irritação queimando no meu peito. Ela cai de joelhos, as unhas vermelhas deslizando pelas minhas coxas até que ela espalme meu pau, envolvendo os dedos ao redor do comprimento através do tecido. Eu tiro a mão dela e aperto o seu queixo, puxando com severidade até que o rosto dela esteja

nivelado com o meu. — Eu disse para você me tocar?

Ela tenta balançar a cabeça.

A parte de trás da minha mão livre corre pela lateral da bochecha. — Você não deseja *fazer um favor a mim*?

Ela assente. — Sim.

Eu me inclino, meu nariz escovando o dela. — Então sente-se e fique quieta. Sua boca não tem mais utilidade para mim.

Os olhos dela fecham quando eu solto o seu rosto, o corpo tropeçando para trás enquanto ela esfrega a mandíbula e caminha para a cadeira, cruzando os braços e olhando para o chão.

Ao longo da próxima hora, sentamos em silêncio. Ocasionalmente, peço que funcionários aleatórios venham para cá, por nenhuma outra razão se não garantir que me vejam aqui, com Moira, neste exato momento.

Mas desta vez, quando alguém bate, é quem eu estava esperando.

— Entre — digo, alívio sangrando no meu peito quando os gêmeos aparecem. — Está feito?

Eles acenam, olhando para Moira.

Eu me inclino para trás na cadeira, satisfação dançando pelo meu interior.

Veja, o que Peter não entende é que, embora ele tenha o dinheiro e a posição social, eu tenho a *lealdade*. E a lealdade é criada pelo respeito. Você cuida das pessoas e elas cuidam de você. E se há uma coisa que Ru e eu fizemos nesta cidade, é cuidar do nosso povo.

Bloomsburg, Massachusetts, não é como em nenhum outro lugar do mundo, e seus habitantes não gostam muito de sangue novo e sua cidade em chamas.

Por acaso, o guarda de segurança na nova pista de pouso da NevAirLand é um amigo pessoal. Seu filho teve um ataque terrível com câncer há alguns anos e Ru pagou por sua quimioterapia e todas as visitas médicas desde então.

Ele terá que desaparecer, é claro, depois de fechar o feed de segurança e permitir que meus meninos entrem para acender todos os aviões em chamas. Mas as pessoas estão dispostas a fazer qualquer coisa por aqueles que amam, e ele sabe que sua esposa e filhos serão atendidos, protegidos pelos The Lost Boys até o último suspiro.

O amor verdadeiro às vezes requer sacrifício.

Algo que Peter claramente não sabe nada.

Olho para Moira, um sorriso espalhado pelo meu rosto. — Você pode sair agora.

Ela fica de pé, o queixo vermelho de onde eu o agarrei e vira para sair sem dizer uma palavra.

— Moira — eu digo. Ela faz uma pausa na porta. — Sinta-se à vontade para dizer às pessoas que eu lhe dei uma boa carona hoje. Afinal, não gostaria de manchar sua reputação.

Ela zomba, batendo a porta atrás dela, e eu sorrio, pulando de pé, o repentino desejo de voltar para o meu barco me deixando tonto.

Quando chego ao meu carro, meu telefone vibra no bolso, um único texto na tela.

Smee: Sua garota se foi.

Capítulo 35



Wendy

Acordando, estico, meu corpo pulando do sono mais profundo que tive em muito tempo, mesmo antes de ser jogada no porão do JR. Bocejo, esfregando os olhos e me orientando, e enquanto olho em volta, metade de mim espera ver Hook dormindo pacificamente ao meu lado.

Ele não está, é claro.

Estou sozinha. Sento-me na cama, imaginando o que devo fazer. Faço o meu caminho para usar o banheiro, espirrando água no rosto e usando a escova de dentes que foi projetada para mim ontem

antes do baile.

É estranho acordar no luxo e usar as instalações aqui como se fossem minhas. Isso me confunde; inclina meu interior para fora do eixo, dificultando a lembrança do meu cérebro de que não sou *na verdade* livre para fazer qualquer coisa.

Mesmo que minhas correntes agora estejam invisíveis, elas ainda estão lá.

Meu olhar se encolhe na gargantilha.

Bem, quase invisível.

Volto para o quarto de Hook, meus olhos vão para a porta do quarto, esperando que ela esteja trancada do jeito que estava ontem à noite. Mas quando eu ando agarrando a alça e puxando, ela se abre.

O iate está completamente silencioso e a ansiedade me enche, fazendo meus nervos pularem sob minha pele enquanto eu desço o corredor, indo para a cozinha.

Quando chego lá, paro para ver Smee parado ao lado da pia.

Minha mão vai para o meu peito. — Oh meu Deus, oi.

Ele sorri. —Wendy. Eu não quis te assustar.

— Não, eu deveria saber que alguém estaria aqui. — Eu aceno para ele, olhando em volta. — Onde está Hook?

Sua testa levanta. — Você quer dizer James?

Eu inclino minha cabeça. É a primeira vez que ouvi alguém chamá-lo assim, e isso me faz pensar em quão perto ele e Smee são. Ele me disse uma vez que não entra na vida de Smee, mas não consigo imaginar que ele deixe *alguém* chamá-lo pelo nome próprio.

E se eles estão perto, isso significa que Smee é tão ruim quanto o resto deles.

Espero que a raiva em brasa gire através de mim, querendo destruir todos e tudo o que é responsável pela minha situação atual, mas isso nunca acontece. Em vez disso, uma aceitação resoluta se instala no meu intestino. Um sentimento de mal-estar segue-se rapidamente depois, fazendo-me perceber o quão rápido me adaptei a essa nova realidade.

— Ele está ocupado fazendo suas coisas. Me disse para fazer você se sentir em casa. — Ele sorri. — Café?

Eu o observo de perto, sem saber se devo tomar uma bebida de alguém que não conheço. Afinal, o dono deste barco me drogou, então eu não confiaria em ninguém. Isto é o mundo *deles*, e eu estou aqui, apenas tentando entrar em suas águas. Eu realmente não sei o que as regras dos livros dos criminosos.

Embora, tecnicamente, acho que Smee não seja um criminoso. Ele só trabalha para um.

Balançando a cabeça, forço um sorriso. — Você acha que tudo bem se eu for sentar lá fora?

Ele me observa de perto por um minuto, com os olhos mudando, quase como se estivesse debatendo sobre como responder. Prendo a respiração, esperando que ele diga sim. Estou desesperada para tomar um ar fresco, para me lembrar de que ainda não estou presa em uma sala escura e abandonada, apenas com meus pensamentos por companhia.

— Por favor, prometo que não irei a lugar nenhum. Eu só ... — Meus dedos se enroscam juntos na bancada. — Eu quero aproveitar um pouco de sol.

Ele assente. — Wendy.

Um sorriso quebra no meu rosto e eu pulo da mesa, correndo pela porta lateral e no terraço.

Deito em uma das espreguiçadeiras, mas não importa o quanto eu tente, não consigo me sentir confortável, uma energia nervosa que deixa minhas pernas inquietas. Olho em volta, sem ver Smee em lugar nenhum. Vejo a beira do cais a alguns passos de distância, e a ideia de poder andar por aí, talvez colocar meus pés na água, faz meus músculos se contorcerem com necessidade.

Volto para a porta, prestes a entrar e perguntar a Smee se está tudo bem, mas me paro. *O que diabos eu estou fazendo? Não é como se eu estivesse saindo.*

Qualquer um seria capaz de me ver do barco se estivesse parado no terraço e olhando. Puxo minha mão de volta da maçaneta da porta e, com o coração na garganta, caminho em direção à saída, saindo do iate e em terreno sólido.

Parte de mim esperava que, depois que saísse do barco, sentiria vontade de correr. Mas, surpreendentemente, não vem. E quando chego à beira do cais, os raios afundando na minha pele, me ocorre que talvez eu não esteja desesperada para fugir porque, se o fizer, não sei ao que voltarei.

Não consigo imaginar ir à mansão e morar com meu pai. Não depois de saber as coisas que descobri. Não depois de machucada do jeito que estou.

Tenho certeza de que perdi meu emprego no The Vanilla Bean. Não aparecer nos turnos é uma maneira certa de ser demitida, e já faz dias.

Angie está preocupada ou me descartou como uma causa perdida. Não éramos melhores amigas e tudo mais, e por mais que nos demos bem, ela só me conhecia há alguns meses.

Jon ainda se foi.

E eu vou ficar sozinha. Sem emprego, sem perspectivas e sem família.

Meu coração se aperta no meu peito.

Não sei quanto tempo fico aqui, meus pés balançando acima da água, mas sou tirada da minha auto-reflexão quando passos soam atrás de mim. Eu me viro, vendo Hook caminhando a passarela de madeira, sua boca torcida e os olhos se estreitaram.

Ele parece *extremamente* infeliz.

Meu estômago se enrola.

Abro a boca para dizer oi, mas antes que eu tenha a chance, a mão dele está enrolando em meu braço e me puxando, com o aperto machucando. Eu tropeço enquanto paro, agarrando seu traje para me manter firme.

Ele não diz uma palavra, apenas começa a me arrastar de volta para *The Tiger Lily*, seus músculos da mandíbula se apertam enquanto eu luto para acompanhar. — Aí, você está me *machucando*.

Seus dedos apertam quando digo, meus pés dando três passos para cada um. Olho em volta, imaginando se mais alguém está na marina que talvez demonstre alguma preocupação, mas não há ninguém à vista. E se houver, tenho certeza de que Hook tem todos sob o polegar, de qualquer maneira. Ele parece que pode ir a qualquer lugar; fazer *qualquer coisa* e permanecer intocável.

Voltamos ao iate, e ele abre a porta, entrando na sala e me jogando no sofá, meu corpo pulando quando bato nas almofadas. Meu cabelo voa no meu rosto e eu me levanto para limpá-lo, irritação borbulhando nas minhas veias por causa de seu manuseio áspero.

— Isso é realmente necessário? — Meus dedos se esfregam onde ele me agarrou, acalmando o local.

— Você acha que isso é uma *piada*? — ele pergunta, sua voz está cortando.

Minhas sobrancelhas se afastam. — O que? Eu...

— Você deve — ele continua. — Porque eu não posso, pela minha vida, entender o que faria você pensar que poderia deixar este barco.

— Eu...

Ele dá um passo à frente, seu corpo se elevando sobre mim. Meu coração bombeia adrenalina nas minhas veias.

Seus olhos travam nos meus e meu estômago vira.

— Não confunda minha generosidade com fraqueza, Wendy. — O polegar pressiona no meu lábio inferior. — Ou eu vou amarrá-la na minha cama até quebrar a vontade de fugir.

— Ugh. — Eu explodo, raiva queimando pelo meu interior, exausta de seu ato quente e frio. — Você é tão foddidamente insano!

No segundo em que as palavras passam pelos meus lábios, sei que cometi um erro. Minhas mãos disparam para a minha boca, meus olhos ficando grandes e redondos.

Ele se contorce, a cabeça engatilhada. — Como você acabou de me chamar? — Sua pergunta é tão lenta grossa como calda, controlado e perigosamente doce.

Minhas palmas caem dos meus lábios e, embora eu saiba que devo parar, pedir desculpas antes que seja tarde demais, eu não faço, sua personalidade de Jekyll e Hyde me inclina além do ponto de romper. Eu empurro meus cotovelos até meu nariz roçar contra o dele. — Eu te chamei *de insano* fodido.

A boca se abre, a respiração o deixando em uma expiração lenta. Ele segura meu rosto e minha língua desliza ao longo do lábio inferior como se procurasse seu gosto, minhas mãos tremendo ao meu lado.

Ele agarra meu rosto e me beija.

Isso me pega desprevenida, a sensação dele tão chocante que congelo no lugar. Mas quando a língua dele abre minha boca, eu me perco ao sentimento, liberando todas as minhas emoções e derramando-as nele.

Eu avanço, meus braços voando para a mandíbula dele, nossos dentes estalando enquanto eu subo em seu corpo, tentando me aproximar, provar *mais profundamente*. Ele geme, uma de suas mãos emaranhada no meu cabelo, a outra enrolando na minha cintura e apertando.

O beijo é tudo menos doce. É torcido e tóxico; um veneno mascarado de açúcar, fazendo você amar o sabor da morte.

Mas pela minha vida, não consigo parar.

Seus lábios se separam, mordidas e beliscões ao longo da minha mandíbula e pelo meu pescoço, minha cabeça caindo sobre um gemido enquanto eu me agarro aos ombros dele. Seus dedos apertam na minha cintura, a mão dele deixando meu cabelo enquanto ele me levanta e me gira, a frente do meu corpo batendo na parte de trás do sofá, meus braços lutando para segurar. Suas palmas caem pelos meus lados, sua ereção grossa pressionando minha bunda, seu rosto descansando na curva do meu ombro. Ele desliza o braço pelo meu peito até a sua mão envolver a minha garganta. Meus mamilos endurecem, um pico de calor trovejando

através de mim.

Arrepios brotam quando ele desliza o toque pelo estômago, deslizando por baixo dos boxers que estou usando até o topo entre as minhas pernas, os dedos deslizando pelas minhas dobras.

Minha barriga tensiona.

— Você acha que eu sou louco? — ele murmura no meu ouvido.
— Você me *faz* louco pra caralho. — Seus dentes afundam na junção do meu pescoço, quando seus dedos mergulham no meu núcleo, a dor aguda penetrando em mim e se misturando com o prazer de ser preenchida.

Minha cabeça voa de volta para o peito, olhos rolando para a sensação.

— Diga-me que você gosta das minhas mãos em você, *pet* — ele exige. — Diga-me que você sentiu falta da sensação.

— Eu ... senti falta ... Oh, Deus. — Seu polegar pressiona firmemente no meu clitóris inchado, esfregando em círculos afiados enquanto seus dedos se movem para dentro e para fora, sua outra mão manipulando as vias aéreas para meus pulmões.

Minha cabeça está tonta com luxúria, o calor se enrosca no meu ventre e se espalha para fora, me jogando no esquecimento até que eu esteja à beira da explosão.

— Você se desculpa por violar minhas regras. — Ele retarda seu movimento.

Meus quadris se prendem a ele, desesperados pelo contato, *tão* perto de um orgasmo que não consigo focar em mais nada. — Sim — eu suspiro.

Seus dedos voltam, enrolando-se por dentro e batendo em algo que faz me arquear, minha boca se abrindo em um suspiro.

— Boa menina — ele ronrona.

O prazer de suas palavras explodiu dentro de mim como estrelas, a umidade escorrendo por seus dedos e se juntando na mão.

Sua pressão na minha traquéia aumenta, minha respiração agora está restrita a pequenos goles de ar. O pânico começa a infiltrar-se no momento, os recessos mais sombrios da minha mente gritando comigo, implorando para que eu lembre que esse homem ameaçou minha vida há menos de vinte e quatro horas atrás, que ele poderia acabar com tudo agora se quisesse, e eu morreria uma bagunça patética e excitada.

— E você não vai me desobedecer de novo, vai? — Seus dentes beliscam meu lóbulo da orelha, formigamento correndo pela minha espinha.

— N... Não, — forço através do aperto da garganta. Meu interior aperta, pernas tremendo, meu cabelo emaranhado no rosto com o prazer faz minha mente delirando de necessidade. Eu choramingo, meu corpo gritando por libertação, oscilando à beira da felicidade.

— Essa é minha garota — ele sussurra contra minha pele.

Ele aperta meu clitóris, com os dedos apertando no meu pescoço até cortar meu oxigênio, e isso combinado com seus elogios faz meu corpo queimar, milhões de luzes brilhantes pontilhando minha visão quando me separo sob as mãos dele.

Sugando goles de ar, minhas paredes internas tremulam ritmicamente ao redor dele e, quando volto à terra, minha lógica lentamente começa a se infiltrar.

Meu corpo treme contra o peito dele, minhas respirações pesadas.

Ele tira a mão, trazendo-a para a minha boca e deslizando os dedos cobertos de suco entre os meus lábios. O gosto de mim mesma combinado com o sal de sua pele envia tremores secundários de prazer escorrendo por mim, e eu o lambo enquanto ele me segura.

— Nunca tente me deixar de novo.

Eu quero discutir. Quero dizer a ele que eu *não estava* partindo. Que foi seu estúpido “primeiro comandante” quem disse que eu poderia sair. Mas estou cansada demais para lutar.

Então eu aceno contra o peito dele, escolhendo viver na minha felicidade por mais um tempo, antes que a vergonha e a dor ressurjam e me engulam inteira.

Capítulo 36



James

Não tenho mais certeza de qual é o meu objetivo com Wendy. Quando Smee me disse que ela se foi, com cenários diferentes se desenrolaram em minha mente. *Peter a levou? Um dos meus outros inimigos?*

Foi só quando voltei para a marina que percebi que meus pensamentos estavam centrados na *preocupação*, e não em torno do fato de que, se tivesse a primeira oportunidade, ela fugiria de mim e nunca mais voltaria.

E isso me deixa insuportavelmente zangado.

Tanto o fato de ela sair como o fato de eu me importar.

Mas evitar é algo que nunca o leva longe na vida, apenas traz problemas. O verdadeiro domínio do controle é aceitar suas emoções e aprender a exercê-las, apesar de como você se sente.

Meu problema agora é que Wendy me faz *perder* esse controle precioso.

E isso nunca aconteceu antes.

Eu a solto e dou um passo atrás, lógica filtrando meu cérebro, mesmo que meu pau esteja latejando contra minhas calças.

Ela cai no sofá, seu corpo se subindo e descendo com suas fortes respirações, e eu a encaro, choque reverberando através dos meus ossos. Ela não me temia, apesar de eu ter prometido a morte dela.

Ela me chama de louco, mas qualquer pessoa que permita que sua vida seja tão frágil em minhas mãos é o verdadeiramente louco.

Eu estava com raiva que ela me fez me preocupar.

Eu estava furioso que ela me faz sentir.

E agora estou me recuperando do pensamento de que ela realmente passou a significar algo; algo além de uma ferramenta, ou simplesmente um bom momento.

Em algum lugar ao longo do caminho, comecei a me importar.

A percepção de que não desejo mais usá-la contra o pai bate em mim, sugando a respiração dos meus pulmões e fazendo meu coração torturado pular uma batida. Mas se eu der liberdade a ela, ela correrá muito, muito longe.

Ela inclina a cabeça para trás, os olhos fechados e os lábios se separam enquanto ela suspira por ar. Meu coração chuta no meu peito enquanto eu a olho. — Você é muito bonita, sabia?

Seus olhos se abrem e sua língua aparece, lambendo lentamente a costura do lábio inferior. O sangue flui para a minha virilha, meu comprimento já endurecido pulsando contra a minha perna.

Um sorriso preguiçoso se espalha pelo rosto. — Aposto que você diz isso a todas as suas reféns.

— Hmm — eu cantarolo. — Fica muito bem em você, no entanto — Eu ando em sua direção. — Você sabe, eu acredito que sua atitude ficou *pior* desde que você está sob minha proteção.

Ela bufa, a cabeça gira para o lado enquanto eu sento ao lado dela. — É assim que estamos chamando agora? '*Proteção?*'

Eu encolho os ombros. — Você realmente acredita que estaria mais segura lá fora do que comigo?

As sobrancelhas dela se juntam. — *Hook.*

O apelido faz meu estômago revirar; do jeito que sempre acontece quando ela diz. Não gosto que ela me conheça como Hook, especialmente quando ela é a única pessoa neste mundo que me faz

sentir como James.

— Você literalmente ameaçou me matar várias vezes — continua ela.

Inclinando-me, tiro o cabelo dela para o lado do pescoço. — Isso não impediu você de gozar por todos os meus dedos, garota safada. — Minha mão segue ao longo da clavícula, aproveitando o rubor que se espalha pela pele. — Isso te excita? Quando sua vida está em perigo?

Ela zomba, empurrando sob o meu toque, e eu relaxo de volta contra o sofá, um sorriso no rosto.

Meu telefone toca e, embora eu não queira nada além de ignorar o mundo e permanecer na bolha de Wendy, eu o retiro do bolso, vendo o nome de Starkey piscar na tela. — Fale.

— Ei, chefe. Hoje tem algum tempo para uma reunião? Temos um interrogatório pelo qual acho que você estará interessado em estar aqui.

Meu interior se espreme, meu foco deixa Wendy e se concentra mais uma vez nos problemas da minha vida. Interrogatórios significam apenas uma coisa. Algo aconteceu e eles têm pessoas para interrogar.

— Muito bem. Onde eles estão sendo mantidos?

— The Lagoon.

Respiro fundo, desligando e tocando meu telefone no queixo enquanto olho para Wendy, sem saber o que fazer com ela. Eu poderia deixá-la aqui, mas Smee tornou mais do que óbvio que ele não é capaz de observá-la.

E embora eu não queira mais usá-la para ações nefastas, não quero deixá-la sozinha e arriscar que ela fuja. Não que isso importasse muito. Apesar de seu desprezo e atitude, ela não tirou o colar que coloquei em volta da garganta. E enquanto ela usar isso, eu a encontrarei em qualquer lugar.

Mas se ela fugir, eu a perderei para sempre. E acabei de perceber que ela é algo que desejo guardar.

— Como você saiu do quarto? — Eu pergunto.

Seus dedos correm através de seus cabelos emaranhados. — O que você quer dizer?

— Quero dizer exatamente o que eu disse. A porta estava trancada, como você saiu?

Ela balança a cabeça lentamente. — A porta *não estava* trancada.

Meu peito aperta. — *Sim*. Estava.

— Não quando eu tentei. — Ela levanta o ombro.

Desconforto nada no meu intestino como um tubarão circulando sua presa. — Você está mentindo para mim?

— Que motivo eu teria para mentir para você?

Eu levanto uma sobrancelha. — Eu posso pensar em vários, na verdade. Em teoria, eu não deveria ser sua pessoa favorita agora.

Os olhos dela estão estreitos. — Você *não* é minha pessoa favorita. Você é realmente minha pessoa *menos* favorita.

Rindo, eu fico em pé, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar também. Ela coloca os dedos nos meus, permitindo-me levantá-la do sofá, e eu puxo seu corpo para mim, minha palma espiralando na largura da parte inferior das costas, o algodão da camisa dela batendo embaixo do meu toque.

Sua respiração gagueja enquanto eu deslizo minha boca pelos lábios dela. — Você tem uma maneira bem engraçada de mostrar isso, querida. — Eu recupero, vendo os olhos dela se dilatando, e o prazer percorre através de mim. — Preciso executar uma tarefa e, como você não é de confiança, vem comigo.

Ela suspira. — Tudo bem, mas o que você quer que eu vista, *isto*? — As mãos dela correm pelo corpo, mostrando minhas roupas que estão no corpo macio.

Eu sorrio. — Eu acho bastante excitante tê-la em minhas roupas.

Ela bufa.

— Vou pedir para Moira nos encontrar e trazer algo para você. — Meus olhos a acolhem, meu corpo se deliciando com a maneira como seus traços se fixam no nome de Moira. — Vocês duas são do

mesmo tamanho.

Seus olhos escurecem, um sorriso apertado abrindo caminho em seu rosto. — E você sabe disso porque tem uma memória nas *mãos*?

Meus dedos roçam contra a maçã da bochecha dela. — O ciúme está se tornando bastante afoito. Infelizmente, não temos tempo para entretê-la.

Ela cruza os braços. — Não tenho ciúmes, só não gosto dela.

Eu sorrio, deleite percorrendo no meu peito, imaginando se talvez ela sinta mais por mim do que quer admitir. Talvez eu não tenha arruinado tudo irrevogavelmente.



The Lagoon, como a maioria dos nossos negócios, tem um porão. Nós o usamos principalmente para locais de armazenamento ou descanso temporário para algumas das coisas menos legais que passam por nossas mãos.

Novamente, a reunião aqui não é ideal, mas como o JR se foi, é o que temos.

Wendy está lá em cima no escritório, Curly cuidando dela, e eu estou aqui embaixo cercado por caixas e caixas, olhando para o rosto de ainda *outro* traficante de drogas de baixo nível que achou sensato me trair.

Não tenho certeza do nome dele e, francamente, não me importo. O que eu *tenho* me importado é o fato de que meu tempo está sendo desperdiçado em assuntos triviais, em vez de focar no quadro geral. Mas os meninos não são tão hábeis em tirar segredos de traidores, e quando se trata de alguém tentando me usurpar do zero, preciso de todas as informações que conseguir.

— Conte-me. — Eu ando em direção ao homem, amarrado e amordaçado. Tiro o pano branco da boca dele, fazendo-o cuspir e tossir enquanto ele inala respirações profundas. Minha faca desliza pela bochecha. — Qual é o seu nome?

— To... Tommy.

— *Tommy*. — Eu aceno. — E Tommy, o que você esperava ganhar ao me trair?

Ele engole, olhando para o lado. Meus dedos enluvados agarram seu queixo, forçando-o a encontrar meu olhar, minha faca pressionando contra sua boca, gotas de sangue se formando pela pressão da lâmina contra sua pele. — Não tenho tempo para hesitar, *Tommy*. Então, vamos parar de desperdiçar segundos preciosos e chegar ao ponto. Você não vai sair daqui vivo. — Eu dou um tapinha na bochecha dele, liberando o seu rosto.

— Mas eu sou um homem justo. — Eu me afasto, enrolando minhas mangas da camisa nos antebraços. — Vou deixar você escolher se sua morte é dolorosa ou rápida.

Ele está calado.

Eu levanto meus braços para o lado. — Bem? O que será?

— Era uma mulher, — ele sai correndo. — Ela apareceu há alguns meses, começou a sair um pouco conosco, sabe? Começou uh... — Seus olhos saltam pela sala, para os gêmeos e Starkey, que estão atrás de mim, depois voltam para mim. — Começou a dormir por aí. Nos contando tudo sobre o chefe dela e como ele poderia cuidar melhor de nós. Dar-nos mais do que aquilo que temos ...

Ele hesita e meu queixo se levanta. — Mais do que?

— Uh ... mais do que nos foi dado.

Meu queixo chia, raiva escaldando pelo meu interior. Eu torço, olhando para os meninos. — Eu não sou um bom empregador? — Volto para Tommy. — Não lhe permito acesso irrestrito ao seu produto e às minhas ruas?

Seus olhos se arregalam. — Não, você é. É só que ... olha, eu queria dizer não. Mas eu quero fazer parte de algo, cara. — Ele se inclina. — Eu queria pegar a marca.

O interesse se instala profundamente no meu interior. *Finalmente*, nova informação. — E que marca é essa?

— É uma tatuagem. Tão legal, mano.

A irritação se encaixa nos meus sentidos, rompendo os vestígios do meu controle.

— Entendo — digo quando me aproximo. Minha mão bate, a ponta da minha lâmina cortando seus tendões como manteiga, alojando-se profundamente na coxa. Ele grita, o som batendo contra meus ouvidos e arranhando meu interior.

Minha palma cobre a boca dele, abafando o barulho, e eu me inclino, meu rosto se aproxima dele. — Você conhece minha parte favorita sobre facas? — Minha outra mão, ainda no final da minha lâmina, começa a torcer lentamente, empurrando a resistência do músculo. — É a capacidade de ser tão delicadamente *precisa*. Veja bem, três centímetros acima, e eu teria me espalhado pela artéria femoral, permitindo que você sangrasse rapidamente. Sua mente teria cessado a consciência, permitindo uma morte fácil.

Tommy choraminga, seu corpo vibrando enquanto se contorce contra as amarras

— Mas como você decidiu que somos 'manos', acho que passaremos algum tempo de qualidade. — Um sorriso quebra meu rosto. — Eu posso te mostrar o quanto eu gosto de brincar com coisas que *fatiam*.

Retiro minha mão da boca dele, meu estômago coagindo de nojo com a maneira como lágrimas e ranho mancham em seu rosto.

— É de um crocodilo, — ele vomita. — Envolto em um relógio. É ... é a marca que você recebe quando se junta às fileiras dele.

Choque me dá um soco no estômago, meu interior está caindo da visão que suas palavras criam.

— O que mais? — Eu assobio, pressionando a faca mais fundo.

— É isso aí, cara. Eu juro.

Meus dedos se contraem. — Starkey, traga o sal, por favor.

— Eles o chamam de Croc. — Tommy grita. — Por favor, pare, eu...

Minha mão escorrega do cabo, mas eu recupero o aperto, a fúria correndo pelo meu sangue, a escuridão soprando através de mim como uma tempestade de vento. Puxo a lâmina da pele dele e bato novamente, desta vez mais alto, arrastando-a pela carne em movimentos fortes e irregulares enquanto ele grita de agonia.

— Mentiroso — eu sibilo. — Como você conhece esse nome?

— Estou lhe dizendo a verdade. Eu juro. — Seu rosto está branco, sangue se acumulando no chão embaixo de nós. — Ele se chama por Croc. Eu nunca o conheci, mas o nome da mulher é ...

Boom.

Capítulo 37



Wendy

Meu coração está pesado enquanto me sento no escritório frio e úmido de um clube de strip e espero que Hook faça o que ele tiver que fazer.

Isso é péssimo.

Curly senta-se atrás da mesa do escritório, rolando no telefone e *Moira*, por algum motivo, decidiu fazer-nos companhia. O olhar dela é quente enquanto varre meu corpo, e eu sorrio para ela, esperando que a despedace saber que Hook me tem aqui. Ela trouxe roupas, mas eu as recusei, incapaz de ajudar a centelha de prazer que

fervilhava no meu peito quando ela viu o que eu estava vestindo.

Eu tive as últimas duas horas para aceitar o fato de que estou emocionalmente ferrada. Permitir que um homem como Hook me toque e se *deleite* da maneira que parece quando ele faz, parece doentio para dizer o mínimo. Ele deixou bem claro que não é um cidadão honesto. Ele faz coisas horríveis, a maioria das quais espero nunca ver.

Mas, apesar do que ele fez comigo e tenho certeza de que outros não podem mudar o fato de que quando estou com ele, quando estou realmente com *ele*, eu descubro mais de quem eu sou. Quem eu *posso* ser.

Irônico, como perder meu livre arbítrio me ajudou a encontrar minha voz.

E talvez isso me faça mais como meu pai do que gostaria de admitir.

Mas estamos todos um pouco distorcidos, e não existe o bem e o mal. Existem apenas perspectivas, e as percepções mudam dependendo do ângulo.

As pessoas não são estáticas. Nossa moral não é constante. São variáveis, sempre mudando e moldando em diferentes versões de si mesmas; energia que pode ser reformulada e realinhada.

— Posso pegar emprestado seu telefone? — Eu pergunto a Curly.

Seus olhos reviram. — *Sunshine*, a resposta agora é a mesma

das últimas vinte vezes que você me perguntou. *Não*.

— Eu só quero checar meus amigos. O meu irmão.

Moira olha de onde ela está lixando as unhas, seu olhar curioso se estabelecendo em mim. — Por que você não tem seu próprio telefone novamente?

A coluna de Curly endireita, lançando-me um olhar de aviso.

— Eu perdi — digo, tentando encobrir meu erro.

— Oh. — Ela assente. — Isso é uma pena. — Um brilho passa por seus olhos enquanto ela me olha de cima a baixo, seus lábios se curvando. — Você sabe ... eu entendo, no entanto. Na verdade, eu estava preocupada por ter perdido o telefone ontem à noite também, mas percebi que saí com tanta pressa para encontrar Hook que nem sequer o levei comigo.

Meu estômago se aperta. *Ela está mentindo*. — Ontem à noite?

Moira me lembra muito Maria, e eu nunca tive a chance de me defender com ela, muito preocupada em ser aceita. Mas acabei sendo a garota dócil que pegou os insultos das pessoas e os usou como um fardo. — Isso é interessante, porque Hook estava comigo ontem à noite.

O sorriso dela aumenta, a cabeça inclinada para o lado. — Você tem certeza disso?

— Eu ...— eu paro quando percebo que não tenho certeza de

onde ele foi depois que adormeci. Presumi que ele tivesse acabado de acordar mais cedo do que eu, mas há uma grande dúvida se curvando através de mim, fazendo meu interior ficar verde.

— Moira, cale a boca, — Curly se encaixa. — Ninguém se importa com suas atividades extracurriculares com o chefe. Saia.

— Mas eu...

Ele para na mesa. — Eu disse para dar o fora.

Ela sai, batendo pela porta. *Boa viagem.*

— Então ele *esteve* aqui? — Eu pergunto depois que ela sai, minha cabeça virando para Curly.

Ele olha para mim, com a mandíbula apertando, os olhos caídos levemente nos cantos, como se ele tivesse pena de mim e não quisesse responder.

Eu respiro fundo, cruzando meus braços. *Eu não ligo.* Não é como se importasse com quem ele passa seu tempo. Estou absolutamente enojada com o fato de que ele pode estar com ela, e depois voltado para casa e colocado os mesmos dedos dentro de *mim*.

E eu o deixei sem lutar. Eu praticamente implorei por isso.

A porta se abre, Hook invadindo como um furacão, sugando imediatamente toda a energia da sala. O cara da primeira noite no bar - aquele que nos deixa entrar - segue logo atrás. — Hook, eu...

Hook gira ao redor. — Starkey, não *fale* a menos que você queira perder sua vida.

Meu estômago se aperta bem. Meus olhos se arregalam quando eles correm pela aparência de Hook. Ele está com aquelas luvas de couro preto e sua camisa de botão é enrolada nos cotovelos. Há um vermelho espalhado pela pele e seu cabelo está bagunçado e desgrenhado, como se estivesse puxando as raízes.

Starkey engole, seu rosto torcendo quando ele deixa cair a cabeça. Hook vira seu pescoço e, apesar de sua aparência, ele parece relativamente composto, posso ver o leve tremor em sua mão e a maneira como seus traços se apertam. E o ar - parece diferente. Não sei como explicar, mas sempre que o humor dele muda de um extremo para o outro, posso sentir. Como se estendesse a mão para me tocar, querendo me arrastar e ajudar a salvá-lo de se afogar.

Eu posso sentir nos meus ossos que ele está a segundos de quebrar.

E quando Hook quebra, imagino que não será bom para ninguém envolvido.

Não sei ao certo o que me faz fazer o que faço a seguir. Talvez eu tenha um desejo de morte, ou talvez tenha me resignado ao fato de que se ele quisesse me matar, ele o faria. Mas eu me levanto de onde estou sentada no sofá e ando devagar em direção a ele, sem parar até estar bem na frente do seu rosto.

Ele respira, tirando a mão do cabelo, as narinas queimando quando olham para mim.

— Oi — eu digo.

Seus olhos escurecem. — Oi.

— Eu sei que isso pode não ser um bom momento, — tento brincar.

Os cantos da boca se contraem.

Aproximo-me, esperando que ele fique de olho em mim, preocupado que, se ele desviar o olhar, eu o perderei para sempre, e um pouco do *James* esgueirando-se desaparecerá completamente.

Pressionando minhas mãos no peito, o ritmo constante de sua respiração faz minhas palmas subirem e caírem, e eu me inclino na ponta dos pés. — Posso falar com você sozinho?

Ele agarra meus lados, seus olhos fazendo buracos em mim, seu olhar envolvendo meu peito e puxando. Seus dedos se contraem na minha cintura.

— Por favor — sussurro, olhando para ele debaixo dos meus cílios.

— Saiam — ele late.

Meus sentidos estão confusos, meu foco está voltado para ele, mas ouço a porta enquanto ela clica atrás de nós.

Suas mãos traçam minhas costas, fazendo formigamentos correrem através de mim. E de repente, não estou apenas tentando

acalmar a situação. De repente, eu estou *desesperada para* tê-lo para mim, lembranças de mais cedo me chicoteando e despertando o desejo, até o calor ferver em minhas veias.

Desta vez, sou eu quem se inclina e o beija.

Capítulo 38



James

Nunca usei uma droga na minha vida, mas imagino que seja semelhante à de Wendy percorrendo minhas veias.

Tudo consumindo.

Eu a agarro ferozmente enquanto sua língua se enrosca com a minha, querendo tomar banho em seu gosto para afogar as memórias que estão ultrapassando minha mente. Eu estava *tão perto* de perdê-la. Medo e fúria bombearam meu sangue até que tudo que eu podia ver era vermelho, mas eu o mantive unido, esperando ouvir o nome *Tina Belle* cair dos lábios de Tommy.

E então Starkey, o idiota que ele é, colocou uma bala na cabeça de Tommy, dizendo que seu dedo escorregou no gatilho.

Ele deve ser tolo ao pensar que acredito em uma desculpa tão lamentável. Mas vou lidar com ele depois de lidar com meus demônios.

Croc.

Só o nome envia nojo correndo por mim, vergonha espiralando logo atrás. É *impossível*. Peter não sabe dele. *Ninguém* sabe dele.

A menos que tenha sido torturado fora de Ru.

O pensamento do meu amigo mais próximo derramando meus segredos mais sombrios ao meu inimigo mortal cria um inferno de raiva, que eu sangro na boca de Wendy e ela lambe como água, como se ela gostasse do gosto.

Meu interior fervilha e cospe, minha mente entra em guerra entre quebrar tudo em seu caminho ou me abrir até que a impressão da memória do meu tio seja drenada da minha alma.

Minha boca se afasta da de Wendy quando uma dor aguda se espalha pelo meu peito, pesadelos da minha infância piscando na vanguarda do meu cérebro.

Wendy agarra minha mão e a coloca sobre seu coração, com os dentes beliscando no meu lábio inferior. — Dê para mim — ela sussurra.

Balanço minha cabeça, meu corpo tremendo. — Eu não tenho nada para dar.

Sua boca beija ao longo da minha mandíbula, pressionando beijos suaves na minha pele. — Então me dê todo o seu *nada* — ela responde.

Suas palavras tocam na parte mais profunda de mim, misturando-me com minha fúria até eu quebrar. Minhas mãos a seguram com força e eu nos viro, dobrando-a para trás em cima da mesa, levantando os braços acima da cabeça e prendendo os pulsos na minha mão. — Não finja que você se importa comigo — eu cuspo. — Agora não. Não poderei suportar isso. — Minha voz falha queimando minha garganta.

Os olhos de Wendy se arregalam quando ela olha para mim, seus lábios inchados e beijados de rosa. — E se eu não estiver fingindo? — ela sussurra.

Meu estômago vira, o peito apertando com suas palavras. — Não lhe dei motivos para se importar. — Eu pressiono meu torso nela, meus quadris se estabelecendo entre as suas coxas, os papéis na área de trabalho amassando sob o nosso peso. — Eu não sou um bom homem.

— Eu sei — ela respira.

— Eu torturei. — Mergulho meus lábios, escovando-os contra o pescoço. — Eu matei. — Levantando a camisa com a mão livre, meus dedos roçam o lado dela, minha boca provando a clavícula e depois seguindo as ondas dos seios. — E farei as duas coisas novamente, sem nunca me arrepender. Eu *desfruto* delas.

Suas pernas se apertam em torno dos meus quadris.

Minha mão libera os pulsos, movendo-se para cobrir o rosto, a pele macia sob as almofadas dos meus dedos. Meu peito torce quando meu coração bate contra minhas costelas. — Mas lamento, com todas as fibras do meu ser, que por um momento você tenha sofrido sob minhas mãos.

Seus olhos se arregalam, os belos tons de marrom brilhando.

— Você é, sem dúvida, o único bem que eu já conheci. — Eu descanso minha testa na dela, minhas respirações trêmulas fantasmagóricas nos lábios dela, meu polegar esfregando na bochecha. — Então ... não minta para mim, Wendy, querida. Porque meu coração não sobreviverá se você mentir.

Ela sobe, a boca colidindo com a minha, a paixão explodindo no meu paladar. Eu gemo enquanto ela envolve seus braços ao meu redor, meu pau endurecendo enquanto esfrega contra ela.

Toda a minha turbulência é canalizada para ela, e não para o mundo, e eu me perco até o momento.

Pego a gola da camisa dela, sacudindo até rasgar em duas, expondo os mamilos que são rosa e duros e *lindo*. Chupo um na boca, girando o broto debaixo da língua enquanto minhas mãos tiram a boxer pelas pernas.

Ela suspira, as costas arqueando em mim. Meu coração incha com a necessidade de fazê-la ver. Para mostrar a ela como me sinto, porque nunca fui bom com palavras. Não são as que importam, de qualquer maneira.

Eu quero que ela me *escolha*.

Não porque eu exijo, mas porque ela queira.

Meus dedos mergulham entre as dobras da boceta, escorregando pela umidade.

Eu trabalho no tronco dela com a boca, beijando e beliscando, desculpando-me com a língua e os dentes por todas as maneiras pelas quais a machuquei, por toda a dor que sei que causei.

Meu rosto cai entre as coxas e eu inalo profundamente, o aroma de sua excitação fazendo desejo revestir minha pele.

— Sempre tão molhada para mim, *pet*.— Eu deslizo dois dedos para dentro, observando suas paredes apertadas se curvarem ao redor deles. — Você é uma garota tão boa. Você sabe disso?

Suas pernas tremem quando se abrem mais, abrindo-se para eu me banquetear. Ela gosta de elogios. Torcendo os dedos nos fios do meu cabelo, ela me puxa para a frente. Eu vou de bom grado, girando seu clitóris na minha boca, seu gosto explodindo na minha língua. Gemo, pressionando meu rosto mais profundamente, querendo me afogar em sua essência até senti-la em minha alma. Eu deslizo meus dedos, enrolando para cima antes de aliviá-los, depois mergulhando-os para baixo, para cobrir um caminho *diferente* com sua excitação.

Suas pernas se apertam em torno da minha cabeça e a saliva se acumula na frente da minha boca. Levanto-me um pouco, minhas mãos empurrando suas coxas firmemente afastadas até que ela se abra bem e fique em exibição. Eu engulo a saliva, a vendo pingar da

minha boca no topo de sua linda boceta rosa, depois deslizo todo o caminho, passando por sua boceta, e mais abaixo ainda até que finalmente pinga na mesa abaixo de nós.

Ela estremece, e eu sorrio, meu pau pulsando da visão lasciva. Meu dedo pressiona sua fenda, escorrendo pelos lábios até eu alcançar o anel apertado de músculo que agora está escorregadio e molhado.

— Uma garota tão imunda, não é? — Eu murmuro, meu estômago está bem apertado com desejo. Eu chupo o clitóris dela de volta na minha boca, girando minha língua na figura de um oito, meu dedo brincando na borda do seu cu.

— Oh meu *Deus*. — Ela geme.

Abro a boca mais larga, minha saliva se misturando com os sucos dela, encharcando-a até que ela se acumule na mesa.

— Eu não...

— Shh — eu acalmo. — Não pense, *pet*. Apenas sinta.

Empurro a ponta do dedo para dentro, certificando-me de que há lubrificante suficiente para torná-lo agradável em vez de doloroso.

— *Porra* — ela chora.

Minha boca mergulha de volta, a língua alternando de mergulhar dentro de sua boceta para girar em torno de seu clitóris.

Gemidos ininteligíveis deixam sua boca, seu corpo se sacudindo e minha mão livre se levanta, pressionando a boca do estômago.

Quando a ascensão e queda escalonadas de sua respiração cessa, sei que ela está perto.

Ela está prendendo a respiração.

Meu dedo mergulha dentro e fora de seu buraco apertado em conjunto com a minha língua na boceta, meu polegar pressionando círculos firmes contra o clitóris.

Todo o seu corpo começa a tremer, e meus olhos olham para cima, meu pau se sacudindo quando vejo a mancha em sua pele.

Ela abre a boca com um grito silencioso, o corpo arqueando-se da mesa e os músculos internos da bunda agarram meu dedo como um vício.

Eu a trabalho durante o orgasmo, bebendo seus sucos e gemendo de seu gosto. O arrepio se transforma em tremor, e eu lentamente lambo seu corpo até meus lábios pressionarem contra sua orelha. Eu deslizo da bunda dela até que apenas a ponta do meu dedo esteja pressionando contra ela.

— Um dia — eu sussurro. — Eu vou te levar aqui. Sentirei seus músculos ordenharem o esperma do meu pau assim como você goza nessa boceta doce.

Ela puxa um fôlego, os olhos selvagens e as bochechas coradas.

— Você gostaria disso? — Eu sussurro, esfregando meu nariz ao longo de sua bochecha.

Suas mãos estendem e seguram meu rosto, me puxando em sua direção. E então ela *lambe* seus sucos da minha boca, seus olhos cheios de força enquanto ela geme com o gosto.

Meu interior está apertado, meu comprimento se sacudindo.

Ela move o toque da minha mandíbula enquanto a língua desliza entre os meus lábios, as palmas das mãos deslizando para baixo para agarrar a fivela do meu cinto. Ajudo a acelerar o processo, tirando as calças até meu pau ficar livre, grosso e com porra pingando com a *necessidade* de estar dentro dela.

Os dedos dela se movem para a minha camisa e eu congelo, minhas mãos disparando para cobrir as dela, não querendo que ela veja as imperfeições do passado estragando minha pele.

— Está tudo bem-diz ela. Ela se senta até o rosto ficar nivelado com o meu, a palma da mão apoiada no meu peito, diretamente sobre o meu coração. — Eu *não estou* fugindo.

Eu respiro profundamente, minhas emoções correm loucas, medo inundando minhas veias enquanto ela lentamente desfaz minha camisa, um botão de cada vez, até que ela desliza as mãos por baixo das mangas, o tecido escorregando da minha pele. Eu fico estóico, meu maxilar trava, me preparando para o que sei que ela está prestes a ver.

Ela se aproxima, as pernas se envolvendo em volta dos meus quadris, aninhando meu pau contra o centro. — James — ela

sussurra.

O nome que sai da língua me desfaz, algo quente e carente explodindo no meu peito. Eu levanto meus braços, permitindo que ela levante minha camiseta e jogue-a para o lado.

E então eu espero.

Seus dedos seguem meu torso, e eu tenho um olhar para baixo, aterrorizado ao ver o olhar de pena em seu rosto.

Mas eu não vejo.

Seu olhar é largo e aberto enquanto ela toca todas as cicatrizes, muitas delas desde as noites em que meu tio decidiu cortar minha pele, conhecer a visão do meu sangue fez com que o terror me paralisasse no lugar.

Meu coração bombeia erráticamente no meu peito. A mão dela pasta ao longo do meu quadril, a linha irregular queimando meu lado, queimando com o toque dela.

— O que aconteceu aqui? — ela pergunta.

Eu cerro meus dentes. — Acidente de avião.

Seus olhos olham para os meus, e então ela se inclina e pressiona os lábios até a marca. Meus pulmões se apertam, minha garganta incha pelo gesto. Quero dizer a ela que ela está beijando a cicatriz que seu pai ajudou a criar e que, de alguma forma, com apenas o toque dela, ela aliviou a dor.

Mas não sei como, então puxo o seu rosto até a minha boca e mostro-a com meu corpo.

Eu sugo a respiração dela na minha boca, batendo-a de volta na mesa, meu eixo deslizando entre as dobras da boceta e criando um atrito que deixa meu estômago tenso, prazer picando ao longo da minha espinha.

— Diga de novo — falo contra os lábios dela.

— Diga o que?

— Meu nome. — Eu a trituro, o calor se espalhando por todas as células.

Os olhos dela reviram quando a ponta do meu comprimento pressiona contra o clitóris. — James — ela suspira.

Meu pau desliza para dentro em um impulso, até o punho.

Suspiramos simultaneamente, a sensação de estar cercado por ela esmagando todos os sentidos. Receio que, se me mexer, explodirei e quero que isso dure para sempre.

Lentamente, alivio antes de recuar, o poder dos meus quadris combinando com a onda da minha emoção, me deixando delirante com a necessidade de ficar o mais profundo possível.

Eu me inclino para baixo, minha língua lambendo a concha da orelha dela. — Você é tão perfeita. Sinto tão *malditamente* bem.

Ela geme, as unhas cavando no meu ombro enquanto os quadris se levantam para encontrar os meus.

Não há troca de poder aqui, demanda por obediência ou necessidade de manter tudo sob meu controle.

Há apenas Wendy.

Somente sempre Wendy.

Fazendo o que ela faz de melhor; consumindo cada parte de mim.

Meu coração rasgado sacode contra sua gaiola enegrecida, batendo apenas por ela, esperando que ela aprenda amá-lo através da terra.

— De novo — eu exijo.

— James — ela geme.

Mordo meu lábio, meu interior furioso com o calor enquanto meus quadris batem nela, bolas batendo na bunda dela a cada golpe. — Quero que você me diga que é minha.

Ela grita enquanto eu mudo o ritmo, meu pau entrando completamente dentro dela, meus quadris moendo contra seu clitóris.

— Eu sou...

Eu a cortei com um beijo, precisando que ela entendesse o que estou pedindo. — Eu quero que você me diga, mas não porque eu digo, não porque eu pergunto. — Eu largo minha cabeça na junção do pescoço dela, minha respiração superficial e quente, meu orgasmo se formando profundamente no meu interior quando eu saio e deslizo de volta, girando meus quadris contra ela. — Eu quero que você diga isso porque você *é* minha. Porque você vai ficar mesmo sabendo que você deveria fugir.

Sua respiração treme, suas mãos emoldurando meu rosto enquanto ela olha profundamente nos meus olhos. — Eu sou *sua*, James.

O calor explode dentro do meu peito, e eu pego meu ritmo, as palavras dela derramando na minha alma e enchendo as rachaduras no meu coração.

O som de nossa pele batendo se mistura com seus gemidos até que ela tensiona e depois explode. Suas paredes da boceta se apertam ao meu redor, pedindo que minhas bolas se apertem, meus músculos se agarram até doerem. Sêmen pulsa através do meu eixo, meu pau se sacudindo loucamente dentro dela enquanto eu cubro seu ventre com minha semente.

Eu caio em cima dela, respirando pesadamente, minha mente finalmente em paz.

É neste momento que sei, por mais louco que pareça, que a amo.

E isso me aterroriza mais do que qualquer outra coisa.

Capítulo 39



Wendy

Estou na frente do espelho, ajustando as roupas que Moira comprou, já que o que eu estava vestindo agora está triturado no chão, algo que notei que James adora fazer. Meus olhos tremeluzem para ele através do espelho enquanto ele está atrás de sua mesa. Ele finalmente lavou o sangue dos braços e agora está abotoando a camisa, cobrindo as cicatrizes que marcam cada centímetro do tronco. Meu coração se torce, imaginando como elas chegaram lá e sentindo um forte senso de propósito, sabendo que ele me deixou ver.

Ele abre uma gaveta e puxa uma arma, deslizando-a pelas

costas na cintura da calça, antes de pegar seu paletó e deslizar pelos braços, abotoando na frente.

Meus abdominais estão tensos ao ver.

— Você é realmente atraente demais para o seu próprio bem — eu digo.

Sua cabeça se vira, um sorriso aparecendo em seu rosto enquanto ele caminha, pisando atrás de mim e pressionando beijos no meu pescoço.

— James? — Meu batimento cardíaco bate nos meus ouvidos.

Não sei ao certo onde estamos, parte de mim sentindo como se estivesse me equilibrando no meio de uma corda bamba, sem saber para que lado isso vai mudar.

— Hmm? — Ele cantarola contra mim.

— Posso ...— Eu giro, minhas mãos descansando em seu peito.
— Eu quero ver meu irmão.

Ele assente. — Tudo bem.

O alívio derrama através de mim. — E ...— eu mordo meu lábio.
— Gostaria do meu telefone de volta.

— Certo. — Sua testa levanta. — Mais alguma coisa?

— E eu quero que você me diga que não estava com Moira, — eu saio correndo, com calor varrendo minhas bochechas.

Ele faz uma pausa. — Agora?

Eu me encolho. — Bem, obviamente não agora. Eu sei que você estaria mentindo.

Seus dedos inclinam meu queixo até eu olhar nos olhos dele. — Eu não estive com Moira, ou qualquer outra mulher, desde o momento em que te toquei.

Respiro fundo, meu estômago se desenrola lentamente de onde está amarrado em nós. — Ok.

Seus lábios se contraem. — Ok.

— Ok — eu digo novamente.

— E só para esclarecermos. — Ele pressiona o polegar no meu queixo. — Se alguém *mais* tocar em você, vou cortar as mãos deles para que nunca possam *tocar* qualquer coisa de novo.

Meu peito espasma. — Você é tão violento.

Ele sorri. — É apenas quem eu sou, querida.

— E eu? Ainda estou ... ainda estou sendo mantida ...

— Wendy, você é livre para fazer o que quiser. Seu pai, ele...

— Não, eu sei — eu o interrompi, não querendo falar sobre meu pai, as feridas ainda estão frescas demais.

— Você *não sabe*. — Ele toca seu lado, onde a cicatriz irregular estraga sua pele. — Este acidente de avião. — Suas narinas inflam. — Foi em um dos voos de seu pai.

Eu ofego. — O que?

Ele balança a cabeça. — Este não é o lugar para falar sobre isso, querida.

A irritação brilha no meu estômago, não querendo ser descartada, como sempre fui quando queria saber o que estava acontecendo.

Abro a boca, mas o dedo dele cobre meus lábios. — Vou lhe dizer o que você quiser, mas não aqui.

Um sentimento pesado afunda no meu interior. — Você vai matá-lo? — Eu sussurro.

Ele suspira. — Você precisa entender, seu pai, ele tirou quase tudo de mim. — O polegar dele toca no meu lábio. — E enquanto eu faria *qualquer coisa* que você pedisse, por favor, não me peça isso.

Meu coração aperta, desolação correndo pelas minhas veias. — Mas eu... — Lágrimas bem atrás dos meus olhos. — Ele é meu *pai*.

— Sim, bem. — A cabeça dele bate para o lado. — Foi ele quem matou o meu.



estou de volta no barco de James, sentada no terraço exatamente no mesmo local que ele me trouxe para o nosso primeiro encontro. Faz dois dias desde que ele me fodeu na mesa do clube de strip e depois rasgou minha mente em pedaços quando ele se abriu sobre seu passado. Sobre o meu pai.

Bile queima na parte de trás da minha língua quando penso em James, uma criança, passando pelo que ele passou nas mãos de seu tio. Viver com a dor de perder os pais e assistir a pessoa responsável por essa perda sorrir nas capas das revistas por anos sem repercussões.

Minha alma está doente de pensar no tormento que tem *marcado* em seu coração.

Ainda assim, não posso conciliá-lo matando meu pai, e eu apenas aceitando. Mas como posso pedir para ele não fazer isso depois do que sei que ele fez?

E eu não entendo *porquê*. Por que ele mataria seu parceiro de negócios? Por que ele mataria Ru?

Simplesmente não faz sentido.

Dito isto, conhecer a raiz da questão diminui a picada de James ter feito o que ele fez comigo. Isso não me faz esquecer, mas eu entendo a raiva dele, pelo menos um pouco.

E talvez isso me faça estúpida. Talvez eu ainda seja ingênua, mas James é o único que já confiou em mim o suficiente para me dizer a verdade. Para me deixar entrar no que diabos está acontecendo, para que eu possa entender. Ele correu um risco me dizendo. E assim posso correr o risco confiando quando ele diz que se importa.

Eu tenho meu telefone de volta por mais de quarenta e oito horas. Examinei as mensagens e telefonemas de Angie e de The Vanilla Bean me demitindo por não comparecer. Mas não houve uma única ligação perdida do meu pai.

Nada.

Nada de Jon também, embora eu tenha mandado uma mensagem para ele e perguntado como estava tudo.

A porta deslizante se abre, Smee caminhando para o convés com uma bandeja de vegetais fatiados e um sorriso no rosto. Ele os coloca e senta. — O chefe disse para ter certeza de que você coma enquanto ele está ausente.

— Eu poderia ter conseguido algo para mim. — Eu sorrio para ele.

Smee me acena. — Não é grande coisa. Este é o meu trabalho, lembra?

Ele empurra a bandeja em minha direção sobre a mesa, e eu me aproximo, pegando uma pimenta verde e estourando na minha boca enquanto ele abre uma cerveja, dando um longo gole.

— De onde você é, Smee? Como você acabou trabalhando para James?

Ele pega uma cenoura e dá uma mordida, relaxando contra a cadeira. — Oh, realmente não é tão interessante assim. Eu vim em tempos difíceis anos atrás, e ele me ajudou.

Meu coração incha. — Ele fez?

Ele assente. — Me tirou das ruas. Colocou-me neste lugar e me disse que eu poderia ficar, desde que eu aprendesse tudo o que havia para saber sobre manutenção de iates.

— E você cresceu aqui em Bloomsburg?

Não sei por que estou fazendo tantas perguntas a ele. Talvez seja porque, se estou planejando ficar no barco, me sentirei mais confortável se conhecer seus habitantes, ou talvez seja porque estou desesperada por uma distração da revolta que as recentes revelações de James causaram.

Ele toma outro gole de cerveja. — Eu com certeza fiz. Estive aqui a vida toda.

— Isso é legal — murmuro. — Alguma família?

Algo escuro passa através de seus olhos.

— Sinto muito — eu me encolho, meu estômago azedo com o olhar em seu rosto. — Estou sendo intrumetida.

Ele ri, ajustando o gorro vermelho na cabeça. — Não, está tudo bem. Minha mãe provavelmente ainda está por aí em algum lugar, procurando sua próxima dose.

A culpa por bisbilhotar escorre através de mim. — Oh, sinto muito.

Ele me acena. — Eu aceitei quem ela era há muito tempo. Meu pai era um cara legal, no entanto. Embora eu não soubesse quem ele era até alguns anos antes de ele falecer.

— Minha mãe também faleceu — eu digo, meu coração doía. — A dor do tempo perdido nunca fica realmente mais fácil, não é?

Seus lábios se abaixam, os dedos apertando o gargalo da cerveja. — Com certeza não, senhorita Wendy.

Os passos desviam minha atenção, James pisando no convés, parecendo impecável como sempre em seu traje de três peças.

Smee se levanta, espanando a frente do short. — Eu deveria voltar. Obrigado pela companhia.

Eu sorrio. — Obrigada pelos lanches.

Eles passam um pelo outro, James mal dá uma segunda olhada nele.

— Você não gosta disso? — Eu pergunto.

Ele ignora minha pergunta, caindo e encontrando meus lábios

para um beijo. Sua língua desliza na minha boca e meus olhos tremulam, me perdendo no gosto dele.

— Mmm. — Ele se afasta, descansando a testa na minha, o polegar acariciando minha bochecha. — Infelizmente, tenho negócios que precisam da minha atenção. Você vai ficar bem aqui?

— Sim. Eu vou ficar bem. Eu estava pensando em parar no The Vanilla Bean, de qualquer maneira.

A boca dele torce.

— James, você *me disse* que eu estava livre para ir, e agora você está ...

— Querida, por favor. — Ele suspira, pressionando outro selinho nos meus lábios. — Você está. Perdoe-me por querer mantê-la para mim. Vou deixar as chaves do Aston, se você quiser usá-lo.

O nó no meu peito afrouxa. — Obrigada.

— Me faça um favor? Não tire esse colar.

Minhas sobrancelhas se afastam. — *Não?*

— Me faça feliz. — Ele sorri. — Gosto de saber que as jóias estão decorando sua pele. — Seus dedos roçam os diamantes. — Volta para casa no jantar? Eu tenho uma surpresa.

— Ok. — Eu sorrio, borboletas tremulando no meu estômago.

Casa.

Ele diz sem esforço, como se este lugar fosse meu e é onde eu pertença. Mas ainda estou oscilando no limite, sem saber se isso é bom demais para ser verdade, se talvez ele ainda esteja me usando para algum plano mestre.

Afasto os pensamentos e entro, optando por ignorar os sussurros da dúvida.

Capítulo 40



James

Suspiro, assistindo a estação das notícias. Eles não falaram de nada além dos incêndios da NevAirLand e, embora isso sangre um pouco de satisfação por mim toda vez que vejo os escombros e a destruição, não posso deixar de ficar frustrado por nada ter acontecido.

De fato, para um homem tão popular quanto Peter, ele parece ter desaparecido da face do planeta. Isso me deixa me sentindo *inquieto*. Tudo, ultimamente, parece estar me deixando inquieto, um sentimento agourento, uma tempestade se formando sem radar, nenhuma ideia de quando será atingido ou a destruição que será

deixada para trás.

Os gêmeos sentam-se à minha frente, com o rosto sombrio enquanto me falam de mais uma remessa que nunca chegou, um milhão de dólares em pó desaparecendo no ar.

A raiva me enrola enquanto me sento atrás da mesa, sentindo como se estivesse olhando para um quebra-cabeça gigante e perdendo a peça central.

E onde diabos está Peter?

Olho para os gêmeos, soltando uma respiração profunda enquanto tento conter minha ira crescente. — Eu preciso que vocês façam as rondas. *Hoje*. Vocês irão a todas as esquinas e juntará cada pessoa que já tocou em nosso produto e você os despojará e os pesquisará. Se você vir uma tatuagem de um crocodilo, um relógio ou qualquer variação dos dois, você os trará aqui e os acorrentará no porão. Isso está entendido?

— Claro, Hook.

— Bom. — Eu estralo meu pescoço. — Vocês podem chamar Starkey quando sair?

Eles saem, e meu estômago revira com o lembrete da tatuagem, como se tivesse sido arrancado diretamente dos meus pesadelos e desenhada na minha pele com tinta. Mas isso é *impossível*.

Starkey abre a porta, com os olhos arregalados e cautelosos. — Senhor.

Minha mandíbula se flexiona quando me levanto, abotoando a frente do meu traje e andando pela mesa em sua direção. Ficamos em silêncio por longos momentos até eu finalmente falar. — Lembre-me novamente, Starkey, por que você interferiu na outra noite?

— Foi um acidente, Hook. eu não fiz por *maldade*. — *Ele* olha para baixo. — Estou disposto a aceitar qualquer punição que achar adequado.

O canto da minha boca se enrola, embora por dentro meu estômago esteja rolando. — E se eu achar adequado acabar com sua vida? Afinal, a punição deve corresponder ao crime, você não concorda?

Ele engole, os dedos se contorcendo ao lado. Meus olhos rastreiam o movimento. — Foi um acidente — ele repete.

Eu aceno, caminhando em direção a ele. — Eu não pago para você ter *acidentes*.

Minhas narinas inflam, dedos se contorcendo para agarrar minha lâmina e afundá-la em sua pele. Mas não pareceria bom para a moral se eu o matasse agora. Até esse momento, Starkey nunca foi um incômodo, e entre a morte de Ru e os rumores nas ruas, a última coisa que preciso é que meu círculo interno sinta como se não estivesse seguro na minha presença.

— Você sempre foi extremamente leal, Starkey. Um dos melhores. Um que até o outro dia, eu teria confiado a minha vida.

A mandíbula dele aperta e eu tiro minha faca, lançando a

lâmina e usando a ponta para inclinar o seu queixo. — Não faça algo tão tolo de novo, ou da próxima vez não serei tão brando.

Ele balança a cabeça, os olhos olhando para onde meus dedos pressionam metal para a pele. — Obrigado — diz ele. — E me desculpe, eu não quis ...

Eu seguro minha mão, recuando. — Quero que encontre a assistente de Peter Michaels, Tina Belle. E eu quero que você a traga para mim. Você me entendeu?

Ele engole e assente.

— Vai.

A cada minuto que passa depois que Starkey sai, meu corpo se enrola mais forte, meu cérebro se sentindo como se estivesse assistindo uma TV com estática. *Eu tenho que estar perdendo alguma coisa.* Mas pela minha vida, não consigo descobrir o que é.

Quando finalmente volto para a marina, tendo tido um pit stop no caminho de casa, pegando uma garrafa de champanhe e um buquê de rosas, estou exausto. Não quero nada além de me perder na presença de Wendy.

Entrando na cozinha, coloquei o champanhe no gelo, o silêncio no ar fazendo meu coração parar, imaginando se talvez ela mudasse de ideia e decidisse me deixar depois de tudo. Esfrego a palma da mão no peito, sem gostar do jeito que meu pulso está subitamente fora do meu controle.

— Romântico.

Eu giro na voz, Smee entrando na sala.

— Sim, acho que você poderia dizer que estou virando uma nova folha. — Eu lhe dou um sorriso apertado.

Seus olhos brilham quando ele se aproxima de mim, a cabeça inclinada quando ele me olha. — Você realmente se importa com ela, não é?

Meu peito revira, mas eu aceno. Não sou de falar claramente de emoções, mas imagino que seja bastante óbvio o que sinto, especialmente quando estamos aqui, em minha casa. Não faz sentido tentar negar. — Ela veio a ser *primordial* para minha felicidade.

— Hmm. — Smee para em frente ao buquê, inclinando-se para cheirar as rosas. — Bem, — ele suspira, endireitando. — Estou esperando há muito tempo para você trazer alguém aqui.

Minhas sobrancelhas levantam. — Oh?

Ele sorri. — Para vê-lo feliz, quero dizer.

Desabotoando meu paletó, eu o tiro, colocando-o na parte de trás de uma das banquetas da cozinha. — Para ser sincero, não sei bem o que fazer comigo mesmo. — Eu corro uma mão pelo meu cabelo. — Não necessariamente começamos com o melhor pé.

Smee ri. — Às vezes, chefe, você só precisa ser paciente e deixar tudo acontecer.

Esfrego a barba da mandíbula, acenando com as palavras dele.

— Ela está aqui? — Eu pergunto.

Ele acena a cabeça em direção ao quarto. — Eu não acho que ela saiu o dia todo.

O desejo de vê-la é forte demais para resistir, então eu me levanto, parando antes de chegar ao corredor. — Smee — eu digo.

— Sim, senhor?

— Você é um bom homem. E eu aprecio tudo o que você faz. Tenho certeza de que não lhe digo o suficiente.

Ele inclina a cabeça e eu vou para a mulher que se tornou o centro do meu universo.

Capítulo 41



Wendy

Eu fiquei louca e não fui ao The Vanilla Bean, não querendo ficar cara a cara com uma Angie irritada. Se as mensagens de texto dela são alguma indicação, ela não está exatamente feliz comigo, assumindo que eu não apareci e cai fora, decidindo que não precisava do dinheiro. Então, peguei o caminho covarde e enviei uma mensagem para ela. Ela não respondeu.

Não que eu a culpe, da perspectiva dela, parece que sou uma furona, um acessório temporário, deixando-os abandonados. E talvez seja o melhor que eu permita que elas se lembrem de mim dessa maneira. Não sei se posso inventar uma desculpa para o

motivo de eu ter desaparecido, além da verdade. De alguma forma, acho que não aparecer e dizer a eles que fui refém, mas tudo bem, porque acho que estou apaixonada pelo sequestrador não iria cair muito bem.

Eu zombo, revirando os olhos e me apoiando na cama de James, rindo enquanto me lembro de uma das primeiras conversas que tivemos aqui. Brincadeiras sobre *Síndrome de Estocolmo*, de todas essas coisas. Fale sobre a ironia.

Uma risadinha sai de mim quando a porta se abre e James entra, com os olhos vazios e assombrados.

— O que há de tão engraçado, garota bonita? — ele pergunta, vindo sentar ao meu lado na cama. Sua mão se estende, escovando sob meus olhos, e meu interior derrete como manteiga de suas palavras e seu toque.

Eu sorrio. — Estou pensando na primeira vez que acordei aqui, lembra?

Ele se inclina, escovando os lábios contra os meus. — Lembro-me de cada momento entre nós, querida.

— Bem ... não é engraçado falarmos sobre bons sequestradores, e então você foi todo *Hook* em mim e fez isso?

Sua testa levanta.

Eu rio de novo. — Estou apenas dizendo. — Minha mão voa para cima. — É engraçado quando você pensa sobre isso.

Ele inclina a cabeça. — Você está bem?

Suspirando, encosto-me nos travesseiros. — Estou bem. Apenas tentando encontrar algum humor do nosso começo menos que ideal. Que história para os netos, hein?

Seus olhos brilham e eu percebo o que acabei de dizer, meu peito puxando. — Não que eu ache que vamos ter filhos, ou que *eles* vão ter filhos. É apenas uma frase, realmente. Eu sei que ainda somos super novos, mesmo que tecnicamente *estamos* morando juntos, não estamos?

Um sorriso cresce em seu rosto e ele se levanta, tirando a roupa e subindo na cama, pairando sobre mim. — Não tenho certeza se já ouvi você divagar antes, querida.

Eu me inclino para trás, o peso corporal dele se instalando em cima do meu.

— Para deixar registrado. — Ele mergulha a cabeça para baixo, as pontas do cabelo fazendo cócegas no meu pescoço enquanto pressiona os beijos na minha pele. — Eu te daria o mundo. Você simplesmente tem que perguntar. Você quer filhos? Feito. — Ele pressiona os lábios na minha mandíbula. Meu estômago aperta. — Você quer ficar aqui e nunca mais trabalhar? — Outro beijo, desta vez logo abaixo da minha orelha. — Feito.

Meu núcleo vibra, o calor se espalha através de mim.

— Você quer ver o mundo queimar?

— Deixe-me adivinhar, você vai incendiar? — Eu pergunto.

Ele ri, o som vibrando através de mim e se instalando nos meus ossos. — Não querida. Vou lhe entregar o fósforo e ficar de costas, vendo você se tornar rainha das cinzas.

Minha respiração pára com as palavras dele. No que ele está realmente dizendo. E *aquilo*, por mais mórbido que pareça, me bate no centro do meu peito, fazendo calor se espalhar a cada batida do meu coração.

Porque James me vê como igual. Como alguém digna de ficar ao seu lado.

Seus lábios encontram os meus, e eu afundo no beijo, cedendo completamente, aceitando que é isso que eu quero.

Todas as suas partes profundas, sombrias e levemente desequilibradas. Eu escolho cada uma.

Eu escolho *ele*.

Ele empurra minha camisa enorme, outra que eu coloquei, os dedos dele mergulhando entre as minhas pernas e gemendo quando ele encontra a pele nua. Eu puxo o seu rosto de volta para o meu, olhando nos olhos dele, absorvendo as linhas brancas que atravessam o azul. Inclinando-me, eu o beijo.

Ele geme, empurrando sua boxer, seus dedos varrendo minhas dobras. — Eu tenho o jantar planejado, mas sinto como se merecesse um presente.

Meu estômago pula, meu corpo se ilumina com calor e amor e *aceitação*.

Eu parei de lutar contra isso.

James pode não ser um herói, mas até os vilões podem sentir. E você não pode escolher quem você ama.

Ele se agarra, correndo a ponta de si mesmo para cima e para baixo na minha entrada, prazer abrindo caminho por mim.

— Você é uma garota tão boa, pronta e esperando para pegar meu pau — ele fala no meu ouvido.

Borboletas voam pelo meu estômago e sobem no meu peito, meus quadris se levantando para forçá-lo a entrar, *desesperada* para senti-lo me preencher apenas da maneira que ele pode.

— James, *por favor* — eu imploro.

Ele circula a ponta nos meus nervos sensíveis até minhas pernas começarem a tremer, e só então ele se move para a minha abertura e desliza para dentro de mim. Ele se inclina para trás, seus quadris grudam com os meus e arranca a camiseta, o corpo marcado pairando em cima de mim.

— Você é lindo, — eu ofego quando ele sai e volta.

Ele sorri. — Eu sou?

— Sim. — Meu coração incha no meu peito e minha mão se aproxima para segurar sua mandíbula. — Você é sombrio, mal-humorado e misterioso. Mas lindo.

Inclinando-se, ele chupa minha língua na boca e estabelece um ritmo constante, minhas paredes se espremendo ao redor de seu comprimento como se meu corpo o quisesse mais perto. *Necessitando* dele mais fundo. Seus lábios se separam, a mão enrolando na minha garganta do jeito que ele sabe que eu amo.

— Querida, se eu sou a escuridão, então você é a estrela.

E então ele aperta, cortando meu suprimento de ar, minha visão ficando embaçada momentos depois. Minhas mãos cavam nas omoplatas, as unhas rasgando a pele dele quando eu sinto a queima dos meus pulmões, meu centro enrolado mais apertado a cada segundo que eu paio na borda da consciência. Eu explodo, minha visão fica preta, minha cabeça fica confusa e minhas paredes se contraem em torno de seu pau. Euforia chia sob minha pele.

Ele geme no meu ouvido, continuando seu ritmo acelerado quando eu volto para mim mesma, meus pulmões se expandindo a cada respiração.

— Você quer meu esperma, *pet*? — ele pergunta.

Eu gemo. — Sim, *por favor*.

— Eu amo quando você implora. — Ele deixa escapar, subindo pelo meu corpo até que seus joelhos descansem em ambos os lados do meu peito. — Seja minha boa garota e chupe.

Seu comprimento balança na minha frente, brilhando nos meus sucos e pulsando com a necessidade de libertação dele. Eu o agarro em minhas mãos, sentindo-o pulsar sob meus dedos e puxo-o para a minha boca, gemendo com o gosto do meu esperma na pele dele.

Giro minha língua ao redor da cabeça e relaxo minha mandíbula enquanto ele bombeia seus quadris, seu comprimento batendo na parte de trás da minha garganta. Meus olhos lacrimejam, mas respiro profundamente pelo nariz, as mãos dele apertando meu cabelo e a cabeça jogada para trás, a boca ligeiramente separada.

Vê-lo no meio do prazer envia uma onda de poder em espiral através de mim. Eu chupo com força enquanto ele empurra, engasgando enquanto ele passa pela parte de trás da minha boca e escorrega pela minha garganta, cuspe caindo dos cantos dos meus lábios e deslizando pelo meu rosto. Meus olhos queimam, lágrimas borram minha visão enquanto seus quadris empurram até ficarem juntos contra o meu rosto.

— Essa é a minha garota — ele é murmura. — Levando meu pau na garganta como uma putinha perfeita.

O insulto corta contra o meu centro, mas a maneira como ele diz isso me faz *querer* ser sua prostituta. Ser imunda e depravada apenas para ele.

Só para ele.

De repente, ele sai da minha boca e eu suspiro, minha mandíbula doendo. Ele se agarra e acaricia, os quadris empurrando o punho. Eu assisto, desejo acumulando-me na minha barriga enquanto o corpo dele está tenso, a veia na parte inferior do eixo pulsando fisicamente enquanto linhas grossas de porra disparam de sua ponta. Elas pousam, quentes e pegajosas, ao longo do meu rosto, caindo na minha bochecha e caindo no meu peito.

Ele solta um longo gemido enquanto pinta minha pele com seu

prazer, e a visão dele se desfazendo acima de mim faz meu interior se apertar com a necessidade.

Seu peito sobe e desce quando ele respira, a palma da mão subindo para acariciar meu cabelo e acariciar meu rosto, esfregando a sua semente na minha pele.

— Tão boa para mim — ele elogia. — Tão absolutamente perfeita.

Meu peito esquenta, satisfação envolvendo-me como um cobertor aquecido na noite de inverno. Eu me inclino ao toque dele.
— James?

— Sim, querida?

— Eu acho que te amo.

Capítulo 42



James

Ela me ama. E ela é a primeira pessoa, além da minha mãe, que já disse essas palavras.

Eu não tinha percebido até agora o quanto precisava ouvi-las. Mas, em vez de dizer de volta, eu a beijei displicentemente e dei comida e rosas a ela, como se isso compensasse o fato de eu não conseguir que as palavras passassem pelos meus lábios. Não que eu não as sinta; eu sinto. Eu simplesmente não sei como *dizer* elas. E aí está o problema.

Mas mesmo que o medo bata contra minha alma, preocupado

que ela retome as palavras ou ainda pense que estou usando-a para algum outro propósito, eu empurro para baixo, porque o que estou prestes a participar não tem nada a ver com amor.

Meus olhos contemplam os três homens amarrados e amordaçados, acorrentados às paredes no porão da The Lagoon. Eles estão nus, seus corpos patéticos tremendo no piso de concreto úmido e do ar condicionado frio que atravessa as aberturas de ventilação.

Eu ando em direção a eles, o barulho dos meus sapatos é o único som além choros deles, e meus dedos flexionam dentro das minhas luvas. Meus olhos olham para baixo, vasculhando a pele, procurando a mítica *marca*.

E quando a encontro, gostaria de nunca ter visto.

É exatamente como Tommy descreveu; um relógio de bolso dourado com um crocodilo enrolado no rosto. A visão disso me faz *doente*. Isso parece pessoal. Mas como é possível que alguém saiba? Então, novamente, como é possível que isso seja uma coincidência?

Os gêmeos caminham até os três homens, arrancando os capuzes prestos da cabeça e arrancando a fita dos lábios. Seus olhos se arregalam quando me vêem, de pé no meio da sala, observando-os.

— Olá, rapazes. — Eu sorrio. — Tatuagens adoráveis. Digam-me ... — Eu inclino minha cabeça. — Onde vocês conseguiram?

Nenhum deles fala.

—Ah. — Eu estalo a minha língua. — O tratamento silencioso. Eu entendo. — Minhas mãos descansam nos meus quadris enquanto respiro fundo. — Bem, eu esperava fazer isso da maneira mais fácil, mas agora posso ver que isso não vai funcionar.

Um deles cospe aos meus pés. — Vá se foder, Hook.

Eu levanto minha cabeça para o teto, rindo. — Agora, não há necessidade de ser rude. — Eu deslizo minha faca do bolso, girando-a na mão. Virando, aceno para os gêmeos que caminham para a parede oposta, recuperando três baldes.

— Normalmente, eu gosto desse tipo de vaivém. Mas veja bem, estou um pouco perturbado, porque há alguém tentando arruinar meu bom humor. E *eu* ouvi que vocês, senhores, podem saber quem é?

Os baldes se chocam contra o chão, enquanto os gêmeos os colocam ao lado dos homens.

Eu ando para a frente, agachado na frente de quem cuspiu, com raiva torcendo minhas feições em um sorriso largo. — Gêmeos — digo sem quebrar meu olhar do homem diante de mim. — Vocês se importariam de trazer nossos convidados?

— Claro, chefe. — Um quarto balde aparece, sons arranhados e guinchos vindos de dentro.

— Você ouviu isso? — Eu encapsulo minha orelha com a mão. — Eles soam *animados*. — Alcançando dentro da lixeira, pego um pequeno animal peludo, com a cauda batendo na manga do meu traje. Eu o trago ao meu rosto, olhando para seus pequenos olhos

redondos. — Provavelmente por causa de como estão com fome. — Meu olhar desliza de volta para o traidor patético que está acorrentado à minha parede. — Afinal, os ratos sempre sabem quando estão à beira da morte.

Coloco o primeiro roedor dentro do balde ao lado do homem, antes de pegar outro na lixeira e repetir o processo, até que haja meia dúzia ali, arranhando os lados, tentando escapar.

Os gêmeos aparecem, me entregando um isqueiro longo antes de seguir em frente, pegando o balde e lançando-o de cabeça para baixo até repousar no estômago do homem. Eles se agacham, seus antebraços descansando ao longo da borda, garantindo que ela permaneça no lugar.

O homem se contorce, sem dúvida sentindo os ratos correndo ao longo de sua pele.

— Agora — eu digo. — Vou perguntar mais uma vez. Quem te deu essa tatuagem?

O corpo do homem treme, choramingo patético saindo da boca, mas ainda assim ele não fala.

— Muito bem. Eu gostaria que você tivesse mostrado esse tipo de lealdade a *mim*, mas eu respeito tudo da mesma forma. — Eu acendo o isqueiro. — Você sabe o que acontece quando ratos passam fome? — Eu pergunto, sorrindo para o patético desperdício de espaço. — Eles geralmente não precisam de muita comida. Mas se você reter por tempo suficiente, descobrirá que eles se tornam vorazes.

O primeiro grito perfura o ar logo depois que eu coloco a chama no fundo do balde, aquecendo-o do lado de fora. Eu levanto minha voz para falar sobre o barulho. — Adicione um pouco de calor e eles ficam frenéticos em sua necessidade de escapar. — Eu ri. — Acho que você descobrirá que eles são bastante sobreviventes. Eles até levam a mastigar carne ... e intestinos ... e ossos.

— Pare. — Ele grita: — Por favor! Deus! Era uma mulher qualquer!

Eu mantenho a chama acesa, a sede de sangue ultrapassando meu cérebro até o vermelho vazar no canto dos meus olhos, e meu coração dispara nada além de *vingança* contra todos que ousam ir contra mim.

— Eu já sei que era uma mulher, seu tolo. Diga-me algo útil antes de deixá-los comer você inteiro.

Mas é tarde demais, seus olhos revirando a cabeça, perdendo a consciência enquanto os ratos se deleitam no interior.

Suspirando, tiro a chama e olho para os outros dois tolos acorrentados. — Quem é o próximo? — Eu sorrio, girando o isqueiro entre meus dedos.

— A mulher — um deles sai correndo. — Ela trabalhava no bar.

Meus movimentos congelam, por dentro apertando com força. — Que bar?

— Seu. — Ele chora. — O JR.

Eu estralo meu pescoço, soltando uma risada longa e alta, descrença correndo pelas minhas veias. Porque não há como esse homem estar dizendo o que eu acho que ele está. Que a mulher não é Tina Belle, nem é uma estranha. Corro até ele, meus dedos segurando sua mandíbula, minha faca em um flash, cortando sua bochecha.

— Por favor — ele implora.

— Não minta para mim — exijo. — Você está insinuando que alguém está aproveitando minha hospitalidade? — Eu pergunto, fogo brilhando atrás dos meus olhos. — Qual é o nome dela?

Seu corpo treme sob minhas mãos, seus gritos e soluços pesados fazendo suas palavras tremerem.

— Conte-me. — Eu cuspo, minha faca pressionando mais fundo, pingos de sangue escorrendo pelo rosto.

— Moira. — Ele chora. — O nome dela é Moira.

Capítulo 43



Wendy

— Wendy?

O alívio flui através de mim quando ouço a voz de Jon. Eu estava no chuveiro e, quando saí e vi que havia perdido a ligação, comecei a explodi-lo até que ele respondeu, não querendo fazer nada até ouvi-lo falar.

— Jon, oi — respiro abaixo da linha. — Como você está?

— Estou bem.

— Eu sinto tanto sua falta, meu irmão. — Minha voz racha, as emoções das últimas semanas borbulhando. — Sinto muito, por não ter conseguido ligar até agora.

— Oh, está tudo bem, James me disse que você estava doente.

Minha respiração pára. — Ja ... o que?

— Sim, ele disse que era por isso que estava ligando para me checar. Escute, eu realmente não preciso de babás.

Meu coração explode no meu peito, minha mente corre com o que ele está dizendo; no que isso significa.

— Quando, — eu limpo minha garganta. — Quando você falou com James?

— Quase todos os dias desde que estive aqui, Wendy. É o que estou tentando dizer. É um pouco sufocante.

— Ele liga para você? — Minha garganta incha.

— Sim, você não sabia?

Meu peito se abre, lágrimas enchendo minhas pálpebras inferiores. Mesmo quando ele estava me ameaçando, ele estava checando Jon. *Isso significa que ele estava sempre blefando?*

— Não, eu sabia — eu fungo. — Vou avisá-lo para recuar.

— Ok, obrigado. Ei, você estará em casa hoje à noite?

Minhas sobrancelhas se puxam e eu olho em volta. — Sim, por quê?

— Papai disse que está me buscando e estou ligando para avisar.

Meu estômago revira quando percebo que ele está falando sobre a mansão. — Papai está vindo buscá-lo? — Repito, sem saber se o ouvi direito.

— Sim. Disse que há algo que ele quer nos dizer. Não sei, mas realmente não quero estar com ele sozinho.

Minha lealdade se divide em duas, querendo permanecer fiel a James e sabendo que ele não me quer perto do meu pai, mas também querendo estar lá por Jon. E por mais que eu queira dizer não, esperar James voltar para casa e fingir que meu pai não existe, eu sei que não posso. Não se me der uma chance de ver meu irmão. — Ok. Eu vou para lá agora.

— Legal.

— Legal, — repito, sorrindo enquanto desligo.

Há uma leveza flutuando através de mim pela antecipação de vê-lo, mesmo que a culpa se envolva no meu peito, sabendo que James odiará que eu estou lá. Mas espero que ele consiga ver as coisas do meu ponto de vista.

Eu estava me sentindo mal a manhã toda. Eu disse a James que *amava* ele, e ele não pode dizer de volta. Não que eu estivesse esperando, mas ainda assim, quando você expõe seus sentimentos, dói quando não são devolvidos. Mas ele checando Jon, mesmo enquanto ele estava contando uma história diferente para mim? Isso significa mais do que qualquer palavra jamais poderia. Pego o número de James no meu telefone e ligo, meu coração está cheio de gratidão pelo que ele fez. Eu quero que ele saiba que *eu* sei, e também quero dizer a ele onde estarei. Ele não ficará feliz, mas prometeu não controlar minha vida.

Não sou mais refém e não vou deixar que ele me diga quem posso e não posso ver.

O telefone toca e toca, mas ele não responde. Eu franzo a testa, tentando dissipar o desconforto. Deixo uma mensagem para ele e depois envio uma mensagem, só por precaução, e respiro fundo, afastando a ansiedade.

Uma hora depois, estou puxando o Audi de James para a unidade da mansão e sendo parada nos portões.

Minhas sobrancelhas se levantam nos novos e extensos recursos de segurança que revestem o perímetro. Quatro homens estão estacionados do lado de fora e um caminha até a minha janela, batendo no topo.

Eu abro, confusão em espiral através de mim. — Uhh ... Oi. Eu sou Wendy.

Sua testa aumenta.

— Filha de Peter? Ele provavelmente está me esperando.

O homem não fala, apenas assente e se afasta, sussurrando no ouvido de outro cara antes que eles abram os portões e me deixem passar.

Que diabos?

Os nervos estalam sob a minha pele, como formigas correndo pelas minhas veias. Estou tão enojada com meu pai que mal consigo ver direito. Não que eu seja a guardiã da moral, afinal, estou apaixonada por um homem cuja moral está severamente ausente. Mas pelo menos ele é dono de quem ele é. Meu pai faz um teatro, enganando as massas.

Enganando *a mim*.

Estaciono meu carro e subo a passarela de tijolos, abrindo a porta da frente e entrando. Está assustadoramente quieto e meu estômago está em frangalhos.

—Jonathan? Papai? — Minha voz ecoa nos tetos altos do hall de entrada, mas ninguém responde.

Estranho.

Entro na sala formal, retirando meu telefone para ligar no número de Jon.

— Você veio.

A voz me choca e eu giro, meu telefone voando pela sala, rachando quando bate no chão. Minha mão dispara no meu peito, meu coração batendo embaixo da palma da mão. — Jesus, Tina. Você me assustou.

Tina sorri, entrando na sala até estar a poucos passos de distância. — Desculpa.

— Onde está meu pai? — Eu pergunto, olhando em volta. — Ele está buscando Jon?

Seus olhos estão levemente desfocados, suas pupilas redondas e dilatadas enquanto ela sorri.

— Tina? — Eu aceno minha mão na frente do rosto dela.

Ela empurra, saindo de sua divagação. — O que?

— Meu pai está aqui? — Um formigamento de aviso sobe pela espinha enquanto eu a pego, algo se sentindo mal por todo esse encontro. De repente, eu gostaria de ter esperado que James chegasse em casa, para que ele pudesse pelo menos tentar me convencer a não vir.

Isso simplesmente não parece *certo*.

— Mmmmm, não. — Ela ri. — Ele me disse para esperar por você, no entanto.

Inclino minha cabeça, meu batimento cardíaco batendo nos meus ouvidos, meus olhos observando nos meus arredores. — Ok.

Ela se aproxima de mim, tropeçando antes de recuperar o equilíbrio.

— Você está bem? — *Ela está bêbada?*

— Estou bem. Seu pai tem um novo parceiro de negócios. Novo, na verdade, e eu era a testadora para garantir que o produto estivesse no ponto. — Ela bate no nariz.

Meus olhos se arregalam, o meu estômago cai. — Você está *chapada*?

— Apenas um pouco de “pó de fada”. — Ela sorri. — Pete não gosta de tocar nas coisas, mas alguém tem que ter certeza de que não está sendo enganado. — Os olhos dela estão estreitos. — E não há ninguém em quem seu pai confie mais do que eu.

Ela joga sua farpa, e ela atinge a marca, mas não me rasga da maneira que teria acontecido. Apenas dói; uma dor fantasma pelo que poderia ter sido.

Não que eu *sempre* concordaria em usar drogas para beneficiar seus negócios.

Meus olhos se estreitam. — Você é nojenta. Como você pode ficar bem com o que ele faz?

Ela ri. — Isso é rico. Diga-me, você se pergunta a mesma coisa quando deixa Hook dividir você com o pau dele?

O calor corre para minhas bochechas e eu cerro meus dentes. —

Isso não é da sua conta.

Ela olha para mim, o sorriso caindo de seu rosto. — Ugh, isso é realmente péssimo. Disseram-me para não te machucar.

Meu cabelo fica arrepiado, o alarme dispara através de mim com as palavras dela, e eu me afasto lentamente, sem querer fazer movimentos bruscos. — Quem te disse isso?

— *Todo mundo.* — Ela olha, caminhando em minha direção. — Wendy *isto*, e Wendy *aquilo*. Não a machuque, Tina 'Nós *precisamos* dela, Tina 'Ela é minha *filha*, Tina. '

Minhas costas batem na parede, a mesa ao meu lado tremendo de um baque, a ansiedade pululando meu interior enquanto ela continua a se aproximar, seus olhos pequenos caem. — Você sabe como é exaustivo sempre estar em segundo lugar?

Balanço a cabeça, colocando as mãos na minha frente, os olhos olhando para o meu telefone do outro lado da sala. — Eu nunca pedi para ser colocada em primeiro lugar.

— Mentirosa. — Ela grita. A mão dela dispara e me dá um tapa no rosto, minha cabeça balançando para o lado, a bochecha picando pela queimadura. Pressiono os dentes, tentando desesperadamente manter a compostura. Piscando devagar, respiro fundo e, quando reabro os olhos, percebo o quão grande foi um erro fechá-los.

Porque Tina está bem na minha frente, e um vaso de vidro azul está na mão, no ar. Meus braços se levantam para tentar detê-la, mas ela é rápida e cai na minha cabeça. Eu caio no chão, dor queimando através do meu crânio enquanto ela o bate novamente, e

tudo fica preto.

Capítulo 44



James

Meu escritório está destruído.

Olho para Curly, Starkey e os gêmeos enquanto me observam andar de um lado para o outro. Eles são espertos o suficiente para saber que não há nada que possam dizer que acalme a raiva que causa estragos no meu interior. Liguei para Curly especificamente porque o conheço e Moira está perto.

Moira.

Inacreditável.

Virando, aponto para Curly, meu dedo tremendo. — Você sabia?

Suas narinas inflam, seus dedos estalando enquanto ele coloca o punho na outra mão. — Inferno não, Hook. Eu nunca deixaria aquela cadela se safar disso.

Assentindo, eu descanso minhas palmas na beira da mesa, meu aperto tão forte que minhas juntas de dedos ficam brancas. — Traga-a para mim.

— Eu não sei se...

Meu braço varre a mesa, tudo colidindo com o chão, fios arrancando de suas tomadas e canetas rolando pela madeira. — Traga-a para mim. *Agora*.

Acenando com a cabeça, puxa o telefone e sai. Mas ele não precisa ir a lugar algum, porque quando ele abre a porta, Moira está do outro lado. — Oi, rapazes.

Minha cabeça se levanta, fúria inexplorada rasgando meus músculos e sangrando dos meus ossos. — Moira — eu ronrono. — Que gentileza sua fazer uma aparição. — Ando pela mesa, meus dedos segurando a alça da minha faca tão apertada que ela machuca.

Ela entra, me encontra no meio do caminho e sorri. Eu escovo o cabelo dela ao lado do pescoço, a parte de trás da minha mão descansando contra a bochecha. — Diga-me, querida, você achou que iria se safar? Ou você simplesmente deseja a morte?

Ela me olha diretamente nos olhos e sorri. — Ainda acho que

estou me safando. *James.*

A parte de trás da minha mão se conecta com a bochecha em uma fenda afiada, o corpo dela se lançando no chão. Minhas narinas inflam quando eu passo até ela, o calcanhar do meu sapato cavando nas costas dela. Eu me inclino no peso do meu corpo, revelando a maneira como ela choraminga embaixo de mim. Meus olhos se agarram àquela tatuagem de crocodilo nojenta que enfeita a parte de trás do pescoço enquanto uma memória brilha em minha mente.

— *Desculpa. Nova tatuagem, ainda está meio dolorida.*

Balanço a cabeça, rindo da minha própria estupidez. Descendo, eu a viro, prendendo-a com meu antebraço no peito. — Ah, essas lembranças de você debaixo de mim são da prostituta imunda que você sempre foi.

Suas mãos batem no chão e ela solta um grito arranhado. — Foda-se *você*, Hook. É exatamente por isso que te trai. Você trata as pessoas como merda.

— Me poupe do teatro. eu trato *você* como merda, porque você nunca valeu mais nada. — Eu pressiono minha lâmina contra sua jugular. — Diga-me o que eu quero saber.

— Prefiro morrer — ela zomba.

Eu sorrio. — Oh, tenha certeza que você vai. — Eu me inclino para baixo, meus lábios na orelha dela. — Você cometeu um erro ao escolher Peter.

Suas sobrancelhas franzem e então ela *ri*, a cabeça batendo no

chão até as lágrimas vazarem pelo canto dos olhos. — Oh meu *Deus*, você nem sabe, não é?

Minha mandíbula se aperta, minha mão livre se erguendo e agarrando seus cabelos, levantando a cabeça e batendo-a contra o chão. Ela grita enquanto eu empurro o rosto para o chão, minha faca de volta para a garganta. — Fale em enigmas novamente e eu vou cortar seus lábios.

Ela estremece. — Eu não conheço Peter, ok? *Meu* homem é Croc. — Ela empurra o pescoço para a borda da minha lâmina. — E ele está vindo pela sua cabeça.

Eu tiro a lâmina, substituindo-a pelos meus dedos, apertando até sentir a traquéia na palma da minha mão. Ela tosse, os olhos inchados com a pressão. — Você não... não quer fazer isso — ela chia.

— Eu prometo a você, eu quero.

— Ele tem sua *preciosa* Wendy. E eu sei onde ela está.



Antes deste momento, eu sempre pensei que tinha conhecido medo. Tinha assumido que olhar para o rosto do meu tio, ouvir os tiques do relógio enquanto trancava a porta do meu quarto, era o epítome da palavra.

Eu estava errado.

Porque nunca conheci o aperto gelado do verdadeiro terror como quando o nome de Wendy passa pelos lábios de Moira.

A ponta brusca da minha faca cai sobre sua cabeça antes que ela possa falar novamente, nocauteando-a. Largo o corpo dela no chão, correndo para encontrar meu telefone e puxo o rastreador GPS instalado em seu colar, esperando além da esperança que ela ainda o use.

Ela usa.

E ela está na Caverna Cannibal.

Mas se não é Peter, por que eles estão lá?

Depois de ter a localização dela, estou do lado de fora, Starkey e os gêmeos vindo comigo e Curly ficando para trás. Ele está esperando minha ligação. Depois de garantir que Wendy esteja realmente lá, ele deve colocar uma bala na cabeça de Moira.

Gostaria de prolongar a tortura dela, mas a segurança de Wendy é fundamental e não quero deixar pontas soltas.

O caminho para a Caverna Cannibal leva metade do tempo normalmente, meu pé como chumbo no pedal, minha mente girando em mil direções diferentes.

Sou tão estúpido por acreditar que meus inimigos não a tirariam de mim.

Que *Peter* não usaria sua própria filha. Eu o subestimei mais

uma vez.

Os meninos estão relativamente quietos no carro, Starkey senta no banco do passageiro com uma pistola no colo e os gêmeos falam em silêncio um com o outro atrás. E meu interior está furioso, minha mente orando a um deus que já me sentenciou ao inferno, trocando minha alma enquanto ele mantiver Wendy segura.

Ela tem que estar segura.

Assim que chegamos à entrada da caverna, jogo o carro no parque. — Ok. — Respiro fundo, calçando as luvas e checando a câmara da minha arma. — Vocês estão prontos, meninos? — Eu sorrio. — Chegou a hora de pagar o flautista. — Não espero que eles sigam, sabendo que eles terão minhas costas. Estou apenas focado em encontrar Wendy, levá-la para a segurança e depois matar todas as pessoas que pensaram que poderiam usá-la contra mim. Surpresa tremula ao perceber que a vingança nem importa para mim agora, não se for à custa da vida dela.

Passando pelas árvores carbonizadas, ignoro a maneira como meu peito se afasta da memória do corpo de Ru acendendo em chamas e entrando na entrada da caverna. Atravesso o estreito salão rochoso e, na grande abertura, meus passos vacilam quando vejo Wendy, inconsciente, amarrada a uma cadeira com sangue seco na lateral do rosto.

Meu coração cai no chão, fogo dizimando meu interior à vista.

Eu vou *queimar* todos eles.

— Hook, gentil da sua parte!

Meu peito está em nós com a voz de Peter. Eu tinha esperança de que não fosse o pai de Wendy que chegaria a tais extremos apenas para chegar até mim.

— Peter. — Coloco minhas mãos nos bolsos. — Engraçado vê-lo aqui, sendo uma figura paterna desastrosa, mais uma vez.

Ele ri enquanto olha para a filha. — Sim, bem, às vezes sacrifícios devem ser feitos.

Eu inclino minha cabeça. — Você prejudicaria sua própria filha?

Seus olhos escurecem. — Ela não deveria estar machucada. Tina ficou um pouco empolgada.

— Hmm. — Olho para ela novamente, concentrando-me na subida e queda uniformes do peito, no alívio de ver sua respiração me fazendo capaz de focar em Peter. — Talvez você precise manter um controle mais rígido sobre sua cadela.

Ele passa a mão sobre a boca, os ombros levantando. — Você provavelmente está certo. Mas o que você pode fazer? Mulheres.

Eu suspiro. — Eu me canso de jogar esses jogos, Peter. Diga-me por que você me atraiu aqui. — Eu estendi meus braços para os lados. — Presumo que é para isso que serve tudo isso?

— Ele não fez.

Uma nova voz vem de trás de mim, e o sangue nas minhas veias

congela na familiaridade.

Não é possível.

Resisto ao desejo de girar, não querendo dar as costas a Wendy, mesmo que por um momento. Mas em pouco tempo, ele se move para ficar na minha frente.

Ele parece diferente. Seu cabelo está liso para trás, um terno preto sólido montado em sua estrutura. Ele parece *como eu*.

Um sorriso rasga ao longo de seu rosto infantil. — Olá, chefe.

Minha boca se abre e respiro fundo, traição afundando profundamente no meu peito, separando a cavidade. — Smee.

— Surpresa. — Ele solta uma gargalhada, girando em círculo. — Uau, isso é *demais*, muito mais do que eu esperava. — Ele pressiona a mão no peito. — Você vai me perdoar, é claro, pela minha emoção. Estou esperando por esse momento há muito tempo.

Meu estômago revira, raiva e dor se misturando até minha visão ficar embaçada. Meus olhos passam por ele até Wendy, a cabeça balançando para frente e para trás, o corpo lutando contra as restrições quando ela acorda. O alívio inunda através de mim.

Bom. Esse é um bom sinal.

Smee bate na minha cara. — Preste. Atenção. Em. *Mim*.

Eu sorrio, meus dentes se apertando enquanto alcanço no bolso

e puxo minha lâmina, girando-a lentamente entre meus dedos. — Você sabe, — eu começo. — É incrível que depois de todos esses anos, eu te encontre aqui. — Eu me aproximo dele. — Me traindo.

Seus olhos se estreitam. — Você está certo. Nós *temos* estado juntos há anos. E todo dia era uma tortura, sabendo quem você era e não matando você enquanto dormia — ele cospe, um escárnio que estragava suas feições.

Eu pressiono uma mão no meu peito, estendendo meu lábio inferior. — Isso dói, Smee. Eu pensei que éramos amigos.

Ele ri. — Oh, somos mais que amigos, James Andrew Barrie.

Meus pulmões se comprimem com o uso do meu nome completo.

— Somos primos.

Capítulo 45



James

A respiração congela nos meus pulmões, meu coração vacilando de onde bate contra o meu peito.

Primos significa que ele é filho do meu tio.

Mas meu tio não teve filhos.

— Impossível — eu digo.

— *Improvável*. Mas é a verdade. — Smee balança a cabeça. —

Eu estava lá na noite em que você matou meu pai.

Minhas sobranças se levantam, surpresa tremulando através de mim enquanto penso na noite em que tirei a vida do meu tio. Eu estava com um pouco de raiva, então suponho que não esteja além do campo de possibilidade em que alguém estava olhando.

Olho para trás de Smee, para onde Wendy está olhando em volta, com os braços se movendo como se estivesse tentando se libertar de restrições. Peter fica no canto, mas seus olhos estão fixados em mim, seu rosto torcido e seus olhos duros.

— Você o encontrará novamente em breve — respondo. Pulando para a frente, minha lâmina está na garganta em questão de segundos. — É muito estúpido da sua parte me trazer aqui, pensando que conseguiria sair vivo.

Ele ri, o pomo de Adão pressionando contra a borda em gancho. — Você sempre superestimou sua própria importância. Foi o que tornou tão fácil entrar em sua vida; fingindo ser sem-teto enquanto me sentava ao lado do bar onde você trabalha. — Ele sorri. — É também por isso que foi tão fácil influenciar as pessoas a trabalhar para mim.

Minha faca pressiona mais profundamente sua pele. — Meu pessoal é leal a mim.

— Seu pessoal tem *medo* de você. — Seus olhos piscam. — Mas eu não fui atrás deles. Encontrei os que foram prejudicados. E quando eu disse a eles que o levaria à justiça, assumindo e tratando-os corretamente ... bem. — Ele sorri. — Foi fácil depois disso.

— É uma pena — eu digo. — Eu tentei tanto mantê-lo fora desta vida. — Um palpar aborrecido desperta contra o meu interior. — Eu não vou gostar de te matar.

— Eu não o mataria se fosse você. — O calor sobe pelo meu sangue quando meus olhos encontram Starkey, manchas vermelhas cobrindo a camisa e um hematoma inchando na lateral do rosto, suponho dos gêmeos. Eu diria que me sinto traído, mas a verdade é que, com Starkey, eu deveria saber.

No entanto, nada disso importa, porque tudo em que posso me concentrar agora é o fato de ele ter a arma pressionada na cabeça de Wendy, o dedo pronto e preparado no gatilho. Meus olhos a absorvem, seguindo sua pessoa para ver se ela foi ferida novamente. Mas ela parece bem. Sua mandíbula está rígida e ela está olhando para o pai.

— Sammy. — Peter se endireita de onde se encostou na parede da caverna, puxando sua própria arma da cintura. — Isso *não* faz parte do plano.

A cabeça de Smee se torce de onde ainda está pressionada contra minha faca. — Os planos mudam, Peter. Eu lhe disse que a única maneira de fazer James se levantar era colocá-la em perigo. Você conhecia os riscos e concordou.

Os olhos de Wendy se arregalam, a boca se separando em um suspiro. — Você *o que*?

— Olá, querida — eu cortei, meu olhar se agitando para Starkey. — É extremamente maravilhoso ouvir você falar. Você está bem?

Os olhos dela se suavizam. — Você quer dizer além da arma na minha cabeça?

Eu sorrio, e o corpo de Starkey endurece, a mão dele movendo o cano antes de pressioná-lo sob a mandíbula. — Isso *não é* uma piada de merda — ele diz. — Deixe Croc ir.

Wendy estremece quando Starkey empurra sua pistola para o queixo dela, e uma dose de medo surge pelo meu interior.

Seus olhos se arregalam quando ela trava o olhar no meu. — James. *Não*.

Starkey se encaixa, a mão dele abrindo a mandíbula e enfiando a arma na boca.

A raiva me consome, e um terror como nunca conheci segue logo atrás. Porque por mais que eu adorasse arrancar a pele do corpo de Starkey e quebrar todos os ossos por pensar que ele poderia *tocar* ela - estou do outro lado da sala.

E não estou disposto a arriscar a vida dela com a chance de ele estar blefando, quando sei no fundo, que ele não está.

Lambendo meus lábios, meus dedos se apertam ao redor do cabo antes de eu recuar, levantando minhas palmas no ar, a faca batendo no chão.

Smee sorri, imediatamente caindo para buscá-la. Ele vira algumas vezes nas mãos, com os olhos encharcando em todos os detalhes. Olhando para mim, ele aponta a ponta da lâmina na minha direção. — Algumas outras armas que eu deveria saber? —

Ele olha atrás dele para onde Wendy está sentada, com as bochechas molhadas, a arma de Starkey ainda segurada dentro de sua boca. Alcanço minhas costas, puxando minha pistola e deixando-a cair no chão.

Rindo, Smee se vira para Peter e bate palmas. — O que eu te disse, Pete? O garoto está *apaixonado*. — Ele suspira, olhando para mim, enfiando a mão no bolso e puxando algo volumoso, coberto por um pano. Lentamente, ele começa a desenrolar o tecido. — Para abafar o barulho. — Ele pisca. — Para efeito dramático.

O pano cai no chão e com ele, minha mente também.

Tick.

Tick.

Tick.

Meus punhos se apertam aos meus lados.

Smee segura um relógio de bolso de vidro, seu sorriso tão largo que toca suas bochechas. — Você gosta do meu novo brinquedo? É *quase* tão alto quanto o que você me fez jogar ao mar no outro dia. — Ele ri, balançando a cabeça.

Meus pulmões se apertam com o barulho, flashes de botas de crocodilo e o clique de portas trancadas piscando dentro da minha mente, fazendo meu peito se partir, minhas memórias foram esfoladas e cortadas em feridas frescas.

Ele caminha em minha direção até que as pontas dos sapatos encontrem os meus, trazendo o relógio para cima e pressionando-o no meu ouvido. — Você sabe o quão difícil é encontrar um relógio que realmente faz *tick*? O que eu costumava ter era especial. Era como o do meu pai. — Ele franze a testa. — Mas eu precisava ter certeza de que o que Starkey me disse era verdade.

Minhas mãos voam para minha cabeça, tentando abafar o barulho, minhas terminações nervosas arranhando minha pele como mil insetos, desesperadas para escapar. Vermelho começa a absorver minha visão, a névoa trazendo raiva e vergonha, uma mistura volátil que vive constantemente dentro de mim. Minhas palmas disparam, segurando a camisa de Smee nas minhas mãos, enfiando o tecido e levantando até que seus pés mal toquem o chão.

— Ah, ah, ah, — ele canta. — Você me machuca e ele a matará.

Imediatamente, eu o libero, meu coração batendo contra minhas costelas enquanto luto contra os pensamentos maníacos. Considero brevemente pegar minha faca da mão dele e tentar cortar meus ouvidos; qualquer coisa para parar o tormento.

Ele se afasta, o *tique* ficando um pouco menos intenso antes que seu braço volte, o relógio de vidro esmagando minha bochecha, meu corpo batendo no chão enquanto uma picada dolorida espalha minha mandíbula. Ele se agacha, balançando *minha* faca entre os joelhos. — Eu estava lá na noite em que você matou meu pai — ele sussurra. — Eu assisti você pelas janelas enquanto você tomava *esta* faca. — Ele levanta no meu rosto, traçando-o pelo meu corpo antes de enfiá-lo no meu lado, *profundo*. — E sangrou no chão.

A dor brilha através do meu torso enquanto ele torce a alça, meus dentes rangendo contra a queimadura.

— Você se arrepende? — ele pergunta.

Meu rosto está no chão de terra, mas viro a cabeça o suficiente para que ele possa me ver sorrir. — Eu o mataria mil vezes e forçaria você a assistir a cada uma.

Ele puxa a faca do meu lado, sangue jorrando da ferida e encharcando minha camisa, minha pele ficando úmida.

— Ele deveria ser meu — diz ele. — Ele *prometeu que* ele me aceitaria assim que você se fosse. Ele ia te mandar embora, mas de repente mudou de ideia. — A borda sem corte da alça racha contra minha bochecha. — Então, eu esperei... *três anos* para você completar dezoito anos e depois estragou tudo.

Piscinas de cobre na minha boca e eu cuspo no chão, empurrando até ficar sentado, minha cabeça ficando confusa com o movimento repentino. Eu me inclino para trás na parede, minha mão pressionando imediatamente contra o meu lado para tentar estancar o sangramento. — Eu te fiz um favor.

— Você pegou *tudo* de mim — ele grita. — Então, eu vou tirar tudo de você.

Embora eu tenha certeza de que ele pretendia que suas palavras inspirassem medo, elas apenas trazem realização. Porque eu pensei exatamente na mesma frase. Imaginei de mil maneiras diferentes ao visualizar minhas palavras finais para Peter. Uma risada borbulha na minha garganta, a dor no meu lado se contorcendo; embora não seja nada comparado à verdade devastadora, que Smee é como eu.

E para ele, eu sou como Peter.

— Você quer minha vida? — Eu tossi, sangue borbulhando na parte de trás da minha garganta. — Tudo o que você tinha que fazer era perguntar. É sua.

As sobrancelhas de Smee diminuem. — Isso não é bom o suficiente. — Ele anda em minha direção, curvando-se até que seu rosto esteja diretamente na minha frente. — Quero ver o seu rosto enquanto mato a única pessoa que mostraria amor a você.

Ele está falando de Wendy. *Claro*, é ela. Porque a vida é um círculo completo, e é justo que ele tire de mim o que eu desejava tirar de Peter.

Pop. Pop.

Meu coração bate no meu peito quando os tiros soam, meu estômago apertando enquanto meus olhos balançam para Wendy com medo.

Não. Ela não. Qualquer um menos ela.

O alívio derrama através das minhas veias quando vejo que ela está bem, a arma saiu da boca, os olhos arregalados enquanto olha para a forma caída de Starkey, morta aos seus pés.

Outro pop soa no ar, Peter dá um passo à frente enquanto ele atira em Smee na parte de trás da cabeça, e ele também cai no chão.

Não sinto satisfação com a morte dele. Entendo muito bem a raiva que tudo consome ao buscar vingança. Como ele sangra em seus poros e envenena seu sangue até que você não consiga pensar em nada além de procurar vingança. Só espero que na morte ele encontre paz.

— Idiotas — Peter murmura, andando e desatando Wendy. — Tina, você pode sair agora.

Tina fica de onde estava agachada atrás de uma grande pedra, se *escondendo* esse tempo todo. Eu me encolho enquanto paro, minha mão pressionando contra o meu lado, a queimadura irradiando através do meu tronco. Meus pés tropeçam na maneira como a tontura me domina, mas respiro fundo, tentando manter meus olhos focados.

— Seu nome é James Barrie? — Peter pergunta, inclinando a cabeça.

— É — respondo.

Eu imagino esse momento há anos, do olhar que cruzaria o rosto de Peter quando ele percebesse quem eu sou. Mas agora, só me sinto oco. Forço meus pés a se moverem enquanto ando em direção à minha faca, grunhindo da dor de dobrar para pegá-la, um jorro de sangue fresco saindo da minha ferida e escorrendo pela minha camisa. Não sei ao certo a profundidade da punção, mas meu corpo está ficando gelado e tenho certeza de que estou perdendo mais sangue do que o que alguém consideraria uma quantidade razoável.

— Você se parece com seu pai — continua Peter. — E seu irmão se parece com você.

Capítulo 46



Wendy

Quantos membros secretos da família James tem?

Meus pulsos queimam de onde a corda estava amarrada ao redor deles. Eu balanço meus dedos, ignorando a pulsação na minha cabeça e o sangue seco que puxa a pele do meu rosto.

Acordei em um nevoeiro, uma arma pressionada na minha cabeça e Smee ameaçando a vida de James. Há cortes no meu pulso de onde lutei contra a corda e, honestamente, nunca me senti tão desamparada quanto quando vi James cair de joelhos, um escravo de seu trauma.

Se meu pai não tivesse matado Smee, eu teria.

A raiva me inunda como lava quente sobre como meu pai me enganou. Usou meu irmão para me trazer aqui e permitiu que Tina me abusasse e me amarrasse.

Isso não é amor.

James ri, com os olhos estremecendo enquanto se debruça. A preocupação agarra meu peito com força, imaginando o quanto ele está ferido.

— Você está fodendo comigo — diz ele. — Um primo *e* um irmão? Deve ser o meu dia de sorte.

Meus olhos se chocam com Tina enquanto ela se aproxima de onde estou.

Meu pai bate a arma na perna, a postura rígida, os olhos tão duros quanto o aço. Se você tivesse me perguntado há um mês, eu teria lhe dito que não havia como meu pai possuir armas. No entanto, aqui está ele, parecendo a cada pedaço um gangster.

— Eu queria estar brincando — diz ele.

James balança a cabeça e tropeça, com a mão jogando a faca no chão. Meu estômago cai no chão e começo a me mover, mas sou puxada pelos cabelos, Tina me segurando com força. — Acho que não.

Considero brevemente lutar contra o aperto dela, mas não

quero tirar os olhos de James, com medo de que, se o fizer, algo terrível aconteça. O pânico se espalha pelas minhas veias.

Meu pai dá um passo à frente, chutando a faca para fora do caminho e se movendo na frente de James, empurrando a arma na testa até que ele caia de joelhos.

— Pai — eu imploro, meu coração batendo contra meu peito. — Pare com isso.

Ele olha para mim. — Você não vê a semelhança, Wendy?

— Semelhança de *quem*?

Tina puxa meu cabelo, me fazendo estremecer.

— Com Jon, —ele se encaixa. — O filho bastardo de sua mãe e meu antigo parceiro de negócios, *Arthur*.

Minha respiração trava em mim, choque batendo no meu estômago. — O que? Não, mamãe nunca...

— Por favor, Wendy, — meu pai ri. — Você é sempre tão ingênua.

A boca de James se abre, seu rosto ficando pálido. — Jonathan é ... meu irmão?

— Tecnicamente, meio irmão. — Meu pai se agacha, pegando dois dedos e enfiando-os no lado de James. — Eu pensei que você tinha morrido com eles.

James se enrola, gemendo, seu rosto torcendo de dor.

Meu estômago se contorce enquanto engasgo com palavras confusas. — Pai, *por favor*, eu imploro. Se você já me amou, vai parar. — Meu peito queima e Tina ri de trás de mim.

— Você não fez o suficiente. — Eu ofego, minhas lágrimas esquentam enquanto fluem pelo meu rosto.

Meu pai faz uma pausa, removendo os dedos ensanguentados e fica em pé. Ele olha para mim, seu olhar ficando suave. — Eu te amo, pequena sombra. Mas não posso deixar esse homem sobreviver. Ele *queimou* todos os meus aviões. Ele desrespeitou minha oferta de negócios. Ele cuspiu na minha cara e desfilou minha filha como uma prostituta barata no braço.

Fúria e tristeza lutam pelo primeiro lugar em minha alma.

E como todas as declarações dele se encaixam no meu cérebro, qualquer confusão que eu já tive drena, clareza superando todos os sentidos. Agora entendo por que meu pai nunca se importou com Jon.

Por que Jon tem cabelos pretos e características sombrias, tão semelhantes aos de nossa mãe, mas também muito parecidos com *James*.

A descrença passa por mim, uma pergunta sussurrada dançando dentro do meu cérebro.

Meu pai volta para James, pressionando o cano do revólver contra a cabeça e clicando no gatilho. — Algumas últimas palavras,

Hook?

— Péssimas maneiras, Peter — James se irrita. — Não é uma luta justa.

Ele olha além do meu pai, fixando os olhos nublados em mim. Ele lambe os lábios, sangue driblando do canto da boca.

— Não diga — eu solto, meu estômago torcendo até chorar. — Você não *ouse* dizer!

Ele sorri, e juro por Deus que a visão me faz querer morrer.

— A melhor coisa que já fiz na minha vida foi amar você, Wendy, querida.

Meu coração bate no meu peito, agonia rasgando através de mim tão profunda que marca minha alma. Um soluço gutural escapa da minha garganta, fazendo meu pai girar. Eu bato meu corpo violentamente contra o aperto de Tina, minha cabeça estalando de volta em seu crânio, seu aperto crescendo.

Me afastando, tropeço no chão, levantando-me nas mãos e nos joelhos para rastejar em direção ao corpo de Starkey, estendendo a mão no mesmo momento em que Tina segura meu tornozelo.

Ela era rápida.

Mas não rápida o suficiente.

Eu torço em seu aperto, levantando o revólver em seu rosto, e

sem outro pensamento, atiro.

O sangue explode do lado da cabeça, meu estômago se agitando enquanto espirra nas minhas pernas, seu corpo sem vida caindo para trás no chão.

Limpo minha boca com as costas da mão, lentamente de pé, concentrando meus olhos em onde meu pai está com James de joelhos.

Os dois me olham, congelados de olhos arregalados.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, os fragmentos do meu coração cortando minha carne enquanto eu levanto meus braços trêmulos, apontando a arma para meu pai. — Não precisava ser assim — sussurro.

— Wendy — diz James, sua voz é a mais forte que tem sido a noite toda. — Pare com isso.

— Mamãe morreu em um acidente de carro? — Eu pergunto, meu dedo enrolando no gatilho.

— Pequeno Somb...

— Ela morreu? — Eu grito, minha garganta arranhando com a força do meu grito.

O rosto do meu pai cai, todas as pretensões desaparecidas, um olhar vazio entrando em seus olhos. — Não.

— E Jon? — Eu continuo, embora a angústia esteja me dividindo ao meio.

O queixo dele levanta. — Jon não é meu filho. Ele é um *bastardo*, e a personificação viva do desrespeito de sua mãe.

Meu rosto enruga, a verdade é torturante enquanto percorre o centro do meu peito. Respiro fundo, acolhendo a dor, permitindo que ela me abasteça.

Olho para James e depois volto para meu pai. Minhas mãos tremem tão violentamente que estou surpresa por poder segurá-las. Mas cerro os dentes e empurro os tremores. — Não me faça fazer isso. — Minha voz pega nas bordas rasgadas da minha garganta.

Meu pai ri, mas seus olhos dispararam nervosamente entre a arma e meu rosto. — Wendy, não seja ridícula. Eu sou seu *pai*.

Eu dou passos lentos adiante.

— Wendy. — A voz de James é afiada. Seu olhar é amplo e aberto, aceitação resoluta em seus olhos. — Está tudo bem, querida — ele sussurra. — Largue a arma.

Lágrimas obscurecem minha visão, dor devastando minha alma, mas faço como ele diz, abaixando a arma.

Os ombros do meu pai relaxam, as sobrancelhas se aproximando. — Sinto muito, tem que ser assim, pequena sombra. Mas com o tempo, você entenderá que isso foi o melhor.

Ele gira, empurrando o revólver contra a cabeça de James. James fecha os olhos, como se estivesse pronto e disposto a aceitar seu destino.

Mas eu não estou.

— Pai? — Eu levanto a arma e engato. — Sinto muito, também.

E então eu puxo o gatilho.

Meu corpo bate no chão diante dele, soluços agitados me invadindo enquanto eu me deparo com a angústia do que acabei de fazer mais do que posso suportar. Meus braços envolvem meu estômago, náusea fazendo minha pele suar e meu corpo esquentar, e eu tomo, vômito subindo pelo esôfago e derramando da minha boca no chão.

Minha garganta queima e minha alma está quebrada, meus olhos tão inchados que mal consigo ver.

Toques suaves acariciam minhas costas e depois sou puxado para um colo, os lábios de James descendo para pressionar meu rosto. — Shh, querida. Está bem. Tudo ficará bem.

Seu domínio é instável e fraco, mas está lá.

E agora, é exatamente o que eu preciso.

Capítulo 47



Wendy

Faz uma semana desde que eu matei, e a dor fica pesada na minha alma.

Não tenho certeza de que haverá um momento que passará, mas não me arrependo do que fiz. Eu estava de luto por meu pai muito antes de agora, e se eu tivesse que fazer tudo de novo, ainda estaríamos onde estamos hoje.

Em seu serviço memorial, sentados na primeira fila, com centenas de pessoas atrás de nós.

As lágrimas que escorrem pelo meu rosto são reais, lembrando o pai que me trouxe nozes e sempre dizia boa noite. Mas esse homem não existia no final, e rezo para que ajudasse sua alma a encontrar paz. Porque ele não estava encontrando aqui.

Não sei como tudo foi encoberto e não quero saber. Mas para o resto do mundo, Peter Michaels foi morto por um criminoso de baixo nível chamado Sammy Antonis; o filho secreto do falecido senador Barrie, conhecido no submundo como *Croc*.

James de alguma forma nos tirou da Caverna Cannibal, encontrando os gêmeos amarrados às árvores, espancados e inconscientes, mas vivos.

E quando voltamos ao *The Tiger Lily*, James não estava mais consciente. Curly nos encontrou lá com o médico interno e, embora eu gritasse até minha voz ficar rouca para levá-lo a um hospital, eles recusaram.

Muitas perguntas e muitas testemunhas.

Quarenta e sete pontos, alguns sacos de sangue e uma semana de descanso depois, e você nunca saberia que ele estava tão perto de perder a vida.

Eu, por outro lado, tive que aceitar o fato de que minha alma agora está contaminada em vermelho. Uma marca pesada, mas que vou usar com orgulho.

James diz que às vezes o amor verdadeiro requer sacrifício. Bem, sacrificarei minha alma mil vezes para ficar com a dele.

Depois que o serviço termina, nos instalamos no carro, os braços de James se envolvendo em torno dos meus ombros e me arrastando para o lado dele. Ele enrosca os dedos em sua mão livre com a minha, trazendo-os para a boca e beijando todas as juntas. — Você está bem, querida?

— Tão bem quanto eu posso estar, suponho.

— Você checkou Jonathan?

Eu suspiro, balançando a cabeça. Jon não veio ao serviço. Quando ele descobriu a morte de meu pai, ele parecia *feliz*. E quando lhe dissemos a verdade sobre seu próprio pai, ele parecia aliviado.

É estranho saber que James e eu compartilhamos um irmão, mas agora que ele está fora da Rockford Prep e morando conosco no iate, estou animada para eles se conhecerem. Amar um ao outro, por mais que eu ame os dois.

Se há algo que aprendi nos últimos meses, é que família você que faz.

— Ei, você acha que podemos parar no The Vanilla Bean? — Eu pergunto, de repente querendo ver o rosto sorridente de uma amiga.

Angie estendeu a mão depois de ouvir a morte de meu pai, e nós começamos exatamente de onde paramos. Ela não perguntou o que aconteceu enquanto eu estava fora, e eu não ofereci uma explicação. Embora ainda não nos tenhamos visto pessoalmente, quem sabe se isso vai mudar.

James se inclina, pressionando os lábios no meu ouvido. — Podemos fazer o que quiser, querida. Tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra.

— Ok. — Eu sorrio, virando-me para ele. Minha mão se levanta para cobrir o seu rosto. — E você? Como você está?

Ele sorri. — Estou pronto para voltar para casa e amarrá-la na minha cama.

— Comporte-se, *querido*. — Eu pressiono um beijo nos lábios dele. — Ei, não quero mudar de assunto, mas você quer ter um funeral para Ru?

Seus olhos escurecem, a mandíbula tensionando debaixo da minha palma. Ele se abriu sobre seu relacionamento com Ru na semana passada. Ele disse que estava entediado por estar de cama e precisava conversar, mas eu tenho uma suspeita de que era a maneira dele de me ajudar.

Quando meus pensamentos me dominavam e meu coração doía de dor, James me envolvia em seus braços e me contava histórias de The Lost Boys, liderado por Ru e seus cabelos ruivos brilhantes.

E fez. Ajuda, é isso.

Ele balança a cabeça. — Não. Ele não queria isso.

Meu coração se aperta no meu peito. — Ok, mas sempre podemos. Se você quiser.

Ele pressiona os lábios de volta aos meus, os dedos seguindo pelo meu vestido e mergulhando embaixo da bainha. — Você é uma mulher muito carinhosa, *pet*. Permita-me mostrar minha gratidão.

— James — eu ofego. — Você ainda está *curando*.

Ele sorri quando desliza do assento da limusine, com as mãos forçando minhas pernas para que ele possa se estabelecer entre minhas coxas. — Você está absolutamente certa sobre isso — diz ele, com os dedos movendo minha calcinha para o lado e mergulhando nas minhas dobras. — Você negaria algum prazer a um homem ferido?

— Eu acho que você precisa estar ...— Minha voz corta quando ele se inclina, o pedaço da língua deslizando pelo meu núcleo e girando em torno do meu clitóris. Meus dedos se abaixam, segurando seus cabelos, meus quadris pressionando nele.

Minha frequência cardíaca acelera quando olho para o motorista, mas a repartição está fechada e as janelas estão escuras, então tenho certeza de que ele não pode ver. Ainda assim, o pensamento dele ouvindo é suficiente para fazer meu corpo endurecer.

Seu dedo mergulha dentro do meu núcleo, curvando-se contra minhas paredes internas, tirando um longo gemido da minha boca. Mais algumas passagens da língua dele e é tudo o que preciso, meu orgasmo em cascata através de mim como uma avalanche, minhas coxas pressionando severamente contra o rosto dele.

Ele coloca minha calcinha de volta no lugar, pressionando um beijo suave em cima do tecido antes de deslizar seu corpo de volta para o meu corpo e encontrar meus lábios para um beijo.

— Essa é a minha garota — diz ele.

Eu sorrio contra ele, o calor se espalhando pelo meu peito, meus braços se envolvendo em volta do pescoço. — Somente sua, James Barrie.

— E sempre seu, Wendy, querida. — Ele beija minha mandíbula. — Toda noite.

— E direto até de manhã.

Epilogo



James

Dois anos depois

Eu costumava odiar o mar.

Não que você soubesse do jeito que eu estou no terraço de *The*

Tiger Lily, a brisa de água salgada soprando no meu rosto.

É o segundo ano de Wendy ao meu lado e o primeiro ano completo como minha esposa. E ela prometeu que *finalmente* me deixaria levá-la para a água.

Ela também não gostava, mas acho que está crescendo nela agora.

Olho para a mesa onde tivemos nosso primeiro encontro, antes que soubesse que ela logo eclipsaria meu mundo e se tornaria a única razão para minha existência. Ela está sentada lá agora, com a barriga inchada com o nosso segundo filho, o primeiro com idade suficiente para andar sozinho.

Nós não sabíamos disso, mas ela estava grávida quando enterramos o seu pai.

Um garotinho. Nomeado de Ru.

Jon e ela riem do nosso bebê enquanto ele mexe os quadris para a música enquanto ela se agita através dos alto-falantes, e um calor se espalha pelo meu peito, a felicidade infundindo todos os poros.

Eu nunca pensei que teria isso.

Uma família.

Uma vida.

Mas então Wendy seguiu com sua lealdade infalível e sua

maneira altruísta de perdoar até o pior dos erros, e ela me mostrou que mesmo os corações mais danificados ainda podem aprender a amar.

Eventualmente, teremos que voltar para casa, é claro. Eu ainda tenho um império para administrar, e Jon está começando sua primeira semana de faculdade para obter seu diploma de engenharia.

Ele quer construir aviões, de todas as coisas.

Logo depois que a poeira baixou, Wendy tentou recuperar o emprego no The Vanilla Bean, mas eles disseram que não, citando as várias vezes que ela não mostrou o rosto. Qual foi a minha culpa, realmente.

Então, eu comprei para ela.

E antes que o pequeno Ru aparecesse, ela passava os dias tomando café e se unindo às melhores amigas, Angie e Maria.

Maria demorou um pouco para se recuperar, mas uma vez que começou a namorar Curly, ela se suavizou e hoje em dia elas são tão grudadas quanto ladrões.

Olho para a água, fechando os olhos e fixando para o futuro em que a aventura aguarda, sentindo-me grato por quão longe chegamos.

E pensar, tudo começou com um pouco de fé.

Confiança equivocada.

“Pó de fada” sumindo.

E um vilão que só precisava roubar um pouco de amor.